

AMOR & RITMO

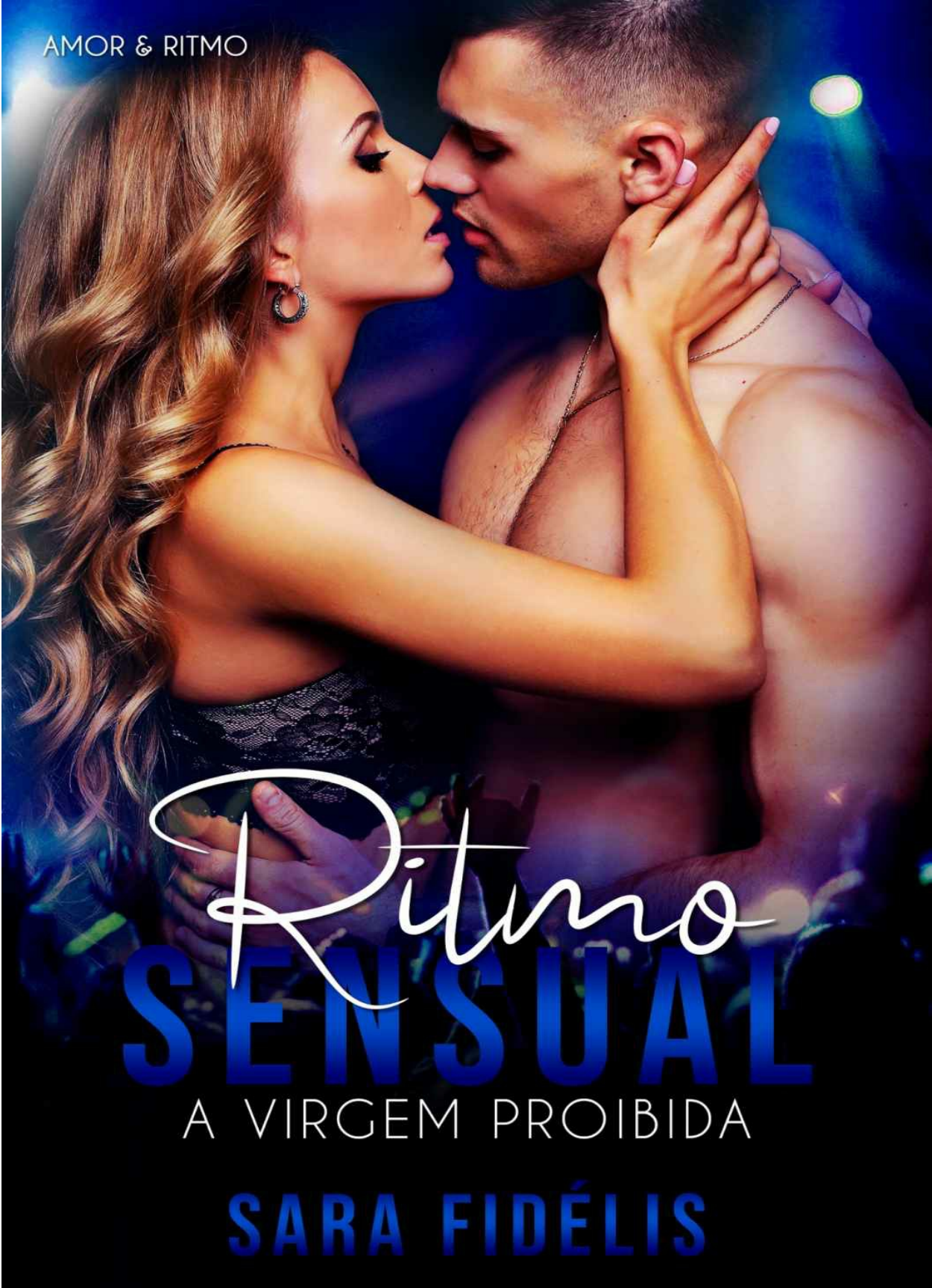
A romantic couple is shown in a close embrace, about to kiss. The woman has long, wavy blonde hair and is wearing a black lace top and hoop earrings. The man is shirtless and has short dark hair. They are in a dimly lit setting with blue and purple ambient lighting and bokeh light effects in the background.

Ritmo
SENSUAL

A VIRGEM PROIBIDA

SARA FIDÉLIS



A romantic couple is shown in a close embrace, about to kiss. The woman has long, wavy brown hair and is wearing a black lace dress and hoop earrings. The man is shirtless and has short brown hair. They are in a dimly lit setting with blue and purple stage lights in the background. The text 'AMOR & RITMO' is in the top left corner. The title 'Ritmo SENSUAL' is in the center, with 'Ritmo' in white script and 'SENSUAL' in large blue block letters. Below it is 'A VIRGEM PROIBIDA' in white, and at the bottom is 'SARA FIDÉLIS' in large blue block letters.

AMOR & RITMO

Ritmo
SENSUAL

A VIRGEM PROIBIDA

SARA FIDÉLIS

Ritmo
SENSUAL

A VIRGEM PROIBIDA

SARA FIDÉLIS

1º EDIÇÃO

Copyright © 2020 de SARA FIDELIS

RITMO SENSUAL (Amor & Ritmo – Livro 02)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, da autora, exceto pelo uso de citações breves em resenhas ou avaliações críticas.

Capa: Letti Oliver

Betagem: Di Marroquim

Diagramação: Letti Oliver

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

1º EDIÇÃO, 2019.

*Dedico este livro as minhas leitoras
(e leitores, caso você seja um homem).*

*Obrigada por estarem comigo
e nunca deixarem a baqueta cair.*





Josh Nicols é o baterista da Dominium, mas apesar de todas as loucuras advindas disso, é um homem sensato e que pesa muito bem cada uma de suas decisões.

Um passado doloroso, uma família destruída...

Tudo isso apenas serviu de material para moldar quem ele é e em cada um dos momentos difíceis que viveu, Ashton Ray, seu grande amigo, esteve ao seu lado e a família dele se tornou a sua própria.

Por isso, nada fica fácil quando Josh começa a sentir-se atraído por Anelyse Ray, a irmã virgem de seu melhor amigo e a garota por quem sempre jurou sentir apenas afeto fraternal.

Mas, Anelyse o conhece como ninguém e nada pode ser mais inevitável, que uma mulher decidida.

O que fazer quando os dois lados da balança têm o mesmo peso?

Quando a distinção do certo e do errado, não é mais tão visível e o desejo se torna mais forte que o senso de lealdade?

Venha descobrir o amor com Josh Nicols e seu Anjo impuro e infernal.



Como é bom estar compartilhando mais uma história com vocês!

Ritmo Sensual foi escrito com todo carinho do mundo para retratar os sentimentos lindos desse casal incrível.

Espero que gostem e estou ansiosa para saber a opinião de vocês.

Inclusive peço que se lerem, não deixem de contar o que acharam aqui, nas avaliações, é importante para que outras pessoas saibam o que esperar do livro.

Agora um momento de reflexão!

Quero conversar rapidinho com vocês sobre o vocabulário empregado nos diálogos e mesmo nas narrativas, porque como se trata de um romance em primeira pessoa, quem narra é o próprio autor da ação, certo? Então, nesse livro temos Josh, Ashton e Tray, integrantes da Dominion, uma banda de rock atual e de muito sucesso e Anelyse Ray, irmã caçula do vocalista.

Não podemos esperar que esses homens insanos e selvagens se utilizem da norma culta da língua, certo? Por isso não se surpreendam ao encontrar palavras como: pra, em lugar de para ou tô, em lugar de estou quando esses rockeiros maravilhosos falarem com vocês ou mesmo nossa mocinha que vive nesse meio a vida toda.

Seria absurdo e por isso me utilizei de licença poética para criar

diálogos mais leves, divertidos e característicos.

Espero que gostem da leitura e depois, me encontrem nas redes sociais para conversarmos sobre...

Será um prazer!

Sara Fidélis.



[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

EPÍLOGO

EXTRAS

AGRADECIMENTOS



15 Anos Antes...

Josh

O ensaio foi marcado para três da tarde, e Ashton sempre briga quando um de nós se atrasa. Então, estou correndo com a limpeza do meu quarto para não perder a hora, enquanto ouço uma playlist das minhas músicas preferidas. O som é meio fraco, já que o celular foi comprado usado, mas foi um presente da minha mãe e serve para o que eu preciso.

Não tenho muito a limpar, o cômodo é pequeno, mas recolho meu lixo e dobro as cobertas, além de guardar minhas peças de roupa em duas caixas de papelão; em uma, ficam minhas poucas camisetas e calças, e na outra, dois pares de tênis e um chinelo, ao lado da cama.

Ainda estou abaixado diante das caixas quando, de repente, a porta se abre com um baque violento.

— Mexeu na minha televisão, caralho? Não consigo achar o canal de esportes, seu idiota.

Retiro os fones de ouvido e me viro para ele; mesmo com a música alta, consegui ouvir o que meu pai disse. Está parado na porta, o braço coberto por tatuagens escorado no umbral.

— Não mexi na televisão, estou limpando meu quarto, porque vou

para o ensaio.

Ele ri. Mas isso é normal, sempre ri, quando falo de música.

— De novo com aqueles merdas dos Ray? Já falei que eles não são companhia adequada pra você.

Ignoro meu pai. Em meus quinze anos, já aprendi bem que o melhor a fazer quando ele fala qualquer coisa, é sempre concordar e se calar.

— Josh? Não te disse já que eles são uns riquinhos de merda, que se acham melhor que a gente?

Sim, ele já disse. O simples fato de que Eleanor Ray e o marido Robert, sempre pagam suas contas em dia, vivem com a despensa abastecida e nunca permitem que os filhos fiquem sem água ou luz, é o bastante para que um perdedor, como meu pai, os considere arrogantes e ricos.

— Disse sim, senhor. Eu vou apenas ensaiar com a banda.

— É mesmo? E no que essa banda me ajuda? Essa banda paga alguma conta aqui em casa? Coloca pão e leite na mesa?

Ergo os olhos, determinado.

— Ainda não, mas vai pagar, quando ficarmos famosos...

Sua gargalhada interrompe minha fala sonhadora.

— Deixa de ser ridículo, rapaz. — Um tapa atinge minha cabeça por trás. — Um trio de imbecis em uma garagem... Precisa é começar a fazer algo de útil com a merda do seu tempo, ou vai acabar ficando sem comida, porque sua mãe não tá conseguindo quase nada naquela lanchonete.

Minha vontade é questionar. Perguntar por que ele não vai trabalhar, por que ele pensa que pode viver escorado na minha mãe, mas não o faço. O que eu realmente preciso é provar que eu consigo, esfregar isso na cara dele um dia.

Então, apenas concordo. Meu pai ainda me encara, irritado, parece esperar que eu o contrarie, para explodir; mas tudo que não preciso é de um

olho roxo, agora.

Mesmo assim, quando ele percebe que não vou retrucar, se aproxima e dá um chute certo na caixa com as minhas roupas, bagunçando tudo.

— Mas que droga, pai. Por que fez isso?

— Foi sem querer... — responde, ignorando o fato de ser um completo absurdo.

Apenas abaixo a cabeça e espero que saia do quarto, para enfim pular a janela.

Chego na casa de Ashton e vou direto para o porão, onde ele e Tray já estão afinando os instrumentos e jogando conversa fora, enquanto me esperam.

Tray pode ser bem idiota algumas vezes, mas ele é como eu: problemas familiares aos montes, nem mesmo uma conta bancária para ficar vazia, e vive a pobreza em todas as suas facetas; por isso mesmo, basta que olhe pra mim pra saber que alguma coisa aconteceu.

Mas, pelas mesmas razões, ele sabe que é um assunto sobre o qual não quero falar agora.

— E aí? — cumprimento os dois e logo já me sento atrás da bateria.

É aqui, com as duas baquetas nas mãos, que luto para melhorar a cada dia, para criar uma realidade diferente para minha mãe e eu.

Começamos a tocar e passamos a tarde assim, pulando de uma canção para outra, enquanto despejo minha alma no instrumento.

Um pouco depois das cinco, vejo Anelyse descer as escadas; a mochila de uma princesa nas costas, os cabelos loiros presos em duas tranças compridas e as meias engraçadas que a mãe insiste em colocar nela. Ane é a irmã caçula de Ashton e, aos oito anos, parece uma bonequinha.

Ela tem um pacote de biscoitos nas mãos e com ele, senta-se no sofá diante de nós para assistir ao ensaio, mas logo ouço a voz de Ashton no

microfone.

— Ane, vaza daqui. Isso aqui não é lugar de criança, não, estamos trabalhando.

— Ah, Ash... — a voz da menina contesta. — só quero ver um pouquinho, por favooooor.

Vejo que ele se prepara para negar. Não sei por que, não tem nada demais aqui, nada que a garota não possa ver. Talvez seja por isso, ou então simplesmente porque não tenho uma irmã e acredito que, se tivesse, iria querer ela por perto, por algum motivo, eu me intrometo.

— Ashton, deixa ela, cara.

Então, ele apenas dá de ombros e assente. A garotinha fica ali por um tempo, depois sobe de volta para casa e quando o ensaio finalmente acaba, desce outra vez, saltitando, e vem até nós.

— Minha mãe fez bolo de chocolate e pediu para convidar vocês para comerem lá na mesa.

— Depois a gente come — Ashton responde e eu lamento, em silêncio. Nem sei quando foi a última vez que comi bolo de chocolate.

— Ashton! — Ouço a voz de sua mãe vinda do alto, na entrada do porão. — É pra vir agora e trazer os meninos, fiz um suco também.

Um pouco irritado, ele sobe a escada e nós o seguimos. Ashton nem percebe o quanto aquilo nos deixa contentes, mas às vezes, tenho a impressão de que a mãe dele sabe; ela sabe que nem na minha casa e nem na de Tray a comida é algo certo.

Nos sentamos à mesa e Eleanor parte um pedaço generoso de bolo para cada um de nós, enquanto nós mesmos nos servimos de suco.

— E então, meninos? — Eleanor questiona. — Como foi o ensaio hoje?

— Foi lindo, mamãe — Anelyse é quem responde. — O Josh

arrebentou na batera.

Todos começam a rir no mesmo instante. Ela está repetindo algo que deve ter ouvido de um de nós, mas com suas roupinhas cor-de-rosa e as trancinhas, a frase destoa e se torna engraçada.

— Parece que tem uma fã, Nicols — Tray fala com a boca cheia de bolo.

Anelyse abaixa a cabeça, constrangida, e eu chamo sua atenção, puxando uma de suas tranças.

— Não precisa ficar com vergonha, se quiser ser minha primeira fã, vai ser incrível, Ane. Eu não tenho nenhuma... — Faço uma careta de tristeza e ganho um sorriso dela, que balança a cabeça para cima e para baixo, concordando.

— E você, Josh? Parece meio tristinho, hoje. — Eleanor sempre sabe das coisas.

— Nada fora do normal — respondo sinceramente. — Meu pai sendo babaca, como sempre.

— O que foi dessa vez? — ela pergunta, enquanto coloca mais um pedaço de bolo no meu prato já vazio.

— A banda — falo, simplesmente. Não tenho coragem de contar qualquer coisa do que ele disse a respeito deles, que sempre me apoiam e fazem muito mais por mim do que precisam.

Ashton ri debochado, depois encara a cada um de nós em volta da mesa, antes de falar.

— Deixa ele falar, Josh. Nós ainda vamos nos sentar ao redor de uma mesa como essa, comemorando o sucesso, falando sobre nossos milhões e você vai jogar na cara dele que conseguimos tudo que queríamos com nossa *bandinha*, como sempre fala. Nós vamos dominar o mundo, Josh...

Mas meu pai não fala *bandinha*. É o pai dele que usa o termo, e sei

que o descrédito dele também o incomoda.

Em alguns dias, meu ânimo é tanto que meu peito falta explodir de ansiedade, mas em outros, como hoje, queria ter um terço da fé que Ash tem em nós.



A travessa fumegante de carne assada com batatas é colocada sobre a mesa. Meu prato preferido. Minha mãe conseguiu algum dinheiro extra de gorjetas, por causa do Natal, que é amanhã.

Geralmente, comemos sopas de restos de coisas que dão a ela no trabalho, ou quando as coisas estão melhores, alguns legumes cozidos e ovos.

As carnes são reservadas para os dias especiais, como aniversários, Ação de Graças e Natal, e minha mãe as cozinha e prepara quando está se sentindo disposta. Geralmente, a vejo triste e desanimada, mas quem pode a culpar? Se eu fosse casado com alguém como meu pai, também me sentiria muito mal, sempre.

Na verdade, já me sinto assim; bebo bastante, mas ainda tenho algum controle, mesmo porque comprar bebida na minha idade também não é muito fácil. As coisas por aqui sempre estão tensas, então não é nenhuma novidade que nós três estejamos comendo em silêncio absoluto.

Meu pai está sentado diante de mim, os braços tatuados e magros evidentes em sua camiseta sem mangas, e o olhar duro calando tanto a mim, quanto a minha mãe. Estamos sempre pisando em ovos, sendo que qualquer palavra é motivo para uma surra.

— Amanhã não vou vir almoçar em casa, Regina — a voz dele quebra o silêncio.

— Por que não? — Minha mãe questiona e eu já abaixo a cabeça. Não

sei por que ela sempre tem que perguntar; ele nunca lida bem com questionamentos.

Estranhamente, dessa vez não ouço seus gritos, meu pai apenas sorri.

— Vou fazer uma nova tatuagem e o estúdio só tinha esse horário.

Minha mãe ergue os olhos para ele e encara seus braços, enojada; ela é evangélica e tem verdadeiro horror por aquilo que chama de marcas do demônio. Mesmo conhecendo suas fortes opiniões, ele faz questão de se tatuar a cada dia mais. Talvez, até mesmo seja de propósito, mas isso não significa que ela deva levantar o assunto. Não agora, ainda nem terminei de comer, e a carne está tão boa!

— Mais uma? Não acha que já se sujou o suficiente?

Droga. Coloco mais um pedaço de carne na boca. As chances de comer algo tão bom quanto isso, logo, são bem poucas.

Ainda de cabeça baixa, percebo quando ele se levanta, irritado. *Merda*, acabou o jantar e eu, como sempre, vou precisar ficar de olho roxo para tentar ao menos diminuir o impacto da raiva dele sobre minha mãe.

— Suja é sua boca, vagabunda.

Minha mãe se levanta e afasta-se em direção à pia. É sempre assim, ele explode de repente.

— Calma, Jean, eu só comentei. Você sabe... Deus não gosta disso e você, às vezes, faz uns desenhos que...

— Que o quê? — Ele se aproxima, encurralando-a. — Que são do diabo, sua freirinha? Toda puta na cama e fica aí, dando uma de santa depois.

— Pai... — chamo, tentando não parecer irritado, mas com firmeza. — Não precisa fazer isso, deixa pra lá.

Ele me olha por sobre o ombro e abre um sorriso. Os dentes amarelos em uma careta horrível.

— Deixar pra lá, Josh? Precisa aprender umas coisas com seu pai.

Mulher que fala assim é porque não respeita o marido, e o homem precisa mostrar quem manda, meu filho.

Seu olhar se volta outra vez na direção dela, que já tem os olhos cheios de água.

— A sua bíblia não diz que tem que respeitar seu marido, Regina? — A mão dele avança, agarrando o pescoço magro dela, que já soluça em desespero.

— Pai, solta ela — digo, ainda tentando evitar que as coisas fiquem piores. Tentando o acalmar.

— Não posso, filho, sua mãe precisa aprender a me respeitar.

A mão dele aperta mais, e vejo o rosto de minha mãe se avermelhar, enquanto ela, frenética, busca por ar.

Porra! Observo a travessa de carne sobre a mesa e a pego no mesmo instante, por sorte é de vidro. O jeito vai ser ficar sem comer e quebrar isso na cabeça dele, antes que a mate, e me preparar para a surra que vou levar, quando ele acordar.

Ergo a travessa e encaro os olhos de minha mãe, que parecem se desculpar por ter provocado o animal. Pego ainda mais impulso; não posso apenas distraí-lo, preciso que ele desmaie...

Estou a ponto de o acertar com toda minha força, quando uma batida à porta nos tira, os três, do limbo em que estamos.

Abaixo a forma, mas não rápido o bastante. Ele se vira e a vê, e percebe o que eu planejava, mas ao invés de se irritar, sorri, reforçando como é instável.

— Agindo feito um homem, Josh? Assim que eu gosto. Agora, vai ver quem é.

Tenho receio de deixar minha mãe sozinha com ele, mas ela apenas aquiesce concordando. Ele não fará mal a ela com alguém na porta.

Então, eu vou.

Ao abrir a porta, vejo algo que me traz um sorriso ao rosto. O Natal chegou, e as luzes azuis e vermelhas piscando parecem com os enfeites dessa época do ano, aos meus olhos.

— Boa noite — diz o policial — mora aqui, rapaz?

Apenas aceno, fazendo que sim com a cabeça.

— Estamos procurando por Jean Valjean.

Sim, ele se chama Jean Valjean. Às vezes, os pais já destroem as vidas dos filhos logo no nascimento.

— É meu pai — respondo. — Aconteceu algo?

— Sinto muito, querido. — Uma policial mulher se aproxima e pela sua expressão triste, percebo que as notícias não são nada boas para meu pai, e excelentes para mim.

Ouçõ os passos ecoando atrás de mim e quando me viro, deparo-me com minha mãe.

— Boa noite, senhora, seu marido está?

Engolindo em seco, minha mãe observa o circo que está armado diante da nossa casa, antes de balançar a cabeça negativamente.

— Não, Jean saiu tem pouco mais de uma hora.

— É mesmo? A senhora não vai se importar, então, se dermos uma olhada na casa, não é mesmo?

— Na verdade sim, trabalhei o dia todo... não tive tempo de limpar.

Fico chocado, ao vê-la defendendo o homem que a estava enforcando, minutos antes, e me preparo para intervir, mas não é preciso.

— Bom, perguntamos por educação. Temos um mandado de prisão contra ele, e vamos entrar.

Com isso, vários policiais armados afastam a mim e minha mãe do caminho, e entram dentro da casa.

Em poucos minutos, meu pai está sendo algemado.

— Senhor Jean, está preso pelo assassinato de Luíza Bournes, tem o direito de permanecer em silêncio e tudo que disser, poderá ser usado contra o senhor, no tribunal.

— Preso? — grita, se debatendo. — Eu não matei ninguém! Diz pra eles, Regina, conta que eu estava aqui com você...

Minha mãe, que pouco antes parecia pronta a defendê-lo, dessa vez parece compreender como a coisa é séria, e se cala.

Enquanto ele é levado de nossas vidas, a neve começa a cair lá fora...

É Natal e acabei de ganhar meu presente.



CAPÍTULO 01

UM AMOR DE INFÂNCIA

Josh

Mais uma festa insuportável. Pessoas chatas, comida sem graça e um cenário cheio das bizarrices, que Azal Patel não dispensa. Mas são as obrigações da carreira, estar nos lugares, nos momentos em que se deve estar.

Tudo na vida tem um preço, e esse é o que pago pelo sucesso que alcancei com a *Dominium*, o preço pela riqueza que me tirou de dias sombrios e, honestamente? É um preço baixo demais, diante de tudo que a banda me deu.

Então, visto meu melhor terno e sorrio para aqueles que me cumprimentam, e suporto essas noites até o fim.

O que torna minha noite ainda pior, é Anelyse.

Apesar dos meus protestos com relação à roupa que está usando nessa noite, Ashton não fez nada. *Merda*, ele está tão obcecado pela Julia, que mal deu atenção ao que eu disse.

Então, sobrou pra mim.

Mas, é claro que ela não gostou nada de me ouvir falando sobre suas roupas e sumiu no meio da festa, o que torna tudo ainda pior. Como vou protegê-la, se nem mesmo sei onde ela se meteu?

— Cara, viu onde Anelyse foi?

Tray me olha de lado e abre um sorriso sacana. *Babaca.*

— Entrou na casa. O que ela foi fazer, já não sei, mas estava com o Azal.

Olho para frente, para o exato local onde, pouco antes, Julia fazia carinho naquela besta selvagem — o tigre — do Azal.

— E cadê o tigre?

— Foi junto com eles...

— Cacete, Tray. Você a viu indo, de boa vontade, para dentro da casa com aquele tarado e um tigre de companhia, e decidiu que era normal?

Ele se vira de frente, a expressão zombeteira ainda no rosto.

— Olha só, cara. Se controla... O Ash não ia gostar nada dessa sua obsessão com a irmãzinha dele.

— Vai se foder, Tray. Obsessão, porra nenhuma. Anelyse é como uma irmã pra mim e você sabe disso, ou não é assim com vocês dois?

Ele ergue a sobrancelha, diante do meu surto.

— Comigo é. Mas, eu não fico vidrado nas pernas da menina, e nem me achando no direito de controlar o que ela veste.

Idiota.

Dou as costas pra ele e sigo na direção da casa; a vejo no corredor, conversando com Azal enquanto caminham, e sigo atrás dos dois.

Não importa o que Tray pensa, eles são como minha família; os Ray me acolheram quando eu não tinha ninguém além da minha mãe, quando mais precisava estenderam a mão e desde então, somos inseparáveis. O que sinto por Anelyse é isso, um amor de irmão, e me preocupo com todo perigo que a cerca.

Sei que posso parecer ciumento e possessivo, mas de onde eu vim, as coisas são difíceis para garotas bonitas.

Ela entrou no quarto com aquele árabe de merda?

Apresso o passo e paro diante da porta fechada, o ouvido atento aos sons que vem lá de dentro.

— Nossa! Como o pelo é macio... É tão grande, Azal!

Mas que porra é essa?

Abro a porta de uma só vez, e a vejo ajoelhada no chão, ao lado do maldito tigre; apesar do pavor, é um pouco melhor do que qualquer outra coisa que tenha passado pela minha mente.

— Azal... fora!

O babaca ri na minha cara e pega o tigre pela coleira.

— Tudo bem, já entendi. Irmã do Ashton, proibida *pra mim*. Mas, ele sabe do que está rolando entre vocês dois?

Fecho ainda mais minha cara, que já não estava nada agradável.

— De que merda você está falando? Não rola nada entre nós e sai logo daqui antes que eu perca a paciência, dentro da sua própria casa.

Ouçoo mais um risinho sarcástico dele, mas Azal não me contraria.

Quando me viro para encarar Anelyse, a vejo de pé, com os braços cruzados e uma expressão irritada.

— O que você pensa que está fazendo, Josh?

— O que eu penso? Você estava dentro de um quarto, *com um cara*, Ane.

Ela ri bem-humorada.

— Se sentiria melhor, se fosse com uma mulher?

Ignoro o duplo sentido e respondo:

— Me sentiria bem melhor, sim. Mas era um homem, anjo.

O riso dela aos poucos vai morrendo nos lábios e sua expressão se torna mais dura.

— Sério? Não tinha notado. Caso não saiba, eu tenho vinte e três anos, Josh. Não sou mais uma menina. Por mais que você insista nisso, eu

posso entrar em quartos com quem quiser.

Suspiro, frustrado.

— Você está louca?

— Não, você é quem está achando que tem direitos que nunca te dei.

Olha só, somos como família sim, mas você não manda em mim.

Chego mais perto dela, quem sabe meu tamanho a intimide um pouco a me obedecer, já que minhas palavras não valem de nada.

— Ane, vamos pra casa. Avise a Julia e pegue suas coisas, você precisa tirar esse vestido, logo.

E então, acontece.

Um brilho malicioso, que nunca vi antes, surge em seus olhos e em uma atitude inesperada e absurda, ela começa a erguer o vestido. Ela é virgem e irmã do meu melhor amigo. Lembro a mim mesmo.

Primeiro, vejo as meias transparentes que abraçam sua pele clara, depois seus passos a trazendo para mais perto de mim; seu gesto me pegou tão desprevenido, que não esboço nenhuma reação.

Ela continua subindo a roupa enquanto me encara, mas meus olhos estão fixos nas coxas dela, nas quais agora vejo uma liga. *Uma liga, cacete!* E quando foi que suas pernas ficaram tão...

Ashton.

É a única palavra que me vem à mente, e é como um balde de água fria.

Mas então, ela sorri de um modo que não deveria, *é sexy*. Anelyse não pode ser sexy... Caralho, quase posso ver a calcinha dela e sinto que uma ereção começa a se formar na minha calça. Aqui está um limite que não posso ultrapassar. Viro o rosto para o lado e tento forçar minha voz a sair ríspida e sem emoção.

— Ane, para com essa brincadeira ridícula, e abaixa logo essa porra.

Ela desce o vestido e então a encaro, finalmente. Mas estamos perto demais, o cheiro dela chega até mim e é tão inebriante quanto a visão. *Droga. Que droga...*

— Por que ficou tão incomodado? Eu não sou como uma irmã para você? Sou apenas uma criança, Josh.

— Não estou incomodado... Só achei essa cena desnecessária.

Então, ela concorda com um gesto da cabeça e respiro aliviado, mas antes de sair do quarto, seus olhos descem pelo meu corpo e encaram o ponto exato em que...

Ela está olhando meu pau? Merda.

— Ane, para com isso.

— O quê? — pergunta, em um tom tão inocente, que não sei se realmente aconteceu ou se é apenas minha mente doentia, criando fantasias.

— Ficar me olhando assim, isso não é certo.

— Assim, como? Acha que não fui muito decente, Josh?

Minha expressão é séria. Nós não vamos entrar nessa; fazer esse tipo de brincadeirinha é o ponto de partida para algo muito pior.

— Vamos para casa, Anelyse.

— Vai indo, vou quando a Julia for.

— Mas... Você não pode ficar aqui vestida assim, já conversamos.

— Sim, conversamos, e eu disse que não tem esse poder de escolha, quando se trata de uma roupa minha.

— Anelyse! — falo, exasperado. — Você nem gosta de usar esse tipo de roupa, onde estão são roupas de sempre?

— Eu gosto de usar, sim, uso o que eu quiser, Josh. — Dessa vez, percebo por seu tom que está começando a ficar irritada. — Qual o seu problema? Não esperava que um homem fosse me notar e ficou com ciúmes?

— Ciúmes? Deixa de falar bobagem, só estou cuidando de você.

— Não precisa se preocupar — responde sorrindo. — Sei escolher muito bem com quem me relaciono.

E então ela me deixa, sem entender que porra foi essa que acabou de acontecer aqui.

Ela é virgem. Irmã do meu melhor amigo.

Anne

Deixei a festa irritada com Josh. Outra vez. Grande novidade.

Dormi e acordei ainda mais irritada. Nada que eu faça parece surtir o efeito esperado; já o confortei mais vezes que possa me lembrar, quando sua mãe ficava estranha, depressiva, ou ia atrás do pai, que pelo que me contou desapareceu no mundo sem deixar rastros.

Fui presente desde então. Cheguei à adolescência e logo eles chegaram ao sucesso e eu, sempre disponível para os eventos, os shows e os passeios que Josh inventava. Mesmo assim, sempre me viu como uma criança.

Os anos foram passando e pensei que, com nossas idades mais aproximadas, ele finalmente me notaria de uma outra maneira.

Então, quando vi aquele vestido...

Pensei que, finalmente, ele fosse perceber que cresci, que não sou sua irmã e quem sabe, pudesse me beijar — *sonho com isso desde que tinha oito anos, mesmo que os beijos tenham se tornado mais intensos de um tempo pra cá* — mas, não adianta. Nada que eu faça vai fazer com Josh tome qualquer atitude, com relação a mim.

Mesmo que eu acredite que consegui mexer com ele, mesmo tendo visto que ficou excitado. Mesmo assim, ele nunca vai ficar comigo. E eu? Eu

nunca vou deixar de sonhar com esse dia.

Queria poder tirar essa ideia da minha cabeça e não sentir nada do que sinto por ele, mas Josh está em tudo e em todos os lugares, é tão presente, que já é uma parte de mim...

Não me lembro de ter sido apaixonada por outra pessoa, em nenhum momento da minha vida. A princípio, ele era apenas o amigo do meu irmão, o garoto da bateria. Mas então, as coisas foram mudando e quando meu pai finalmente foi embora, Josh me encontrou escondida, chorando embaixo da cama.

Desde então, passou a me dar ainda mais atenção. Enquanto meu irmão se preocupava com a banda e me mandava sair do porão durante os ensaios, Josh falava comigo, pedia pro Ash pegar leve e me levava biscoitos, quando podia.

Eu não entendia na época, mas hoje sei que, muitas vezes, ele os comprava com o pouco de dinheiro que tinha, apenas pra me ver feliz.

Nós fomos deixados por nossos pais. Josh era adolescente e eu, apenas uma menininha, mas foi assim que ficamos amigos, encontrando um ponto em comum.

A cada dia, ele ficava mais na nossa casa, minha mãe virou tia Eleanor e eu, sua irmã caçula — um título que nunca pedi — e ele e Ashton, junto com Tray, se tornaram os melhores amigos do mundo.

O sonho deles acabou se tornando realidade, quase dez anos atrás, e então com o sucesso, veio o dinheiro e, quando construíram a mansão da *Dominium*, todos foram morar juntos e eu ganhei meu quarto.

Com a nova vida, também vieram as mulheres. E por cada dia que via uma delas deixar seu quarto, eu passava três na cama, chorando. Mas eu ainda tinha esperança de que, um dia, as coisas mudassem e ele, sei lá... Se descobrisse loucamente apaixonado por mim.

Levanto-me da cama, finalmente me esforçando para deixar a noite passada literalmente no passado, e abro as portas que dão para meu closet.

Observo as muitas roupas penduradas nos cabides, com atenção, e em seguida olho para meu reflexo no espelho, em um pijama de coelhinhos.

As pantufas também são de animais, esquilos, para ser mais exata. Solto um suspiro frustrado; todos os meus esforços para ser encarada como uma adulta falharam, então... que seja o pijama, ao menos é confortável.

Vou em direção a cozinha, torcendo para que ninguém possa notar meus olhos inchados, disfarçados com um corretivo incrível, que comprei em minha última viagem à França. Mal posso pensar na França, que me desperta uma vontade absurda de fugir pra lá...

Quando chego diante da mesa, vejo Julia sentada, comendo vorazmente. Nenhuma novidade, até então.

— Oi, Ju... — cumprimento, sem muito ânimo, e pela expressão dela, está me sondando a fim de descobrir se estou mais bem-humorada.

— Bom dia, coelhinha. Sabe que dia é hoje?

— Segunda? — respondo, simplesmente.

— Sim, mas me refiro ao que tem de especial nesse dia.

Ai caramba, só me faltava essa. Esquecemos o aniversário dela!

— É seu aniversário? — pergunto, torcendo para estar enganada, mas já pensando no que fazer para preparar uma festa tão repentina.

— Não, hoje vamos descobrir o sexo do bebê!

— Ahhhh, não acredito nisso! — Definitivamente, é muito melhor que um aniversário.

Julia chegou nessa casa como advogada do meu irmão e grávida. A intenção era apenas que ela mantivesse Ashton na linha, mas no meio de uma confusão, Ash acabou deixando com que a imprensa acreditasse que o bebê era dele e agora, bem, dizer que as coisas estão complicadas é o mínimo.

Aos poucos, fomos ficando amigas e descobri que Julia fez uma inseminação artificial para realizar seu sonho de ter uma família. E, apenas por isso, por ser tão determinada e independente e mesmo assim sensível e doce, passei a admirá-la muito.

Acabei me apegando a Julia, ao bebê e ao relacionamento que, espero muito, ela e meu irmão desenvolvam; não sei se já aconteceu algo entre os dois, além das mentirinhas, mas onde estão juntos, as faíscas são visíveis. Sinto que ela precisa dele, tanto quanto Ash precisa de relações verdadeiras e profundas.

Seguro suas mãos entre as minhas. De minha parte, ela e o bebê terão todo apoio do mundo.

— Eu pensei que, se não estiver muito ocupada...

Nem permito que ela conclua, é lógico que estarei lá.

— Mas é claro que eu vou, não perderia por nada.

Antes que ela diga qualquer coisa, no entanto, ouvimos um barulho vindo do corredor. Alguma coisa se quebrou. Sem me atentar aos risos e vozes que ouço, me levanto e sigo na direção do som; Julia ao meu lado.

E ao chegarmos... Vejo os cacos no chão e sei que meu coração está se partindo como eles, pela centésima vez. Josh está rindo, enquanto observa um Tray aturdido, visualizando a bagunça que fez, e duas mulheres, gêmeas, estão com eles. Não é preciso ser um gênio para imaginar de onde elas vieram, as portas dos quartos deles estão abertas e não poderia ser mais óbvio.

Uma dessas idiotas? Sério, Josh?

Geralmente, ao menos o gosto dele é menos duvidoso, mas essas daí... Sei que ele percebe o modo como o encaro, eu nunca havia demonstrado meu desagrado e como aquilo me chateava antes, sempre escondi muito bem. Mas, depois de ontem à noite...

Se ele pode entrar no quarto e expulsar Azal de lá — com quem, a propósito, eu não ia transar — eu posso, muito bem, demonstrar que estou magoada. Ele que tire suas próprias conclusões.

Ao que parece, a intensidade com que o encaro é demais, e Josh dá as costas para nós e volta para seu quarto e eu, seguindo seu exemplo, volto pra cozinha.

— Anda, Ane, não fica assim, vamos descobrir o sexo do seu sobrinho hoje — Julia diz, claramente tentando me animar — podemos comprar uma roupinha depois, o que acha?

Abro um sorriso para ela, é falso, mas Julia não me conhece tão bem assim, ainda, e o dia é muito importante pra ela. Não vou estragar tudo.

— Então tá! Vamos fazer o seguinte, você fica aqui, almoça lindamente e me encontra na porta do consultório, só me envia o endereço pelo celular. Eu vou sair e comprar minha roupa para o ultrassom.

Julia arregala os olhos.

— Roupa para o ultrassom?

Claro. Outras pessoas podem não pensar nisso, mas meu futuro sobrinho, ou sobrinha, precisa ser bem recebido...



Alguns Meses Depois...

Finalmente, a vida tem retornado ao seu normal.

Durante os últimos meses, as coisas ficaram um pouco insanas. Julia e Ashton se envolveram em segredo, ou ao menos pensavam que ninguém estivesse ciente.

Ela e Ashley, minha sobrinha, vieram para casa, de vez, e as coisas estão mais calmas por aqui.

O que significa que, agora, posso ir.

Decidi-me por um curso de moda, em Paris. Sinto uma necessidade de fazer algo e deixar de viver às custas do meu irmão, mesmo que ele não esteja reclamando.

— Ju? Posso entrar?

— Claro. — Ouço sua voz dizer, ao longe.

Quando abro a porta do quarto que ela divide com meu irmão, não a encontro em parte alguma, então já imagino que esteja no quarto de Ashley, que fica ao lado, e sigo para lá, entrando primeiro no quarto de Julia e seguindo pela porta adjacente.

Vejo Julia de costas para mim, os cabelos pretos presos no alto da cabeça e um short curto. Está descalça sobre o tapete, dançando uma música infantil com Ashley nos braços, mas se vira para mim quando entro.

— Oi, Ane. Tudo bem?

— Tudo ótimo, preciso de você. Preciso da sua ajuda para conversar com o Ash.

— O que ele fez?

— Nada! — Sorrio diante de seu tom preocupado. — Estou com planos e sei que ele não vai gostar muito, então, primeiro, vou te explicar tudo, pra que me ajude com ele.

Julia coloca minha sobrinha sobre o tapete, onde alguns de seus brinquedos estão espalhados — desde bonecas e ursinhos, até baquetas e um tambor.

— Certo... — diz, me encarando com os olhos estreitos. — O que você aprontou, então? Ou quer aprontar?

— Nada demais, me decidi por um curso de moda em Paris. Quero cursar a faculdade e não ter mais que viver às custas do Ash e da minha mãe. Você é independente Ju, vai me entender, mas o Ashton vai surtar, quando eu

disser.

Julia ergue a sobrancelha.

— Bom, eu concordo que é uma excelente ideia, não apenas o curso tem tudo a ver com você, como a independência cai bem a todas nós, mulheres. Mas, uma pergunta que ele vai fazer e que também me deixou curiosa... Por que não aqui? Perto de nós, da sua família?

— Paris é uma das capitais da moda! — Respondo, eufórica demais, tentando omitir meus reais motivos para me afastar dali.

— Sim, é. Assim como Nova York, que é bem mais perto. Claro que vou te ajudar, se é mesmo o que quer, e Paris tem todo um apelo. Posso convencer Ashton, Ane, mas, aqui entre nós, tem mais alguma coisa nessa história?

Me abaixo à altura do pequeno furacão que está no chão, e pego Ashley no colo; brinco com ela um pouquinho, fugindo de uma resposta.

— Ane? Não vai nem mesmo negar?

Julia sabe, ela sempre soube, mesmo que eu nunca tenha dito nada, então a encaro outra vez, revirando os olhos.

— Olha só, eu quero distância dele, não o odeio, nem nada assim, Deus sabe que não. Mas não posso mais ficar aqui, esperando que me note, que decida que também gosta de mim, Ju. Estou cansada disso. Eu preciso sabe do quê?

Ela apenas dá de ombros, os olhos um pouco arregalados de surpresa, por eu finalmente confessar.

— Preciso de um francês delicioso, que me leve para jantar em um restaurante à luz das estrelas, e faça piquenique comigo, no gramado da torre Eiffel. Quem é o Josh, perto desse cara? Com certeza, eu vou superar ele, na cidade do amor.

Julia solta uma gargalhada.

— Tudo bem, até eu deixaria seu irmão, por esse homem que descreveu.

Dou risada da cara de pau dela.

— Deixaria nada! Além disso, o Ash sabe ser esse cara, apenas um pouco mais tatuado e brigão.

— É, não posso negar que as tatuagens têm um charme...

Dou um tapa no braço dela, rindo.

— Eca, para com isso, agora mesmo.

Ela também ri e estica os braços, pegando Ashley de mim.

— Vou falar com ele sim, mas você... Você vai falar com Josh, e pelo que conheço dele, não vai ficar nada contente com isso.

Dito e feito.

Mais tarde, na noite daquele dia, Ashton puxou o assunto, ainda na mesa de jantar — porque, sim, os rockstars agora jantam todos no horário, seguindo a rotina imposta pela nova integrante da família. A bebê.

— Ane, a Ju me disse que está decidida a estudar moda. Achei uma ideia foda, é a sua cara e te dou todo apoio.

Sorri de alegria, ela tinha mesmo conseguido.

— Só não entendi por que fazer isso na França, longe de nós, Ane. Você, sozinha lá, não sei, não...

Eu, sempre comemorando antes da hora.

— Do que vocês estão falando? — Claro que Josh iria interromper.

— Vou para Paris, estudar moda, Josh.

Ele meneia a cabeça, discordando, e vejo Julia fechar a cara, diante da expressão determinada dele.

— Não é mesmo uma boa ideia, Ash. Essa menina sozinha, em outro país? Muito perigoso, caralho. Não pode estar pensando em concordar com isso.

— Não é bem assim — Julia o corta. — Ela vai para a faculdade, não estamos falando de festas, nem nada assim. Vocês todos perseguiram os sonhos que tinham, e ela apoiou a todos, incluindo você, Josh. Agora, vão retribuir o apoio e desejarem boa sorte.

Julia encerra o discurso, coloca mais uma colherada de massa na boca e todos ficam calados, a encarando. Até que Tray começa a rir.

— Ah, Ash, eu adoro sua mulher, sabe disso, né?

Ashton olha pro amigo, rindo. Milagre! Parece que o monstrinho ciumento está se acalmando.

— Eu concordo com ela, porra. — Tray entra na conversa. — A Ane não é criança, sabe se cuidar e merece crédito. Você vai pagar um apartamento seguro, pode mandar alguém de confiança com ela, se for o caso, mas não acho que seja preciso, e ela vem ficar aqui nos feriados. Não é, pirralha?

Ele estende a mão e bagunça meu cabelo. Isso, porque acabou de dizer que não sou criança.

Ashton me encara por alguns instantes e todos estão olhando para ele. Claro que eu poderia me rebelar e ir sem que ele aprovasse, mas, com que dinheiro? Preciso de sua aprovação, porque é ele quem pode pagar pelo curso e por minha estadia.

Finalmente, ele suspira e assente. Eu ergo os braços, num gesto de vitória, e Tray e Julia assoviam e batem palmas, comemorando; Josh se levanta da mesa, sem dizer nada, e sai irritado.

— Devo falar com ele?

Julia estreita os olhos, o observando se distanciar, e depois de alguns instantes, assente.

— Vai, mas não deixa ele te fazer mudar de ideia.

Apenas aceno, concordando. Julia sabe bem a influência que ele tem

sobre meus atos, não por querer, mas porque a opinião dele realmente importa, porém não quando este é o assunto. Preciso seguir e vou fazer exatamente isso. *Plena, em Paris.*

Desço para o estúdio e o encontro na bateria; pela força com que usa as baquetas, sei que está nervoso.

— Josh... Vamos conversar?

Ele apenas balança a cabeça, negando, e continua martelando os pratos e todo o resto.

— Olha só, está sendo babaca. Vou estudar fora, realizar um sonho, assim como você realizou o seu.

Finalmente Josh para, coloca as baquetas sobre o instrumento e ergue os olhos pra mim.

— Ane, o problema não é esse, mas você não precisa ir para o outro lado do mundo, pra estudar. É perigoso, você não entende isso?

Abro um sorriso fraco. Tudo que preciso, mais que nunca, é ficar longe dele, principalmente quando parece tão preocupado, assim.

— Eu entendo que é longe, e que estão acostumados a me vigiar o tempo todo, mas as coisas não são assim como diz. Além disso, você é que não entende que não sou mais uma criança, Josh, eu preciso andar com minhas próprias pernas. Consegue entender?

Josh passa a mão pelo rosto, irritado.

— Você anda com suas pernas, Ane. Ou melhor, anda no seu carro mega chamativo. Não te impedimos de nada, aqui...

— Sério, Josh? Eu até tento, mas a imprensa às vezes acompanha até meus passos e me intitula como *a caçula Ray*. Onde quer que eu vá, vocês sabem, seja porque me fotografaram ou porque mandaram alguém me vigiar. E se intrometem em tudo. Josh, eu nunca tive um namorado de verdade!

A expressão dele é mais sombria, agora.

— E por que iria querer um namorado? Isso é besteira, ter alguém te cobrando o tempo todo, pegando no seu pé...

— É mesmo, seria terrível. E é por isso que estou me livrando de você e do Ash, entendeu agora?

Josh arregala os olhos.

— O quê? Nós somos assim tão horríveis? De jeito nenhum. Até levamos você na festa do Azal, aquela vez...

— Isso tem meses. E depois, você ficou me seguindo e tentou me obrigar a vir embora...

— Eu entendo seu ponto — responde, um pouco mais compreensivo.
— Mas, precisa ir pra França? Eu não quero que você vá.

Por mais que não queira, meu coração se enche de esperança. Quem sabe, essa resistência toda signifique algo?

— Sabe, Josh... — Me aproximo da bateria e o fito nos olhos. — Não tem nada que me prenda aqui.

— Nada? Mas, e nós?

Tenho medo de que ele possa ouvir as batidas frenéticas em meu peito.

— Nós? — *Não tenha esperança, não tenha esperança.* Repito para mim, enquanto me afogo em esperança.

A intensidade nos olhos dele me atinge, diretamente no estômago, e tenho a sensação de que Josh está prestes a dizer alguma coisa. E ele o faz, mas não é o que eu queria ouvir.

— Sim, nós, sua família. Eu, Ash, Tray, Julia e Ashley.

A essa altura, já devia ter aprendido a lidar com a decepção, todas as vezes em que ele reafirma o que significo em sua vida.

— Vai ficar longe da sua sobrinha? É uma bebê, ainda. Sabe, quando voltar, ela nem vai se lembrar da tia Ane...

Que safado! Usando a princesinha contra mim.

— Eu virei pra casa sempre, Josh. Bom, a questão é que prefiro não ir embora brigada com você, nem nada assim, mas eu vou, se for preciso, então aceite isso.

Ele não aceitou.

Eu fui, mesmo assim.



CAPÍTULO 02

BONJOUR JOSH

Paris – França

5 Meses depois...

Anne

Deixei uma fresta da porta que tem saída para a varanda aberta, ontem à noite, e é por ali que um raio de sol intrometido encontra caminho para a escuridão do meu quarto. Dormi por poucas horas, e meu primeiro pensamento é a falta que sinto de casa.

Mais de cinco meses se passaram, desde que vim pra Paris, e por mais que sinta vontade de pegar um avião e voltar pra Seattle, essa mudança foi um ponto de ruptura entre quem eu era e quem eu sou hoje; tudo bem que não foi tanto tempo assim, mas deixar de viver sob a redoma, criada por meu irmão e mãe, para me proteger, me fez conhecer mais do mundo e descobrir meus gostos, minhas aspirações, e me ensinou a perseguir as coisas com as quais sonho.

Afinal, sem usar do nome de Ashton como porta de entrada para tudo, pude perceber que as coisas não vêm fáceis, sem o devido esforço. Mesmo que ele ainda deposite, todo mês, minha mesada, afinal, eu também não sou de ferro...

Sento-me na minha cama maravilhosa, um modelo antigo com

cabeceira de ferro retorcido, que é puro charme; alcanço o robe de seda sobre uma poltrona ao lado da cama e me lembro da noite de ontem. Acho que bebemos uma garrafa inteira de vinho... pela dor que sinto na cabeça, parecem ter sido dez.

Ouçó o barulho do chuveiro e então me lembro de que Thierry ainda está aqui. Ele passou a noite comigo, pela primeira vez em meses. Ainda estou pensando em nossa noite, quando a porta se abre e ele entra no quarto, com um sorriso estampado no rosto.

Deus amado, o homem é um espetáculo! Só uma toalha presa na cintura, enquanto caminha muito à vontade, com o abdômen malhado à mostra, se senta na cama ao meu lado e dá um beijo estalado na minha testa.

— *Bonjour, mon petit* — Thierry diz, com aquele sotaque perfeito, e posso ouvir o sorriso em sua voz, mas logo abandona o francês, que ainda não domino completamente. — Pensei em aproveitarmos o dia de folga, para fazermos aquele turismo que você vem evitando.

Sorriso de volta.

— *Bonjour...* — Encaro seus olhos azuis, que me fitam com expectativa. — Não vai dar, tenho muita coisa pra fazer antes de voltar pra Seattle para as festas. Meu irmão viajou com a família e retornam logo. Quero estar em casa, também, para termos mais tempo juntos.

— *Oui!* Posso te ajudar com o trabalho da faculdade, precisa terminar antes da viagem?

— Preciso, sim. Eu agradeço, mas sabe que seria errado. Vou terminar sozinha, e depois nos encontramos, à noite.

— Tem certeza? Que tal um passeio de barco, no rio Senna? Não pode chegar em Seattle e dizer que nunca fez isso, é um insulto à Paris e sua atração irresistível... Depois, podemos almoçar no *Café de L'home*, nos sentarmos no gramado em frente à torre, e concluimos o dia com um ou dois

drinks no *Le Coq*. Que tal?

— Thierry, eu sei que prometi que faríamos algo assim, antes que eu fosse pra casa, mas preciso resolver várias coisas, comprar presentes pra levar e ir ao cabeleireiro. Além do vestido...

Olho por sobre o ombro e o vejo, pendurado em um manequim. Meu trabalho, no momento, é um vestido curto, com a saia rodada e estampa de bolinhas pretas, estilo anos cinquenta.

Tenho feito Design de Moda. Não pretendo seguir com a costura, apenas com os desenhos e a criação de modelos exclusivos. Mas, por enquanto, sou uma mera aluna, que precisa realizar tudo que me é dado como tarefa, para obter as melhores notas.

— Se eu te ajudar com isso, terá mais tempo — ele insiste.

Suspiro, desanimada. Seria tão mais fácil, se eu fosse esse tipo de pessoa. Mas, Thierry é um dos meus professores. Apesar de ainda ser muito jovem, vem de uma família brilhante e, logo que se formou, conseguiu um emprego na *Esmod* e hoje leciona história da moda, mas sua paixão é estilismo, desenhar, criar... Assim como a minha.

Isso foi o que nos aproximou, em um primeiro momento, assim como os filmes franceses que me apresentou. Mas não gosto de me sentir trapaceira e principalmente nisso, que é algo que amo fazer, gosto de ser reconhecida pelo meu próprio trabalho, receber os louros que são meus, de direito.

Antes que eu possa explicar isso a ele, meu celular toca e o alcance no criado mudo, ao lado da cama. O visor pisca com o nome de Julia e abro um sorriso, enquanto atendo.

— *Bonsoir, mademoiselle* — Julia cumprimenta, animada, e dou risada de seu sotaque engraçado.

— Sabe que são oito horas da manhã, Ju?

— Fuso horário, cunhada. Aqui ainda nem fomos dormir, ok? Estou

com o computador, na minha frente, e inclusive, coloquei o tradutor para dizer boa noite, antes de te ligar.

Meu riso agora é mais alto.

— Estava ensaiando o sotaque?

— Claro que não!

— *Estava sim...* — ouço a voz de Ash ao fundo, seguida pelo barulho da risada dela e de uma porta batendo.

— O que está acontecendo aí? — questiono, curiosa.

— Seu irmão é muito curioso, fica ouvindo a conversa dos outros. Tranquei ele no quarto, com a Ashley...

— Doida! E como minha sobrinha preferida no mundo todo está?

— Linda, doce, maravilhosa e um terror! Precisa vir logo, ela vai adorar passar um tempo com você... — Julia e sua sutileza em me dizer que não tenho ido pra casa.

— Eu vou para o Natal — informo, animada.

— Ai, que maravilha! Pode aproveitar e ficar para o casamento. O Ash te disse que não estamos em casa? Mas vamos voltar logo, que dia você chega?

— Ele me disse que estavam viajando. Já comprei minha passagem e amanhã mesmo estarei em casa.

— Perfeito! E... você sabe, como vão as coisas por aí? Conheceu alguém?

Sinto as mãos de Thierry deslizarem pelos meus ombros, os massageando, e sorrio.

— Sim, conheci alguém.

Me levanto da cama e sigo para a varanda, abro a porta e me apoio sobre a sacada, admirando a vista fantástica da torre Eiffel, que tenho daqui.

— Sério? — Ouço a surpresa na sua voz. — Quem é?

Me viro de frente para o quarto, enquanto encaro o rapaz sobre a minha cama.

— O nome dele é Thierry, não vai poder ir comigo, mas talvez me faça uma visita, depois do Natal.

— E vocês estão juntos?

Percebo, pelo tom dela, que não esperava por aquilo. Acho que Thierry também não estava preparado.

— De certa forma, sim.

Vejo um sorriso cafajeste se abrir, no rosto dele.

— Mas... Ane, e o Josh?

— Hum, não sei. Acho que seremos do mesmo modo de sempre.

— Sabe — Julia diz, cautelosa. — Sei que parece ter encontrado o francês que faz piquenique no gramado, mas se ainda quiser ficar com Josh, tenho uma ou duas coisas pra contar.

Mordo o lábio, sem saber o que responder, mas de que adianta? Julia saberia o que sinto, quando nos visse juntos outra vez.

— Então conta...

Ouçoo um risinho baixo, do outro lado.

— Primeiro, ele está completamente instável. Às vezes, bem-humorado, brinca com a Ashley e sai com o Tray, mas de repente, o humor dele muda, e fica todo estressadinho, briga com os meninos e se tranca no quarto, ouvindo Evanescence.

Arregalo os olhos, assustada.

— O quê? Ju, isso é depressão!

Ela gargalha, aquela vaca.

— Tá, exagerei um pouco, Evanescence ele não ouve, mas fica nervoso e desconta em todo mundo. Como sou muito observadora, fui tentar descobrir o que faz com que ele mude o humor, e consegui.

— E? — pergunto, sem entender nada.

— É você! Todas as vezes que ele fica assim, abro o instagram e vejo um post seu. O dia que você foi pra balada, ele quebrou dois pares de baquetas. E aquele post com um bonitão dos olhos verdes? Aquele dia, ele quase socou o Tray por ter dito alguma besteira, mas é o Tray, o que ele esperava?

Encaro minhas unhas, pintadas de vermelho vivo, enquanto deixo as palavras dela causarem todo o impacto que sei que vão. E depois, tentando soar o menos ansiosa possível, pergunto:

— Acha que é por minha causa? Por que sente minha falta?

— Tenho absoluta certeza disso e sei que vai dizer que não, porque ele não te ligou nem mesmo uma vez durante esses meses, mas isso apenas reforça meu ponto. Que tipo de *irmão* guarda raiva tanto tempo e fica sem notícias?

— E o que eu faço com essas informações?

Posso até imaginar Julia enumerando nos dedos as instruções.

— Primeiro: um banho de loja e de salão. Mude o cabelo, compre roupas diferentes e mostre pra ele o mulherão que está perdendo. Não vai mudar por ele, mas para que esteja se sentindo a mulher mais gostosa do planeta! Autoestima é tudo, e você precisa fazer com que ele entenda, de uma vez por todas, que cresceu. Depois do sexo, pode voltar pro pijama de coelhinhos...

Dou risada de seu comentário. Aquele pijama ainda está no meu armário, mas desde que comecei a faculdade, as camisolas de seda têm me acompanhado muito mais. Paris e seda combinam, realmente.

— Segundo — continua Julia. — Acabe com ele, Ane! Se são os ciúmes que fazem ele sair da zona de conforto, então use disso. Mas, principalmente, abuse da sua carinha de inocente. Quero você desfilando de

calcinha, pela casa, e dizendo "*Qual o problema? Somos como irmãos*".

Minha gargalhada atrai a atenção de Thierry, que está agora deitado na cama, mexendo no celular.

— Acha que vai funcionar?

— Claro que vai! E, quando acabarem as festas, se ele ainda não tiver tomado uma atitude, você acaba com tudo isso. O namorado bonitão aparece, e você volta para Paris em grande estilo e deixa esse lerdo aqui.

— Tudo bem... Não custa tentar.

Me despeço de Julia e encaro Thierry, ainda pensando sobre o plano todo.

— Acha que consegue, mesmo, ir me ver na virada do ano?

— Claro, *petit*. Não perco por nada.

— E... pode fingir ser meu namorado?

O sorriso dele, agora, é de sarcasmo.

— Sério? Depende... Qual deles é sua vítima? Posso ficar com o que sobrar, independente de qual deles seja.

Troco o peso do corpo de uma perna pra outra.

— Josh Nicols.

O sorriso dele fica ainda mais descarado.

— Claro que aceito. Ele nem vai saber o que o atingiu.

Sorrio, concordando, e aproveito para tirar uma foto de Thierry só de toalha e postar nos meus stories.

É como dizem: *O não você já tem, chegou a hora de buscar a humilhação.*

Josh

Faltam duas semanas para o Natal e aqui estou eu, em Bainbridge Island com minha mãe. Como sempre faço, vim desejar boas festas para ela e Pedro, seu marido. Os dois vão passar as próximas semanas a bordo de um cruzeiro, um presente meu. A alegria dela, o sorriso em seu rosto... O bom é ver que Pedro é mesmo digno de ficar com dona Regina.

— Querido, vai ver seu pai?

Inferno.

Ela sempre tem que tocar no nome dele e estragar as coisas.

— Sabe que vou, mãe — respondo, irritado. — Não vou todos os anos?

Jean está preso há muito tempo, mais de quinze anos na verdade, e provavelmente vai continuar lá até o fim da vida. Eu poderia pagar um excelente advogado para tentar o ajudar, mas jamais faria algo assim.

A mulher que ele matou — porque sim, ele confessou o crime diante das provas inquestionáveis — tinha família, dois filhos pequenos e um marido. Nunca mais dormiria em paz, se ajudasse um homem como ele a se ver livre, depois de ter causado tanto sofrimento.

E, mesmo que eu quisesse, as coisas pra ele não seriam fáceis; o crime que cometeu é considerado hediondo, não que tenha me surpreendido. Ele sempre havia sido cruel.

Mas a pobre mulher, o estado em que ela foi encontrada... Totalmente desumano e ninguém, por muito tempo, conseguiu compreender a motivação do crime, e Jean não queria se explicar. Compreenderam como o crime ocorreu e tudo que foi feito à vítima, mas foi como se, aleatoriamente, ele tivesse escolhido uma pessoa pra descarregar o ódio que guardava dentro de si.

Um tempo depois descobrimos que eles tinham um caso. Eram amantes e o crime foi passional.

O único motivo que me leva à penitenciária todos os anos, no Natal, quando completa mais um ano desde sua prisão, é a mulher sentada à minha frente. Minha mãe acredita no melhor das pessoas, em redenção, em perdão e essas coisas todas, e me criou para pensar do mesmo modo. Sempre ouço a voz dela, me dizendo: *"Apesar de tudo que fez, ele ainda é seu pai e você tem que amá-lo."*

É difícil pensar nele dessa forma, e ainda mais difícil quando eu o vejo, mas por ela, me esforço, e sei que se eu não for, minha mãe pode voltar atrás em sua decisão de não ir vê-lo mais e ir em meu lugar. Somos as únicas pessoas que ele tem.

E não posso a deixar perto dele. Jean a manipula e é uma presença tóxica. Ele já fez muito mal a minha mãe.

Ela mudou muito com os anos. Ficou mais esperta, menos preconceituosa com as tatuagens depois que Ashton e Tray se cobriram delas, e continuaram sendo as mesmas pessoas. Menos bitolada com a religião depois que meu pai foi preso; talvez aquilo antes fosse necessário para o suportar. Mesmo assim, a fé e as crenças boas ela sempre manteve.

— Vai passar o natal com os Ray, filho?

Ela interrompe meus pensamentos.

— De certa forma, sim. Ash e a noiva, a filha e, provavelmente, a tia Eleanor também. E o Tray, claro.

— E Anelyse? Não vai estar com vocês?

— Não sei — respondo, ríspido. — Ane se mudou pra Paris e parece que esqueceu que tem família. Acredita que já tem cinco meses e não veio pra casa, nem mesmo uma vez?

Dona Regina ri, como se eu estivesse dizendo alguma bobagem.

— Josh, ela é adulta, querido. Você mora aqui do lado, é só pegar a balsa e mesmo assim, demora tanto tempo quanto ela pra aparecer. Imagina

se estivesse em outro país...

— Ela é muito nova, mãe.

— Mais velha que você, quando saiu de casa — responde, ainda achando graça.

— Talvez tenha razão — concordo apenas pra encerrar o assunto, e antes que ela comece um outro, meu celular vibra no bolso.

O pego e vejo que é Ashton; peço licença para minha mãe, com um gesto, e me levanto, saindo para o quintal.

— E aí, cara? — Cumprimento, animado. Faz dias que não nos vemos, agora que a *Dominium* tirou um tempinho de férias e eles viajaram.

— *Por aqui tudo bem, que dia volta pra casa?*

— Estou saindo daqui, chego no início da noite...

— *E o Tray? Sabe que dia ele chega?*

— Provavelmente, semana que vem. Me falou que ia passar mais uns dias em Nova York, a Jasmim ia encontrar com ele na sexta e ficariam por lá, no fim de semana. Depois disso, ela volta pro trabalho e ele vai pra Seattle.

— *Sério? Aquele babaca não me disse que ia ver a Jas — Ash parece surpreso.*

Jasmim cresceu no mesmo bairro que nós, e ela e Tray eram inseparáveis. Chegamos a pensar que ficariam juntos, mas a fama aconteceu e os caminhos diferentes cuidaram de distanciar os dois.

— Acho que nem ele sabia, ela decidiu de repente que poderia ir, ganhou uma folga no trabalho ou algo assim.

— *Legal... Então, cara. Aqui segue o plano, vamos chegar apenas no final da semana que vem. A Ju falou com a Ane ontem à noite e ela vem para as festas, mas só chega daqui alguns dias, também. Então a casa é sua, se vire sem a Rosa por lá.*

— Ela disse que dia vai chegar? Vem com alguém ou sozinha?

— A Rosa? Volta no mesmo dia que nós, não sei se vai sozinha, estava procurando uma empregada fixa pra ajudar na cozinha, ainda não tem nada certo, mas ela está insistindo nisso.

— Claro que não estou falando da Rosa, Ash. Quero saber que dia a Ane chega.

— Ahhh, acho que semana que vem. No mesmo dia que nós, pelo que a Ju falou.

— Ta ok, se cuida, então, e não esquece meu presente.

Ouçõ a gargalhada bizarra dele, do outro lado.

— Já comprei, uma boneca inflável pra tirar essas teias de aranha do... Aiii! — Afasto o ouvido, com o grito dele. — Por que tá me beliscando?

— Falando besteira perto da princesa...

Julia.

— Hum... — Ele volta a falar comigo. — Uma boneca pra aquela finalidade que você sabe. Agora, a Julia não quer que eu fale palavrão perto da menina, é mole?

Dou risada da falsa irritação dele.

— Combinado, então, eu levo sua coleirinha nova.

Desligo na cara dele, antes que possa responder. Instantes depois, recebo uma mensagem dele, apenas um emoticon mostrando o dedo médio.

Me despeço da minha mãe, com a promessa de não demorar tanto dessa vez, e subo na moto. Sigo pela estrada, para pegar a última balsa e atravessar de volta pra casa, e durante o caminho, começo a pensar na chegada de Anelyse.

Só espero que a distância não a tenha mudado de verdade. Tenho acompanhado suas redes sociais com mais interesse do que deveria — foi ela que foi embora, e não o contrário. Mas as fotos, os vídeos, as companhias... Não sei.

Pensei que fosse me ligar, falar que sentia minha falta. Mas ela simplesmente esqueceu a minha existência, assim que saiu de casa, como se não fôssemos mais amigos e eu não tivesse sido parte da sua família por tantos anos.

Eu não iria facilitar as coisas pra ela. Não, mesmo.

Mas sinto a falta dela, de um modo absurdo que me irrita e me deixa frustrado. Sinto falta de ouvir sua conversa interminável e da risada dela. Acho que olhar pra água, pra essa paisagem, está me deixando melancólico.

Pouco depois, desço da balsa e sigo de moto até em casa. Estou morto de cansaço e tudo que preciso é de um banho, comida e minha cama. Os seguranças abrem os portões, quando paro diante deles, e os cumprimento com um sorriso.

É bom estar em casa.

Guardo a moto na garagem, tiro o capacete e fecho o portão no controle.

Quando coloco a chave na fechadura da porta de entrada, percebo que está destrancada; acho estranho e entro, percebendo que a casa não está vazia.

Vou direto para a cozinha, onde a luz está acesa — Tray deve ter voltado antes. Mas quando entro, sou surpreendido completamente.

Caralho, aquilo não é nem mesmo uma mulher. É uma miragem!

A mulher está de costas pra mim e com fones no ouvido, escutando uma música apenas dela. Enquanto isso, rebola devagar, movendo os quadris em um movimento sensual. Os cabelos loiros caem como cascatas douradas sobre suas costas e ela está mexendo alguma coisa com um cheiro muito bom, no fogão.

Ainda sem dizer nada, deixo meus olhos descerem por seu corpo. Ela veste apenas uma camiseta branca e uma calcinha de renda da mesma cor, que abraça o bumbum redondo. As pernas esguias estão nuas e os pés

descalços.

Se é o tipo de invasão que acontece quando se esquece a porta destrancada, não é das piores, só espero que não seja uma das malucas do Tray. Ouço quando ela bate de leve na panela, com a colher, e depois na mão, para experimentar o que quer que seja aquilo. Cacete, isso é muito excitante.

Coloco o capacete sobre o balcão, com um barulho alto, chamando sua atenção. Com um gritinho, ela se vira pra mim, com a mão sobre o peito e os olhos arregalados.

Merda, de novo não.

— Ai meu Deus, Josh. Me assustou! — fala, retirando os fones e colocando sobre a bancada.

— Ane??? O que está fazendo aqui?

Ela demora um pouco pra responder, acho que está se recuperando do susto. Enquanto isso, faço meu melhor papel de desgraçado sem controle, e encaro as pernas dela e aquela maldita renda, agora entre suas pernas, na parte da frente que prefiro nem nomear.

Ane se aproxima de mim, sorrindo, e como se fosse a situação mais normal de todo mundo, joga os braços em volta do meu pescoço, me abraçando.

— Senti muito a sua falta, irmãozinho...

Eu apenas coloco minha mão nas suas costas e olho pra baixo, por sobre seu ombro, encarando aqueles cabelos compridos, que antes não estavam ali e que agora... agora descem até o ponto em que meus olhos deixam de observá-los e são desviados para a bunda empinada.

Que porra foi essa que Paris fez com ela?



CAPÍTULO 03

UMA TOALHA NO CAMINHO

Anne

Por essa, eu não esperava! Colocar o plano da Julia em prática, muito mais rápido que o esperado.

Não. Eu não fiz de propósito, não sabia que ele iria chegar essa noite, mas admito que apesar do susto, foi uma boa surpresa. Cheguei ao aeroporto um pouco mais cedo e antes de descer do avião, pedi ao Carter que mandasse alguém com meu carro; Carter é um fofo, e apesar de eu não ser exatamente um membro da *Dominium*, sempre faz o que peço.

Assim que minha Docinho chegou, dispensei o motorista e fui nela pra casa; sim, meu carro tem um nome, é uma Ferrari rosa, maravilhosa, que ganhei do meu irmão, quando completei vinte anos, e é uma das coisas das quais mais senti falta em Paris. Além das pessoas, claro.

Quando cheguei em casa e percebi que não tinha ninguém, além dos seguranças na entrada, me senti muito à vontade para tirar minha calça, que havia me apertado o voo todo, e os sapatos também. Nem me incomodei com as roupas, mas não esperava que alguém fosse chegar de repente e àquela hora da noite.

Agora estamos aqui, os dois na cozinha, enquanto termino de fazer um doce no fogo. — Se antes eu queria, agora estou sedenta... por açúcar! —

Ele se esforça para olhar para todos os cantos, exceto para minhas pernas e a calcinha.

— E então... como foi na França, anjo?

Anjo. É o jeito carinhoso pelo qual Josh me chama, desde pequena, mas não sei se gosto. Parece que toda vez que o ouço, ele está reafirmando que sou pura, inocente, infantil e intocável.

— Maravilhoso — respondo, ignorando aquilo. — Fiquei deslumbrada com tudo por lá, os lugares, as pessoas, o curso, tudo é incrível.

Josh batuca os dedos sobre o balcão enquanto pergunta, tentando aparentar casualidade, mas eu o conheço bem e sei que não tem nada de natural em seu questionamento.

— Então, não vai ficar? Aqui, em casa.

— Não, vim só para as festas, passar o fim de ano com vocês, minha família, *meus irmãos que amo tanto.*

Só espero que essa ideia da Julia realmente surta algum efeito, porque depois de me ouvir dizendo *irmão* tantas vezes, ele pode ter uma reação contrária e se afastar ainda mais.

Coloco meu melhor sorriso no rosto e viro o conteúdo da panela em um prato. Depois, levo para a mesa diante dele e me sento ao seu lado, fazendo questão de cruzar as pernas e oferecer um bom vislumbre das minhas coxas. Eu não pago academia sem um motivo, finalmente a dor nas pernas que tive quando comecei a malhar está servindo a um propósito.

— E por aqui? Como vão as coisas com a banda?

O olhar dele desce pelas minhas pernas, mas logo se concentra outra vez em meus olhos.

— Vão bem, mas estamos em férias. Fim de ano, sabe como é...

— Sei. Isso é bom, um descanso, certo?

Ofereço uma colher a ele, que a aceita da minha mão, e com uma

outra, pego um pouco do doce.

Josh parece incomodado demais com nossa proximidade, para alguém que não me enxerga como mulher; acho que está constrangido, porque evita me olhar de todas as formas. Acaba pegando seu celular e começa a mexer.

Abre o instagram, e então me lembro do que postei mais cedo.

Ele vai pirar.

Dito e feito. Uma das primeiras fotos que aparece em seu feed — e eu vejo, porque estou bem perto dele — é Thierry deitado sobre minha cama, usando nada mais que uma toalha.

Primeiro, percebo que ele trava o maxilar, como sempre faz quando tenta se controlar, e então, Josh passa a mão pelo rosto, suspirando profundamente. Depois disso, com os olhos faiscando de raiva, vira o celular para mim, com um olhar inquiridor.

Apenas dou de ombros e com meu gesto, os olhos dele se estreitam.

— Ane, que *porra* significa isso?

Abro meu sorriso mais cínico.

— Não acho que tenha nada difícil de desvendar aí, é um homem em uma cama.

A mão dele aponta para a foto, como se tentasse me mostrar o quanto aquilo é absurdo.

— É, mas eu acho que essa é a *sua* cama e ele está pelado!

Reviro os olhos, diante de seu tom exaltado.

— Sim, é a minha cama, mas ele não está pelado. Eu jamais postaria uma foto de alguém pelado, Josh. Tem uma toalha aí...

— Uma toalha, Ane! E quem é esse cara? Eu não o conheço.

— E por acaso, eu conheço todas as mulheres que você levou pra cama? Preciso apresentar todo mundo pra família, agora?

— Você só pode estar brincando comigo... *Todo mundo?*

É, golpe baixo.

Josh levanta, irritado, e joga a colher sobre o balcão. Em seguida, sai da cozinha sem dizer mais nenhuma palavra, com raiva e delicioso.

Ah, como eu adoro aquele olhar sanguinário.

Me permito um momento de comemoração.

Ane 1 x Josh 0.

Josh

Sinto que estou a ponto de explodir, minha vontade é quebrar alguma coisa, um par novo de baquetas, enquanto toco, é uma ótima opção.

É um absurdo que ninguém perceba como essa mudança dela pra outro país é perigosa. Agora já tem homens estranhos por lá, e só de pensar no que esse cara fez com ela... Melhor nem imaginar.

Remoo suas palavras e sinto a raiva voltar, com tudo.

Preciso apresentar todo mundo pra família, agora?

Caralho. A Ane que eu conheço, meu anjo, não faz esse lance de sexo casual, porra. Ela nem fazia sexo. Anelyse é, ou ao menos era, virgem.

Preciso contar pro Ashton o quanto antes, alguém tem que dar um jeito nela; onde se viu? Além de aprontar com esse francesinho de merda, ainda postar na internet, onde toda sua família pode ver. É uma afronta.

Minha pasta, com as letras de música que componho, está sobre a cama e a atiro longe, espalhando os papeis pelo quarto e descontando minha frustração.

Me sento onde estava a pasta antes, e obrigo minha mente a trabalhar. Por mais irritado que esteja, isso parece não funcionar mais tão bem, como quando ela era mais nova.

Uma lembrança invade meus pensamentos.

— Vamos em um lugar mais tranquilo, tudo bem? — Ashton questiona a mim e Tray. — Sei que é nossa noite de comemoração, mas minha mãe e a Ane quiseram vir e eu não pude dizer não. Sabem como elas são e nos apoiaram tanto, desde sempre...

Eu desdenho de suas explicações com uma risada.

— Cara, não precisa explicar. Elas são parte disso, só chegamos até aqui porque tia Eleanor cedeu o porão. Se hoje assinamos nosso primeiro contrato, nada mais justo que irem comemorar junto.

Ashton sorri, animado, e Tray acena concordando. Claro que queremos uma noitada de farra, mas elas merecem fazer parte desse momento.

Tia Eleanor desce as escadas e logo atrás dela vem Anelyse, com a porra de uma saia minúscula. Eu já tinha reparado antes como seu corpo havia se desenvolvido, mas agora está mesmo com o aspecto de uma moça. E se eu percebi, outros também vão.

— Ane, acho que você está arrumada demais, para o lugar que estamos indo — falo, tentando uma estratégia que não seja o confronto direto.

Ela sorri docemente, como sempre.

— Ah não, Josh. Eu não vou com vocês. Já falei com minha mãe, espero que se divirtam, mas eu tenho um encontro.

Vejo que Ashton fecha a cara na mesma hora, minha expressão não é apenas de alguém nervoso, mas de alguém que foi pego de surpresa também. Anelyse não tem idade para ter encontros à noite.

— O caralho, que tem. — Ashton se altera, sem que eu precise intervir. Graças a Deus. — Você tem dezesseis anos, Ane, não vai sair à noite, com um cara. — Ouço o tom dele, exaltado, e logo Ane sobe as

escadas outra vez, chorando.

Merda.

— Mãe, fala com ela. Como foi aceitar isso?

Tia Eleanor olha pra Ashton, de cara feia.

— Você precisa parar com isso, Ash. A menina tem direito de fazer suas escolhas, também.

Tentando apaziguar a situação, me adianto e começo a subir as escadas, atrás dela.

— Vou falar com a Ane, pessoal. Já voltamos.

Entro em seu quarto e a encontro deitada sobre a cama, chorando. O vestido preto, colado em seu corpo, me faz ter uma noção do que esse cara pensou em fazer com ela. É um babaca, quem quer que seja.

Anelyse é uma menina ainda, não importa se o vestido preto está agarrado as suas pernas ou se seus seios cresceram muito no último ano.

— Ane...

Ela ergue o rosto e me encara, secando algumas lágrimas.

— Não precisa chorar assim, meu anjo. O Ash ficou nervoso, porque você é muito novinha e nem disse com quem pretendia sair...

Me sento ao lado dela, na cama, e faço um carinho em seus cabelos claros.

— Eu ia dar uma volta com o Max.

— O Max, que mora no fim da rua? Ane! Ele é muito velho pra você.

— Não é tão velho, ele tem a sua idade, Josh.

Solto uma risada baixa.

— Exatamente, muito velho, mesmo. Mas escuta, ele é um babaca, fiquei sabendo que tem namorada e olha só, um rapaz que tem namorada, te chamando pra sair? Babaca. Além disso, tem outra coisa, assinamos nosso primeiro contrato. Esse é um dia muito especial pra banda, muito especial

pra mim, Ane. Você não vai me deixar, pra sair com esse idiota, que ainda por cima é um mentiroso, vai?

Pouco depois, descemos as escadas juntos. Meu braço circundando seus ombros e ela já não chorava mais.

E o encontro, desmarcado.

Mas os tempos mudaram, infelizmente minha palavra não parece ter tanto peso quanto antes, e ela nem se importa mais se estou chateado; inclusive, faz mais de vinte minutos que a deixei na cozinha e ela ainda não veio se desculpar. *Cacete.*

E aquele cabelo? De onde saiu tudo aquilo?

Uma visão de um francês a puxando pelas mechas loiras atravessa meus pensamentos e eu balanço a cabeça, em negativa, tentando apagar a cena.

Com aquela calcinha de renda, que homem não iria querer segurar os cabelos dela por trás? *Merda.*

Eu. Eu não iria querer fazer algo assim, porque nós simplesmente somos como família.

Decido esperar um pouco mais e enquanto isso, procuro pensar em uma maneira de conversar com ela, de a convencer a voltar de vez pra Seattle.

Penso em ligar pro Ash e contar o que houve, apesar de que é bem provável que ele já tenha visto. Isso, melhor deixar essa briga pra ele e me concentrar em agradar a pirralha. Ou então, ela se mete em outro avião e vai embora, de novo.

Preciso ser esperto. Ao que parece, o confronto direto não está funcionando, e Ash também não parece estar se importando, então o que vou fazer vai ser o oposto do que tenho feito.

Vou a tratar bem e aceitar suas decisões, deixar que ela se sinta no

comando, já que o que deseja é mais liberdade e então, antes que o ano acabe, vou convencê-la a ficar.

Anne

Estou ainda sentada na cozinha, conversando com Thierry e comendo meu doce sozinha.

Recebi uma mensagem dele, mais cedo, e só vi agora a pouco.

"E aí, gata? Chegou bem em casa? Conta como foi o primeiro encontro."

Dou risada da mensagem. Com Thierry é assim, sempre pensando nos homens, primeiro.

"Cheguei sim. Na verdade, foi uma loucura, não era pra ele chegar hoje. Me pegou só de calcinha."

"Pegou, de pegar?"

Eu devia saber que ele entenderia assim.

"Não, besta! Quem dera, me pegou de me encontrou, mesmo. Ainda assim, a cara dele me pareceu de quem pegaria de pegar. Será?"

Meu celular apita logo depois, com sua resposta, e me arranca outra risada.

"Será? Eu desistia dos meus princípios e te pegava. Claro que ele quer, só é teimoso, mas e aí? Já contou sobre nosso namoro pra ele?"

Dou risada, lembrando da reação do Josh, quando viu a foto.

"Ainda não, mas ele viu a foto que postei de manhã. Saiu irritado e tá lá no quarto fechado. Acho que vou lá falar com ele, vou apagar a foto."

Quando ouço o som da sua mensagem chegando, já sei que vai me xingar.

"NÃO VAI, NÃO. Nem apagar a foto e muito menos, ir atrás dele. Deixa que ele venha, oui?"

"Oui."

Ergo o rosto e encontro Josh escorado na porta, me olhando, ainda com a cara fechada. Seus olhos claros me analisam fixamente, me fazendo desejar esquecer aquela bobagem de plano e me declarar, agora mesmo.

Ele usa uma camiseta preta, que se ajusta aos seus braços perfeitamente, e os cabelos estão um pouco bagunçados; lindo, como sempre. Então, Josh abre um sorriso, que parece forçado, mas já é alguma coisa.

— Desculpa, Ane. Eu me irritei além da conta, deveria ter conversado e explicado que não é uma boa ideia ficar saindo com pessoas assim, aleatórias. Esse lance de... sexo casual, sabe?

Ele pensa, mesmo, que eu estou transando com o Thierry. Por um instante, fico feliz que o plano está ao menos parecendo crível, mas então as palavras dele me atingem de outra maneira.

Então, eu não posso fazer sexo casual, mas pra ele, não tem problema algum?

— Sabe que está sendo machista, né? Porque está dizendo que eu não posso, mas você sempre pôde. E, se me falar que você pode porque é homem, vou atirar esse prato na sua cabeça, Josh.

Josh suspira, parece que está sendo difícil pra ele lidar comigo.

— Não é nada disso, Ane, não é porque é uma mulher, mas porque é você.

— E o que isso quer dizer?

— Quer dizer que não faz seu estilo, você gosta de coisas fofas, de decoração, gosta de se vestir como uma princesinha. Caralho, seu carro é rosa, Ane! Mas olha, não quero brigar, eu vim te chamar pra ir comigo no mercado de manhã, já faz tempo que todo mundo viajou e não tem nada aqui.

Ao menos, ele está se esforçando pra ser mais razoável e decido ignorar os comentários sobre meu carro, por agora.

— Podemos pedir comida, Josh.

— Dá pra pedir algumas vezes, sim, mas eu gosto de comida feita em casa.

— E quem é que vai cozinhar? — pergunto rindo, só falta ele pensar que eu também tenho que fazer comida, agora.

— Eu vou — responde, como se não fosse nada demais.

— E você sabe cozinhar desde quando?

Realmente estou surpresa, nunca o vi fazer nada na cozinha, que não fosse comer.

— Desde sempre, você que não sabia. E aí? Topa?

Claro que eu topo. Tem como esse homem ficar mais perfeito?

CAPÍTULO 04

NADANDO EM ÁGUAS PERIGOSAS

Anne

De manhã bem cedo, Josh bateu na porta do quarto me despertando do meu sono de beleza; poderia ter ficado irritada, por não ter dormido o bastante, mas eu disse que iria ao mercado com ele, então me levantei e troquei o pijama por um vestido florido casual.

O encontrei na sala e decidimos que iríamos de carro, por praticidade. Em uma moto não poderíamos carregar as compras e o tempo está esfriando.

Agora estamos no mercado, mais especificamente encarando o freezer de frios, enquanto Josh namora todos os tipos de queijo e decide qual levar.

Nunca entendi por que eles pensam que basta óculos escuros e um boné e pronto: *invisíveis*.

Claro que isso não funciona e logo percebemos alguns olhares. Algumas pessoas ficam sem jeito de se aproximar em um momento que é particular dele, mas outras não se importam e pedem fotos e autógrafos e ele, pacientemente sorri e responde a todos.

Josh ama a *Dominium*, o sucesso e como aquilo mudou sua vida.

Mas voltando aos queijos.

— Estou pensando em cheddar, parmesão e Emmental.

Ergo a sobrancelha, descrente.

— Tudo isso? Por acaso você é um rato?

Ele sorri e meu coração maldito para. Claro que estou fazendo um drama básico, mas que eu sinto uma pontada no estômago, isso é verdade.

— Vou preparar algumas receitas e não seria nada mal um queijo para acompanhar um bom vinho.

Queijo e vinho, jantar à dois, Josh um pouco bêbado...

Acho que é uma boa ideia.

— Vou escolher o vinho, então. Aliás, vamos. Pegue os queijos e vem comigo.

Josh coloca aqueles que citou e mais uns dois por garantia. *Deus.*

Escolho um Cabernet suave e coloco no carrinho. Se tem algo que Paris me ensinou, foi a apreciar os bons vinhos; então observo Josh que encara o papel com sua lista de compras nas mãos, a expressão grave enquanto pondera sobre alguma coisa. *Muito sexy.*

Melhor levar mais vinho.

— Parece que estamos montando uma adega — diz observando as três garrafas que peguei.

— Ou que criamos camundongos — resmungo.

— Vamos comprar alimentos de Natal, Ane. Vem.

Alimentos de Natal?

Não sei o que isso quer dizer e acabo perguntando.

— São coisas que ficam mais gostosas de comer nessa época. Vou comprar presunto e ingredientes para assarmos biscoitos e uma torta de abóbora. Mas podemos pegar um preparado para chocolate quente e ainda vamos assar peru e rosbife. Não! Eu mesmo vou fazer o chocolate.

Meus olhos quase saltam das órbitas, ou ele está com muita fome ou tem compulsão por compras.

— Vai levar o mercado inteiro, não exagera, Josh.

Ele abre um sorrisinho de lado e encara o carrinho que já está se enchendo e por um momento penso que vai dizer que concorda e deixar metade das coisas.

Mas, então o telefone dele toca.

Josh olha o visor e seu sorriso morre no mesmo instante; faz um sinal para que eu espere e se afasta pra atender.

Com certeza deve ser uma daquelas safadas que vivem no pé dele.

De onde estou esperando, percebo suas reações ao telefone. Ele parece irritado e acho que está xingando alguém.

Não demora muito e ele desliga, pelo que percebo parece ter desligado enquanto a outra pessoa ainda falava.

Chega perto de mim outra vez e sua expressão se suaviza um pouco. Noto parte da raiva dele se dissipar, mas ainda assim seus olhos estão diferentes e sua expressão fitando a comida é um pouco bizarra. Parece encará-la determinado.

— E então? Vai tirar um pouco disso aí?

Josh nega com um gesto.

— Não, nós vamos é pegar mais comida. Bem mais.

Quem sou eu pra negar se quem vai cozinhar é ele? Que seja.



Quando chegamos em casa, descarregamos as compras sobre a mesa e Josh começa a guardar tudo nos armários; acho que a maioria das coisas nos lugares errados, mas isso não importa realmente.

Ainda não parece estar bem-humorado e resolvo sondá-lo.

— Você ficou diferente desde que te ligaram no mercado.

Ele me olha sobre o ombro e sorri, parece forçado.

— Diferente? Eu fico um pouco irritado quando são assuntos de família.

— De família? Sua mãe está bem?

— Está ótima, viajou pra um cruzeiro de Natal.

Estranho. Se não é com ela...

— Seu pai? Você teve alguma notícia dele?

Pelo que sei o pai dele, assim como o meu, o abandonou anos atrás e nunca mais Josh falou dele ou o viu.

— Não — ele responde, mas acho que sua voz falhou de alguma maneira. Está mentindo pra mim? — É só que minha mãe viajou e esqueceu de deixar comida pro gato e fico irado com essa falta de atenção.

—Ahh entendi, vai ter que ir até lá? Percebi que ficou muito irritado, mas pode mandar alguém em seu lugar.

Ele pega os enlatados e continua o trabalho de tirar as compras das sacolas e guardar.

— Vou pensar nisso depois.

O tom de voz dele mostra que não quer falar sobre o assunto, então decido ceder terreno dessa vez.

— E então? Vai fazer o que hoje?

— Ficar em casa. Por quê?

Abro um sorriso inocente.

— Pensei que podia cozinhar pra almoçarmos já que tem tanto dom e podemos nadar um pouco depois.

Ele assente sem hesitar. Pobre e inocente Josh, ainda não viu meu novo biquíni.

— Vou te ajudar, então. — Me ofereço sem ter ideia do que precisa ser feito.

Josh me olha por sobre o ombro e abre um sorriso; o primeiro sincero

desde que recebeu a ligação no mercado.

— Vai me ajudar fazendo exatamente o quê? — Questiona, duvidando com razão das minhas habilidades culinárias.

Dou de ombros, sorrindo.

— Tudo bem, vamos fazer um prato muito especial e vou precisar que faça uma parte importante do trabalho, anjo.

Me aproximo para ver o que ele está retirando de dentro da sacola e ele para, fazendo um suspense e então, me entrega pacotes de salgadinhos enquanto pega um dos seus queijos.

— Eu devia saber que você não cozinhava droga nenhuma.

— Vou te surpreender, tenho certeza disso, mas não vai ser agora. Depois que deu a ideia da piscina, fiquei pensando e acho que é melhor irmos logo. Faço um jantar decente...

— Então vou almoçar salgadinhos?

— Quando eu cozinhar, vai comer tanto que a piscina vai estar fora de cogitação.

Balanço a cabeça, ainda descrente.

— Então tá, vou me trocar e te encontro lá em cima. — Deixo os salgadinhos sobre o balcão da cozinha, ao lado dele.

Josh concorda e retirando a embalagem do queijo, começa a picar tudo em uma tábua de frios e me distancio seguindo em direção ao meu quarto.

As minhas coisas ainda estão nas malas sobre a cama e abro uma delas retirando o pequeno pacote de dentro e sigo para o banheiro; sinto um frio na barriga diante da expectativa porque por mais que eu aja com confiança e determinação, por dentro sou um poço de ansiedade e receios.

Algumas mudanças no meu visual podem ser o bastante para que Josh entenda de uma vez por todas que cresci, mas não sei se bastarão para fazê-lo

agir e tirar nossa relação dessa zona terrível que não é de amizade, nem de nada... No momento é algo esquisito e sem definição alguma e é difícil manter a confiança constante.

Tiro os sapatos os deixando em um canto e sinto meus pés se afundando no tapete felpudo; abro o pequeno pacote, tirando de dentro dele as duas peças minúsculas.

O biquíni que comprei em uma boutique que importa peças íntimas brasileiras, é dourado e pequeno, a calcinha fio dental e com dois cordões para amarrar nas laterais, assim como a parte de cima.

O visto e faço um muxoxo ao me ver dentro dele no espelho que me mostra meu reflexo de corpo inteiro; Thierry me ajudou na escolha e garantiu que poderia matar um homem do coração, mas não sei se devo confiar muito no que ele supõe atizar um homem hétero, afinal ele não é um.

Coloco um vestidinho curto por cima, de modo que eu tenha a oportunidade de me revelar diante do olhar atento dele e torço para não ter exagerado.

Quando estou saindo noto o visor do meu celular se acender com uma chamada e percebo que é um número desconhecido e por isso mesmo, ignoro.

Chego à piscina e Josh já está lá; colocou uma bandeja na borda de modo que possamos pegar os salgadinhos e o queijo sem precisar sair da água e trouxe também algumas cervejas e refrigerantes.

Ele usa uma camiseta preta sem mangas e os braços fortes estão à mostra; a bermuda branca cobre suas pernas, mas espero que tenha uma sunga ali embaixo e que eu a veja logo.

Ele se vira quando me ouve chegando e passa a mão sobre os cabelos claros que caem um pouco sobre olhos azuis.

— Você demorou — diz abrindo um sorriso. Seu humor parece ter voltado de certa forma ao normal.

Sorrio em resposta e olho ao redor. Como senti falta desse lugar; a casa toda é incrível, mas essa piscina e os arredores, são como Julia descreveu certa vez, um verdadeiro oásis.

As plantas e os arbustos ao redor, a água límpida no centro, a cascata lateral, tudo faz com que o lugar pareça uma ilha paradisíaca.

— O que foi? — A voz dele interrompe meus devaneios.

— Nada, estou observando outra vez como esse lugar é lindo. Senti falta daqui — respondo com honestidade.

— Não deveria voltar então...

Quem sabe — penso comigo mesma.

— Entra logo, Josh. Sabe que preciso que sinta a temperatura da água antes que eu me arrisque.

O sorriso dele se expande.

— Eu liguei o aquecedor, Ane.

Cruzo os braços esperando que ele entre e com uma expressão frustrada ele retira a camiseta e a bermuda e...

Meu Deus do céu!

Sempre adorei sungas e cuecas brancas e sinto meu rosto se aquecer diante da visão das coxas grossas e do abdômen marcado.

Eu preciso corar lembrando minha virgindade a mim mesma o tempo todo? É urgente que eu me livre dela.

Desvio o olhar dele antes que seja pega em flagrante.

Com um salto perfeito, ele pula na piscina espirrando água para todos os lados, inclusive em mim que contenho um gritinho.

— Anda, Ane... — O vejo passar a mão sobre o rosto e atirar o cabelo molhado para trás. É difícil me concentrar nos objetivos assim, com esse homem só de sunga e todo molhado.

Relembro as palavras de incentivo de Thierry, Julia e as minhas

próprias e me sinto mais confiante.

Com uma lentidão proposital ergo o vestido revelando meu corpo nas duas pequenas peças douradas.

Sinto o olhar dele preso em cada movimento meu e sei que o fogo que queima em seus olhos não é nada fraternal. Percebo que ele primeiro encara minhas pernas e vai me analisando aos poucos até por fim encontrar meus olhos.

Abro um sorriso inocente e solto os cabelos em um gesto que espero que seja sexy. Em seguida viro-me — dando a ele uma visão privilegiada do meu bumbum — e deixo o vestido sobre a espreguiçadeira mais perto, me curvando para isso.

Ouçó sua voz baixa de dentro da piscina.

— *Cacete...*

Sorrio sem que ele possa ver e então, me endireito e caminho até a beirada da piscina.

— Ane...

Antes de formular a frase direito o vejo engolir em seco e ergo a sobrancelha aguardando.

— Essa roupa, esse biquíni... de onde saiu isso?

Olho para meu corpo, como se apenas então notasse e o encaro outra vez.

— Ah, trouxe de Paris. Lindo, não achou?

A expressão dele é tão azeda quanto um limão seria.

— Eu achei muito pequeno. Acho que comprou o tamanho errado.

Ele então tenta sorrir e disfarçar, mas sai um pouco estranho, como se estivesse nervoso.

— Ah, Josh, sério? — digo sorrindo. — Não é pequeno assim.

Mostro a frente do corpo com um gesto e então viro-me de costas.

— Talvez na parte de trás seja mesmo pequeno. Você consegue ver o tecido?

Por alguns segundos ele não diz nada e espero enquanto seu olhar queima minha pele e causa arrepios pela extensão da minha coluna mesmo sem tocá-la.

— Não vejo nada, Ane.

Volto a olhar para Josh.

— Então é como se eu estivesse sem calcinha?

— Ane, essa conversa está...

— Esquisita? Também acho, não tem por que discutir se meu biquíni é decente ou não, estamos nós dois aqui, completamente a sós — dou ênfase no sós — e você e eu... Somos família.

Ele assente com um simples gesto de cabeça, mas vejo seu maxilar travado como se fosse um esforço não abrir a boca para dizer que aquilo o incomoda.

Caminho até a escada e entro na água; solto um suspiro de prazer ao sentir o calor em minha pele e mergulhando, chego até onde ele está parado.

Um braço apoiado para fora da água, os cabelos molhados, o tórax nu e um sorriso de quem claramente está tentando agir com naturalidade.

— Vamos comer?

Josh não me responde, apenas puxa a tábua com os frios para mais perto, mas seus olhos não deixam os meus.

Pego um refrigerante e o abro. Josh ainda me encara.

— Que foi? — pergunto por fim.

— Seu cabelo. Por que alongou ele?

Dou de ombros.

— Adoro ele assim. Você não gosta?

Parece inconsciente, mas ele estica a mão e pega uma mecha.

— Gosto. Eu gostava curto também.

— Também gosto do seu cabelo. — *sério, Ane?* — Me aproximo um pouco mais para tocar os fios molhados dele e quase encosto meu corpo no seu.

Ergo o braço, ficando na ponta dos pés e vejo seus olhos se desviarem para meus seios.

— Ane...

— O que? Sabe... Senti sua falta na França, de todos vocês, na verdade.

— Hum... — Os olhos dele voltaram para os meus e o azul em seu olhar ganhou um novo tom. Sua respiração está irregular e por mais que as vezes me sinta insegura, nesses momentos eu sei que ele sente ao menos desejo por mim. — Acho que talvez não devesse voltar, podia ficar aqui, anjo.

Anjo. Aquele apelido, enquanto seus lábios estavam tão perto do meu rosto. Pela primeira vez não achei que significasse algo inocente e ingênuo demais, parecia apenas uma palavra carinhosa e cheia de emoção.

— Não acho que eu deva, Josh, mas às vezes me sinto muito sozinha, sinto falta de estar com vocês.

Minha mão desce dos cabelos dele para a nuca.

— Fica — ele diz.

A palavra é carregada de algum sentimento que não consigo nominar e sinto quando a mão dele encontra minha cintura exposta, enviando eletricidade para todo meu corpo.

Sem responder, passo a outra mão em torno do seu pescoço e o envolvo em um abraço inesperado.

Meus seios comprimidos pelo seu peito, minha cabeça encaixada em seu ombro e a mão que ele tinha na minha cintura, escorrega um pouco e para

na base das minhas costas, pouco acima do meu bumbum.

— Anjo — a voz dele está alterada e sei que por mais que evite, me deseja tanto quanto eu o quero. — Acho que não devia me abraçar assim.

— Assim como? — pergunto e o aperto ainda mais contra mim.

— Você está com essa coisinha minúscula — diz se referindo a calcinha. — E molhada...

Solto um riso sarcástico.

— Com certeza estou molhada, mas não acho que seja um problema.

Josh me afasta um pouco para olhar em meus olhos e percebo que está me sondando para ver se o que eu disse realmente foi mal-intencionado, mas acho que não sou tão transparente.

— O que foi? Não sentiu minha falta?

— Claro que sim. Uma falta absurda, mas não é bom ficar assim.

— Assim? — Insisto em me fazer de boba.

— Seu corpo. Tão perto assim.

Dou uma risada, tentando fazer com que pareça que acho bobagem o que ele diz.

— Josh, você mesmo já disse várias vezes que me vê como uma menina, que somos como irmãos, não é?

Ele solta um suspiro pesado e então assente.

— Então, qual o problema? Eu sei que não sou uma garotinha, outros homens não me veem assim, mas você é diferente. Você não teria malícia com relação a mim mesmo que eu fizesse um topless, não é verdade?

Os olhos dele quase saltam de seu rosto bonito.

— Pelo amor de Deus, Ane! Eu estou me esforçando aqui e você fica falando essas coisas. Mantenha esse biquíni amarrado e no lugar.

Dou uma gargalhada.

— Tenho certeza de que pra você, não seria nada demais se eu ficasse

nua agora. Sabe que não seria ruim? Já nadou pelado, Josh? A água fria no corpo...

Os olhos dele se estreitam e finalmente ele parece se dar conta que a conversa não é tão inocente quanto ele supunha a princípio.

— Você está fazendo isso de propósito, Ane? Acho que não estou em frente ao anjo que eu imaginei.

— Não existem anjos apenas no céu, Josh.

A expressão dele é séria, ainda.

— Está brincando com fogo, Anelyse.

— Será que queima?

Josh balança a cabeça de um lado para o outro, não se conformando com o rumo da conversa, mas ainda me mantém em seus braços.

— Vou sair da piscina agora e vamos comer. Quando estiver com uma roupa apropriada vamos ver um filme e tudo vai ficar bem — diz e parece falar com ele mesmo, mas suas mãos estão ainda mais firmes ao redor de mim.

Observo sua expressão determinada.

— Ficar bem? *Está* tudo bem.

— Não, não está nada bem, eu não estou bem de jeito nenhum.

Quando ele diz eu entendo instantaneamente suas palavras. Afasto seu corpo um pouco e olho para baixo, avistando o volume em sua sunga.

— Para de olhar.

Josh se distancia um pouco mais e depois, sem olhar para trás deixa a piscina.

Vejo quando pega a toalha e seca os cabelos e depois a enrola na cintura.

— Ane, isso não é legal, sei que está brincando, mas já pensou em como isso é errado?

Sua voz é grave e quase tenho pena do quanto ele se sente culpado.
Quase.

— Não tenho ideia sobre o que você está falando, Josh. Foi só uma provocação. Nem parece que você pega uma mulher por noite.

— Porque eu não pego. Que conversa idiota é essa?

— Claro que sim, e as fãs, artistas e mulheres aleatórias saindo dessa casa sempre?

Seu riso é amargo.

— Sério? Nem lembro quando foi a última vez que trouxe alguém aqui.

— Isso não vem ao caso — retruco.

— Não vem? Você foi embora e mudou muito, Anelyse. Não estou sabendo como lidar com isso tudo.

Ele faz um gesto apontando pra mim.

— *Isso sempre esteve aqui* — respondo — Você que nunca me viu de verdade.

Seu maxilar está outra vez travado, o rosto duro e os olhos intensos.

— Você não tem ideia, Ane.

Com isso ele me deixa ali e volta para dentro da casa.

Mesmo assim comemoro e o vejo se afastar enquanto um sorriso enorme se abre em meu rosto.

Eu vou conseguir.

CAPÍTULO 05

ANE E O BEIJO NÃO FRANCÊS

Josh

Estou vivenciando uma situação um tanto quanto surreal. A princípio cheguei mesmo a acreditar que por mais tentadora e sensual que Anelyse fosse, estivesse agindo de modo inocente e sem se dar conta de como me perturba.

Mas agora vejo como fui imbecil em não entender antes que ela faz tudo isso de propósito.

Os abraços apertados enquanto usa pouca roupa, ficar me chamando de irmãozinho a todo instante, usando contra mim as palavras que eu mesmo disse, e agora esse biquíni. Não tem como tudo isso estar sendo feito na ingenuidade, ficou muito claro que sabe o que está fazendo e caralho, ela gosta disso.

Estou ferrado.

Quantas vezes eu a defendi de caras que queriam fazer exatamente aquilo que não sai da minha cabeça agora?

Não há a menor possibilidade de realizar essa fantasia.

Caminho apressado para o meu quarto, de pau duro pela terceira vez e isso sem contar nosso passado e entro logo no chuveiro.

Eu tenho trezentos motivos para não avançar as coisas, para não calar

aquela atrevida com um beijo e me enterrar nela como estou doido pra fazer.

Ashton o melhor amigo que eu tenho e eu não posso simplesmente comer a irmã dele e viver com esse segredo. Eu nem mesmo beijei Anelyse, não posso pensar em me casar com ela e que tudo vai ficar bem e seremos felizes pra sempre. Porque se as coisas derem certo entre nós, ok, mas e se não derem?

Não é apenas a amizade entre Ash e eu, a opinião da tia Eleanor sobre mim ou a decepção que eu poderia ser pra Ane. Vai além disso, é a *Dominium* e tudo que ela significa pra nós e pra tanta gente.

Se eu e ela nos envolvermos e as coisas terminarem mal, se Ash descobrir, tudo pode se transformar em um verdadeiro caos de proporções impensáveis.

A água quente cai sobre meu corpo enquanto tento enumerar todos esses motivos para não fazer nada disso; mas a imagem dela invade minha mente, Ane usando aquele pedaço de pano que chama de biquíni, me abraçando...

Seu corpo encostado no meu, a boca gostosa.

Cacete, Josh.

Preciso assumir que a ideia de negar que me sinto atraído por ela não tem dado certo, então vou tentar uma nova abordagem comigo mesmo. Admito que quero fod... transar com a irmã do meu melhor amigo, mas me proíbo de fazer isso. Não sou um babaca traidor.

Desligo o chuveiro e pego a toalha, seco meu corpo, os cabelos e me visto.

Vou sair e deixar ela na casa. Quem sabe se eu mantiver distância consiga me controlar mais fácil?

É isso. Vou evitar ficar sozinho com Anelyse.

Saio do quarto e a encontro deitada no sofá, na sala da entrada, bem

no meu caminho para sair da casa, claro.

Com o controle nas mãos, ela muda de um canal para o outro e graças ao deus dos bons amigos, finalmente está usando roupas. É um vestido curto e bem sensual, mas ainda assim está mais vestida que antes.

Quando entro na sala ela ergue os olhos para mim e abre um sorriso. Merda, eu tô muito fodido.

— Onde você vai? — Ela aponta para o capacete na minha mão e para as roupas quentes que coloquei.

— Vou sair, mais tarde eu volto.

Os olhos dela se estreitam, me sondando.

— Hum, pretende voltar hoje então?

Aceno concordando.

— Sozinho?

Que tipo de pergunta é essa? Preciso cortar isso que está acontecendo o mais rápido possível, seja lá o que for.

— Não sei. Por quê? Nossos quartos são distantes, não seria um problema de verdade se eu estivesse acompanhado.

Caralho. Me arrependo na mesma hora porque ela abaixa a cabeça e desvia o olhar.

Pode ser besteira, coisa da minha cabeça, mas ela me pareceu magoada e não é meu objetivo. Apenas preciso manter minhas mãos longe dela.

Eu sabia que Ane tinha uma queda por mim na adolescência, mas pra mim era coisa passageira. Não imaginei que ainda pensasse nisso, mas agora, não sei de mais nada.

— Ane...

Ela se levanta e sem me dizer uma palavra sequer deixa a sala e eu fico aqui, parado, me sentindo o cara mais idiota do mundo todo.

Vou atrás dela, claro, e a encontro na cozinha remexendo as sacolas, procurando alguma coisa.

— Não vai falar comigo, Ane?

Anelyse se vira e vejo a mágoa em seu olhar, mas vejo mais que isso. Ela está furiosa.

— Falar o que? Vai então, me deixa aqui sozinha e vai encontrar uma dessas piranhas que você costuma trazer pra casa.

— Anelyse! Olha só, isso é ridículo. Nem sei por que estamos brigando. — Não é exatamente mentira. — Você nunca se importou com isso antes.

Ela fica quieta por alguns instantes e então assente.

— Tem razão. Nunca me importei mesmo e olha que já vi milhares de mulheres com você.

Que exagero, eu não costumo trazer mulheres pra casa, tenho certeza de que se o fiz foram apenas duas ou três vezes. Antes que eu retruque aquilo, ela desiste do que quer que estivesse procurando e deixa a cozinha indo na direção do quarto.

Ela entra no seu mundo cor-de-rosa e eu vou atrás outra vez; a vejo pegando o celular sobre a cômoda e discando algum número rapidamente.

— Ane, vem cá, anjo — chamo, o que apenas faz com que ela me olhe ainda mais feio.

Coloca o aparelho no viva-voz e no terceiro toque ouço uma voz de homem encher o quarto e não é a minha voz. Anelyse olha sorrindo para a tela e percebo que a voz vem dali.

— *Mon petit! Achei que tivesse me esquecido...*

— Como se isso fosse possível. — Ela sorri e sinto um incômodo imenso bem no meio do peito.

Com quem ela está falando?

— Pensei que podíamos fazer alguma coisa. Infelizmente estou sozinha nessa mansão imensa, o Josh vai sair e não tem mais ninguém aqui, então tive uma ideia.

Que espécie de sorriso insinuante é esse?

— Eu ainda não saí, Ane. Desliga isso, vamos conversar e depois você liga pro seu amigo.

Ouçó a risada do francês idiota e aquilo me enche de raiva.

— Josh, por favor me deixe sozinha. Eu e Thierry temos muito o que conversar.

— Então quer dizer que de repente está tudo bem se eu sair?

Nem eu mesmo sei do que estou falando. Não queria que ela ficasse chateada e agora que está agindo como se só estivesse me esperando sair, o sentimento também não é nada bom.

— Mas *está* tudo bem. Claro que o tempo não está bom, principalmente para sair de moto. Começou a nevar, não viu? Dizem que a cidade vai ficar coberta pela neve em poucos dias, mas se você não pode ficar sem ir ver uma mulher qualquer por uma noite, paciência.

Eu nem mesmo pensei em neve, em sair de moto naquele frio congelante. Só pensei em manter distância, mas agora...

— E você vai ficar aqui? Falando com esse cara?

Ouçó o riso sarcástico do francês outra vez e então sua voz me alcança outra vez.

— *Acredito que conversar seja a última de nossas intenções. Non, mon chéri?*

— Oui! — Ouçó Anelyse responder e me vejo sem reação diante daquilo tudo. Ela, meu anjo não pode estar pensando...

— Vai ficar aqui, Josh? É uma coisa íntima nossa. Infelizmente tenho que me contentar com isso no momento, não posso pegar minha moto e ir até

a França.

Então eu explodo.

— *Sexo virtual?* Só pode estar ficando louca! Você não vai voltar pra França, Ane. Vou fazer tudo o que puder pra garantir isso.

Dou a volta atrás dela e encaro o homem na tela. *Porra*, é o mesmo da foto na cama dela.

— E você... Vai chorar na beira do rio Sena porque a garota vai passar a noite comigo.

Sem dar tempo para que ela me questione, aperto o botão e encerro sua chamada.

Ane se vira para mim, as bochechas vermelhas de raiva.

Eu aguento. Fiz por merecer, me intrometi no que não é da minha conta e ainda dei a entender pro outro uma coisa que não é verdade. Mas, não me importo, aguento firme a raiva dela desde que não precise imaginar os dois em uma conversa íntima enquanto ela se toca... de jeito nenhum.

— O que foi isso, Josh? Você sugeriu pro Thierry que eu ia ficar com você!

— Você sugeriu pra mim que pretendia fazer sexo por celular com ele.

— Ninguém *sugeriu* nada. Acredito que tenha ficado muito claro quando pedi que saísse do quarto o que eu pretendia com ele, e qual o problema? Thierry e eu já dormimos juntos e isso não é da sua conta.

Aquelas palavras são como um soco bem no meio do meu rosto barbeado. Tudo bem que ela chegou a me dizer que outros caras estiveram na sua cama, mas eu não quero ouvir nada disso. Virgem. Ela era virgem, meu Deus do céu.

Me afasto de costas sem saber bem como agir e deixo meu corpo cair sobre a cama dela.

— Josh... que foi agora? — Ela se aproxima ainda irritada, mas curiosa.

— Você não é mais... Você transou com esse merdinha, Ane?

Ela fica quieta e seu silêncio apenas confirma tudo que as palavras já haviam me dito.

— Eu não sei o que dizer. — Tento colocar minha cabeça no lugar, mas imagens dos dois juntos ficam invadindo minha mente. — Por quê?

— Por que não, Josh? Eu sou solteira e adulta. Sexo é uma coisa natural.

Ela tem razão, sei que está certa, mas o peso que sinto no estômago me dá a ideia contrária, de que aquilo está muito errado.

— Sei que não tenho nada com isso, desculpa se tenho agido de maneira irracional, eu... Não sei o que fazer com você.

Anelyse está com os braços cruzados e não espera que eu conclua.

— Pode ser difícil pra você e meu irmão aceitarem, mas suas opiniões a respeito não vão impedir que eu viva minha vida e faça minhas escolhas.

Cubro o rosto com a mão. O que eu vou dizer? Que só de pensar nela com esse cara sinto vontade de vomitar? Eu não tenho esse direito.

Mudo meus planos e o foco da conversa de uma vez.

— Vem, vou fazer aquele jantar que prometi e depois podemos ver um filme. Eu não vou sair.

— E sua acompanhante? — Pergunta teimosa.

Abro um sorriso contido. Ela também não gosta da ideia de me ver com outras mulheres.

— Não tinha ninguém. Você sabe que me enxerga de um jeito que não é a realidade, não é? Se eu ficasse com metade das mulheres que você pensa, provavelmente eu seria o Tray.

— Não, o Tray é bem pior que você. Mas ainda assim dividiu aquelas

gêmeas com ele...

Me sinto um pouco confuso. Não tenho ideia do que ela está falando.

— Dividi quem?

— As gêmeas nojentinhas. Elas queriam o Ash e depois que ele ficou com a Ju você trouxe uma pra casa e o Tray a outra. Eu vi vocês no corredor no outro dia de manhã.

Ah. Eu me lembro bem desse dia e de tudo que não aconteceu antes disso.

— Anjo, você me provocou naquela festa e eu pensei que estivesse brincando comigo, mesmo assim preferi que imaginasse que nosso embate no quarto do Azal não tinha significado nada, eu... achei melhor que pensasse que tinha ficado com uma delas.

Ane ainda me encara com descrença.

— Elas queriam um ménage com o Ash e encontraram isso com Tray. Eu só sai para o corredor na hora que ouvi o vidro se quebrando e por azar ou sorte você chegou bem na hora, e eu preferi deixar que acreditasse naquilo.

— Josh! Eu decidi ir embora... — Ela começa a dizer, mas então seu olhar se desvia do meu e encara o chão.

Quero pedir que conclua o que começou, mas não tenho certeza de que quero ouvir isso, de que vou reagir bem se levarmos esse assunto adiante. Também não quero que ela fique triste ou pior, feliz demais aqui, com o francês. Então vou ficar em casa, com ela, correndo riscos que não deveria e torcendo para que Anelyse seja mais sensata.

Estendo minha mão para ela e por um momento espero com o coração em suspenso. Ane me encara e é tão linda que me mata ter que manter as coisas apenas como estão.

Ela coloca a sua mão na minha finalmente e juntos deixamos o quarto de *Penélope Charmosa* da minha pequena adulta.

Chegamos na cozinha e Ane se senta no balcão enquanto me observa escolher uma lasanha congelada e colocar no forno.

— Sabe de uma coisa? Acho que fui enganada. — Ouço a indignação em seu tom. — Você não cozinha nada, Josh Nicols.

Dou risada de sua constatação.

— Bom, eu posso ter exagerado um pouco meus dotes culinários, mas eu faço biscoitos. Aprendi com a minha mãe...

— Menos mal. Que dia vai fazer os biscoitos?

Pego uma das garrafas de vinho que ela trouxe e abro, servindo em duas taças antes de finalmente sentar-me ao seu lado esperando nosso jantar ficar pronto.

— Se continuar a nevar assim, podemos fazer amanhã — respondo.

— Claro que vai continuar, mas por que isso? Sem neve, sem biscoitos?

Faço um gesto afirmativo.

— Biscoitos de Natal só combinam com neve. E por falar em Natal, tem notícias de Julia e Ashton?

Ane desvia os olhos do meu e toma um gole do vinho; estranho seu gesto, não foi uma pergunta inconveniente.

— Eles vão chegar apenas na semana que vem. Antes do Natal apenas por um ou dois dias.

Sua resposta me incomoda e ao mesmo tempo me dá uma sensação prazerosa que não devia sentir, pelo fato de ter mais alguns dias sozinho com ela. Na verdade, acho que Ashton comentou isso, mas fiquei tão distraído quando ele disse que Ane viria pra casa que nem me atentei.

— São muitos dias...

— Uma semana, pouco mais que isso — ela responde.

— E o que pretende fazer durante esse tempo?

Ane apenas dá de ombros.

— Nada, vou ficar por aqui descansando e você?

— Essa época do ano eu acabo me ocupando um pouco, patrocino alguns projetos que ajudam famílias necessitadas em nome da banda e cuido pessoalmente das entregas. Umas coisas assim...

Ela assente, está ciente disso porque já faço tem alguns anos.

— Por que não envia alguém? — Me pergunta.

— Por vários motivos. Um deles é que não confio em outras pessoas para isso, tenho medo de entregar nosso dinheiro na mão de algum mau caráter e a comida não chegar até aqueles que precisam. E é Natal. Essas pessoas já estão contando com as doações e não posso delegar isso para outras pessoas que podem agir de má fé.

— Então você faz o que?

— Eu vou até as instituições, eu mesmo levo a comida. Ajudo a distribuir entre os que moram lá e ajudo também algumas famílias no bairro de onde viemos. Mas tenho um outro projeto, o principal.

— Às vezes penso que... apesar de tudo que passamos com meu pai, depois que ele desapareceu e nos abandonou, mesmo assim fomos privilegiados porque nunca passamos por necessidades — ela comenta, pensativa.

— Não foram privilegiados, sua mãe se esforçou muito por vocês. Os pais do Tray já tinham morrido e o meu cheirava todo o dinheiro que minha mãe ganhava, então as coisas eram mais difíceis pra nós e pra outras famílias ali em situação parecida ou ainda pior.

Ane parece ponderar o que eu disse.

— Acho que foi bom eles terem desaparecido. Meu celular tem tocado há dias e na única vez que atendi, me disseram que era sobre o meu pai. Desliguei e agora deixo as chamadas caírem na caixa postal.

Ignoro o fato dela pensar que meu pai está perdido no mundo. Ninguém sabe, Tray, Ashton e eu enterramos muito bem o paradeiro dele, pagando as pessoas certas para que ninguém descubra o que houve com ele e prefiro não trazer o assunto à tona. Por mais que esteja chegando o momento de visitá-lo na prisão.

— Por que não atende e descobre o que ele quer? Quem sabe esteja em busca de uma reaproximação? Tem uma neta agora...

Tento ser sensato. O pai dela é um escroto, mas ao menos não é um assassino, podia ser pior.

Ouçó o barulho do forno, que indica que a lasanha está no ponto e me levanto para retirar.

— Sêrio? Acredita mesmo que seja isso? Meu pai saiu de casa como se não tivesse um tostão no bolso, mas tinha ganhado uma fortuna e nunca nos mandou nem mesmo o que nos devia como pensão. Minha mãe ralava em seu emprego tentando nos manter da melhor forma possível e ele simplesmente torrando todo o dinheiro que ganhou sem nem mesmo se lembrar que tinha uma família.

Realmente o cara foi um babaca. Existem sempre aqueles pensamentos sobre o que faríamos caso ganhássemos um prêmio milionário na loteria e sempre tem aquelas pessoas que dizem que iriam sumir no mapa. Foi exatamente o que aconteceu e o que ele fez.

Saiu um dia e nunca mais voltou. Mais tarde descobriram que ele havia sido o ganhador do prêmio e que tinha embolsado tudo antes de desaparecer e abandonar a família.

— É, ele não ganharia o prêmio de pai do ano... — admito.

Ouçó sua risada irônica enquanto corto a massa em duas partes e coloco nos pratos.

— Até mesmo o seu pai é melhor, Josh.

Também não é pra tanto. O meu matou a amante na véspera de Natal e bom, que eu saiba o pai dela nunca ergueu a mão para eles. Mas isso guardo para mim.

Coloco os pratos sobre o balcão e encho nossas taças outra vez, sem ter certeza de que aquela é mesmo uma boa ideia. Quando me aproximo vejo Anelyse cruzar as pernas e isso me chama atenção para a forma como está vestida.

Não que depois daquele biquíni o vestido justo seja tão indiscreto, mas ainda assim se molda as suas curvas com perfeição e atrai meu olhar para os lugares que não devia.

— Eu quero ir com você...

— Onde? — pergunto sem saber exatamente sobre o que está falando.

— Fazer as doações. Acho que vai ser bom fazer algo diferente e útil com meu tempo livre.

Mais tempo juntos. Mesmo assim me vejo concordando, afinal, o que pode dar errado se já estamos juntos na mesma casa? Ao menos vai ter mais gente e ocupações.

— E então... — Volto ao assunto que me incomoda desde o início da noite. — O francês no telefone, quem exatamente ele é?

Ane estreita os olhos pra mim e me responde com outra pergunta.

— Por que quer saber?

Abro um sorriso tentando parecer que não há nada por trás da minha curiosidade e acho que funciona, porque ela volta o olhar para a taça que tem nas mãos e para a comida.

A vejo levar o garfo aos lábios e comer um pedaço da massa, antes de se voltar para mim outra vez.

— O nome dele é Thierry, é professor na faculdade que estudo.

Ane se assusta com o barulho que meu garfo faz ao encontrar o prato

e me olha alarmada.

Professor? Isso é uma falta de respeito absurda e deixo bem claro o que penso.

— Que tipo de faculdade aceita relacionamento entre professores e alunos? — Me levanto puto. — Olha só, Ane, ou você desiste de voltar pra França ou seu professorzinho vai ser demitido. Tenho certeza de que vão adorar saber que ele faz sexo virtual com suas alunas.

Ane abre os olhos ainda mais, surpresa com minha ameaça, mas se levanta e me encara sem demonstrar medo algum. *Merda.*

— Você é louco, Josh? Por favor, não estrague o jantar com esse territorialismo idiota e se você fizer Thierry perder o emprego, eu te mato.

Estragar o jantar? Nem fome eu sinto mais, ela está defendendo esse sem-vergonha.

— Vai defender ele agora? Acha que estão agindo certo? Um professor seduzindo uma menina inocente.

Ane se aproxima mais e seus olhos brilham com a raiva que tenta conter e algo mais. Algo mais perigoso e que envia uma mensagem direto pra dentro das minhas calças. *Cacete.*

— Ane, não chega perto assim... — Peço desviando os olhos dos seus.

— Sabe por que o estou defendendo, Josh? Porque ele não me seduziu. Thierry apenas é homem demais para resistir a uma mulher que sabe o que quer. Uma mulher que estava na frente dele, dizendo claramente que o queria.

Essa pirralha está me dando uma indireta? Então agora eu não sou homem o bastante porque não quero sair arrasando com tudo?

— Quer dizer que você deu em cima dele? — Meu estômago revira outra vez, se apertando com a ideia.

— Não precisei fazer muito, foi apenas um beijo e ele fez o resto.

Só de imaginar *o resto* sinto meu peito se afundar e isso é muito ruim, eu não deveria me importar tanto assim. Mas minha mente depreciativa fica imaginando tudo e de repente quero muito saber se ela gostou, se ela sente alguma coisa por ele, se é mais que algo casual.

Casual, meu anjo fazendo sexo casual. Nem sei qual das opções é pior.

— E como foi?

Ela me olha confusa por um momento, mas logo percebo que entendeu o que quero saber.

— O resto? Não acho que seja natural discutir isso com você, que é como um irmão pra mim.

— *Irmão, o caralho.*

Assim que as palavras saem da minha boca eu percebo muito tarde que falei demais, eu devia ter ficado quieto, mas não aguento mais essa história.

— Ah não é meu irmão? — Ela pergunta sorrindo. Essa menina não tem nada de anjo.

A encaro com a expressão fechada, meu maxilar trincado enquanto tento me controlar para não dizer o que penso, não fazer o que quero.

— Então não acho que seja um problema se eu te mostrar o que eu precisei fazer para que ele cedesse, não é?

É um puta de um problema, mesmo assim eu não consigo dizer para que ela se afaste. Percebo suas intenções e meu cérebro grita que eu deveria afastá-la e sair dali. Meu pau pulsa de vontade de fazer exatamente o contrário e eu fico parado, dividido entre as duas coisas, entre o certo e o errado. A razão e o desejo.

Minhas mãos estão fechadas com força enquanto tento decidir o que fazer, mas como não digo nada, ela entende que pode avançar.

E cacete, ela avança.

Ane me fita com seus olhos escuros e espalma as duas mãos no meu peito, que sobe e desce com a respiração irregular, fica na ponta dos pés e cola os lábios aos meus; sua boca macia, suas mãos quentes, me pedindo permissão. Assim, com os olhos abertos, me encarando.

Ela se afasta e me beija outra vez com mais intensidade e então me deixa de novo e sorri.

— Bom, não foi bem assim que ele reagiu.

Anelyse se vira e caminha para deixar a cozinha e seu cheiro me invade. Quando ela me dá as costas sinto seu perfume e antes que dê três passos eu a alcanço e sem pensar mais a seguro pela mão. A viro em minha direção, puxando seu corpo de encontro ao meu.

O corpo delgado e macio se choca contra a firmeza do meu peito e envolvo sua cintura com umas das mãos, enquanto a outra afundo em seus cabelos loiros. Ela sorri, a diaba sabia que eu não ia resistir.

Com possessividade beijo sua boca e sem hesitar a invado com minha língua, ouvindo um arfar de rendição escapar de seus lábios. Aperto seu corpo contra o meu e a beijo com desejo enquanto a faço sentir a ereção latejante contra seu sexo.

Gostosa pra cacete.

Ane não perde tempo e suas mãos sobem para minha nuca, mas logo descem segurando meus braços e passeando pelo meu tórax, como se quisesse sentir tudo de uma só vez.

Deixo seus lábios enquanto inalo seu cheiro e beijo seu pescoço. Tão deliciosa, caralho. Assim eu não vou conseguir parar; tenho me controlado por tanto tempo que agora tudo que quero é me enterrar nela e esquecer seu nome e o meu.

A mão dela sobe minha camiseta, por baixo da jaqueta, e a sinto sobre

minha pele me queimando, enquanto volto a devorar sua boca gostosa e ela geme meu nome em um tom de voz que nunca ouvi antes. Apesar de ser um tesão, também serve como alerta e me tira desse transe antes que eu acabe chegando a um ponto que não tenha mais volta.

Salpico alguns beijos em seus lábios antes de nos afastar e a olho ainda com a mão entre seus cabelos fartos, esperando que nossas respirações se regularizem.

E então, para quebrar a tensão que se instaurou entre nós, eu falo com um sorriso que espero que esconda tudo que está acontecendo dentro de mim agora.

— O beijo dele foi melhor que esse?

Anelyse abre um sorriso em resposta e se afasta de mim. Ela já está distante, indo na direção dos quartos quando ouço sua voz outra vez.

— Nenhum beijo seria, Josh — ela diz. — Mas ao menos ele costuma terminar o que começa.

Maldita.



CAPÍTULO 06

DESENCONTROS

Josh

Porra de mulher irritante.

E agora? Como eu vou agir normal sem me lembrar de a ter beijado? Como vou encarar Ashton ou a mãe deles, sabendo que ultrapassei um limite que não devia?

Irmão o caralho. Eu disse isso, saiu da minha boca, porque é lógico que sei que nunca fomos irmãos de verdade nem nada assim, mas essa era minha defesa, a única desculpa que eu tinha para manter as mãos e os olhos longe dela.

Agora dei o aval que ela precisava para continuar as provocações e prosseguir me tentando; e se não parar com isso... Sete dias com Anelyse é muito tempo.

Meu celular toca e imediatamente já sinto meu coração disparar. Ultimamente ele só toca com notícias do meu pai, intimações da minha mãe para que eu vá visitá-lo, ou Ashton. Nenhuma das opções me parece atraente agora.

Observo o visor que se acende e fico um pouco mais calmo. É apenas Tray.

— E aí, cara? — atendo no terceiro toque.

— *E aí, Joouoosh!* — Ouço sua voz e já sei que está sorrindo. — *Sentindo minha falta, flor?*

Abro um sorriso com a palhaçada. Nunca vou admitir, mas realmente estou sentindo falta dos dois idiotas. Dividimos a casa há tempo demais.

— De jeito nenhum. Por que não fica por aí de uma vez? Está muito melhor sem você aqui.

Ele solta uma risada estridente.

— *É mesmo, seu puto? Então está gostando de passar um tempo sozinho com a pirralha?*

Fico quieto no mesmo instante. Imbecil. Como ele sabe que Ane está em casa?

— *Ah, pensou que eu não soubesse que você e a Ane estão aí, com a casa inteira só pros dois? Espero que esteja aproveitando, cara. O Ash vai te matar mesmo, então pelo menos morra feliz.*

— Que porra é essa, Tray? — Me recupero rapidamente. — Sabe que não vou fazer nada disso, ela é como...

— *Uma irmã! Caralho, Josh, você é muito idiota se pensa que alguém compra essa. A Ane não é sua irmã e tenho certeza de que não pensa assim e nem você. Só se engana. Cara, eu entendo, juro, porque se o Ash descobrir... Mas você não é como nós. Como eu, porque agora o Ash é um santo. Você sempre foi melhor que tudo isso, cara. Se alguém merece... bom, você sabe. Não vou continuar nesse assunto que te deixa nervosinho.*

Fico quieto outra vez. Tray sabe de tudo, ele sempre sabe, por mais que finja ser o menos interessado em tudo e todos.

— *Bom, eu vou passar o fim de semana com a Jas e depois volto pra casa.*

A mudança de assunto me deixa mais relaxado.

— Como ela está?

— *Jas? Ainda não a vi, mas tive que insistir muito para que viesse. É bizarro porque ela é a melhor amiga que tenho desde sempre, mas desde que as coisas deram certo com a banda, ela me evita o máximo que pode. Mas eu não a deixo se esquivar muito, sabe disso...*

Dou risada do comentário dele. É verdade. Os dois eram como unha e carne, unidos desde crianças. Tiveram uma criação semelhante porque Jasmim também foi criada pela avó e, tanto um como o outro, tiveram uma situação financeira tensa e complicada.

Quando a carreira de Tray deslanchou, ele tentou ajudar Jasmim e a avó. Na época eles tiveram um breve envolvimento, mas acabaram terminando. Na verdade, ela terminou e acho que Tray nunca superou.

Jasmim arrumou emprego como assistente de um rico e rejeitou toda ajuda que Tray ofereceu. Depois disso, só nos vemos uma ou duas vezes no ano, quando Tray força e ameaça ir atrás dela; aí ela aparece por um ou dois dias e depois volta para a rotina corrida de sempre.

— Quem sabe consegue convencer ela a aparecer pro Natal? Seria bom.

— *Cara, ideia genial! Vou tentar, mas sabe como ela é... Sempre fugindo.*

— Sei — respondo ainda rindo.

— *E cara, vou desligar agora. Acho que ela tá chegando. E fica tranquilo, eu não vou contar pro Ash.*

— Contar o que, babaca? Eu não fiz nada ainda.

— *Ainda? — ele gargalha do outro lado. — Eu sabia.*

Porra. Preciso ficar policiando tudo que falo.

Desligo o telefone na cara dele e ando de um lado para o outro pensando no que fazer; não posso prosseguir com essa insanidade. Por mais que ela não seja minha irmã, não posso arriscar tanto. Arriscar as pessoas que

significam tanto pra mim e a banda.

Com o celular ainda na mão, vou até o frigobar no canto do quarto e pego uma cerveja. Tomo um gole enquanto ligo pro Ashton e depois de chamar algum tempo, ouço uma voz de mulher atender.

— *Oi, Josh. O Ashton saiu com a Ashley* — Julia explica quando atende.

— Oi, Julia. Pode falar com ele que liguei? Preciso conversar sobre umas coisas...

Ela fica quieta por um instante e acho que já sabe exatamente meus planos.

— *Quer que eu adiante o assunto?* — Pergunta, curiosa.

— Na verdade quero saber se ele viu a foto que a Ane postou. Tinha um cara pelado na cama dela e eu não gostei disso; preciso que ele converse com ela porque já tentei falar, mas ela está me deixando louco.

Julia tenta esconder, mas percebo que está rindo de mim.

— *Estou vendo que sim. Escuta, Ashton já viu a foto sim e ficou muito bravo, mas conversei com ele. É normal que ela tenha fotos do namorado nas redes sociais.*

Cara, eu vou ter um infarto agora mesmo. Quem é essa menina que voltou de Paris? A Ane não daria em cima de mim descaradamente, namorando outro cara. Pra começar ela nem namoraria ninguém.

Julia deve estar enganada.

Ela me beijou, porra! E eu perguntei claramente quem era o cara e ela disse que era o professor. Se bem que nem a deixei concluir. Será?

— Ane está namorando? Mas ela não me disse nada disso. Tem certeza?

— *Absoluta! Ela mesma me contou.*

Sinto uma raiva incontrolável dentro de mim, a mesma fúria que senti

quando ela foi embora. Em um instante estou segurando a garrafa com força na mão e no outro ela é atirada contra a parede, e os cacos e o líquido são espalhados pelo chão.

— *Josh! O que foi isso?* — Ouço a voz de Julia do outro lado.

— Um acidente, quebrei uma coisa aqui... Julia, vou desligar, depois conversamos mais. Não precisa falar pro Ash que liguei.

— *Tá bom, então.*

Desligo e jogo o celular sobre a cama. Cacete. Meu anjo namorando... *meu demônio*, porque um anjo não faz as coisas que ela tem feito.

Observo os cacos de vidro no chão e me sinto da mesma forma, destruído. Caralho, eu não posso me sentir assim.

Deixo o quarto e vou atrás dela. Bato na porta que a separa de mim e pouco depois ela a abre; seus olhos me encaram um pouco apreensivos. A determinação e a provocação de antes não estão ali mais e vejo que tem o celular nas mãos; com certeza Julia já ligou e contou que deu com a língua nos dentes.

— Oi, Josh. O que foi?

Empurro a porta que ela segura com uma das mãos e entro no quarto.

— Ane, tá namorando aquele cara?

— Que cara? — Ela pergunta me dando as costas e caminhando na direção do banheiro.

Ela está fugindo de responder.

— O professorzinho de moda. Quem namora um professor de moda?

— O nome dele é Thierry, Josh. E sim, ainda estamos namorando.

— Ainda? Então vai largar ele, né? — Me aproximo e seguro em seus braços levemente, a virando de frente pra mim para que me encare.

— Por quê? — Ela retruca. — Vai me oferecer alguma coisa? Porque não acho que um beijo te dê o direito de exigir que eu termine com meu

namorado.

Solto seus braços e lhe dou as costas. Suspiro passando as mãos pelos cabelos. Ela está certa, claro que está, mas isso não impede que eu fique louco da vida.

— Ane, eu sei disso tá legal? Mas você não pode agir assim. Dando em cima de mim, me beijando e namorando esse francês. Não é assim que funciona.

Ela assente, concordando.

— Tem razão, Josh. Me desculpe pelo modo que venho agindo.

Isso! Até que enfim ela criou juízo e vai largar esse desgraçado.

— Não vou mais brincar assim com você. Thierry não merece isso.
O quê?

— Mas que porra você tá falando? Ele não merece? Você tem é que terminar esse namoro.

— Percebe que isso não faz o menor sentido? — Ela questiona. — Vou terminar um relacionamento sério, com alguém que gosta de mim e que, aliás, não tem pavor do meu irmão, para continuar brincando com você que nem mesmo queria me beijar?

— Mas que merda, Anelyse. Claro que eu queria te beijar e eu não tenho medo do Ashton. Não é isso e você sabe muito bem que não é. Quer que eu faça o quê? Que arrisque a amizade que tenho com a sua família? Que coloque a *Dominium* em risco e que jogue tudo pro alto em nome de quê? Tesão?

Na mesma hora vejo seus olhos se encherem e percebo que a magoei. Eu não quis dizer isso...

— Ane, anjo, não quis dizer que você não valeria a pena. É só que... Eu não sei o que fazer, merda. Mas... larga ele.

Eu sei bem que o que estou pedindo é errado, que não deveria pedir

algo assim se não ofereço nada em troca. Mesmo assim não consigo evitar, porque não posso imaginar ela com esse cara ou com qualquer outro.

— Foi exatamente o que disse, Josh. A banda é mais importante e o que quer que sinta por mim não chega nem perto do que sente por meu irmão, minha mãe e pela *Dominium*. E eu entendo, juro que sim, escolher entre tesão ou aquilo que você ama com sua própria vida. Ao menos admitiu que sente tesão, digamos que isso seja um avanço, mas eu não vou romper com Thierry por uma besteira que você nem mesmo pretende levar até o fim.

Eu não posso continuar essa conversa. Vou acabar falando mais do que já falei e complicando as coisas que já não estão fáceis.

A olho uma última vez e sinto que algo dentro de mim grita por ter que deixá-la ali, de pé no meio do quarto, com aquela ideia sobre tudo que eu disse.

Se ela não fosse quem é, se eu não fosse quem eu sou e não tivesse o passado obscuro que tenho...

Se eu fosse bom o bastante as coisas poderiam ser diferentes, mas não podem; então dou as costas outra vez e saio do quarto, batendo a porta com raiva.

Não dela. Jamais dela, mas de mim, do meu pai, do Ashton, por ter sido tão amigo e tão leal, e de tudo e todos que impossibilitam que eu leve as coisas até o fim.

Anne

Josh fecha a porta e me deixa sozinha. Mais uma vez...

Eu devia saber que confrontá-lo com aquele namoro falso não era uma boa ideia, mas Julia não sabia disso. Ela comentou de propósito, claro,

mas não podia imaginar que o namoro nunca havia sido de verdade, e isso aconteceu logo agora que as coisas estavam progredindo.

Deito-me sobre a cama enquanto finalmente permito que as lágrimas que segurei na presença dele escorram por meu rosto; eu sempre soube que amar Josh em segredo era minha passagem sem volta para o sofrimento, mas por alguns momentos tive esperança.

Me permiti pensar que ele poderia me ver diferente e que a atração que demonstrou sentir pudesse progredir para algo mais profundo; mas isso não é possível porque ele não permitiria que alguém ameaçasse tudo que lutou tanto para conquistar. E eu sou essa ameaça.

Josh pode me desejar, mas nunca vai me amar tanto quanto ama meu irmão, ou Tray e até mesmo minha mãe, que ofereceu a mão a ele quando precisava. Foi minha mãe quem deu apoio a Josh e dona Regina quando o pai dele desapareceu, mesmo que o marido dela, meu pai, também tenha se mandado pouco depois.

O que quer que ele sinta por mim nunca vai ser maior que sua paixão pela *Dominium*, porque ela o resgatou de lugares sombrios. Ashton e Tray foram aqueles que estiveram ao seu lado quando mais precisou. Eu era apenas uma menina, mas meu irmão e nossa família se tornaram a família dele desde então e isso é forte demais para que esqueça apenas por desejo. Mas se ele não cede, se não ficarmos juntos fisicamente, como o desejo vai se transformar em sentimento?

Deixo que o choro arranque de dentro de mim toda a mágoa por saber que aquele homem, que é todo meu mundo, tem tantas coisas como prioridade e nenhuma delas sou eu; por saber que nem mesmo um terço do que sinto é recíproco e por ter atirado fora a pequena chance que eu tinha de conquistá-lo ao bater de frente com suas vontades.

Mas essa sou eu, Anelyse Ray, que por mais que ame um homem

possessivo e ciumento, mandão e cheio de vontades, nunca vou abaixar a cabeça e aceitar fazer o que ele quer.

Levanto-me da cama e vou até a cozinha; o cheiro do perfume de Josh ainda está no ar e sei que ele não está mais na mansão; não sinto mais sua presença, que causa inúmeras reações em meu corpo apenas pela proximidade.

Josh me deixou. Se não pode ficar comigo, com toda certeza foi descarregar sua frustração sexual em alguma companhia mais fácil e menos complicada.

Abro o freezer e encontro o que vim buscar. Um enorme pote de sorvete que será meu companheiro pelo resto da noite; ele e um filme meloso de comédia romântica que vai concluir meu objetivo de me desidratar.

Me deito no sofá de couro diante da enorme televisão e procuro até encontrar um filme que me agrade. Quando encontro um dos meus romances preferidos, paro e deixo o filme passando, enquanto penso em tudo que aconteceu e em tudo que dissemos.

O que eu faço agora? Por um lado, penso em desistir, em me enrolar em posição fetal e chorar até o ano novo. Por outro, sei que ainda tenho até o Natal com ele, sozinhos.

Mesmo que eu não desista ainda, posso me permitir sofrer hoje. Nesse momento, sozinha enquanto Josh se encontra com alguma mulher de mais sorte que eu, me permito sentir a fossa na qual me encontro.

Pego meu telefone e ligo pra Julia, abaixando o volume do filme; ela já me mandou uma dúzia de mensagens depois que Josh apareceu no meu quarto e encerrei a chamada com ela.

— *Ei, Ane* — Julia atende rapidamente. — *Eu ferrei com tudo? Me desculpa, pensei que ia dar um empurrãozinho se dissesse que estava namorando.*

Coitada. A culpa não é dela, na verdade a culpa não é de ninguém, nem mesmo do Josh, que não pode ser culpado por não me amar.

Tento explicar isso a ela, mas no lugar de palavras inteligíveis, o que sai é um resmungo choroso e palavras incompreensíveis.

— *Você está chorando? Mas que droga aconteceu, Ane?* — Sua voz está baixa, sussurrando para que ninguém além de mim a ouça.

— Ele... Josh ficou muito bravo — tento explicar sem chorar. — Queria que eu terminasse com Thierry e nós brigamos.

— *Por que, meu amor? Não quis terminar com o francês? Mas você gosta do Josh, certo?* — Ela está confusa, mesmo porque não estou fazendo muito sentido.

— Não tenho um namorado, Ju. Eu inventei tudo, mas ele queria que eu terminasse sem me oferecer nada em troca. Só por ciúmes, então eu disse não...

— *Ahh! Inventou tudo então? E não deixou ele mandar em você! É isso mesmo, Ane. Mas por que o choro então?*

Nem mesmo eu sei explicar por que uma atitude correta — mesmo se tratando de uma mentirinha — faz com que me sinta tão mal.

— Porque posso ter agido certo, mas me sinto muito triste e sozinha. Ele saiu e fiquei aqui...

Julia respira fundo. Até ela parece estar perdendo a paciência.

— *Ane, não fica assim. Josh é sensato, você é a única pessoa que tira ele do sério e isso tem que significar alguma coisa. Quando ele voltar vai estar mais calmo, vão conversar e fazer as pazes.*

— Mas nosso plano... — fungo ainda um pouco. — Vai tudo por água abaixo, porque eu pressionei ele, que acabou falando que não pode ficar comigo por causa da banda e do Ash.

— *Volte à origem. O plano de provocar ele estava dando certo? Você*

saiu da linha com a pressão muito cedo, mas não tem problema, é só retomar o plano inicial.

Me sento no sofá e abaixo o volume do filme ainda mais.

— Nós nos beijamos pela primeira vez.

— *Ah droga! Eu estraguei tudo mesmo, então. Não se preocupe, quando o vir amanhã, Josh provavelmente vai se desculpar. Aja como se não tivesse acontecido nada de especial e deixe as coisas voltarem ao ponto em que estavam.*

Aceno com a cabeça até me dar conta de que ela não está me vendo.

— *Será que adianta?* — Pergunto desanimada. Não tenho mais a esperança que tinha quando voltei pra Seattle.

Julia solta uma risada.

— *Ane, você esperou que ele te notasse por anos, vocês se beijaram e ele admitiu que te quer. Não dá pra dizer que as coisas não estão evoluindo. Além disso, você não viu o modo como ele ficou quando foi embora, eu vi. Não é hora de desistir. Ainda não.*

— Tudo bem. Vou comer um pote inteiro de sorvete e chorar as mágoas hoje. Amanhã volto a ser a Anelyse de sempre.

— *Sorvete? Não precisa comer o pote todo também... e querida —* Julia chama, dessa vez usando um tom mais alto. — *Os advogados do seu pai te ligaram? Eles falaram com o Ash hoje à tarde e parece que estão tentando falar com você.*

— Eu não quero falar sobre ele.

— *Só... Só atende, Ane. Parece que é importante, vou pedir pro Ashton te ligar amanhã e te explicar certinho.*

— Tá bom — respondo, mas não tenho a mínima curiosidade sobre o que ele quer comigo ou com meu irmão.

Julia fala algo em voz baixa do outro lado e imagino que esteja

falando com Ashton.

— *É, ele te liga amanhã, ok? Vou te deixar em paz agora. Até mais, Ane.*

— Até, dá um beijo na princesa por mim e voltem logo.

Corro no quarto e pego alguns cobertores, aumento outra vez o volume da televisão, ao desligar a chamada, e abro o pote da delícia gelada enquanto me embolo sob as cobertas; mas o clima não é mesmo o indicado para tomar sorvete. Quem toma sorvete enquanto neva do lado de fora? Eu, Anelyse Ray de coração partido, provavelmente.

Mas fitando a colher em minhas mãos, tenho uma ideia melhor.

Levanto-me outra vez e vou até a cozinha em busca de uma garrafa de vinho. Isso sim vai me ajudar a esquecer Josh e o que quer que ele esteja fazendo essa noite.

Josh

Independente de pneus apropriados para neve, sair de moto em um frio desse e com as ruas congeladas é uma péssima opção. Por isso, mesmo tendo pensado nisso a princípio, mudo de ideia rapidamente e pego a caminhonete na garagem.

Não planejo ir muito longe. Preciso beber. De preferência em um lugar quente e sem a presença dela para me confundir.

Mas onde você vai quando seu rosto é reconhecido em todo canto? Sigo para o meu apartamento do outro lado da cidade; preciso mesmo ir até lá e ver como as coisas estão. Tanto tempo sem ir até lá que nem sei mais se a empregada anda mesmo cuidando da limpeza.

Quando chego no prédio e subo no elevador para a cobertura, me

lembro de como aqui é aconchegante. Por esse motivo comprei um apartamento que nunca uso, mas que mantenho mesmo assim.

O elevador se abre direto na cobertura e entro naquela que é minha casa apenas em teoria.

Me jogo no sofá que foi posicionado em frente às enormes janelas de vidro que abrigam a fantástica vista da minha cidade; está tudo muito limpo e em ordem, como sempre, mas não dou muita atenção a isso.

Eu deveria beber. Encaro a porta que dá para a cozinha, mas não me movo. Talvez eu não queira esquecer o que eu fiz essa noite, o modo como a deixei sozinha e, se a conheço bem, esperando o pior de mim.

É difícil seguir em frente quando todos os dias o passado é atirado na sua cara; quando me lembro a todo instante que sou filho de um assassino, e que vim da miséria e apenas alcancei a dignidade porque tive pessoas que estenderam a mão pra mim. Eu não posso simplesmente foder com tudo.

Mas caralho, eu quero tanto aquela menina, que chega a doer.

Se houvesse um modo de ficar com ela sem que ninguém ficasse sabendo. Ou ainda melhor, se existisse uma forma de que todos aceitassem bem uma relação entre nós. Todos, inclusive eu mesmo.

Anelyse pode não saber tudo sobre mim, mas Ashton sabe. E eu sei que ela é boa demais pra mim, que eu não sou alguém digno dela e que minha família e toda a desgraça que a acompanha não podem manchar meu anjo.

E agora, Ane vai ficar com esse cara. Vai assumir ele pra família e eu terei que assistir de camarote, enquanto ele a leva embora outra vez. Tudo porque o desgraçado do meu pai matou uma mulher.

Sempre ele. Tudo que acontece em minha vida, sempre me leva de volta àquela noite de Natal e à descoberta de seu crime; naquela noite ficamos livres dele, mas ao mesmo tempo, eu estarei sempre preso a esse segredo e ao fato de quem é meu pai.

Me lembro dela, seus olhos tristes enquanto me ouvia, me recordo de seu riso contagiante, que tem me alegrado desde quando meus dias eram apenas escuridão.

O que um cara decente e sensato, o homem que meus amigos acreditam que eu sou faria, seria ligar para uma mulher que o receberia ansiosa e nua. Descontaria todo esse desejo acumulado em outra pessoa. Depois eu olharia nos olhos de Anelyse e não sentiria mais nada.

Mas eu sou egoísta.

Não posso deixá-la sozinha assim, tendo essa ideia de mim; pensando que fui procurar em outra mulher o que não posso ter dela. Eu não deveria me sentir assim, responsável pelo que ela pensa, e Ane não deveria se sentir mal por uma relação que nem mesmo existe. Mas ainda assim estamos os dois chateados.

Dou uma última olhada nas luzes que piscam através da janela e volto pra casa. Volto pra ela.

CAPÍTULO 07

UMA VIRGEM EXPERIENTE

Josh

Quando paro em frente a mansão, Dênis, um dos seguranças abre o portão pra mim e sai sorrindo da guarita, caminhando até a janela da minha Toyota.

— Ei, Josh... Que beleza de caminhonete, hein?

Sorrio de seu comentário. Realmente não posso reclamar da minha vida em se tratando das finanças. Já do resto...

— Gostou? Cara, era meu sonho ter uma Tacoma uns anos atrás. Nem acredito que é minha.

Ele acena concordando e vejo o brilho nos olhos do rapaz. Eu fui assim um dia, sonhando e desejando.

— É linda demais. Uma TRD Pro? — Ouço o seu tom de admiração; o rapaz é novo aqui e não me tinha visto nela. — Ainda chego lá.

Eu concordo.

— Claro que chega, é batalha diária e um dia a recompensa vem.

Ainda acenando com a cabeça, Dênis se afasta e cede espaço para que eu entre. Estaciono na garagem que fica nos fundos da mansão e aciono o portão pelo controle remoto.

Se eu deixo aberto e algo acontece com um dos brinquedinhos do

Tray, acho que podemos perder nosso guitarrista muito cedo pra morte. Se bem que se algo acontece com minha moto também não ia ser nada bonito.

Entro na casa e caminho pelos corredores escuros; a mansão é muito grande e sem a barulheira de Tray e da pequena Ashley parece ainda maior. Mas não está vazia.

Sigo na direção da sala principal, de onde vem alguns sons da televisão ligada. Me preparo para enfrentar a pequena fera e descobrir se ela pode me desculpar por ter saído como fiz.

Não existe uma maneira de explicar todos os meus motivos e porque me afasto mesmo a querendo por perto, sem ter que entrar no passado e contar sobre Jean e o que ele fez; mas preciso tentar.

Quando entro na sala, a princípio meu olhar é atraído para a desordem que encontro. A televisão está ligada em um volume muito alto em um canal de músicas e tem sorvete derretido no tapete, uma garrafa de vinho vazia e um amontoado de cobertas.

Um montinho que se mexe.

Paro diante do sofá e descubro o rosto dela, que dorme com a boca entreaberta. O cheiro do vinho me alcança e eu percebo que Anelyse bebeu a garrafa toda sozinha. Por minha culpa.

— Anjo... acorda. Eu voltei.

Ela se move no sono, mas seus olhos não se abrem.

Acendo as luzes do corredor e volto ao sofá; descubro seu corpo e tento não me concentrar nas pernas expostas pelo vestido curto.

A pego no colo e ela se enrosca em mim. *Cacete*. Eu não devia ter feito isso, mas agora que comecei...

Seus braços envolvem meu pescoço e Ane encosta o rosto em meu peito. Assim dormindo, ela é realmente um anjo.

Sigo com ela em meus braços para seu quarto e a deposito em sua

cama enorme de princesa. Anelyse ainda se vira de costas resmungando alguma coisa e me arranca uma risada, mas então o vestido sobe até o alto das coxas e desnuda seu corpo, deixando pouco para imaginação. E a minha infelizmente é muito fértil.

Puxo o tecido para baixo tentando cobri-la, mas percebo que a roupa colada não deve ser nada confortável para dormir e por isso, apenas por isso, eu decido despi-la.

— Ane, senta aqui na cama. Vamos tirar essa roupa pra você dormir.

Ela não responde nada muito inteligível e mantém os olhos fechados.

Ergo seu corpo um pouco e subo o vestido por suas pernas, lutando para me concentrar apenas na tarefa que tenho em mãos e falhando miseravelmente. As coxas bem torneadas ao alcance do meu toque, a calcinha... *que porra de calcinha rendada é essa?* Ai meu Deus. Onde está a calcinha de bichinhos que eu esperava encontrar?

Noto sua barriga plana e alva. Subo um pouco mais o vestido com algum esforço para mantê-la sentada e por um momento breve, perco a batalha contra a sensatez. Sem conseguir me controlar, toco sua pele macia. Ergo a roupa um pouco mais e encontro seus seios.

Nus.

Completamente nus.

É como se ela fosse uma brasa, me consumindo, porque instintivamente tiro minhas mãos dela e a solto; como estava sentada devido ao meu apoio, Anelyse cai para trás e bate a cabeça no encosto da cama, o que a desperta de imediato e ela solta um gritinho.

Enquanto ela ainda esfrega os olhos, me levanto apressado e saio do quarto correndo.

Merda.

E se ela pensar que eu estava me aproveitando enquanto estava

bêbada? *Caralho*. Eu aqui tentando fazer as coisas certas e caio em uma dessas. Como eu ia imaginar que a doidinha estava sem sutiã por baixo do vestido? Com os seios ali...

Porra, eu não posso pensar nos seios dela agora. Redondos, firmes e pequenos; a pele clara e os mamilos rosados.

Droga. Eu não tinha que ter visto isso; agora não dá pra simplesmente esquecer que vi.

Abro a porta do meu quarto correndo e atiro meu casaco em um canto, também tiro a calça rapidamente; em seguida entro embaixo dos cobertores e fecho os olhos. Se ela vier até aqui e me perguntar qualquer coisa, vou fingir que estava dormindo. Não sei de nada.

Alguns minutos se passam e então, ouço sua voz no corredor chamando meu nome.

— Josh? Está aí?

Fico em silêncio. Cacete, ela vai querer saber por que arranquei a roupa dela.

— Vou entrar. Se estiver com alguém, eu vou matar você e ela!

Acho que a bebedeira ainda não passou; percebo por seu tom de voz que não está completamente sã.

A porta se abre e aperto mais meus olhos. Se ela estiver pelada não posso enxergar nada. Se eu fixar bem aquela imagem na mente, nunca mais vou ter paz.

Ouço seus passos e pouco depois sinto sua presença ao meu lado. Sua mão pousa sobre meu ombro.

— *Joshiiiiiii...* — Me chama com a voz um pouco arrastada. — Olha só, tinha alguém no meu quarto e eu acordei quase sem roupa! Se não era você. — A voz dela passa a ser um sussurro. — *Se não era você tem um pervertido na caaaasa.*

É errado, mas sinto muita vontade de rir nesse momento. Sua voz de bêbada é engraçada, e a ideia de que tenha um pervertido por aqui parece assustá-la um pouco, mas não tanto quanto deveria.

— Não vai acordar? — Ouço quando solta um suspiro resignado. — Tá bom então. A culpa é sua, sabia? Você saiu e deve ter deixado a porta aberta, e entrou um safado aqui.

Sinto seu peso afundar o colchão ao meu lado. *Merda.*

— Agora chega pra lá que vou dormir aqui. Eu que não vou ficar esperando o pervertido aparecer e arrancar minha calcinha também, vou ficar aqui com você.

Cacete. Por essa eu não esperava.

Mas como vou explicar pra uma Anelyse bêbada que eu estava só a deixando mais confortável? Que minha intenção não era a de vê-la pelada?

Ouço seus resmungos enquanto ela se deita ao meu lado, mas apenas abro uma fresta do meu olho quando sinto que já se deitou.

A vejo de costas pra mim e por sorte está com uma camiseta e um short. Fecho os olhos mais tranquilo, mas a calmaria dura pouco.

Anelyse comprime o corpo contra o meu e ergue meu braço para em seguida se encaixar de costas no meu peito e repousá-lo sobre sua barriga.

— Boa noite, Josh.

O cheiro dos cabelos dela invade meus sentidos e o calor que emana do seu corpo ameaça minha sanidade.

É necessário um esforço absurdo para me manter parado e não denunciar que não estava dormindo. Mas sei que se eu o fizer, nessa posição, em uma cama e com ela em meus braços, seria muito pior. Nem mesmo um santo resistiria.

Aos poucos sua respiração fica mais calma e acredito que esteja adormecendo. Então ouço sua voz uma última vez.

— Estou na cama com Josh Nicols — diz como se isso fosse algo especial.

Durante horas mantenho meu corpo imóvel enquanto as neuras e preocupações invadem meus pensamentos.

Anelyse não é mais uma criança e eu não sou seu irmão.

Será que é possível?



Acordo com um emaranhado sobre meu rosto. Respiro fundo e sinto seu cheiro antes mesmo de abrir meus olhos e a ver.

Os cabelos dela estão por toda parte e seu rosto agora está afundado no meu peito. O short desapareceu e a pestinha tem uma perna jogada por cima de mim e os braços ao redor do meu pescoço.

As pernas nuas me enlaçando pela cintura, e minha costureira ereção matinal hoje tem outras proporções.

Anelyse é linda de um jeito que mal posso começar a explicar.

Passo a mão por seus cabelos os tirando do rosto sereno e me preparo para enfrentá-la, já que não há a menor chance de sair dessa cama sem acordá-la.

Seus olhos piscam duas vezes antes de se abrirem e me encararem. Ela demora um pouco a reagir, mas quando percebe nossas posições e todo o resto, seus olhos se abrem ainda mais assustados.

— Bom dia, anjo.

Ane me encara sem dizer uma palavra por alguns momentos.

— Que foi? Não se lembra da nossa noite? — Pergunto a provocando e ela abre um sorriso, achando graça.

— Nem toda bebida do mundo me faria esquecer. Nem pense que me

engana.

Abro um sorriso também.

— Ane, eu só fui até meu apartamento. Não demorei muito, mas quando voltei você estava dormindo.

Sua boca se transforma em uma linha e ela me fita apreensiva.

— Que foi? — Questiono.

— Eu bebi um pouco depois que saiu — responde meio constrangida.

— Percebi. Me desculpe por sair daquele jeito, eu só estava surtando.

Ela assente e não diz nada.

— Mas olha só... Agora que dormiu comigo, ainda acha que deve continuar esse namoro?

Seus olhinhos sonolentos se estreitam divertidos em minha direção.

— O que tem demais em dormir? A menos que me diga que transou comigo, não vejo nada de errado aqui.

— Você está de calcinha, Ane — constato o óbvio.

— Ah, notou?

Engraçadinha. Como se meu pau me deixasse não notar.

— E se eu disser que transamos? Vai largar dele?

— Depende. Podemos repetir a dose pra que eu me lembre?

Uma risada sem graça me escapa. Essa menina não é mais a criança de que me lembro e talvez se eu apenas a visse assim, como é agora, tivesse menos medo de tocá-la.

— Eu vou tomar um banho e a senhorita, vai se vestir.

Vejo quando ela morde o lábio inferior ainda sorrindo e já imagino que não vai fazer o que pedi.

A deixo na cama e entro no banheiro, abrindo a ducha quente enquanto retiro a cueca.

Entro debaixo da água e permito que os pensamentos sobre a garota

seminua em minha cama me invadam.

Eu não consigo mais. Ponto final, vou bater o martelo literalmente.

Anelyse me quer e já deixou isso claro de tantas formas que não posso fingir não entender. E eu a desejo tanto que meu pau vai cair logo, logo se não puder estar dentro dela.

E todas as minhas ressalvas...

Ane não é mais a menina inocente e intocada que foi; é uma mulher decidida e bem resolvida.

Posso estar agindo errado com Ashton ao tomar a decisão de saciar o desejo que sinto por ela, mas ao menos não a estou corrompendo. A maldita França fez isso antes.

Espero que ela possa entender que um namoro entre nós não é possível. Não é ideal. Se as coisas não dessem certo seria desastroso.

Mas sexo...

Ane com certeza não espera mais que isso, afinal, ela já tem um desgraçado que chama de namorado... e quem sabe se eu pudesse tê-la, acabaria com essa obsessão doentia que se plantou em mim.

Desligo o chuveiro ainda pensando sobre como iniciar uma conversa sobre isso, para tentar de alguma forma entender o que Anelyse quer.

Mas ao entrar no quarto paro abruptamente e todos os meus pensamentos ordenados se espalham pelo ar. O que ela quer não poderia estar mais claro.

Anne

Tinha alguém no meu quarto ontem à noite e o galo em minha cabeça confirma isso, com certeza.

Josh pode ter escapado, mas não tenho dúvidas de que fosse ele. Não tinha outra pessoa que pudesse ser, mesmo que no momento eu tenha ficado um pouco confusa. Vinho demais.

Agora, com a cabeça no lugar, tenho certeza de que ele estava tentando me colocar na cama e tirar meu vestido. Acho que a falta de peças íntimas o pegou de surpresa.

Mas ele não contava com um fato: Anelyse Ray é esperta até bêbada. Me esgueirei para a cama dele e realizei meu sonho de toda uma vida. Dormir em seus braços.

Acordei mais cedo e tratei de me aproveitar de todo aquele corpo ali, à minha disposição.

Tirei meu short e me agarrei a ele sem um pinga de vergonha na cara. Afinal, posso não ter outra chance.

Mas não vou deixar de tentar.

Josh entrou no banheiro e mandou que eu me vestisse e não posso ficar com esse pijama o dia todo certo? Preciso me trocar.

Seguro a barra da camiseta enquanto espero por ele. *Alguém já foi tão ridícula quanto eu?*

Ouçó o chuveiro se fechar e então preparo meu showzinho inocente. Torcendo para que dessa vez ele não resista e não escorregue por meus dedos.

Atenta aos barulhos, percebo quando fecha a porta do box e sei que a qualquer instante vai estar diante de mim. Então, como quem não quer nada e sem pretensão alguma, me coloco de joelhos sobre a cama e ergo a camiseta. Josh entra no quarto no momento exato em que a passo pela cabeça.

A retiro e mantenho-me de cabeça baixa, arrumando meus cabelos que se bagunçaram no breve percurso da roupa, como se não o tivesse visto entrar enrolado deliciosamente em uma toalha preta. Como se não estivesse

apenas de calcinha sobre sua cama.

Então, de modo teatral, ergo os olhos e os abro um pouco, a fim de parecer assustada, e com a lentidão de uma tartaruga, procuro pela camiseta que acabei de atirar sobre a cama.

Vagarosamente me cubro com ela, dando a ele algum tempo para assimilar a visão dos meus seios e do meu corpo.

— Anelyse... — A voz dele sai rouca e sinto minha pele se arrepiar de desejo.

— Me desculpe. Estava me trocando, como pediu. Não percebi que já havia saído.

Um sorriso que nunca vi antes surge em seu rosto. É um sorriso de predador e — *aleluia* — eu sou sua presa.

— Você está fodendo com a minha cabeça, Anelyse. Me olha com essa expressão de ingenuidade, quando na verdade é tudo um plano arquitetado pra me enlouquecer.

Tento controlar, mas o esboço de um sorriso é inevitável.

— Eu me controlei tanto, anjo. — Apesar do apelido, seu tom é duro. Bruto. E eu adoro. — Venho me segurando há tanto tempo, me impedindo de ter você como quero.

Seus passos o trazem para mais perto de mim e Josh para a uma curta distância da cama me encarando com intensidade.

Tiro a camiseta que cobre meus seios e a deixo cair outra vez sobre a cama.

Sinto um leve tremor nas mãos, ansiosa com o que ele fará a seguir, mas tento demonstrar uma segurança que não sinto.

Os olhos dele estão agora escuros, suas pupilas dilatadas de desejo e sua expressão é quase sombria.

— Você sempre foi o fruto proibido. A única coisa que eu não podia

ter, Ane. Inocente e pura demais pra sujeira que carrego comigo. Mas você cresceu...

O olhar dele percorre meu corpo exposto e a vontade de me cobrir é imensa.

Mas que droga, Anelyse. Não vai voltar atrás agora.

Ele está a centímetros de distância e suas mãos me alcançam. Primeiro ele toca meus braços e o simples contato me acende. Sobe e desce os dedos me tocando sutilmente sem nunca deixar de me olhar e então, com uma ousadia que nunca pensei que teria comigo, ele toca meus seios e belisca um de meus mamilos, me arrancando um arquejo de surpresa.

— *Josh!*

Ele ri.

— O que foi? Não era isso que queria? Não foi pra isso que ficou me atiçando?

Suas mãos seguram com firmeza minha cintura enquanto ele me puxa para perto e cola meu peito nu ao seu.

— Não queria sexo? Eu vou me enterrar tão fundo em você que não vai sair dessa cama pelo resto do dia.

Apesar de algum receio, suas palavras me enlouquecem e sinto minha boca salivar em expectativa. Passo a língua pelos lábios e atraio instintivamente a atenção dele pra lá.

Josh aproxima o rosto do meu e mordisca minha boca. Seus olhos estão tão perto que eu poderia me perder neles.

Então ele me beija.

Sua boca toma a minha, reivindicando. Possessivo como sempre e mais delicioso que nunca.

Sinto seus lábios se movendo contra os meus e o recebo apaixonada; nosso beijo tem gosto de rendição e menta. Minhas mãos vão para sua nuca

enquanto ele espalma a mão em minha bunda, me puxando de encontro à sua ereção.

O beijo dele é faminto e o meu não poderia ser diferente. O quis por tanto tempo, que logo todos os temores pelo sexo são esquecidos e me vejo correspondendo com intensidade.

— Como você é gostosa...

As mãos dele apertam minha carne e em seguida sinto um tapa forte no meu traseiro. Uow! Acho que alguém cansou de ter calma, e dei a ele a ideia de uma Anelyse que não existe. Não ainda.

A boca dele libera a minha e logo sinto o rastro molhado de seus beijos em meu pescoço. Seu toque envia eletricidade por todo lado e sinto a umidade se concentrando entre minhas pernas.

Seus beijos se tornam ainda mais afoitos e ele se afasta para me encarar apenas por um momento, antes de tomar meu seio na boca, sugando com força.

Josh me empurra na cama e se deita sobre mim, continuando o que começou.

Ele beija, suga, morde e me tira a razão, enquanto meus gemidos se misturam ao barulho de nossos corpos se revolvendo entre os lençóis.

Intercalando entre um e outro, seus beijos me levam à loucura e me trazem de volta ao presente apenas para que eu possa ter certeza de que não estou sonhando.

A trilha de beijos desce para meu abdômen e ele brinca com sua língua em meu umbigo. Sinto que meu corpo o puxa como um ímã para baixo e não sei se estou ansiosa, assustada ou apenas com muito tesão.

Um sorriso de lado se abre em seu rosto quando me encara outra vez.

Seu corpo sarado se agiganta acima de mim quando ele se ajoelha sobre a cama e segura minhas mãos, as levando acima da minha cabeça.

— Agora, quero que mantenha as mãos aí. Paradas até que eu diga o contrário. Me ouviu?

Apenas aquiesço. Parece que de repente perdi a capacidade de falar e só sei sentir.

— Eu vou chupar você e sentir sua boceta se contorcendo em minha boca. Vou chupar forte, como eu sempre quis, e você vai gozar pra mim.

Socorro! Os deuses Prada e Gucci que me ajudem, vou conhecer o paraíso. Já estou quase gozando só de ouvir seus comandos. Sua voz autoritária. Finalmente consegui libertar o homem, e agora vou ter que lidar com isso. Fugir é que não vou.

Josh segura minha calcinha com as pontas dos dedos e ergo o quadril para facilitar para ele, que em segundos tira a pequena peça do meu corpo.

Por um momento ele apenas encara meu sexo diante de seus olhos e chego a pensar que algo está errado.

Mas então... Então, ele coloca a cabeça entre as minhas pernas e distribui alguns beijos pelas minhas coxas, pela virilha em sequência e por fim, abocanha meu centro de uma só vez.

Eu grito.

De susto. De prazer. De felicidade.

Sua língua passeia por toda a extensão. Ele me suga e beija, trazendo sensações que até então me eram desconhecidas.

Seus dentes arranham meu clitóris e sinto que vou desmaiar aqui e agora. Minha mão agarra seus cabelos e ele para imediatamente.

— Eu disse que podia descer a mão, anjo?

Balanço a cabeça negando e ergo o braço outra vez, arrancando um sorriso de aprovação dele.

— Você me tentou como um demônio. Agora vou te dar tudo que pediu e mais um pouco, mas seja boazinha e obediente.

Sua boca me suga outra vez e eu seguro seus cabelos com força. Que se dane. Esse momento é meu e eu fantasiei tanto ter esse homem entre minhas pernas enquanto o segurava pelos cabelos, que não vou me negar isso.

Ouçó seu riso baixo e, mais que isso, o sinto quase dentro de mim.

— Teimosa do caralho.

Caralho esse que ainda não vi, aliás. Como que lendo meus pensamentos, Josh se ajoelha outra vez e se inclina sobre mim, beijando minha boca.

— Está sentindo seu gosto? Sua bocetinha é ainda mais gostosa que nos meus sonhos.

Sei que estou ficando vermelha. Pra onde foi a Anelyse descolada e atrevida quando preciso dela? E onde foi parar o Josh tímido, quieto e que impedia meus avanços?

Se ergue outra vez e então abre a toalha, revelando-se diante dos meus olhos.

Ai meu Deus.

Tudo bem que nunca estive diante de um desses ao vivo e em cores, mas esse negócio não vai caber em mim nunca. Eu devia ter arrumado um pequenininho qualquer pra me desvirginar, mas não, tinha que ir em busca do prêmio principal já de primeira.

Mas o que me choca realmente não é o tamanho dele, ou a espessura — por mais que o medo de que ele me rasgue realmente exista. O que me deixa literalmente de boca aberta, é o piercing prata na base dele.

— O que foi? Seus amigos franceses nunca te mostraram algo assim?
— Pergunta presunçoso. Ele sabe o tamanho do que tem e que o piercing não é algo muito comum.

Estico minha mão para o tocar e vou direto na direção dele.

— Isso não doeu? — Pergunto encontrando minha voz finalmente.

— Pra caralho.

Sorrio com o trocadilho, mas paraliso com outro pensamento.

— Josh! E se isso se soltar e ficar lá dentro de mim?

O sorriso convencido em seu rosto quase me faz socá-lo.

— Não vai acontecer — diz abrindo a gaveta ao lado da cama e pegando um preservativo.

Claro. Ele já testou muitas vezes e sabe a melhor maneira de fazer isso. Melhor não pensar nisso ou vou ficar louca.

Minha mão desliza por ele todo e seguro firme enquanto o escuto rasgando o plástico.

— Ane, nossas preliminares duraram muito tempo, não vou esperar mais.

Josh tira seu membro de minha mão e o cobre todo, depois o conduz até minha entrada. Eu preciso falar. Preciso contar que nunca fiz isso, antes que ele me machuque.

— Josh...

Ele me interrompe com um beijo na boca e depois me olha sério.

— Falamos depois. Agora eu vou te foder com muita força.

Ao mesmo tempo em que grito...

— Josh, espera!

Ele estoca de uma vez...

Seus olhos se abrem e parecem que vão saltar de seu rosto quando percebe o que acabou de acontecer.

Me ergo na cama sobre os cotovelos, sentindo o ardor queimando aquele ponto em que nossos sexos estão unidos, e meus olhos estão marejados devido à dor aguda.

Quando olho pra baixo, percebo o sangue manchando o lençol e Josh

segue meu olhar, vendo o mesmo que eu.

Toco seu rosto e o faço me encarar.

— Calma — peço, quando percebo seu desespero. — Está tudo bem, eu quis isso.

Josh olha do meu rosto pro sangue e depois faz o caminho inverso.

Suas mãos vão para os cabelos claros que eu segurava há pouco e ouço sua voz baixa sussurrando.

— Puta que pariu! Eu desvirginei a irmã do meu melhor amigo.

CAPÍTULO 08

JOSH É UM BOM MENINO

Josh

Como isso foi acontecer? Bem, eu sei exatamente como aconteceu, mas não acredito que fiz algo assim. Minha mente ainda não raciocina direito e todo tesão que estava sentindo se esvai no instante em que me dou conta da enorme burrada que acabo de fazer.

Anelyse ainda tenta me segurar, se explicar. E sim, ela tem muito o que dizer, mas não agora.

Nesse momento preciso cuidar dela e colocar a cabeça no lugar.

Deixo o calor do seu corpo e alcanço a toalha que atirei sobre a cama, me enrolando nela outra vez.

— Josh, por favor, me escuta — ela pede com sua voz doce. O problema é que essa mesma voz me enganou com inúmeras mentiras e eu fiz algo impensável.

— Ane, por favor. Me deixa... pensar.

Ela senta-se na cama um pouco chateada. Apesar de toda mentira, da teia que ela construiu, Ane é uma menina e eu acabo de machucá-la.

— Está doendo muito? Me desculpe, se eu soubesse jamais teria agido com tanta brutalidade, sinto muito por ter te machucado.

Ela balança a cabeça de um lado para o outro, negando.

— Está doendo bastante e foi muito rápido. Eu não pretendia te contar, mas também não pensei que, de repente, fosse se transformar em um *dom*.

Ainda faz piadas em um momento como esse.

— Você diz que se soubesse teria sido menos bruto, mas nós sabemos que a verdade é que não teria acontecido.

Seus olhos parecem preocupados com minha reação, mas ela continua.

— Josh, desculpa por ter mentido. Eu ia te contar antes de chegarmos a esse ponto, mas você nunca iria continuar e eu queria isso.

Balanço a cabeça em um gesto negativo. Estou chateado pelo que fiz e por ela não ter sido honesta.

— Claro que eu não ia. Você me transformou em um filho da puta, Ane. Mas não estou com raiva de você, eu só... não acredito que fiz isso e nem mesmo que tenha me enganado assim.

Me levanto da cama, completamente frustrado e caminho até o banheiro. Pego uma toalha e a umedeço antes de retornar até onde ela está, encolhida em um canto da cama.

— Me deixa ajudar — falo mostrando a toalha.

Ane nega com um gesto de cabeça.

— De jeito nenhum, me dá aqui que eu me limpo, Josh.

— Ane, eu fiz a merda, me deixe ao menos ajudar agora.

O sorriso dela é triste e percebo que falei como se fosse algo ruim. Mas é ruim, porra. Como foi que a irmã virgem do meu melhor amigo foi parar na minha cama?

— Não foi uma merda — ouço sua voz baixa e sentida.

— É claro que ficar com você foi ótimo, Ane. Ou teria sido se não fosse o que escondeu de mim. Abre as pernas, por favor.

Ela vira o rosto pro lado, se recusando a me encarar, e separa um pouco as coxas.

Passo a toalha molhada por ela com cuidado e percebo que seu corpo treme um pouco. Desgraça. Eu a machuquei e ainda estraguei sua primeira vez.

— Teria sido ótimo, Ane — digo chamando sua atenção e seguro seu queixo para que me encare. — Se as circunstâncias fossem outras eu teria sido cuidadoso e você ainda assim sentiria dor, mas se acostumaria com ela até que o prazer a superasse.

— Já admitiu que se eu tivesse dito não teria acontecido, Josh. Acha que eu não preferiria te contar? Mas eu sabia que não ficaria comigo, se soubesse.

Abro um sorriso tenso e termino de limpá-la. Ela queria isso tanto assim, que se sacrificou para que acontecesse?

— Por isso eu disse "se" as circunstâncias fossem outras. Caso você não fosse a irmã do meu melhor amigo, filha da mulher que me acolheu como a um filho e muito mais nova que eu. Se não fosse assim como é, eu não me importaria em ser seu primeiro. Mas agora eu sou o desgraçado que fodeu com tudo; com que cara vou encarar Ashton? Como vou olhar pra sua mãe agora, Ane?

— Eles não têm nada a ver com isso, Josh. É entre nós dois apenas, e nem mesmo precisam saber de nada.

Me levanto e vou rapidamente até o banheiro, onde coloco a toalha no cesto de roupas sujas.

Volto e paro diante dela.

— Em uma coisa nós concordamos: melhor mesmo que isso fique apenas entre nós. Acha que estou agindo feito um doido? Conhece seu irmão tão bem quanto eu. Como acha que o Ashton reagiria se soubesse do que

rolou aqui?

Ane não diz nada e nem precisa. Nós dois conhecemos o temperamento dele o bastante para saber qual seria sua reação e eu, como homem e principalmente como amigo dele, não tiraria sua razão. Porra, ela era uma menina até eu por minhas malditas mãos nela.

Lembro-me do modo como a tratei, da intensidade dos meus toques e das palavras que usei. *Com uma virgem, porra.*

Em minha defesa, ela tem um namorado e postou fotos do homem pelado em sua cama. Como eu iria prever algo assim?

— Eu sei que não justifica as coisas que eu disse, as mentiras que inventei pra que ficasse comigo, Josh, mas eu o queria muito e sabia que não tinha a menor chance de rolar se não me olhasse diferente.

Sua sinceridade é inquietante.

Eu o queria muito.

— E agora nós, literalmente, fodemos com tudo — respondo. Não posso dizer muita coisa; não sei o que dizer ou fazer, e me sinto completamente perdido. É uma sensação terrível.

Ane assente e se levanta. Eu sei que deveria conversar mais, entender seus motivos e suas atitudes estranhas e farei isso, mas não agora. Preciso muito pensar no que eu fiz, no que houve aqui e então, como sempre — exceto quando ela me tira do eixo e perco a razão— tomar minhas decisões com sensatez.

— Ane — chamo antes que ela se vá. — Vamos conversar sobre isso depois, tudo bem? Tome um banho e mais tarde nos falamos.

Ela concorda e a vejo caminhar até a porta. Me dirige um último olhar, antes de deixar o quarto e caminhar na direção do seu. Eu fico sozinho com meus pensamentos horríveis.

Anne

Que dor infernal!

A manhã começou promissora e não vou negar que adoraria um sexo mais excitante, como ele tensionava. Mas, não na primeira vez.

Tudo corria lindo e maravilhoso até que Josh perdeu o controle e entrou com tudo em mim.

Não posso culpá-lo pela intensidade com que agiu, afinal fui eu quem dei a ele uma ideia diferente da realidade. Eu que inventei um namorado e sexo virtual e lutei com tudo de mim para o seduzir.

Mesmo assim, a dor é bastante incômoda.

Fecho a porta do meu quarto e sigo direto para o banheiro; ligo a banheira para que se encha e me sento na beirada aguardando.

Manter as pernas fechadas ainda é um problema, mas sei bem que isso é natural, mesmo que no meu caso as coisas tenham sido um pouco mais bruscas. Ainda assim, sei que logo vai passar a dor e um banho vai me ajudar a relaxar e pensar no que aconteceu.

Entro na água e sinto seu calor me envolver; suspiro deliciada com a mornidão que acalma meu corpo tenso.

Olhando em retrospectiva, não foi tão ruim assim. Tudo estava incrível até que a dor ofuscou o prazer, mas vai passar. E pensando bem, ao menos agora não existe mais essa barreira.

Não sou idiota. Sei bem que Josh vai se sentir culpado, me evitar e tudo mais, além de querer entender porque menti; mas quando ele finalmente se decidir, não existe mais uma virgindade para impedir que eu sinta todo o prazer que ele pode me proporcionar.

O que importa mesmo é que eu consegui.

Abro um sorriso de satisfação enquanto ensaboo meu corpo.

Josh Nicols esteve dentro de mim, mesmo que por breves segundos, e tudo aquilo que aconteceu antes me mostrou como a química entre nós é perfeita.

Agora que minha virgindade não existe mais, vou derrubar as justificativas dele uma a uma. Afinal qual a diferença se Ashton descobrir que transamos uma ou vinte vezes?

Josh está sentido e chateado porque sente que me magoou, que falhou com Ash e com a pessoa que ele é. Tudo bem que o modo como ele descreveu as coisas não foi romântico e me deixou chateada por um momento, mas não dava pra esperar uma reação muito melhor tendo o enganado. Meu dever, então, é mostrar pra ele que não fez nada de que se envergonhar e que não me sinto arrependida de minha decisão.

Porque, meu Deus do céu, o que foi aquilo?

Saio da banheira e me seco rapidamente; pego meu robe pendurado sobre um cabide e o visto em seguida.

Caminho em direção ao quarto e me jogo na cama, finalmente sentindo a felicidade dos últimos acontecimentos me envolver. Me viro de bruços e alcançando meu celular, disco o número de Thierry animada para contar as novidades.

Ele atende minha chamada de vídeo e seu rosto bonito invade a tela.

— *Bonjour, Anelyse! Comment allez vous?*

— Très bien! — Minha expressão travessa o deixa alarmado.

— *Tão bem assim? O que aconteceu?*

— Oui, muito bem. Acabo de ver, tocar e sentir meu Josh.

Thierry abre um sorriso imenso, mas sua expressão é de surpresa.

— Que foi? Não acreditou que eu fosse conseguir?

— *Claro que acreditei. Pensei que talvez demorasse um pouco mais.*

Como foi? Ou melhor, como é?

Dou risada de sua indiscrição típica.

— Foi intenso, bruto e muito rápido.

O sorriso dele desmorona.

— *Sério? Então não sei se ele vale todo esse esforço.*

— Não é isso, seu bobo. Eu não disse a ele que era minha primeira vez e Josh veio com artilharia pesada pra cima de mim; tentei avisar antes, mas quando abri a boca já era tarde, o estrago estava feito e a expressão dele... não foi legal.

— *O quê? Quer dizer que Josh foi com tudo e só então se deu conta de que ainda era virgem? Aii, Ane!*

Os olhos dele se fecham um pouco e Thierry faz uma careta imaginando a minha dor.

— Doeu, não vou negar. Mas amigo, estou livre disso, não tem mais desculpa pra ele fugir de mim.

— *Menina, você é feita de um material que eu desconheço. Como pode estar tão plena assim, depois de tudo isso que aconteceu?*

— Bom, apesar de não ter sido como um conto de fadas, consegui ao menos superar esse probleminha. Agora preciso convencer ele de que não é um monstro que me maltratou, para que ele me queira outra vez.

— *Ele é grande?*

Meu sorriso se alarga com o rumo dos pensamentos dele.

— Maior. E, Thierry... ele tem um piercing.

Sua expressão é confusa.

— *Josh tem um piercing?*

— Sim, mas não me entendeu. Fica lá... bem na base.

— *Lá? — A compreensão atinge suas feições. — Ahhh, eu não acredito! Isso deve ser maravilhoso. Você precisa fazer de novo e dessa vez*

direito, pelo bem das minhas fantasias. Vai fazer e me contar como é, por favor.

Aquiesço animada e me levanto com o celular nas mãos, caminhando até meu guarda-roupas.

— *Escuta* — continua. — *Se ficar com ele em definitivo, vai ter que explicar depois que não éramos namorados, ou ele não vai me deixar te ver mais.*

Dou risada de seu tom apreensivo.

— Vou explicar depois. Uma verdade por vez. Já foi demais pra ele descobrir que eu não estive com metade de Paris, mas ele quer conversar depois e vou tentar acabar com as mentiras que criei.

Pego uma calça social preta, retiro a etiqueta de uma blusa florida e alcanço um casaco grosso também preto.

Volto até minha cama e os coloco sobre ela; em seguida viro a câmera para que Thierry possa ver.

— O que acha do meu look para um dia frio?

— *Lindo!*

Jogo um beijo pra ele e coloco o celular sobre minha cômoda, ao lado do guarda-roupas, enquanto desamarro o robe e começo a me vestir.

Ouçó Thierry discursar sobre as maravilhas que um *pubic* — de acordo com ele, esse é o nome do piercing — pode fazer e enquanto o escuto, passo uma maquiagem leve no rosto e arrumo meus cabelos em um rabo alto.

Me despeço do meu amigo, preparo-me pra encarar Josh e tentar tirar um pouco da sensatez e juízo que o acompanham sempre. Mas ouço sua voz antes mesmo de deixar o quarto.

— Ane — grita ainda do corredor. — Vou sair e volto mais tarde, tá bom? Nós vamos conversar, não estou fugindo, nem nada. Só tenho horário marcado pra uma coisa.

Mas que droga! Onde será que ele vai depois do que aconteceu?

É tão chato ter alguém que não respeita sua privacidade e suas decisões. Que se impõe e decide como as coisas vão ser. Sei bem disso, porque Josh e Ashton agiram assim comigo por muito tempo. Mas saber como é não me impede de pegar uma touca e um cachecol, me preparando para segui-lo.

Por sorte está nevando e Josh sai na caminhonete; se estivesse de moto eu jamais o alcançaria. Espero que ele deixe a garagem e entro logo em seguida, tirando a Docinho de onde estava apenas descansando desde que cheguei.

Sentar-me não está sendo muito confortável, mas isso não vai fazer com que eu fique esperando pra descobrir onde ele foi.

Os guardas começam a fechar os portões quando faço a curva, então voltam a abrir. Saio para as ruas brancas de Seattle, a fim de descobrir o que de tão importante ele tinha pra fazer hoje, ao invés de me dar café na cama e me mimar.

Mantenho certa distância, já que uma Ferrari rosa não é muito discreta, e o sigo por algum tempo; primeiro ele para em um mercado, desce da caminhonete e entra. Eu espero no carro, escondida, afinal ele não deve se demorar muito ali.

Minha suposição se confirma porque pouco depois o vejo sair acompanhado de quatro rapazes que empurram carrinhos abarrotados de compras e depositam tudo na carroceria da caminhonete.

Josh aperta as mãos de todos eles e sorri quando um dos garotos estende o celular para uma foto.

Entra outra vez na caminhonete e arranca com ela; continuo o seguindo e então, pouco depois, ele para diante de dois portões imensos, que dão para um condomínio fechado.

O que ele veio fazer aqui?

Espero que entre e então me aproximo dos mesmos portões. Toco o interfone como o vi fazer e ouço uma voz de homem atender.

— Oi, estou com Josh Nicols, viemos em carros separados.

Ele vai me matar.

O homem nem me responde, apenas abre os portões liberando minha entrada.

Se por fora o lugar é bonito, por dentro é muito bem arrumado e grande. Entro com o carro por uma alameda cheia de árvores, uma área verde ao que parece, caso não estivesse tudo coberto pela neve. Vários bancos estão dispostos ali.

Olhando ao redor percebo alguns idosos espalhados perto das entradas, protegidos sob os prédios e completamente vestidos para o frio que faz, também noto uma ou outra enfermeira e então me dou conta de que estou em um asilo.

Nunca imaginei que um lugar assim fosse tão bonito.

Avisto a caminhonete dele parada diante da porta de um prédio maior, que imagino ser o principal, já que vários outros menores estão espalhados ao seu redor.

Agora que estou aqui, me arrependo de tê-lo seguido no impulso; é uma coisa dele e talvez eu não seja bem-vinda. Não tenho nem ideia de quem ele veio ver, e aparecer assim do nada, depois dessa manhã, será um pouco estranho.

O problema é que não sei por onde voltar, como fazer um contorno ali antes que Josh me veja.

Mas não adianta. Enquanto olho para os lados procurando um retorno, algumas pessoas se aglomeram na porta de entrada observando meu carro nada discreto e Josh desce as escadas, olhando diretamente pra mim.

A princípio ele está sério, mas então abre um sorriso enquanto balança a cabeça, descrente de que eu esteja mesmo aqui.

Faz um gesto indicando que eu estacione ao lado da caminhonete e eu sigo seu comando.

Quando desço do carro, encontro ele parado ao lado da porta.

— Oi...

— Então estava me seguindo.

Nem pra fingir que não notou.

— Eu não diria isso, apenas estava precisando vir... aqui.

— Sei. — Seu sorriso é completamente cético. — Da próxima vez tente um carro menos... rosa. Eu vi você lá no mercado.

— Hum. — Abaixo a cabeça um pouco envergonhada. — Desculpe por isso.

— Tudo bem, vão gostar de você. Vem comigo...

Eu esperava que estivesse chateado com tudo que aconteceu e um pouco mais sério, mas Josh me oferece uma das mãos e parece que não está mesmo com raiva de mim. Apenas então, percebo que ele carrega um violão nas costas; seguro sua mão e como em todas as vezes que o toco, sinto meu corpo reagir em resposta.

Em algumas vezes é puramente carnal, mas não agora. Nesse momento sinto meu coração bater mais rápido e temo que minha mão comece a suar, me deixando envergonhada.

— Como está se sentindo? — Pergunta baixo, mas parece mesmo preocupado.

— Está tudo bem, Josh.

Ele acena concordando.

Subimos as escadas de mãos dadas e percebo que todas aquelas pessoas que me encaravam nos seguem para dentro do prédio.

Um pequeno palco fica à frente do grande salão e vejo várias cadeiras espalhadas por ali.

Senhores e senhoras já ocupam a maioria, mas muitas outras ainda estão vagas e vão sendo preenchidas pelas pessoas que estavam do lado de fora.

Josh se aproxima de uma mulher um pouco mais jovem que os moradores, que está parada em um canto observando tudo com um sorriso.

— Oi, menino — cumprimenta ela. — Não imagina como ficaram ansiosos quando falei que você vinha. Sempre que some por muito tempo começam a comentar.

Josh sorri de volta e olha ao redor com carinho.

— A *Dominium* fez muitos shows nos últimos meses, mas agora estamos de férias e a época é perfeita pra vir ver meus amigos.

Ele sempre vem aqui? Quando me disse que fazia alguns trabalhos desse tipo, não pensei que se envolvesse a esse ponto.

— E o que pretende fazer hoje? Vai tocar?

— Vou cantar algumas músicas, fazer um show pra eles e depois talvez possamos conversar um pouco. Trouxe as coisas que prometi, se puder pedir para que busquem na caminhonete será ótimo. E trouxe livros novos pro Tom, mas pode deixar que esses eu levo depois.

— Ah, ele vai adorar saber disso. Já terminou todos que trouxe da última vez.

Observo fascinada a interação entre eles. Josh não apenas vem aqui com frequência, como conhece os moradores e cuida deles.

— E quem é a sua amiga?

Percebo que ela dirige o olhar para nossas mãos unidas e vejo que nos imagina como um casal. Queria tanto que as suas suspeitas fossem corretas.

— Sou Anelyse. — Estendo a mão livre para a cumprimentar.

— Ray — Josh completa. — Irmã do Ashton.

— Ahhh, sim. — O olhar dela ainda vagueia dele pra mim, tentando descobrir qual a nossa relação, mas não é intrometida o bastante para questionar.

— Vou lá, já estão me esperando.

Josh me arrasta ainda segurando minha mão e seu sorriso é contagiante. Parece gostar tanto de estar aqui, que até se esqueceu da questão que ainda existe entre nós.

E, se ele está bem com isso, eu estou ainda melhor.



CAPÍTULO 09

UM BRUTO ALTRUISTA

Anne

Josh me conduz até a frente do palco e para diante da primeira fileira; o vejo encarar duas senhoras que conversam animadas.

— Bom dia, meninas! — As duas devem ter mais de oitenta anos, mas ele as trata como duas juvenzinhas e ambas coram. O homem causa furor até nas outras gerações. — Essa é minha amiga, Ane. Podem cuidar dela pra mim durante nosso show?

— Bom dia, Josh querido. Demorou a voltar, pensamos que tivesse nos esquecido — comenta uma delas, coquete, enquanto toca os cabelos brancos.

— Nunca, Rose. — Ele se inclina e dá um beijo estalado em sua bochecha.

Meu Deus eterno. Eu vou sair daqui direto pro cemitério, porque meu coração vai explodir de amor por esse homem.

Josh se inclina e beija também a outra mulher, que se chama Pérola, e depois se volta pra mim.

— Fique aqui com minhas amigas.

Eu também queria um beijo, é pedir muito?

Ele caminha na direção do palco, mas não sobe. Estica a mão e alcança um banco, colocando-o sobre o piso; Josh se senta, retira o violão da capa e o apoia na perna.

Procuro com os olhos o microfone, mas não o vejo; estou ansiosa para vê-lo cantar. Eu já o ouvi em algumas raras vezes em que dividiu o palco com Ashton, mas ele não parece gostar muito de conduzir uma multidão. Eu, por outro lado, adoro sua voz, é tão linda quanto ele.

— Pessoal, será que podem se aproximar? Vamos fazer uma roda aqui na frente, pra ficarmos mais perto?

Vejo todos acatarem seu pedido. Os homens mais velhos se aproximam e o cumprimentam sorrindo, as senhoras também chegam mais perto e formam um círculo com suas cadeiras. Eu faço o mesmo e coloco a minha ao lado de Rose.

Todos os olhos estão concentrados nele; imagino que não tenham muitas atrações por aqui e, nesse caso, alguma ação deve ser mesmo interessante para os idosos que vivem nesse lugar.

Imagino que ele vá cantar alguma canção da *Dominium*, mas Josh me surpreende ao começar com *Yellow Submarine*; claro que com a família que tenho, conheço *The Beatles* e todas as outras bandas clássicas de rock, mas me surpreendo que ele não vá cantar suas próprias composições.

No entanto, quando ouço o coro que o acompanha, eu entendo. Essas pessoas podem conhecer a *Dominium*, mas seus ídolos são bem mais velhos que Josh, Ash ou Tray, e como o show é pra eles, Josh canta e toca o que gostam de ouvir.

Rose se balança de um lado para o outro ao meu lado e sorri pra mim sempre que me pega olhando-a. Fica claro que todos gostam muito de Josh e de suas visitas.

— Ele vem muito aqui? — Pergunto pra Rose em um tom baixo que,

espero, não atrapalhe a cantoria.

— Josh? Vem sempre que pode. Raramente ele fica muito tempo sem aparecer e sempre que chega essa época do ano ele vem mais; tinha um tempo que não vinha, mas já agendou outro programa pros próximos dias.

Olho para ele. Josh toca o violão enquanto sorri para um dos homens ao seu lado, que resolveu se levantar e balançar animado ao som da música.

— Mas nunca trouxe alguém junto. Você deve ser mesmo uma garota especial — Rose conclui.

Melhor não decepcionar a pobre senhora contando como o segui até aqui clandestinamente.

Josh segue com as canções e todos parecem gostar muito de tudo que ele canta.

Quando já tocou várias músicas de bandas e cantores diferentes, finalmente canta uma que compôs e todo mundo parece conhecer, porque os velhinhos mandam ver, cantando com ele.

Meu sorriso bobo é impagável. Ele poderia ser mais perfeito?

É uma das primeiras músicas que escreveu, alguns anos atrás, e me lembro perfeitamente, porque *Hand* foi um dos primeiros singles de grande sucesso da *Dominium* e fala sobre um amor intenso e platônico.

— *Inevitable feel, impossible live, but your hand will always be on mine and my heart on yours.* (Inevitável sentir, impossível viver, mas sua mão sempre estará na minha e meu coração nas suas).

Muitos homens dizem que a mulher perfeita é aquela que é doce e gentil, que você apresenta pra família e todos a amam. Mas que quando estão a sós, tira os óculos e se transforma em uma tigresa.

Me sinto dessa forma quando o vejo assim. Josh é um espécime raro, ele só precisa entender que é meu.

Sinto o celular vibrar no bolso e o retiro para conferir quem está me

ligando. Ao constatar que é o mesmo número que vem tentando contato, rejeito.

Eu disse a Julia que os atenderia, mas não agora.

Depois de algum tempo, Josh para com as músicas e a mesma mulher que encontramos na entrada e que agora sei que se chama Clara, aparece chamando todos para o almoço.

Ele se aproxima de mim e o sorriso ainda está no seu rosto. É como se este lugar desse certa leveza a ele.

— E então? Gostou do show?

— Você é incrível — digo com sinceridade. — Já estamos indo?

Ele olha na direção para a qual os outros estão se dirigindo.

— Podíamos almoçar aqui, se estiver tudo bem pra você. Preciso ver o Tom, um amigo com quem divido meus livros.

Sorrio do comentário. Um amigo.

— Mas podemos ficar? — Questiono sem saber se seremos bem recebidos para a refeição.

— Claro que sim. Vem...

A mão dele toma a minha outra vez e sinto um desejo avassalador de que isso vire uma constante.

Chegamos juntos à sala de refeições e ao contrário do que esperava, um refeitório semelhante aos escolares, encontro algo muito diferente.

O ambiente é mobiliado com itens que remetem ao passado, mas por outro lado, parte da decoração é nova e moderna.

Apesar das mesas com cadeiras respaldadas e dos jogos de sofás com estampas florais, abajures e até mesmo um telefone daqueles modelos antigos e pesados, vejo também uma televisão enorme e jogos de pebolim e bilhar.

Sentamo-nos em uma das mesas com Rose, Pérola e dois senhores que Josh me apresenta como sendo Jin, esposo de Pérola, e Tom, seu amigo

leitor.

Tom está em uma cadeira de rodas e descubro em um questionamento rápido que ele caiu no banho alguns meses antes e ainda não se recuperou. A idade avançada de oitenta e nove anos não ajuda muito, porém sua visão ainda é fantástica.

— Trouxe livros novos, Tom. — Ouço quando ele comenta.

— E o que é dessa vez? Estou com vontade de ler um bom suspense.

Josh sorri pra ele enquanto serve purê de batatas, rosbife e salada de aspargos em um prato, antes de oferecê-lo a mim.

— Trouxe Alexandre Dumas. Você leu *Os três mosqueteiros*, não leu? Te garanto que não chega nem perto do que é *O Conde de Monte Cristo*. Vai gostar muito.

Estou atenta ao assunto dos dois, quando sinto uma mão pequena tocar a minha.

Volto-me na direção de Rose e ela me olha com a sombra de um sorriso nos lábios.

— Sabe, menina, você é muito linda. Eu estou encantada com seu batom, faz anos que não uso um tão bonito assim.

É uma velhinha muito fofa mesmo.

— Muito obrigada — respondo sorrindo em retorno. — Eu não o trouxe na bolsa, se não a deixava usar.

Ela acena concordando.

— Se vier para a noite de jogos, pode trazer — diz e vira-se outra vez para seu prato, as mãos frágeis segurando o garfo.

Não sei a que noite ela está se referindo, mas aquiesço.

Terminamos de comer e eu noto que durante toda a refeição, Josh foi interrompido por seus amigos, que se aproximavam para falar com ele.

Os homens debatem os jogos e a música, falam sobre um campeonato

que terão — provavelmente a noite a qual Rose se referira — e as mulheres agradecem por coisas que eu nem sabia que ele havia feito. Como roupas de cama novas e material de pintura, assim como pela decoração de Natal que, por sinal, está magnífica.

Quando terminamos de comer, Josh pede licença e avisa a Tom que antes de irmos irá deixar os livros em seu quarto. Me dando a mão, sai comigo para me apresentar o lugar.

— Gostou daqui? — Pergunta logo que saímos do prédio. Caminhamos entre a neve que cobre o chão e, olhando pra cima, percebo que já cobriu também os galhos das árvores.

O lugar é maravilhoso e todo coberto de branco fica ainda mais lindo; é como se fosse um cartão de Natal em 3D.

— É um lugar muito bonito. Não me importaria de morar aqui quando ficar mais velha — respondo honestamente.

Ele assente satisfeito.

— Vem aqui desde quando?

Percebo que ele parece pensar um pouco antes de responder. Mas quando o faz, olha em meus olhos e eu vejo a sinceridade ali.

— Quando eu era bem mais novo, minha avó se mudou para uma casa de repouso. Descobri, bem mais tarde, que não cuidavam bem dela e que a vida ali não era nada agradável.

Ele olha ao redor antes de prosseguir.

— Não tínhamos dinheiro nenhum e minha mãe precisava trabalhar, então não tinha como ela ficar com a gente. Não tinha quem cuidasse dela.

— Era aqui? — Pergunto acompanhando seu olhar. Me parece um lugar muito agradável e todos foram muito gentis.

Ele sorri, mas nega.

— De jeito nenhum. Quando comecei a ganhar melhor, a tirei de lá

pra uma clínica particular onde viveu até morrer de velhice. Mas aquilo me incomodou por muito tempo...

— Então resolveu fazer doações para asilos? Ajudar os lugares a se manter.

— Não — responde ainda sorrindo. — Resolvi construir. Um lugar de paz pra essas pessoas, de descanso pra quem já fez tanto na vida, mas também de lazer.

Eles estão vivos, precisam de diversão.

Estou surpresa e tenho certeza de que minha expressão demonstra isso.

Josh não diz mais nada e me conduz até um dos bancos, sob uma árvore grande.

Uma camada fina de neve cobre os assentos e Josh limpa com a mão rapidamente. Nos sentamos ali mesmo que esteja um pouco úmido.

— Está me dizendo que esse lugar é seu?

— Teoricamente? Sim. Mas não na prática; o lugar é deles e muitos nem sabem que eu o criei.

Olho ao redor com outros olhos agora.

— Mas é uma casa de repouso particular? Ou um acordo seu, com o governo?

— Nem uma coisa, nem outra. *Peace* não tem vínculo com programas governamentais, mas os moradores não pagam pra viver aqui. Eu pago. Arco com as despesas e tudo que precisam.

— Eles sabem? Quer dizer, notei que veem você como um amigo e que sabem que traz algumas doações, mas sabem que você é o responsável por tudo isso? Porque, honestamente, convivo com você há anos e nunca ouvi falar sobre este lugar.

— Alguns sabem, sim. É uma coisa minha, Ane, e não costumo ficar

falando a respeito. Não quero jornais, revistas, paparazzis falando sobre isso, mesmo que seja bom pra minha imagem. Não é pra isso que faço, entende? Fiz amigos aqui, mas sempre tem gente nova chegando. Temos uma lista de espera imensa e estou pensando até em abrir uma segunda casa como essa.

Não sei o que dizer a ele. Então faço a pergunta que está presa em minha mente.

— Por quê? Tudo isso é lindo, mas não entendo suas motivações. Poderia apenas ser um doador, como a maioria. Por que se envolver tanto?

Josh fica sério e vira-se no banco, ficando de frente pra mim. Nossas mãos ainda estão unidas e percebo que aquilo que vai dizer é importante.

— Você era muito pequena quando as coisas aconteceram, Ane. Mas minha infância e adolescência foram conturbadas. Sei que a sua e de Ash não foram fáceis, mas na minha casa, vivíamos em situação de desespero constante.

Aperto suas mãos esperando que fale mais.

— Faltava comida. Minha mãe sempre conseguiu que eu tivesse ao menos uma refeição no dia, mas, às vezes, não tinha o que comer à noite e eu dormia antes, pra sentir menos fome.

Desvio meus olhos dos seus. Nunca soube que as coisas fossem tão difíceis assim.

— Roupas e outras coisas nem preciso dizer como eram raras. Se comida, que é essencial, faltava, imagine todo o resto.

Apenas balanço a cabeça, entendendo um pouco melhor o modo como Josh age.

— Sua mãe foi a única pessoa que nos ajudou. Eu nunca saía de um ensaio sem tomar um café reforçado, ao menos não desde que meu pai se foi. Isso porque Eleanor sabia que podia não ter um jantar em casa.

Seus olhos estão fixos nos meus, mas ele não parece me enxergar

mais, lembrando o passado.

— As roupas do Ash eram passadas pra mim e Tray, e ninguém além da sua família me estendeu a mão. Ninguém acreditou em mim ou me ofereceu uma oportunidade. Hoje, eu sei que muita gente, muitas famílias, passam por situações parecidas e terríveis. Muitas crianças não vão receber presentes no Natal e a mesa de muitos deles vai estar vazia. Então, eu faço o que posso, onde posso, porque o que eu tenho hoje, o dinheiro e as condições financeiras, são muito mais que preciso.

Ele aponta com a mão livre diretamente para caminhonete caríssima estacionada mais à frente.

— Eu tenho um carro foda, uma moto, sou dono da cobertura no prédio mais caro da cidade, e tudo isso é incrível. Não preciso da quantia absurda de dinheiro que entra na minha conta, mas outros precisam. Ash e Tray sabem sobre esse lugar, já vieram aqui comigo, mas muitas outras coisas, eu faço sozinho e em silêncio.

Como ele pode não saber o quanto eu o amo? Tenho absoluta certeza de que meus olhos gritam isso ao focarem nele. Se existe pessoa mais altruísta que Josh, mais maravilhosa e bondosa, deveria ser canonizada.

— Josh, você é a melhor pessoa que já conheci — digo o que penso em voz alta.

Tenho certeza de que meus olhos estão cheios. Os dele, por outro lado, fitam seus pés.

— Como pode dizer isso depois do que te fiz hoje?

Balanço a cabeça negando. Eu sabia que ele faria isso.

— O que você fez? Não me machucou de propósito. Tudo bem que me surpreendeu um pouco, não esperava todo aquele ímpeto. Não esperava aquele piercing também — divago um pouco e ele sorri.

— Desculpe.

Busco seus olhos outra vez.

— Não precisa se desculpar. Eu menti pra você e, bom, só não imaginava que fosse tão insano nesse departamento. Você é tímido e quieto o tempo todo, pensei que fosse fazer tudo com calma.

Os olhos dele assumem um brilho de desejo, mas Josh disfarça rapidamente.

— O que posso dizer? Gosto de sexo e você me provocou por vários dias. Não é porque sou quieto, que não tenho minhas preferências sexuais, Ane. Eu gosto de intensidade. Sou tímido diante de pessoas desconhecidas e multidões, não nesses momentos.

Tento não rir, mas pensando bem, foi um pouco engraçado.

— Desculpe por fazer você pensar que tinha mais experiência, e ter dado a entender que havia transado com muitos homens. Eu queria... — tomo coragem e digo a verdade. — Eu quero você, Josh.

Ele não esboça nenhuma reação por um momento, e chego a me perguntar se realmente me ouviu. Mas então, ele fala.

— Ane, eu vou ser honesto com você, porque merece isso de mim. Mesmo que tenha sido um demônio nos últimos dias. Eu também quero você, chega a doer o quanto eu te quero, e saber que me deseja assim... eu prefiro nem pensar nisso.

Sempre tem um mas.

— Diante de tudo que te contei, acredito que entenda por que penso tanto na sua mãe e no seu irmão. E o que fizemos hoje... Por mais que eu deseje estar com você, não posso decepcionar sua família assim. Você não é o tipo de mulher com quem se transa sem compromisso, mesmo que queira ser. Não é assim que eu a enxergo, e ainda não sei o que nós temos aqui.

— Josh...

O interrompo, mas ele não me deixa falar.

— Anjo, eu não sei o que você quer de mim, e não acho que posso ser seu namorado. E não digo isso porque você já tem um, mas porque uma relação entre nós... Se algo desse errado, se por algum motivo terminássemos, a *Dominium* seria destruída junto. A banda envolve muito mais que apenas eu, Ash e Tray. Eu posso não ser seu irmão, mas nós somos família, e tudo isso é complicado demais. Teria que ser...

Ele não continua, e quero gritar. Teria que ser o que? Eu faço, é só dizer. Mas não digo. Eu entendo seus motivos perfeitamente; conheço todos eles. E agora sabendo melhor tudo que passou, consigo compreender ainda mais.

— Eu não pedi que fosse meu namorado, e entendo que tenha essa visão de mim, por quem eu sou. Não vou insistir nisso, mas vou deixar uma coisa clara, Josh.

— Tenho até medo de ouvir — é sua resposta.

— Eu não sou mais virgem. O pior já foi, e se alguém descobrir, as coisas estarão ferradas independente de quantas vezes aconteça. Então, se eu fosse você, ao menos tiraria algo de bom disso.

Ele abre um sorriso lindo.

— Quando foi que você ficou assim? Não me falava essas coisas.

— Foi quando percebi que se não o fizesse, você não tomaria uma atitude.

Josh parece prestes a dizer alguma coisa e seu olhar recai sobre mim. Mas então vejo em seu semblante quando muda de ideia e fala outra coisa, mais leve.

— Para de me provocar. Já provamos que não sou de ferro e depois... Você não aguentaria.

Ouçoo o som da risada na sua voz, e fico feliz que o clima entre nós não esteja horrível, como era de se esperar.

— Acredite em mim — ele completa. — Eu não sou bom o bastante pra você, mesmo que na cama, eu com certeza, seja melhor que seu namoradinho francês.

— Eu não tenho tanta certeza disso. Não quer mostrar direito as coisas, então acho que vou conviver com essa dúvida.

Josh passa o braço pelo meu ombro e me puxa de encontro ao seu corpo, e ficamos assim. Seus braços me envolvendo.

— Seria o sexo mais incrível da sua vida, Ane.

— Nunca saberei, então — respondo ainda sorrindo, por mais que esteja triste com esse arranjo.

Não vou mais insistir. Se ele mudar de ideia, se tiver certeza um dia, a certeza que eu tenho, de que somos perfeitos um para o outro, então, vou estar aqui.

Não posso fazer com que arrisque tudo, não só a banda e as amizades, mas as vidas dessas pessoas e de outras, pelo que entendi. Porque ele mantém esse lugar, e vários outros, com o que a *Dominium* lhe dá. Posso entender os riscos.

Isso não me impede de tentar conquistá-lo.

— Tudo bem, Josh. Seremos amigos, então, mas não quero que se afaste. E espero que me leve com você quando for visitar outros lugares como esse.

— Eu prometo. Mas Ane, eu não sei como agir. Apesar de tudo que te disse, estou confuso. Não posso simplesmente esquecer que tirei sua...você sabe.

Toco seu rosto com a palma aberta e Josh fecha os olhos por um instante.

— Não esqueça, então. Guarde a lembrança e tenha em mente que não estou arruinada. Estamos no século XXI e não tem que se casar comigo

por causa disso.

Josh assente, mas seu maxilar está tenso. Sei que sua mente ainda está a mil.

— Faça o que quiser, mas não se culpe por algo que eu decidi. Eu quis que esse momento fosse com você, e não gostaria de dividir com mais ninguém.

Josh me olha de lado, me fita de modo estranho por um momento. Como se enfim entendesse que não sinto por ele apenas atração.

Ele não comenta sobre isso.

Eu não me declaro.

Mas nós dois sabemos que aqui, no espaço desse abraço, cabem inúmeros sentimentos.



CAPÍTULO 10

O FOGO NA LAREIRA

Josh

Conseguir pensar é um desafio pra mim, quando Ane está por perto. Se antes minha cabeça estava uma droga, uma confusão alternando entre julgar errados meus desejos e ter plena convicção de que deveria seguir todos eles, agora que a tive em meus braços, que a toquei, que senti seu gosto, beijei sua boca, as coisas viraram um caos.

Sou homem o bastante para admitir que não sou perfeito e que ela me confunde muito.

Anelyse disse, esse tempo todo, coisas que me fizeram entender que queria apenas sexo, mas suas ações me fazem pensar o contrário. Bebendo quando saí, me seguindo de carro pela cidade e me olhando com aquela expressão carregada de algo mais.

E eu me sinto um idiota, porque ao mesmo tempo em que temi que ela dissesse que realmente está apaixonada, desejei que o fizesse. Ouvir que não havia me pedido que fosse seu namorado, foi um choque de realidade; Ane não busca isso em mim.

Por que buscaria, se já tem um francês romântico, bonitão e que com certeza não passou pelas merdas que passei? Alguém que não tem um pai escondido por aí, assassino e sádico.

Sei bem que meu pai não sou eu, nossas atitudes e personalidades são tão opostas quanto poderiam ser. Também sei que sou uma boa pessoa e que faço o possível para provar isso pra mim mesmo todos os dias.

Mas também estou ciente de que nunca vou me livrar do sangue dele em minhas veias, nunca vou poder apagar sua existência ou esquecer que é meu pai. Jean vai ser sempre um assassino e vai ser sempre meu pai.

E quando isso estourar — porque acreditem, um dia vai, pois a imprensa é incessante em sua busca por escândalos — não quero e não posso imaginar o que ela faria.

Não quero pensar que Anelyse soltaria minha mão se soubesse, e não posso submetê-la a viver com isso. Transforma-la em uma pária diante de todo o mundo.

Não posso pedir que termine seu namoro estável, para se arriscar em algo comigo e ainda enfrentar a barra do passado, por mim. E nem ela estaria disposta a isso se soubesse de tudo.

Ciente de tudo isso, e sabendo que Tray e Ash voltam logo, evitei Anelyse pelos dois dias que se seguiram à nossa visita ao asilo; me tranquei no estúdio por horas e compus músicas novas. Toquei, criei melodias que espero que os outros gostem e aprovelem.

Ane me chamou para um passeio no shopping ontem, mas recusei dizendo que precisava fazer outras coisas; a verdade é que não confio em mim e minhas decisões, quando ela me encara daquele jeito.

Fizemos as refeições separados, porque eu saí do estúdio apenas depois que os horários normais já haviam sido ultrapassados. Sei bem que ela entende o que está acontecendo e não parece brava comigo. Ane entendeu meus motivos, o que me mostra que realmente se tratava apenas de algo carnal pra ela, porque se fosse mais que isso, não aceitaria meu distanciamento tão bem.

Mas, por mais que eu me esforce para agir de modo correto, por mais que eu a evite e ela mesma tenha encarado bem tudo isso, alguém com um senso de humor muito bizarro deve governar o universo. E sempre decide foder com minhas decisões.

Deixo meu quarto e vejo que a porta do seu está entreaberta, quando passo por ele.

— Anjo, vou comer alguma coisa na rua. Quer que eu traga pra você?

Não ouço sua resposta, mas o que escuto faz meu coração se apertar. Anelyse está chorando.

Me sinto o pior idiota do mundo. Eu não planejei isso, pensei que ela tivesse entendido meus motivos pra me afastar. Ao menos, os que eu disse a ela, porque ainda há um outro que oculto até de mim mesmo. Mas não. Eu a magoei e Ane guardou apenas para si.

— Ane? — Abro a porta e entro sem esperar por sua resposta. — O que está acontecendo? Por que está chorando, anjo?

Anelyse está de pé no meio do quarto, vestindo um robe branco, o celular em uma das mãos e a outra cobrindo parte do rosto.

Chego por trás dela e a puxo para meus braços. Eu sou tão idiota.

Ane se vira e suas mãos vão para o meu pescoço, enquanto enterra a cabeça no meu peito chorando. Acaricio seus cabelos com uma mão e a abraço apertado com a outra.

— Me desculpe por ter te deixado chateada. Eu pensei que estivesse tudo bem entre nós. Não queria te fazer chorar...

Sua voz sai entrecortada, quando me responde.

— Nã...não foi... não foi você.

Confuso, afasto seu rosto um pouco para olhar em seus olhos; as lágrimas escorrem por eles e sua maquiagem está toda borrada.

— O que aconteceu? Pode me contar, Ane, eu mato quem você

quiser.

Ela abre um meio sorriso triste.

— Não vai ser necessário. Ele já está morto.

Porra. Eu desejei mal ao namorado dela, mas não era pra morrer, também.

— O professor? O que foi que houve com ele, Ane?

Ane faz uma expressão confusa e linda.

— Thierry? Por que acha que foi ele que morreu? Na verdade, foi meu pai. Os advogados dele tentaram entrar em contato a semana toda, e eu não quis atender; mas hoje, já estava cansada de rejeitar as ligações e decidi falar com eles, ouvir o que tinham pra me dizer. E era isso, Josh. Meu pai está morto.

— Ah, pequena... Eu sinto muito.

A abraço outra vez, ainda mais apertado, e penso por um momento no que dizer. Ele era um babaca que abandonou a família, mas ainda assim era seu pai. E se suas lágrimas indicam algo, Ane está sofrendo com o ocorrido.

— Josh... — Ouço sua voz embargada chamar. — Eu sou uma pessoa ruim? Sou monstruosa de alguma forma?

Que porra de pergunta é essa?

— Por que está me perguntando algo tão absurdo? Você é maravilhosa, Ane.

Ane é quase uma cabeça mais baixa que eu, mas ergue os olhos e me encara; seu rosto está manchado e a ponta do nariz avermelhado. Ainda assim é a coisa mais linda que eu já vi.

— Porque eu não senti nada, Josh. Que tipo de pessoa ouve alguém dizer que o pai morreu, e não fica triste com isso?

Tenho certeza de que, no momento, meu rosto reflete a confusão que estou vivenciando.

— Mas... você está chorando.

— Eu sei. Disseram que ele tinha morrido, e que eu e o Ashton devíamos ir até lá para a leitura do testamento, e eu disse ok. Senti alguma curiosidade sobre a causa da morte, mas nada além disso, e desliguei o celular. Então comecei a pensar sobre isso, e sobre tudo que ele nos fez passar, e senti raiva.

Aceno concordando e a incentivo a continuar, mas ela abaixa os olhos, envergonhada.

— Quem sente raiva do próprio pai? E pior, do pai que acaba de morrer? Eu deveria me sentir culpada por não o ter procurado, ou talvez triste porque ele morreu sem que eu o visse uma última vez...

— Você é humana... — quando digo isso, as palavras se refletem em mim e entendo que não sou o melhor conselheiro nesse quesito.

Eu sou o cara que se obriga a ver o pai todo Natal, apenas por ter seu sangue. Mas quando busco dentro de mim, também não há nada. Não sinto nada.

Ela ainda me fita, aguardando que eu conclua.

— Vem comigo, vamos fazer aqueles biscoitos sobre os quais falamos, agora mesmo. E amanhã, vamos enfeitar essa casa. O Natal está aí e não tem nem mesmo um enfeite aqui. Como foi que Julia e Ashton viajaram, deixando o Natal abandonado dessa forma? Até o Scrooge era melhor que eles — comento brincando e a arrasto comigo para a cozinha.

— E o que nós vamos fazer? — ela pergunta olhando ao redor, se dando conta de quanto trabalho teremos.

— Vamos mandar alguém decorar, e nós dois ficamos com a árvore.

— Acho que vai ser divertido — Ane responde e fico feliz em ver que as lágrimas cessaram. — Você não ia sair?

Ia. Pra ficar longe dela...

— Não vou mais. Vamos assar biscoitos de Natal, você vai me ajudar e vamos nos divertir hoje.

Conduzo Ane até a cozinha e saio pegando os ingredientes que comprei dias antes, colocando-os sobre a pia.

— Como vai ser? Gengibre? — Ouço a voz dela atrás de mim.

— Vamos deixar esses pro dia de Natal, quando todo mundo estiver aqui. Hoje vamos fazer os Sugar Cookies e chocolate quente. Comprei até forminhas, olha só...— mostro a ela os moldes em minha mão, com desenhos variados.

— Tá bom então, e o que eu posso fazer?

Coloco uma vasilha a sua frente e algumas outras coisas. Entrego, também, uma peneira em sua mão.

— Pode peneirar a farinha, o fermento e o sal, enquanto bato a manteiga. Já fez isso alguma vez, Ane?

Ela encara aquilo tudo e ergue uma sobrancelha, preocupada.

— Quando criança, já. Faz muitos anos que não faço nada assim. Sempre que chego os biscoitos já estão no forno e a árvore montada.

Sorrio de seu comentário e da expressão assustada diante da peneira em sua mão.

— Rosa nos mima muito, mas eu ainda faço essas coisas em outros lugares. Ano passado, promovemos um concurso de cookies no *Peace*, e esse ano teremos a noite dos jogos.

Ane abre um sorriso e parece que já até esqueceu a ligação de mais cedo.

— Vai peneirando. Se precisar de ajudar me fala, ok? Tenho certeza de que vai se lembrar como fazer isso.

Assentindo, começa a colocar os ingredientes para fazer o que pedi, mas mantém a mão parada, e nada cai na vasilha.

— Nossa. Você é péssima mesmo.

Ela faz uma careta engraçada e me aproximo, rindo; posiciono-me atrás de seu corpo e passo meus braços ao seu redor, colocando minha mão sobre a sua, para ensinar-lhe como fazer.

Meu rosto se encaixa na curva de seu pescoço e a ouço suspirar. Eu deveria me afastar, mas seu cheiro me invade e sempre que eu o sinto, sou atraído pra ela como se houvesse um magnetismo entre nós.

As curvas do seu corpo delicado e feminino se moldam aos contornos do meu e sinto um desejo forte de tê-la outra vez.

Balanço sua mão de um lado para o outro, mostrando como deve fazer, e percebo que seu corpo fica tenso, rígido. Como se ela, de repente, não soubesse mais o que eu estou fazendo.

Porra. Nem eu sei o que pretendo com isso.

Digo que não podemos nos envolver, e em menos de dez minutos a sós estou doido pra beijá-la.

— Acho que aprendi, Josh.

— Tem certeza? Eu poderia ficar aqui, ensinando. Sentindo seu cheiro bom.

Ouço o riso em sua voz.

— É mesmo? Por quê meu robe é bem fino, e acho que já estou sentindo uma outra coisa.

Merda. Não posso nem me aproximar assim, que fico excitado.

— Bom, então vamos fingir — digo, soltando-a e voltando para minha função no preparo da massa.

— Fingir? — questiona, ainda peneirando como ensinei.

— Você finge que não notou nada e eu finjo que resisto a você.

Os olhos dela me alcançam e ela nega.

— Não vou fingir nada. Se você prefere assim, eu aceito sua decisão,

mas não vou tornar as coisas mais fáceis, bonitão. Seu pau está duro, senti ele. E eu estou sem calcinha debaixo do robe.

Ai, cacete.

Imagens do seu corpo nu invadem minha mente, e ligo a batedeira de uma vez. Assustando a ela e a mim.

A expressão em seu rosto é divertida e meus olhos percorrem seu corpo descaradamente. Não consigo mais me concentrar no que estou fazendo. Sorte minha que só vamos poder assar os biscoitos depois que a massa ficar na geladeira por um tempo.

Depois de fazer minha parte, alcanço a vasilha que está em suas mãos e vou acrescentando aos poucos o conteúdo à minha mistura.

Quando a massa fica pronta, a divido em duas partes e levo à geladeira.

— Agora, vai ficar aí por duas horas, e só depois poderemos assar.

Ane assente. O clima entre nós mudou, está mais denso.

— Vou por uma música e você traz o vinho.

Caralho. Essa mulher, vinho e música. Sigo seu comando de modo automático e depois vou até ela, que me espera na sala principal.

O som toca um dos álbuns da *Dominium* e ela cantarola baixinho, enquanto observa pela janela a neve que cai pesadamente lá fora.

— Parece uma nevasca. Acho que agora sim tudo vai ficar soterrado sob a neve.

Me aproximo e encaro a paisagem branca, animado. Quanto mais neve melhor. Eu adoro essa época, apesar de ser um período difícil pra mim.

Ouçó o fogo crepitante e percebo que ela acendeu a lareira. O controle ainda está em sua mão.

Me sento no chão, sobre o tapete, em frente ao calor dourado das chamas e recostado no sofá. Abro a garrafa. Pouco depois, vejo Ane

caminhar até mim e se sentar ao meu lado.

Sirvo o vinho em duas taças e ofereço uma a ela, que encara o fogo ao sorver um gole.

— Você prometeu diversão, Josh. Não estou me divertindo.

Olho-a de esguelha e meneio a cabeça.

— Inadmissível. Uma garota nunca me disse isso antes.

— Provavelmente porque era mais divertido com elas.

Suas provocações arrancam uma risada minha. Não sei o que acontece, que estou sempre rindo quando a tenho por perto.

Mas então ela me vem com uma sugestão absurda...

Anne

Josh está sentado no chão ao meu lado. O fogo traz uma sensação de aconchego, o vinho lembra romance e a música completa o clima.

Ele está lindo, como sempre, em uma de suas dezenas de camisetas pretas de manga longa e calças escuras. Não que importe o que ele vista. Sempre tem essa aparência de modelo de cueca.

Decido propor uma brincadeira arriscada.

— Que tal o seguinte: a brincadeira se chama confessionário. Eu confesso um segredo e você me diz se é mentira ou verdade. Se acertar, eu bebo; se errar, você bebe.

Josh me fita com seus olhos azuis, que refletem as chamas da lareira, e penso por um momento que dirá não. Mas ele apenas olha pra frente, muito sério e diz:

— Confesso que estou alucinado pra desamarrar esse nó. — Sua mão aponta para o laço que prende meu robe, mas seus olhos não ousam me

encarar.

Antes que eu possa dizer se é verdade ou não, ele bebe um gole do vinho afirmando que não há contestação.

— Confesso que eu o deixaria desamarrar. — Eu mesma não reconheço a rouquidão em minha voz e também sorvo a bebida de uma vez.

Josh diz a próxima frase, e percebo que nossa brincadeira se tornou apenas uma desculpa para dizer tudo aquilo que não falamos sem um pretexto.

— Confesso que morro de ciúmes de você. Seu namorado... Só de imaginar vocês juntos, meu estômago dói.

O meu é que se revolve com sua afirmação. Meu coração dispara, meu sangue circula mais rápido, minha mente se anuvia. Meu organismo todo entra em combustão.

— Mentira — digo apenas para o ouvir se explicar.

Seus olhos se voltam pra mim.

— Eu destruí oito pares de baquetas desde que você foi embora, quebrei uma garrafa de cerveja na parede quando Julia me contou que estava namorando e se ele estivesse aqui eu teria quebrado na cabeça dele. O único alívio que tenho...

Josh não continua e fico na curiosidade, mas bebo o vinho. Ele com certeza está sendo sincero.

— Confesso que adorei seu piercing...

Um sorriso de lado surge em seu rosto e ele balança a cabeça descrente.

— Isso é sério? Pensei que a tivesse assustado.

— Nem um pouco. Inclusive, sonhei com ele essa noite, e mal posso começar a descrever as coisas que senti.

Josh me olha sério e coloca sua taça no chão.

— O que fizemos no sonho, Ane? Me conta. Me dê ao menos o prazer de imaginar.

Fecho meus olhos e encosto a cabeça no sofá atrás de nós, e então começo a descrever as coisas que sempre sonhei fazer com ele. Acordada.

— Você foi mais gentil dessa vez, porque sabia da minha inexperiência. Primeiro, tocou todo meu corpo com seus lábios e mãos, e me permitiu sentir você de tantas formas...

— Fala mais. — A voz dele está rouca e sinto a excitação correr por meu corpo, concentrando-se entre minhas pernas.

— Quando finalmente me penetrou, suas investidas eram calmas, mas seguiam um ritmo enlouquecedor. Mantivemos a posição, deitados, até que me acostumei. Depois, você inverteu nossos corpos e eu fiquei por cima, e em seguida, sentada.

— Caralho...

Ouçó seu grunhido e sei que está tão desesperado quanto eu.

— E depois, Ane? — Ele pede.

Abro um sorriso ao responder.

— Confesso que não sonhei nada disso. Ao menos, não dormindo.

Abro meus olhos e volto-me em sua direção. A mão dele está sobre o volume na calça e Josh olha pra mim com um fogo todo dele. Que não tem nada a ver com a lareira.

— Mentira — ele diz.

— Depende, Josh. Sonhar acordada é válido?

Josh olha pra minha boca.

— Confesso que se você não sair daqui agora, Ane, vou tirar sua roupa e cobrir seu corpo com o meu. Vou entrar em você, e ouça com atenção, porque isso é muito sério: eu não vou sair mais, Anelyse. Se decida agora.

Suas palavras são um pouco enigmáticas, mas de que me importa isso? Tudo que eu quero é que ele faça o que está dizendo.

Não respondo. Não há o que dizer. Tomo sua mão entre as minhas e a coloco sobre o cordão do robe. Seu olhar é tão intenso, que sinto uma fisgada dentro de mim. Meus anseios todos concentrados no que ele está fazendo.

Suas mãos abrem minha roupa lentamente e então seu olhar se fixa em minha boca. Seus lábios tocam os meus levemente ao mesmo tempo em que sinto a seda deslizar por meus ombros.

Então, seus dedos tocam meus seios com leveza e carinho. Vejo seus olhos passearem por meu corpo e voltarem ao meu rosto.

— Não existe absolutamente nada mais lindo que você, Anelyse. No mundo todo, nunca vi algo que se comparasse a você.

Mentira. Quero dizer que é mentira, mas me controlo, para não estragar o momento. Josh já esteve com tantas mulheres lindas e já foi em tantos lugares perfeitos. Mas eu entendo as motivações que o fazem se expressar dessa forma.

Com uma das mãos, ele solta meus cabelos, e apoiando minha nuca, faz com que me deite sobre o tapete.

Seguindo tudo o que eu disse a ele, Josh beija meu corpo todo. Sua boca toma meus seios, beijando e arrancando gemidos de mim; toca meu pescoço com os lábios e a língua.

Minhas mãos passeiam por suas costas largas, pelos braços fortes, e ergo sua camiseta, a arrancando logo. Meus dedos se embrenham em seus cabelos e vou conhecendo seu corpo todo com calma.

Seus beijos descem pela minha barriga como na primeira vez, mas agora ele faz tudo pacientemente, para que eu possa sentir prazer. Para que eu esteja preparada.

Um de seus dedos encontra o caminho para minha entrada, e ele geme

baixinho ao me tocar.

Lentamente e sem tirar os olhos dos meus, Josh desliza facilmente para dentro de mim e me remexo deliciada com a sensação.

Josh movimenta o dedo, me instigando, enquanto seu polegar toca-me mais à frente, no ponto em que pulso por ele. Um segundo dedo percorre o mesmo caminho, e a sensação, que era boa, fica ainda melhor, enquanto ele me toca e me beija, vez ou outra.

Seus dedos, então, me deixam e sinto um vazio absurdo. Não estou preparada para não sentir seu toque. Mas então...

Josh leva os dois dedos até a boca e suga, e aquele ato tão íntimo e depravado me tira do eixo. Sei que ele pretende ir com calma, mas não quero esperar mais. Preciso sentir seu corpo se fundir ao meu.

— Josh... — Minhas mãos alcançam seu rosto e ele me encara. — Por favor, faz amor comigo, agora.

Péssimas escolhas de palavras, mas ele não parece se importar. Seus olhos ficam ainda mais intensos, e se posiciona entre minhas pernas retirando a calça e a cueca afoito.

— Que Deus me perdoe por ser tão egoísta. — São suas palavras enquanto desliza pra dentro de mim.

Dessa vez não há dor, ao menos nada intenso que me assuste. Um leve ardor por seu tamanho, mas estou tão excitada que não me importo.

— Está tudo bem, anjo?

Sorrio pra ele.

— Vai ficar ainda melhor quando você começar a se mover.

Seu rosto reflete meu sorriso e Josh acata meu pedido. Na primeira investida, ele fecha os olhos, e sei que está me sentindo e talvez, se controlando.

Seu membro avança para dentro e retrocede para fora de mim

seguidamente, e a sensação que tenho é de completude. Eu o amo tanto, que sinto como se fosse mesmo um sonho.

— Josh — chamo e espero que ele abra os olhos. — Disse que gosta de sexo intenso. Não precisa se controlar por mim, eu aguento.

— Mais intenso que isso? — Apesar de estarmos indo com calma, eu entendo o que ele diz. As sensações são intensas.

— Não se preocupe comigo. Vamos ter muito tempo para testar outras coisas depois.

É tudo que preciso ouvir para relaxar. Eu não tenho apenas essa noite com ele. Josh realmente pretende repetir isso entre nós, e já começo a torcer para que a neve cubra mesmo tudo.

Quero ficar presa nessa casa, eternamente.

Suas mãos passam por baixo do meu corpo e, com agilidade impressionante, ele nos vira. Invertendo as posições e me deixando por cima.

Sento-me, ainda reproduzindo o sonho que não tive, e Josh toca meus cabelos com carinho.

— Se não conseguir, voltamos ao início.

Aquiesço e começo a me movimentar. Minha mão vai direto para o piercing em sua base, e brinco com ele entre meus dedos, enquanto deixo meu corpo escorregar lentamente para cima e para baixo.

A princípio, não consigo descer muito; seu comprimento é grande, e sou iniciante nisso tudo. Mas aos poucos, sinto meu corpo se adaptar ao dele e meus movimentos passam a ser mais coordenados e precisos.

Quando consigo finalmente tê-lo inteiro dentro de mim, vou do inferno ao céu em segundos. Meu clitóris encosta no metal gelado do piercing, me levando à beira do abismo da insanidade.

Arregalo os olhos, surpreendida com a delícia do contato, e vejo Josh sorrir convencido. Suas mãos estão firmes em minha cintura, me dando apoio

nos movimentos.

Intensifico a velocidade a fim de sentir aquilo outra vez, e quanto mais rápido desço sobre ele, mais prazer sinto e mais forte fica o aperto das mãos de Josh.

A fricção do metal com meu sexo, a sensação de ter Josh dentro de mim, preenchendo todo o espaço, e o tesão em seus olhos, tudo isso faz com que o desejo se acumule em mim em uma velocidade surreal.

Sei que estou perto de gozar e aumento ainda mais a velocidade. Josh também percebe, pelo modo como meus gemidos tornaram-se mais frequentes e por meus movimentos mais frenéticos.

Suas mãos firmam meu corpo no lugar, me impedindo de mexer, e ele estoca firme e rápido, me levando ao êxtase. Quando o orgasmo chega, grito seu nome, que é doce nos meus lábios, e ele me acompanha gozando em seguida.

Relaxo meu corpo sobre o seu, me deitando antes de criar coragem para me levantar.

Josh me abraça apertado, e sei que é aqui, entre seus braços, o meu lugar.

— Meu anjo — Ouço seu sussurro, e o apelido me parece lindo pela primeira vez.



CAPÍTULO 11

ROCKSTAR NOEL

Josh

Abro meus olhos e a vejo deitada ao meu lado, os cabelos claros naquele emaranhado lindo. Depois da brincadeira que Ane começou, e que terminou com o sexo mais incrível que já fiz, desistimos dos biscoitos. Deixamos para a manhã seguinte e ela me levou pra sua cama.

Nos beijamos até que percebi que o álcool cobrava seu preço e os olhos dela ameaçavam se fechar. Então, ela adormeceu sobre meu braço, e eu não pude despertá-la para sair dali e ir pro meu quarto. Não que eu quisesse.

Dormir com ela pode acabar se tornando um hábito, um que teremos que perder logo, mas por enquanto...

Ane estica os braços e as pernas, se contorcendo enquanto desperta, e então abre os olhos e me encara. Mas, dessa vez, as coisas são diferentes; nós realmente estivemos juntos e seguro seu rosto, beijando sua boca gostosa em seguida.

— Obrigada Deus. — Ela ergue as mãos, fazendo graça.

— Tá agradecendo por um beijo? Tenho outras ideias de coisas que pode gostar ainda mais.

Ela se vira de lado e apoia o rosto em uma das mãos, me fitando divertida.

— Não. Estou agradecendo porque você acordou e não surtou, não me expulsou da cama ou disse que isso foi um erro e que não vai mais se repetir.

— Não se repetir? De que porra tá falando? Eu te disse, Ane. Eu avisei que se quisesse fugir, era pra fazer isso naquele momento, ou eu nunca mais sairia de dentro de você. Pretendo cumprir minha promessa, começando agora mesmo.

A diabinha mais angelical que conheço começa a rir.

— E o que pretende fazer sobre Ashton?

O que eu pretendo? Não tenho a mínima ideia. *Merda*. Mas não vou mais voltar atrás.

— Ane, eu penso que a reação dele não vai ser muito boa quando descobrir, mas estou disposto a pagar pra ver. Se você for minha.

— Sua? — Os olhos dela tem um brilho diferente, e estou quase certo de que vai aceitar o que estou propondo.

Faço-a se deitar na cama outra vez e me deito sobre ela, enquanto arranco os cobertores até sua cintura.

Seguro suas mãos ao lado do corpo e me divirto com seus movimentos desesperados, quando abocanho seu seio. O mamilo rosado está erguido em protesto ao frio que faz fora das cobertas, e um gemido delicioso lhe escapa.

Ela é gostosa pra caralho e não consigo manter a mão, a boca ou meu pau longe do seu corpo. Nem mesmo meus pensamentos se mantêm distantes e a única solução pra isso é correr riscos, torcendo pra que Ashton seja mais compreensivo do que costuma ser.

Mordisco seus seios, arrancando um gritinho gostoso, e então a encaro com seriedade. Preciso que ela entenda o que vou dizer.

— *Minha*. Eu não divido o que é meu. Você entende isso, Ane?

Ela balança a cabeça pra cima e pra baixo, morde o lábio, e espero

que tenha sido claro o bastante sobre o namorado que mantém de enfeite.

— Eu entendo, Josh. Desde que o mesmo valha pra você.

Essa mulher...

Arranco o cobertor, que ainda cobria suas pernas, e me posiciono entre elas, dessa vez me lembrando de pegar um preservativo antes, porque da última vez nos esquecemos e nem quero imaginar o que pode já ter acontecido.

Entro nela com calma, e sinto seu corpo se contrair e se ajustar ao meu redor, enquanto ela suspira, aprovando o contato. Cara, eu morri e fui pro céu. Porra de mulher apertada e gostosa.

— Eu sou seu, bebê. Todo seu...

Falo enquanto invisto meu pau contra seu sexo molhado. Anelyse agarra meus ombros e inclina o quadril na minha direção, pedindo mais.

— Posso ir mais fundo, anjo?

Seu olhar travesso repousa sobre mim e ela inclina a cabeça, mordendo meu lábio com força.

— Mais forte, Josh.

Todos os músculos do meu corpo se contraem em meu esforço para não fazer exatamente o que ela está pedindo.

— Vou te machucar... — digo um pouco receoso, mas louco de vontade.

— Não vai não, eu quero tudo.

Caralho.

Entro nela, então, com força e rapidez, ainda me contendo um pouco, mas ela arqueia o corpo buscando tudo, dizendo com o movimento, que ainda não é o bastante. Então, perco o que me resta de controle e agarro seu quadril com força, enquanto me enterro fundo nela.

Seus gemidos altos são de prazer, e Ane leva a mão até meus cabelos

e puxa forte, grudando a boca na minha, enquanto o barulho dos nossos corpos se encontrando ecoa pelo quarto.

Anne

Estou aqui sentada, observando Josh organizar os confeitos para os biscoitos que agora assam no forno, enquanto o delicioso aroma invade o ar.

Visto apenas uma camiseta dele, da *Dominium*, e meus pés estão descalços, mas o aquecedor não permite que o frio, que pinta as ruas de Seattle de branco, entre aqui.

Josh retira a forma quente usando uma luva, e meu coração dá um salto. Nem acredito que sonhei tanto com isso, com cenas domésticas e românticas com ele, e estou vivendo tudo agora.

— Vem me ajudar a enfeitar os biscoitos.

Me levanto e posiciono-me ao seu lado, observando as mais diversas formas que recortamos mais cedo.

Não levamos muito tempo nessa tarefa e logo eles estão prontos. Josh serve chocolate quente em duas xícaras, e sorvo o líquido fumegante.

— Que chocolate quente é esse? — Tenho certeza de que meu rosto demonstra toda a surpresa que sinto. — Eu nunca senti um gosto tão bom assim, e olha que já tomei vários e nas melhores cafeterias.

Josh abre um sorriso convencido.

— Receita de família. Minha avó dizia que a tataravó dela viveu no século XIX. Reza a lenda que foi uma governanta, que acabou se tornando marquesa e mais pra frente duquesa. Dizem que ela preparava o melhor chocolate quente do mundo, e essa receita foi passando de geração em geração.

— Isso é verdade?

— Não sei. É meio confuso, porque a tal marquesa vivia na Inglaterra, mas minha avó dizia que os descendentes dela e do marquês se mudaram pra cá, trazendo a receita junto e a história também, que não sei se é mesmo verdade, mas escreveram até um livro dela. Nunca pesquisei muito sobre as coisas que minha avó contava — comenta sorrindo.

— Bom, se a mulher era sua parente mesmo, não sei, mas com certeza o chocolate é perfeito. Isso que importa. Você já leu o livro?

Ele balança a cabeça negando.

— Dei uma folheada, se chama O Ogro e a Louca, mas como é um romance não faz muito meu estilo.

Terminamos nossa bebida em silêncio e comemos os biscoitos no clima gostoso de descobertas que estamos.

— Vamos buscar nossa árvore? — Josh pergunta, e fica nítido o quanto ele adora a época e os preparativos.

— Será que vamos achar alguma coisa? Devíamos ter pensado antes. Está tão perto, que não sei se vamos encontrar.

— Ah, mas você não sabe com quem está lidando, Anelyse Ray? Eu não posso aceitar um Natal sem árvore, e já contatei uma decoradora, que chega em menos de uma hora, pra arrumar a casa.

— Ai, meu Deus. Exagerou, como no mercado?

Josh apenas sorri e eu sei que sim; deve ter mandado um caminhão de decoração pra cá, ou mais, se estiver decidido a enfeitar todos os cômodos.

Apenas nos vestimos rapidamente e saímos na caminhonete, rumo a alguma plantação de pinheiros que ainda tenha algo bonito. Mesmo que esteja faltando menos que uma semana para o Natal, a esperança é a última que morre.

Josh pega a estrada que deixa a cidade, e seguimos alguns minutos

por ela.

Ligo o som e uma música country começa a tocar; Josh me encara com a sobrancelha erguida e aquele sorriso que faz meu coração indecente se abobalhar todo.

— Sério isso? Acha que é só entrar em uma caminhonete, que precisa ouvir country e pôr um chapéu na cabeça?

O chapéu eu dispenso. Mas...

— E colocar os pés sobre o painel — digo e cruzo as pernas, colocando as botas pretas que decidi usar, sobre o painel.

Os olhos de Josh parecem soltar faíscas.

— Ei! Isso aqui não é tapete, não, anjo. Pode tirar os pezinhos daí.

Abaixo as pernas, rindo dele.

— Olha, confesso que achei que fosse ficar mais irritadinho que isso.

— Você tem sido uma boa menina comigo, mas não abuse, ok? Se fosse o Tray, teria levado um soco, mas como não é, posso punir você de outras maneiras.

Gargalho alto com seu comentário. Nunca imaginei Josh assim, e por mais que tenha ciúmes do seu passado, sei que o que estamos construindo aqui é algo nosso, apenas. Seja lá o que for.

— Isso é uma ameaça ou uma promessa, *anjo*? — Dou ênfase à palavra, e arranco um olhar de esguelha dele.

— Pode ser as duas coisas.

Sua mão alcança a minha e sinto um leve tremor com o contato. Isso não é puramente sexual, ele não precisaria pegar minha mão se tivesse a intenção de manter as coisas assim.

E suas palavras mais cedo... Exclusividade. Ele está disposto a enfrentar Ashton e ficar comigo. Por mais que as coisas sejam feitas aos poucos e com calma, saber que Josh tem essa intenção é o bastante pra mim,

por enquanto.

— Ane, vamos descer agora — diz, entrando em um lugar aberto, e já vemos de longe várias árvores plantadas.

Descemos do carro e percebo que aqui, onde outras pessoas podem nos reconhecer, ele não segura minha mão, e sinto falta do contato breve que houve pouco antes. Josh para um pouco antes da entrada e se vira na minha direção.

— Acha que vão me reconhecer?

Seu disfarce característico está ali. O boné foi substituído por uma touca, e os óculos escuros, que chamam mais atenção que desviam.

— Eu tiraria os óculos, Josh. Estamos no inverno — explico apenas isso, porque é óbvio todo o resto.

— Não vou tirar, não, e se me reconhecerem, você vai cortar a árvore. Dou risada com a ideia de que eu vá cortar uma árvore.

— Olha só — falo e já entro pelos portões abertos. — Precisa de um disfarce melhor, acho que um bigode já ajudaria. Depois vemos isso, vem...

Josh me segue de cabeça baixa, evitando contato visual com as pessoas, mas não tem muita gente aqui hoje. Seguimos mais para o fundo, nos embrenhando em meio as árvores.

Depois de falar brevemente com o dono do lugar, que não reconheceu nem a ele e nem a mim — o que é menos comum, graças a Deus — seguimos para escolher nossa árvore.

Como previsto, muitas já foram levadas, mas, por se tratar de uma plantação, ainda há muitas opções boas e ficamos divididos entre duas delas por um tempo, até escolhermos a maior e mais cheia. Surpresa.

Josh corta a árvore com algum grau de dificuldade, afinal não é nenhum lenhador, por mais que o físico acompanhado de um machado criem um quadro delicioso; carregar a árvore imensa e colocar na caminhonete não

é um problema, e me vejo fantasiando com a força das suas mãos e tudo que ainda não fizemos.

Ele desce da carroceria e me pega em flagrante observando quase de boca aberta — levemente aberta conta? — Seus braços, as botas, tudo aquilo que faz com que ele pareça o homem bruto que sei que ele sabe ser. No momento certo.

— Que foi? Já quer volta pra casa? — Comenta sorrindo, o pervertido.

— E onde mais iríamos?

— Pensei em ir comprar algumas coisas pra noite de jogos no *Peace*, e tenho que comprar presentes, mas podemos deixar isso pra amanhã. Sabe onde estão os enfeites de Natal pra árvore? Ou vamos ter que comprar mais.

Esse homem e o Natal são uma combinação extremamente consumista.

— Imagino que apenas Rosa saiba onde estão, mas eu ligo pra ela. Não precisa de novos, onde fica seu apego emocional?

Josh dá de ombros.

— Quanto mais, melhor.

Sua frase despropositada gera uma centelha de dúvida em mim. E se Josh levar esse pensamento para o resto de sua vida? Bom, vai ter que mudar de ideia. Foi ele quem começou com essa história de exclusividade.

Não que eu queira mais alguém.

Quando abrem os portões da mansão, percebo uma movimentação anormal e ao estacionarmos, avisto um caminhão sendo descarregado e uma mulher dando ordens.

A fachada da mansão já está completamente diferente e pelo que percebo, agora os enfeites são levados pra dentro.

Luzes cobrem toda a entrada. Por mais que ainda não estejam ligadas,

posso imaginar como vai ficar e será bem assim: se a cidade for filmada do alto, verão um ponto enorme e brilhante de luz, que ofusca todo o resto. E esse ponto é bem aqui.

Além da neve que já está mesmo espalhada por todo lado, agora sobre a porta tem uma máquina que produz neve falsa que cai do telhado. Josh simplesmente não tem limites.

Vão pensar que a *Dominium* decidiu competir com os vizinhos pela melhor decoração natalina.

— Josh, não está um pouco... exagerado?

Ele me olha e realmente parece surpreso com minha pergunta.

— Sério? Ela começou agora, espere só pra ver como vai ficar depois de pronta, e o toque final.

— E o que seria? — Pergunto, já um pouco temerosa.

— Surpresa.

Sua resposta não me acalma, mas bom... é Natal, são enfeites. O que ele poderia inventar de tão maior que tudo o que já está sendo feito?

— Sabe que Ashton e Julia vão embora logo que passarem pelo portão, certo?

— Por quê? — Pergunta, sem entender a brincadeira.

— Com certeza, vão imaginar que estão no lugar errado.

— A casa sempre foi decorada no Natal, você está sendo implicante

— Josh responde enquanto observamos alguém subir com uma escada para que o Papai Noel alcance a chaminé.

— Decorada, sim, mas parece que ela mergulhou em um oceano de luzes e enfeites.

Voltando o rosto em minha direção, Josh empurra seu ombro no meu. Nem minha implicância, como ele diz, tira o sorriso do seu rosto. Ele parece um menino, vendo tudo sendo feito.

— Se quisessem algo mais discreto, deveriam ter pedido pra Rosa fazer, antes de darem folga pra ela. Agora, aguentem.

Vejo que ele se afasta de mim, aproxima-se da mulher responsável por essa "pirotecnia" e a cumprimenta animado. Depois me faz um sinal e eu o sigo pra dentro.

Entramos na casa e seguimos direto pra sala principal, onde algumas pessoas enfeitam as portas de vidro, que escorrem água por dentro e já são chamativas ao natural. Tem guirlandas e laços pra todo lado.

— O que foi?

— A decoradora vai lá arrumar meu apartamento — fala como se não fosse nada demais.

— Sério isso, Josh? Você mal vai lá!

— Isso importa? Quero que esteja bonito. É Natal, e eu tenho muito a celebrar nessa data. Quem sabe se eu estaria aqui se não fosse o dia de Natal, alguns anos atrás? Quem sabe se minha mãe estaria viva? Ou se eu faria parte da *Dominium*?

Aquiesço, compreendendo suas motivações. Seu pai foi embora na véspera de Natal e, ao contrário da maneira como a maioria enxergaria algo assim, Josh vê isso como algo bom. Eles se libertaram.

— Por falar nisso, e sua mãe?

— Ainda não voltou de viagem, me manda fotos todos os dias dos passeios que está fazendo.

— Minha mãe também faz isso. Mas ela deve chegar logo. Aliás, todos eles voltam logo.

Meu comentário parece fazer com que uma nuvenzinha de fumaça cinza paire sobre nós. Sabemos que as coisas vão ser diferentes, quando a casa estiver cheia outra vez.

A diferença é que Josh sabe exatamente o que vai acontecer, e eu me

sinto cega em meio a um nevoeiro e mesmo assim avançando, pra não congelar. Ele disse algumas coisas, pediu outras, que me fizeram acreditar que tem mesmo a intenção de manter nossa relação.

O que não ficou claro pra mim foi a maneira como isso será feito. Se seremos um segredo, aproveitando os momentos sozinhos e caminhando furtivamente um para os braços do outro na madrugada, durante um tempo. Ou se ele pretende enfrentar os riscos de uma relação pública comigo, de uma vez.

E eu não tenho coragem o bastante para perguntar. Honestamente, a primeira opção não é tão ruim, porque ela pode progredir até se tornar a segunda, então vou deixar que as coisas aconteçam em seu próprio ritmo.

Vejo um homem entrar, carregando nossa árvore, e imagino que Josh tenha pedido à decoradora que enviasse alguém.

— Onde vamos colocar?

— Aqui mesmo. Na sala todos vão poder ver, e a pequena Ashley vai poder destruir mais fácil — comenta brincando e parece tão feliz que não tenho coragem de dizer que é exatamente o que vai acontecer.

— Não me importo — prossegue como se adivinhasse o que pensei.
— Vai ser ótimo, a árvore vai ficar incrível, e a Princesinha é linda.

— São seus olhos, Josh — brinco ao ouvir o carinho dele com Ashley.

— Também.

Sua resposta me obriga a desferir um soco leve em seu braço, o repreendendo pela presunção.

— Descobriu onde estão os enfeites? — Pergunta, massageando o ombro exageradamente.

— Não liguei pra Rosa ainda, mas tenho uma suspeita. Vou ver se estão na despensa e volto já.

Dito e feito. Momentos depois, retorno à sala com uma enorme caixa nas mãos; antes que Josh possa me ver, no entanto, escuto uma conversa dele ao telefone.

— Eu sei disso, mãe. Prometi que iria, e eu vou vê-lo. Mas ainda não é Natal... Tudo bem, eu vou amanhã ou depois. Presente de Natal? Aí, acho que já tá exagerando.

De quem ele está falando? Me aproximo um pouco mais, pra ver se ouço algum nome, mas acabo tropeçando em uma outra caixa de enfeites, que um dos funcionários da decoradora deve ter deixado no caminho. Isso atrai a atenção de Josh, que nota minha chegada.

Percebo que sua postura muda de imediato, e suas próximas palavras apenas me fazem ter certeza de que está me escondendo alguma coisa.

— Tudo bem, Carter. Os rapazes voltam logo e vemos nossa agenda. Até mais.

Josh desliga o celular e não sabe que eu escutei boa parte da conversa. O que não entendo é porque me esconderia uma conversa com sua mãe. Mesmo assim, respeito seu espaço e não o questiono sobre isso, ou sobre quem é a pessoa que ele precisa ver.

Não que eu seja boa em respeitar espaços. Vou descobrir o que ele esconde. Mas Josh não precisa saber, precisa?

— E então, encontrou? — Pergunta e percebo a ansiedade em seus olhos, que me sondam a fim de descobrir se escutei alguma coisa.

— Sim. — Disfarço, abrindo a caixa. — Olha quanta coisa!

Passamos as próximas horas rindo e conversando enquanto arrumamos a árvore, que fica absolutamente incrível ao final.

No topo dela, ao invés de uma estrela como sempre, tem um enorme D dourado representando a *Dominium*; pode parecer absurdamente egocêntrico, mas a verdade é que foi um presente da minha mãe para os

meninos no Natal, após o primeiro contrato da banda, e de lá pra cá, sempre o usamos.

Quando terminamos, Josh acende as luzes e me abraça, e ficamos os dois observando o resultado. O caminhão que trouxe a decoração foi embora, nos deixando a sós outra vez, e contemplamos juntos essa casa que, no momento, mais se parece com um grande e brilhante palco.

Saímos para ver a entrada, com as luzes todas acesas, e Josh aponta para o telhado, onde antes estava apenas a máquina que produz a neve. Lembro-me de quando disse que eu ainda não havia visto tudo e, realmente, ele não poderia ter pensado em algo mais chamativo que isso.

Tem um trenó, algumas renas, e um enorme saco vermelho pendurado na chaminé. O pior de tudo é que o saco brilha com led, me arrancando uma gargalhada.

— Josh! Isso chega a ser brega.

Ele ri do meu tom divertido.

— Nada é brega no Natal, Ane.

Olho em seus olhos e percebo o quanto estou perdida. Se antes era absolutamente apaixonada por Josh, depois de viver esses dias com ele, de senti-lo de tantas formas, se ele desistir de nós, precisarei me esforçar muito para superar e viver do mesmo modo que antes.

O que significa que isso não pode acontecer. Preciso mantê-lo interessado, disposto, e ninguém melhor para me dar conselhos sobre isso que meu amigo francês.



CAPÍTULO 12

ENROLADOS

Anne

Depois de mais uma noite dormindo com Josh ao meu lado, estou em desespero. Isso não pode acabar.

Ele saiu de casa pra resolver algumas coisas, e aproveito o momento para conversar com Thierry e pedir um conselho.

Fito o rosto dele, boquiaberto, enquanto conto tudo que aconteceu entre Josh e eu, depois da última vez que conversamos.

— *Espera aí, chéri. Então vocês transaram loucamente, fizeram amor, você conheceu os poderes do pubic, e ainda assim precisa dos meus conselhos? Pelo que entendi, ele está na sua, e logo as coisas entre vocês vão se esclarecer, vão se casar e ter três filhos lindos.*

Seu tom é de brincadeira, mas ele realmente parece não entender o que eu tenho em mente.

— Eu seeei! Aconteceu tudo isso, sim, e passamos momentos maravilhosos, mas o Ash volta logo pra casa e sei que as coisas vão ficar mais complicadas. Tenho medo de que, agora que já ficamos juntos, o interesse dele acabe cessando e Josh perceba que é mais fácil não se envolver comigo.

Thierry suspira, irritado.

— *Ane, você está sendo paranoica e insegura. Eu sei que gosta dele, mas as atitudes de Josh não parecem as de alguém que vai mudar de ideia e que não está interessado.*

Faço bico pra ele. Sei que estou sendo tudo que disse, mas não consigo evitar; eu amei Josh por tanto tempo que, agora que o tenho de certa forma, não posso imaginar que as coisas vão mudar em breve. E ele tem mentido pra mim. Está escondendo alguma coisa, e isso me faz perceber que não está completamente envolvido.

— Thierry, deixa de ser chato. Eu só quero uma dica, tá? Josh é experiente, preciso que me dê uma ideia de algo que ele nunca tenha feito; alguma coisa pra fazer ele pensar em mim como a mulher pra se casar, mas que vai deixá-lo alucinado na cama. Mas você sabe, ele é um rockstar, precisa ser algo incrível!

Ele parece considerar algumas coisas, antes de finalmente dizer algo.

— *Olha só, estive pesquisando algumas técnicas novas para esquentar as coisas. E tem algo que acho que iria surpreendê-lo e que é provável que ninguém nunca tenha feito. É bom que você testa e me conta, porque eu não vou fazer, é muito gay.*

Dou risada de sua careta.

— Acontece que você é gay, Thierry.

— *Apenas na prática. Não preciso da teoria também.*

Não parece fazer tanto sentido assim, mas entendo perfeitamente o que quer dizer. Ele gosta de sexo com homens e se apaixona por eles. Isso não quer dizer que vá se maquiar e sair de salto, não é seu estilo.

— E o que é?

— *Uma massagem!* — Pelo seu tom animado, ele parece achar que realmente é algo maravilhoso. Não compartilho da sua empolgação.

— Muito comum. Por que você acha que ele nunca recebeu uma

massagem? Até eu recebi, mesmo virgem.

O brilho nos olhos dele me diz que tem algo mais nessa história.

— *Uma massagem peniana.*

Reviro os olhos. Só fica pior.

— Quer que eu o masturbe? Não tem nada de novo nisso!

— *Calma! Me deixa falar, coisinha desesperada. É uma massagem no pênis, mas não é feita com as mãos, e sim com um colar de pérolas.*

Agora tenho certeza de que meu rosto expressa confusão.

— Como assim?

— *Olha, vou te mandar um vídeo que tem o passo-a-passo. E não, não é um vídeo pornográfico. Apenas as explicações de como vai envolver o membro do seu companheiro com o colar e massageá-lo, e depois vai utilizar o objeto durante o sexo.*

Huum. Agora as coisas começam a ficar interessantes. Se Thierry, que tem um vasto conhecimento no campo sexual, descobriu isso recentemente, é bem possível que Josh nunca tenha visto, e vou usar a meu favor para impressioná-lo.

Josh

Chego em casa depois de ter saído para buscar algumas coisas pra noite de jogos do Peace; as comidas e bebidas já foram entregues, mas decidi dar, eu mesmo, um presente especial pra cada um dos moradores.

Muitos deles não tem ninguém mais que os visite, e é uma decisão minha tornar a noite especial o bastante para que não sofram muito com a ausência dos familiares desleixados.

Outros tem famílias que os amam e que estão presentes sempre,

mesmo assim posso levar um pouco mais de alegria a essas pessoas. É incrível como não me custa nada fazer isso por eles, e é um preço tão alto fazer algo assim por meu pai.

Por mais que minha mãe tenha pedido que eu levasse um presente a ele, não consigo pensar em nada. Não apenas por seus atos do passado. Já faz tanto tempo, que nem sei se ainda sinto raiva por isso, em específico. Acho que tem mais a ver com quem ele é, sempre.

Mas, quando entro pelos portões da mansão, deixo tudo isso pra trás. O que importa é que Anelyse me espera.

Meus pensamentos passam rapidamente por Ashton, e penso em como fazer com que ele aceite a ideia mais fácil. Mas sei que precisarei ser muito claro sobre o que eu quero dela, para que aceite e nos apoie.

Tenho absoluta certeza de que vai fantasiar um cenário em que as coisas entre nós dão errado e eu ferro com tudo, terminando com ela. E sei que isso é possível.

Relacionamentos são complicados e não dá pra prever que merda vai acontecer no futuro. Mas quero ficar com ela e não posso deixar de tentar por covardia. Por medo do que pode acontecer. Já perdi tempo demais com esse receio e por pensar na reação de outras pessoas.

A casa já está toda iluminada e ouço uma música alta ecoar por todo o ambiente. Entro e saio dos cômodos, procurando por Anelyse e a chamando, mas não consigo encontrá-la.

Guiado pela audição, desço as escadas em direção ao estúdio e quanto mais me aproximo, mais claro fica que o som está vindo dali.

Mas que porra será que Ane está fazendo aqui?

Abro a porta, chamando:

— Anjo?

E paro, sem estar fora nem dentro.

Assustado. Deslumbrado.

Ane está sentada atrás da bateria, as pernas cruzadas sensualmente sobre ela. Meias pretas descem da metade das coxas até os pés, nos quais saltos muito vermelhos se destacam. Ela está vestindo um espartilho preto muito sexy.

Observo, sem reação, seus cabelos loiros, que foram enrolados e descem em cachos sobre os ombros, e a maquiagem um pouco mais forte que de costume.

Um colar de pérolas desce de seu pescoço, dando um ar de classe à lingerie e seu comprimento ultrapassa os seios. Ane o segura em uma das mãos, brincando. Nos lábios, um batom vermelho, além do sorriso que faz com que eu troque o peso de uma perna pra outra, bastante surpreso.

Olho ao redor e percebo que ela preparou todo o lugar para que o clima fosse perfeito.

— O que é tudo isso? — Pergunto, mesmo que a resposta seja óbvia.

— Acha que é o que?

Anelyse tira as pernas de sobre a bateria, e um prato bate no outro, fazendo barulho. Levanta-se e caminha até onde estou, os quadris ondulando sensualmente a cada passo, a segurança e sensualidade exalando por todos os seus poros, assim como o cheiro gostoso que vem dela.

— Vamos fazer algo diferente hoje, Josh.

— É mesmo? — Acho que perdi a coerência, mas não sei bem o que dizer.

Nunca a vi assim, tão sexy, e com certeza, não estava preparado para me tornar a presa tão rápido. Por mais que ela tenha me tentado por muito tempo, não a imaginei assumindo o controle tão cedo, mas estou mais que disposto a ver acontecer.

Porém, não estava preparado pro que vem a seguir.

Anelyse se abaixa diante de mim, flexionando as pernas, e seus olhos me encaram enquanto ri descaradamente. As mãos alcançam meu zíper e ela abre minha calça sem hesitação.

Quando Ane me toma nas mãos e percebo o que pretende, por um instante a racionalidade com a qual a tratei a vida toda vem à tona, e tenta colocar freios no que está prestes a acontecer.

Levo a mão ao seu queixo.

— Não precisa fazer isso. Não sei se sente confortável...

Mas seu sorriso se alarga ainda mais.

— Eu me sinto muito bem, e quero que também se sinta. E, Josh... relaxa! Eu não sou um anjo.

Ane me segura com firmeza e a vejo tomar-me na boca, enquanto um gemido intenso me escapa. Só então, percebo que já estava duro desde que abri a porta e a vi.

Experimentando, ela desce e sobe os lábios sobre meu pau o máximo que consegue, e então permite que sua língua percorra toda a extensão, me deixando louco.

Seus lábios molhados me beijam do topo à base, alternando a intensidade, como se sempre houvesse feito isso. Quando encontra meu piercing, Anelyse o lambe com a ponta da língua, enquanto me fita com os olhos estreitos, em um olhar que é pura luxúria.

O prende momentaneamente entre os dentes e em seguida volta para o topo, me sugando com força e velocidade impressionantes. Enrolo seus cabelos em minhas mãos, enquanto a conduzo até onde sei que ela consegue, controlando a velocidade que emprega ao ato.

Quando estou prestes a me derramar em sua boca, a puxo para cima, cortando o clímax imediato.

Ane se ergue sorrindo e, com as duas mãos em meu peito, faz com

que eu caminhe até o banco atrás da bateria e me sente sobre ele.

— O que tem pra mim agora, meu demônio particular?

Sua gargalhada gostosa ecoa, e é abafada apenas pelo som alto da música.

Vejo quando, lentamente, ela retira o colar que repousa sobre seus seios, e o toma nas mãos.

Anelyse se agacha outra vez entre minhas pernas, mas agora parece ter uma ideia diferente em mente. Com o colar, a vejo envolver meu pau desde a base até o topo, como se fosse uma capa.

Ao terminar de fazê-lo, me segura e movimenta as pérolas pra baixo e pra cima, em uma tortura deliciosa. Depois de algum tempo, desenrola o cordão e o estica entre suas mãos, como se fosse um fio duplo, para em seguida enrolar meu pau outra vez, mas agora dando apenas uma volta.

Então começa a mexer as duas partes sobressalentes do colar, de modo que as bolinhas passem por mim causando uma sensação de fricção deliciosa, me enviando ondas de calor e um desejo louco de foder essa menina com força.

Tento me levantar para reagir à tortura que ela está fazendo, mas Ane ergue um dedo e faz um gesto de não, tão maldoso e sexy, que ouço meu grunhido de exasperação e tesão. Porra de mulher gostosa.

Os movimentos com o colar continuam e me deixam alucinado. Ela sobe e desce o fio, e outras vezes faz movimentos de vai e vem na horizontal, que tiram meu sossego.

Anelyse sabe exatamente o estado em que me encontro. Vejo isso em seus olhos e na forma com que o sorrisinho de lado desenha seus lábios.

— Agora, *anjo*, fica quietinho que vou montar em você aqui. Na banqueta da sua bateria, que vai ter um significado todo especial a partir de hoje.

Não consigo abrir a boca para dizer nada. Completamente sem palavras diante do que está acontecendo. Ela é como a realização dos meus sonhos mais depravados e ocultos.

Ane passa as pernas ao meu redor e não perco tempo, agarro sua bunda redonda, fincando meus dedos com a força do tesão que estou sentindo.

A maldita nem mesmo tira a calcinha, coloca para o lado o pequeno tecido e desce o colar até a minha base, amontoando-o ali, e em seguida, desce também o seu corpo sobre o meu. Fecho os olhos ao sentir sua boceta apertada ao meu redor.

Ane começa a se movimentar, os saltos vermelhos fixos no chão, enquanto sobe e desce, me deixando alucinado por seu ritmo e por ouvir meu nome saindo de seus lábios que gemem em abandono.

O maldito colar se movimenta com ela, que ainda o segura em uma das mãos e acho que pela primeira vez na vida, não vou durar nem mesmo dez minutos porque estou doido para me liberar dentro de seu calor gostoso.

Estamos tão entretidos no que ocorre aqui, no nosso próprio mundo, que não ouvimos ninguém chamar. Não até que ouvimos um grito, seguido de uma porrada de xingamentos.

— Puta que pariu! Caralho! Cacete, Josh! Ane, que porra!

Ergo meus olhos, e encontro Tray nos encarando da porta, com a expressão muito assustada. Ane olha pra mim com os olhos arregalados, e então pra ele, que parece grudado ali, como se não pudesse se mexer.

Retiro minha camiseta rapidamente e entrego a Ane para que se cubra. Por sorte, ela não retirou o espartilho e a bateria esconde um pouco o restante. Ela coloca a camiseta sobre seu corpo e o tecido desce até a metade de suas coxas, graças a Deus.

Tray ainda não saiu daqui, mas nos encara, agora parecendo achar

graça na situação.

— Porra, Tray! Sai daqui, caralho! — Grito irritado.

Ele ergue as duas mãos, como um gesto de rendição, e começa a fechar a porta, quando Anelyse decide se levantar, arrancando de mim não apenas o calor do seu corpo, mas um grito de dor.

— Ahhhhhhhh!

Tray abre a porta outra vez. Os olhos procurando a fonte do meu pavor.

— O que foi? — Pergunta, ainda rindo de nós.

— A porra do meu piercing.

— Caralho. — Me encara assustado. — Arrancou?

— Não. — Olho pra baixo pra confirmar. — Mas tá doendo pra cacete.

Anelyse ainda me olha aterrorizada, e imagino que muito envergonhada, por Tray estar presenciando algo tão íntimo e descobrindo tudo desse jeito.

Ele entra na sala e Ane puxa a camiseta pra cobrir-nos, enquanto ele ri alto.

— Já vi muito tudo isso que os dois tem aí. Ane, desculpa o inconveniente, mas pode se levantar daí pra descobrimos o que tá acontecendo com o pau do meu amigo?

Ane assente, mortificada, e começa a se erguer, me arrancando outro grito de dor. Então ela se senta de novo com tudo, e a situação é tão absurda, que Tray perde totalmente o controle e começa a gargalhar.

Provavelmente eu também iria rir, se não estivesse preocupado com tudo de importante envolvido nessa equação dolorosa.

Minha pele, meu companheiro de uma vida toda, e a parte específica e deliciosa da anatomia da Ane, que acabo de descobrir.

— Quer parar de rir? Isso é muito sério — Anelyse fala, parecendo em pânico.

— O que aconteceu exatamente? Lançou um feitiço no cacete dele? Tipo uma daquelas mandingas pra ele ficar preso a você a vida toda, e funcionou? Porque não dá pra não rir. Você tenta se levantar e ele grita, de coração partido.

Seguro um riso porque vendo pelos olhos dele, que não sabe nada do colar, deve mesmo parecer bizarro. Não. Mesmo com o colar, ainda é bizarro.

— Não é isso — Ane diz envergonhada, tentando explicar. — Nós estávamos...

Ela para, e Tray abre os braços de modo exagerado.

— Eu sei bem o que estavam fazendo. Eu vi, e não dá pra desver, infelizmente.

— Não é isso, Tray! — Ane grita. — Cala a boca e escuta. Estávamos transando sim, mas aqui no meio tem um colar, e acho que de algum modo ele se enrolou no piercing.

— Um colar? Mas que merda um colar tá fazendo aí?

Antes que ela explique, ele ergue a mão, impedindo.

— Melhor não dizer. Já me fizeram cúmplice do crime de vocês e agora, não vou conseguir fingir que não sei de nada quando o Ash descobrir. Porque vou começar a rir, cacete!

— Tray, só sai daqui — falo passando a mão pelos cabelos, irritado. — Se você sair, vamos conseguir olhar o que está preso aqui e soltar. Mas, com você aí vendo tudo não dá, caralho.

Ele se afasta rapidamente, ainda rindo, e fecha a porta ao sair.

Começo a mexer no enroscó, quando a porta se abre e ouço sua voz.

— Esqueci de dizer. Sejam rápidos, porque o Ash já tá na cidade. Deve estar chegando.

Porra.



CAPÍTULO 13

UM AMOR DE CADÁVER

Anne

Se houvesse uma chance, mesmo que remota, de que eu coubesse no bumbo da bateria, eu teria me atirado ali dentro quando Tray abriu a porta.

Mas ainda bem que não havia, porque teria levado o piercing, o colar e os gritos de dor de Josh comigo.

Tray deixou o cômodo e, na mesma hora, Josh e eu começamos a lutar contra o colar maligno, como ficaria agora conhecido.

Nossas mãos juntas não funcionavam bem e não conseguíamos encontrar o problema.

— Ane, meu bem, me deixa ver, porque se o Ash chegar e encontrar a gente assim...

Ele nem precisa dizer. Ashton descobrir que estamos envolvidos é uma coisa; pode reagir mal, mas existe uma chance de que acabe por aceitar.

Ash me encontrar montada sobre Josh, vestida desse jeito? Morte na certa.

Desenrolo o colar da mão enquanto o encaro, deixando transparecer o pavor que estou sentindo, assim como a vergonha.

— Pronto. Agora que soltou, pode se levantar.

Devagar, me coloco de pé e, realmente, dessa vez ele não sente dor.

— Agora, Ane, vai se vestir, enquanto resolvo meu problema com o colar.

Saio em disparada dali e subo as escadas. Tray está na cozinha comendo um sanduíche e tão logo seus olhos azuis focam em mim, já começa a rir. Mostro o dedo médio pra ele, enquanto sigo para meu quarto ouvindo sua gargalhada ecoar.

Apressada, tiro a maquiagem no banheiro, o batom com um lenço removedor e prendo os cabelos em um coque que espero que pareça desleixado.

Tiro a camiseta que Josh me emprestou e coloco uma minha de mangas longas, retirando o espartilho por baixo e em seguida me enfiando em uma calça.

Ouçó as vozes no corredor e reconheço a risada do meu irmão falando com Tray.

Ainda tremendo um pouco, saio do quarto e sigo para a cozinha, tentando não parecer tão culpada como me sinto. Eu não fiz nada de errado e me obrigo a pensar assim, mesmo que tenha mentido tanto nos últimos dias que nem sei mais se essa afirmação é verdadeira.

Agora, Ashton está com as mãos apoiadas em uma cadeira enquanto ouve o que Tray está dizendo.

Julia está sentada com Ashley no colo, que emite alguns grunhidos de frustração por querer ir pro chão andar.

— Oi! — Me aproximo primeiro de minha cunhada que, contrariando a profissão, sei que não vai me julgar. — Que falta senti de vocês!

Abraço Julia com força e a ouço dizer como sentiu minha ausência também.

Pego minha sobrinha em seus braços e começo a brincar com ela, evitando o olhar de Ashton, como se eu realmente tivesse feito algo errado.

— Eu não sei o que tá acontecendo, mas acho que não é nada. Ela recebeu uma ligação do trabalho e teve que voltar mais cedo. Por isso cheguei hoje.

Ouçõ meu irmão suspirar.

— Já nós voltamos antes por causa das notícias sobre meu pai. Ane e eu precisamos ir até os advogados dele. E a bonitinha ali não quis discutir isso com os homens pessoalmente, então tive que vir mais cedo fazer meu papel de irmão mais velho.

Sei que ele espera que eu me vire, então crio coragem e volto-me em sua direção, sorrindo.

— Oi, irmão. — O abraço com apenas uma das mãos, mantendo Ashley entre nós. — Não entendo por que temos que ir lá, já até o enterraram.

Ash dá de ombros e percebo que sabe tão pouco quanto eu.

— E onde é que tá o Josh?

Tray me olha de esguelha e sei que está se controlando para não começar a rir.

— No estúdio. Quando subi, ele estava um pouco... enrolado — diz, sorrindo. Cachorro. — Deve estar vindo.

Josh aparece pouco depois, um sorriso sem jeito nos lábios enquanto cumprimenta Ashton sem olhar diretamente pra ele. Vejo Julia estreitar os olhos em nossa direção.

— Por que tá sem camisa? Tá nevando, cara. Eu, hein! — Ashton comenta, e temo que Tray não consiga se controlar. Está ficando vermelho de tanto esforço para conter a gargalhada.

— Eu estava empolgado, ensaiando. Compus umas músicas novas que acho que vão gostar, e tanta adrenalina acabou me deixando com calor.

A sobrancelha do meu irmão quase se cola à testa com a explicação

bizarra. Mas não duvida de Josh. Nenhum de nós nunca duvida, porque ele é sempre o mais sensato e sincero. O mais correto de todos e Ash jamais esperaria uma mentira dele. Por isso, entendo o quanto é difícil pra Josh o enganar assim.

— E por que aproveitou nossa ausência, e vendeu a mansão pra comprar um circo? — Julia pergunta e agradeço a Deus por ela, sempre me ajudando.

Josh sorri, meio envergonhado, e leva a mão aos cabelos, como sempre faz quando não sabe o que dizer.

— Josh disse que adora decoração natalina e pediu que enviassem um caminhão de enfeites pra cá. Vocês viram o trenó no telhado?

Julia assente, arregalando os olhos como se estivesse chocada.

— E tinha como não ver? Quando abriram os portões, tomamos um susto.

— Como eu disse pra Ane, vocês deviam ter cuidado disso antes da viagem, se queriam algo discreto. Eu não faço as coisas pela metade — Josh fala sorrindo e rimos do duplo sentido da frase. Mal sabem como, pra mim, o significado daquilo é ainda mais literal.

— Deixem de encher o saco dele — Ashton repreende a noiva e a mim. — O Natal é uma época especial pro Josh, desde sempre. Se ele quiser contratar um Papai Noel particular pra pegar no saco dele, deixem o cara.

Ainda estamos rindo. Mas Josh parece ter achado algo muito interessante no chão, que se chama culpa. Ouvir Ashton o defendendo, mesmo que fazendo uma piadinha, deve estar ferrando com tudo que conquistei nos últimos dias. Minha tentativa com o colar também não foi muito bem-sucedida.

— Precisamos resolver umas coisas, Carter vai estar aqui de manhã e temos muito assunto parado. Com o casamento se aproximando, é melhor nos

organizarmos ou não vou dar conta de tudo.

Vejo Josh assentir e Tray colocar o resto do sanduíche no prato.

— Vamos voltar com os shows depois do casamento. Josh compôs músicas novas e acho que talvez dê pra preparar uma ou duas a tempo.

Ash concorda e Josh continua em silêncio. Começo a me preocupar que meu irmão perceba que tem algo errado.

— Podemos ensaiar amanhã à noite. Pode ser, Josh? — A mão de Ash encontra o ombro de Josh, atraindo sua atenção, mas percebo que nem mesmo ouviu a pergunta.

— Amanhã o Josh vai fazer uma noite especial lá no Peace. Eu vou com ele, levar umas coisas pros moradores.

— Ah legal... Levou a Ane no *Peace*, seu corno? — Tray comenta rindo. — Levou uma eternidade pra contar sobre o lugar pra gente. Levou ela também pra fazer as doações de alimentos?

— Não, eu... Andei meio ocupado e tive que mandar entregar as coisas esse ano. Não deu pra ir pessoalmente — Josh diz e abaixa o rosto, sem coragem de fitar os outros. A verdade é que andou ocupado comigo.

— É porque ele sabe que eu sou útil. Vocês dois só iriam assustar os idosos — respondo, fazendo piada. Aliviando o clima.

Imaginei que Tray fosse rir, mas na verdade ele parece pensativo.

— Sabe que acho que tem razão? Fomos lá uma vez tocar, e as velhinhas ficavam me encarando.

Dou risada de sua cara engraçada.

— Eu estava brincando. Elas devem ter te achado bonito. Percebi que Josh tem umas três namoradas lá dentro.

Todos dão risada com o clima leve e apenas Julia continua a olhar de Josh pra mim, me questionando com os olhos.

— Gente, eu tô muito cansado. Vou me deitar. Amanhã mostro as

músicas novas pros dois e ensaiamos outro dia.

Ashton concorda e observamos Josh se afastar, indo na direção do quarto.

— Sabe, cara — Ash diz pra Tray, em um tom de voz mais baixo. — Tenho achado Josh esquisito. Não é de agora, já tem uns meses que ele está agindo estranho. Será que aconteceu alguma coisa?

— Não sei, mas sabe que essa época é foda pra ele. A visita e tudo... Logo ele volta ao normal.

— Que visita? — Pergunto pros dois, que conversam como se não houvesse mais ninguém por perto.

Eles se encaram por um momento que não me passa despercebido.

— É coisa dele, Ane. Não falamos a respeito.

Conversamos mais um pouco; Ash e Julia contam sobre a viagem a Nova York que fizeram e assistimos Ashley andar de um lado pro outro, animada, mesmo que caia algumas vezes. Meu irmão a persegue pela casa, rindo de suas tentativas de independência.

— Como passou rápido — comento os observando. — A princesinha já está andando, logo começa a falar coisas mais compreensíveis.

— Rápido? Eu nunca pensei que alguém pudesse demorar tanto pra preparar um casamento. Um ano, Anelyse! — Julia já está farta dos preparativos. — Ainda bem que está chegando, ou eu juro que desistiria.

Vejo a expressão de Ashton, que a encara do outro lado da cozinha, com a filha nos braços.

— É melhor retirar o que disse, doutora.

Ela ri da raiva fingida de meu irmão.

— Vou te abandonar no altar, rockstar.

— Nada disso — interrompo o que sei que pode vir a ser uma conversa boba e exclusiva, deixando Tray e eu de escanteio. — Ninguém vai

desistir agora que o pior já foi. Quem mandou aceitar o pedido de um astro do rock em rede nacional? Agora aguenta o mundo inteiro querendo comparecer à cerimônia e a festa pra quase uma cidade inteira.

Julia dá risada do meu comentário e volta a me olhar.

— Já escolheu seu vestido?

— Ainda não achei algo perfeito.

Ouçoo os passos de Ashton se aproximarem e sinto sua presença atrás de mim.

— Por falar nisso, Ane, soube que tem um namorado. Aliás, soube de uma maneira bem desagradável.

— Ah isso, eu... — Droga. O que vou dizer agora? Eu me enrolando nas mentiras, mais uma vez.

— O homem estava na sua cama, Ane.

Na verdade, penso em recuar, mas algo me detém. Se eu deixar que meu irmão continue controlando minha vida, como vou poder ficar com Josh? Mesmo que Thierry e eu não tenhamos nada, defendo minha liberdade ao defender o namoro que não existe.

— Ash, vou te dizer umas coisas. Primeiro, eu te amo, mas chega de mandar na minha vida. Eu sou adulta e posso namorar quem eu quiser. Agradeço a preocupação e te dou liberdade para se intrometer, mas apenas em caso de psicopatas ou assassinos.

A expressão dele é cômica e Julia nos encara, se divertindo.

— Segundo? — Tray pergunta.

— Segundo o quê? — Questiono de volta, sem compreender.

— Você disse "primeiro", então estamos esperando o segundo.

— Ah, segundo: O Thierry não é um safado, nem nada do tipo. Ele não é assim.

— Ele, não — Tray diz com sarcasmo e sou obrigada a lançar a ele

um olhar de reprimenda, pela indireta.

— Tudo bem, vou dar um voto de confiança pro rapaz — Ash diz. — Mas se ele aprontar, eu posso ser o assassino ou psicopata. Só estou mais tranquilo porque ele estuda moda com você, não me parece um tipo muito perigoso.

Prefiro não comentar que o está julgando sem conhecer, e nem que Thierry na verdade é professor, e não aluno. Afinal, não é necessário.

— Ju, vamos nos deitar? Tô cansado.

Julia concorda e se levanta. Me dá um beijo estalado no rosto e vejo os dois afastarem-se pro quarto, com Ashley.

— É, bebê... que ferro. — Tray está sorrindo da minha enrascada.

— Não enche, Tray.

— Sabe o que ainda não entendi? Qual é a sua com esse francês.

Ele dá de ombros e também vai pro seu quarto. Eu sigo pro meu, ainda refletindo sobre o comportamento de Josh e se ele vai ou não levar as coisas adiante.



Ouçó uma batida na porta de manhã e, como a trouxa que sou, corro ansiosa pra porta, pensando que é ele. Mas é meu irmão.

— Se arruma, Ane. Vamos ver os advogados.

— Mas eu não quero — falo, liberando um bocejo. — Muito cedo.

— São dez horas e precisamos ir. Ele era um babaca, mas o homem disse que é importante.

Relutante, fecho a porta outra vez e me visto a contragosto. Pego meu celular e envio uma mensagem pra Josh.

“De saída com Ash, mais tarde nos vemos. Beijos.”

Ashton e eu vamos de carro, e o caminho quase todo mantemos silêncio, com apenas alguns comentários ocasionais; querendo ou não, essa situação incomum e inesperada nos deixa apreensivos.

Ele conduz o carro até o escritório e descobrimos, sem muita surpresa, que a firma fica localizada no mesmo prédio da Brothers King, a firma na qual Julia trabalha.

Quando entramos no prédio nos aproximamos da recepção; Ashton caminha sempre tentando evitar a atenção, e percebo mais uma vez como a diferença entre ele e Josh ou Tray, é enorme. Por mais que muitas pessoas os reconheçam, Ash é o rosto da *Dominium*; não dá pra ir até a esquina sem que alguém o pare.

A moça sentada por trás do balcão parece prestes a desmaiar, e estende uma ficha para que nós dois possamos assinar. Noto que a mão dela está tremendo e olho para meu irmão, fazendo um gesto discreto pra que faça alguma coisa.

— Está tudo bem? — Pergunta pra moça, que fica vermelha até a raiz dos cabelos.

— Você é, eu sou... sou muito fã da *Dominium*. Eu sou uma Dominada.

Me esforço pra não rir, acho super engraçado esse slogan que as fãs da banda usam, mas não posso negar que, de certa forma, também esteja dominada por um deles.

— Ah, que foda! Vem cá, então. Vamos tirar uma foto.

A moça dá a volta, sorrindo e tropeçando, toda fascinada e me entrega o celular nas mãos; sorrio de volta e espero ela se posicionar ao lado dele, pra tirar a foto dos dois. Entrego o celular em sua mão, e ela o segura como se contivesse um verdadeiro tesouro.

— Podemos subir? — Pergunto, atraindo a atenção dela pra mim.

— Claro! O doutor Evans já está os esperando.

A recepcionista aponta a direção e a seguimos. Encontramos o elevador e depois, com o número da sala em mãos, fica fácil achar o advogado, que nos cumprimenta com um sorriso formal e nos direciona até duas cadeiras em frente à sua mesa grande.

— Bom dia, senhor Ray, senhorita Ray. Vou dizer que são os herdeiros mais difíceis de contatar e menos empolgados que já vi. Claro que entendo que não estão realmente ansiosos, por serem quem são.

Herança. Claro, eu deveria ter imaginado. Mas depois do homem nos abandonar para não dividir o dinheiro com a própria família, é estranho pensar que deixaria alguma coisa pra nós.

— O senhor quer dizer que meu pai deixou tudo pra nós?

— Bom, de certa maneira sim. O senhor Ray gravou um vídeo explicando tudo e nós vamos assistir agora, se estiver tudo bem pros dois.

Eu não deveria, mas me sinto curiosa para saber o que ele poderia nos dizer no fim da vida. Ashton parece pensar a mesma coisa, porque apesar de ter a expressão séria, não discorda e deixa que o homem se levante para preparar o vídeo.

— Podem virar as cadeiras pra cá, por favor.

Seguimos sua voz, e nos voltamos na direção do grande monitor que fica na parede oposta à mesa dele.

Em um gesto um pouco teatral demais, doutor Evans aperta o play e a voz do meu pai enche a sala. Nunca pensei que o ouviria outra vez.

“Olá, meus filhos. Sei que estou muito longe da lista de pessoas que gostariam de ouvir hoje, mas tenho algumas coisas a dizer e espero que possam me conceder esse tempo, apesar de tudo...”

Já estamos aqui, afinal.

“Quando ainda eram muito novos, eu saí de casa. Não simplesmente

saí, eu desapareci no mundo sem deixar rastros, guiado apenas pela ganância. Meu casamento não ia bem há muito tempo, mas se eu me divorciasse, precisaria dividir com sua mãe o prêmio milionário que ganhei na loteria.”

Meu Deus...

Não passa pela minha cabeça que alguém possa pensar assim.

“Fui egoísta, reconheço, e pensei apenas em mim e na raiva que eu tinha dela naquele momento. Não pensei em vocês e sei que isso não tem perdão.

Eu me arrependo do que fiz, de ter deixado os dois em uma situação difícil, quando poderia ter agido como pai e cuidado de vocês.

Acompanhei o sucesso da Dominium, Ashton, e depois seu envolvimento com a advogada. Vi você se tornar pai e tenho muito orgulho do homem em que se transformou, tão diferente de mim. Agradeço a Deus por não ter seguido meus passos e se guiado apenas pelo dinheiro.”

Observo Ashton e percebo como aquilo o incomoda; nosso pai odiava a banda e sempre desmerecia tudo que envolvesse a música. Seus olhos estão marejados. Não sei por qual tipo de emoção. Se está sentindo pesar pela morte do nosso pai, ou raiva.

“Metade de tudo que tenho é seu e será entregue no dia do seu casamento, como um presente, para fazer o que quiser. Mas faça com a sua família. Valorize o que tem de mais importante e não perca as pessoas que mais importam, meu filho.

Quando virem esse vídeo, estarei morto. Estou muito doente e não tive a coragem necessária para procurar por meus filhos antes disso, porque sei que não sou digno do perdão de vocês. Mas aceite esse presente pela minha neta. Sei que não precisa, mas estou morto, filho. Não dá pra devolver.

Anelyse, minha pequena menina...”

Sinto um frio gélido percorrer minha espinha ao ouvi-lo me chamar assim.

“Eu fui um fracasso total como pai, mas você se transformou em uma mulher linda e espero que tenha também puxado ao caráter e força de sua mãe.

A outra metade do meu patrimônio é todo seu, a receberá também no dia do seu casamento.”

O quê? No dia do meu casamento? Que brincadeira é essa?

“Sei que não está noiva e suas aventuras na França — acompanhei suas redes sociais — me mostraram que tem fugido de compromisso.”

Esse homem nunca me conheceu de verdade...

Que droga é essa?

“Valorize as coisas importantes, querida. Família. Uma filha minha não deveria se envolver com homens aleatórios e nem permitir que o mundo os visse. De toalha.”

A expressão dele no vídeo me deixa irritada. Como ele pode desaparecer por tantos anos e de repente voltar pensando que pode opinar sobre como vivo meus dias?

Que fique com seu dinheiro. Que o enterrem com ele, já que o queria tanto.

“Desde que se case e viva de modo respeitável, o dinheiro é todo seu.”

Alguém me empresta uma pá? Vou desenterrar ele e falar umas verdades.

“Peço perdão por tudo que os fiz passar, por não estar presente nos últimos anos e por dar a vocês a experiência de ter um péssimo pai.

Desejo que sejam felizes acima de tudo e me deem orgulho.

Tenham uma boa vida.”

Me deem orgulho?

Olho pra Ashton e ele parece estar com tanta raiva quanto eu.

Ele estende a mão para tomar a minha e me oferece sua força.

— É isso. Desde que assinem os papéis, o dinheiro será transferido para os dois assim que se casarem. Poderão fazer o que quiserem com ele. Algumas propriedades também serão passadas para os nomes de vocês — o doutor Evans fala como se não fosse nada demais. Como se não tivéssemos acabado de ouvir nosso pai morto decidir como deveríamos viver.

— O que acontece se não aceitarmos o dinheiro? — Ash pergunta.

— Bom, vocês têm algum tempo para pensar, mesmo porque só o receberão se cumprirem as condições.

Me levanto indignada. Mas não tenho com quem gritar.

— Vamos pensar sobre tudo isso, doutor Evans. Realmente não precisamos do dinheiro do seu cliente. Quando analisarmos tudo, entramos em contato. Obrigada.

Ofereço a mão a ele e Ashton se ergue também, fazendo o mesmo.

Saímos de lá ainda mais mudos que entramos.

Que desgraça acabou de acontecer aqui?



CAPÍTULO 14

TODOS QUEREM PEACE

Josh

Ane e Ashton saíram cedo para ver os advogados do pai e voltaram algum tempo depois. Durante o dia, me preparei para a noite no *Peace* e me soterrei sob pensamentos a respeito daquele que eu deveria visitar no dia seguinte. São dias difíceis.

Além disso, me sinto mal em mentir pro meu melhor amigo, mas estou decidido a levar o que tenho com Ane pra frente e não vou voltar atrás. Demorei a me decidir, mas agora que o fiz não vou desistir dela tão fácil. Preciso apenas descobrir uma maneira de contar tudo pro Ashton de um modo que o faça nos aceitar.

Por mais que tente encontrar um jeito, meus pensamentos constantemente se voltam pro meu pai e o dia de amanhã, em que terei que ir vê-lo outra vez. Com isso, acabo não conseguindo me concentrar em Anelyse e eu, e o que fazer para tornar o que temos definitivo. Eu deveria fazer apenas uma chamada virtual pra penitenciária... Mas parece que estou ouvindo a voz da minha mãe dizendo: "Você sabe que não é a mesma coisa."

Ouçó uma batida à porta e me ergo da cama, onde estava ruminando essas questões, para ver quem é.

Tray está encostado no batente e quando abro, entra sem esperar que

eu dê espaço. *Cacete*.

Fecho a porta, e o vejo caminhar despretensiosamente até o frigobar e retirar de lá duas cervejas, me estendendo uma.

O vejo abrir a sua e faço o mesmo. Sei muito bem o motivo de ele estar aqui.

— E então, minha pérola? O que vai acontecer agora que seguiu meu péssimo conselho e pegou a irmãzinha?

Direciono meu pior olhar pra ele e caminho até onde está minha cama. Me sento no chão, encostando as costas nela e o vejo seguir meu exemplo e fazer o mesmo.

— Não me fale de pérolas, a menos que seja a senhorinha lá do Peace. E por favor, não fale da Ane assim. Ela não é minha irmã.

Tray ri de mim, o desgraçado, e quase se engasga com a cerveja.

— Sei muito bem disso, mas era o que sempre me dizia, não era? Quem negou que queria a menina e se escondeu atrás dessa plaquinha de *somos irmãos* não fui eu. Agora, aguenta.

Suspiro, conformado.

— Não sei o que vou fazer. Quero ficar com ela, mas ainda não sei como Ashton vai lidar com isso e o que vai ser da *Dominium*... Me desculpa, cara, por envolver até mesmo você nessa confusão e arriscar o que temos. Eu não conseguia mais evitar.

— Eu imagino, *caralho*. Quanto tempo você se segurou? Cara, se alguém merece nossa pirralha é você, e o Ash vai entender isso. Mesmo que não seja tão rápido.

Tomo um gole da cerveja e penso um pouco, antes de falar de novo.

— É amanhã. Preciso ir ver o Jean amanhã, e tem esse lance com a Ane, o *Peace* e tudo mais. As coisas estão me deixando meio pirado, sabe? E ela ainda não sabe sobre ele e tenho medo que...

Tray não me deixa concluir.

— Tem medo de que ela não queira ficar com você por causa do teu pai? Que porra, Josh. A Ane ficaria com você mesmo que fosse o próprio diabo.

Eu não tenho tanta certeza disso. Ane parece gostar de mim algumas vezes, mas age de modo diferente em outras, e me deixa sem saber exatamente o que esperar dela.

Mas Tray não me permite argumentar.

— Outra coisa, quando vai parar de ouvir esse pedido de Natal da sua mãe e de ir vê-lo? O cara é um escroto, Josh, não tem salvação e só te faz mal. Na próxima, vê se dá um carro novo pra tua mãe e diz que é no lugar da visita.

Eu sei bem que ele está certo. Jean já me provou, por anos, que a única coisa que gosta em minhas visitas é da oportunidade de me criticar, de apontar qualquer coisa que possa, pra tentar me deixar mal.

Claro que hoje em dia não me fere mais, eu sei bem quem ele é. Mas, ainda assim, não consigo pensar em como deve ser horrível não ter uma pessoa sequer que vá visitá-lo durante o ano todo. E acabo indo... De novo e de novo.

Tray parece notar que não quero falar sobre isso de novo e então para. Eles nunca insistem muito no assunto.

— Então, hoje vai pro *Peace*? A Ane estava arrumando as coisas dela, pelo que vi tem uma mala lotada de maquiagem. Acho que pretende fantasiar o pessoal lá de palhaço.

Dou risada dele. Tray é assim, um idiota muitas vezes, um perverso na maioria delas, mas é aquele amigo que sempre sabe deixar as coisas mais leves quando preciso.

— Acho que vai maquiar as moradoras, seu babaca.

Ele assente.

— Ou isso... Bom, não quero dar uma de Ash, porque fui o primeiro a dizer pra mandar ver, mas preciso perguntar só por desincargo de consciência. É sério, né? Não vai zoar a menina, hein, Josh?

Não respondo. Nem mesmo acredito que ele possa pensar que logo eu faria algo assim.

— Foi o que pensei — comenta rindo. — Só queria confirmar, mesmo, se estava disposto a enfrentar os punhos furiosos do Ash. Pode deixar cara, vou tentar ajudar quando decidir o que falar.

Tray se levanta, deixa a cerveja escorrendo água sobre a mesa em um canto e sai pela porta, me deixando sozinho.

Mas não tenho tempo para analisar o que ele disse e pensar sobre meus próximos passos. Preciso me vestir e ir pro *Peace*, passar mais algum tempo com ela. E depois, com calma, podemos ver juntos o melhor modo de revelar a situação.

Então, mando uma mensagem pra Ane.

"Pronta? Já está na hora de irmos."

Ao que ela responde.

"Estou sempre pronta."

Sorrindo com sua resposta, deixo o quarto, vestindo uma jaqueta escura e grossa sobre a camiseta de malha escura. Está frio, e acabo colocando também um cachecol antes de sair.

A encontro na sala principal com Julia, e a conversa que as duas tinham é interrompida logo que entro.

Estranho.

— Oi, Julia. Tudo bom? — Ela assente e me volto pra Ane. — Vamos, anjo?

Ela se levanta, mas percebo que está séria. Alguma coisa está errada.

Mesmo depois, dentro da caminhonete, Anelyse ainda está um pouco aérea e não falou muito desde que saímos. Logo imagino que seja pelo modo como saí na noite anterior.

— Anjo... Tá tudo bem? Desculpa por ontem. Foi um susto enorme e acabei indo pro quarto, mas eu não voltei atrás sobre nós, ok?

Ane apenas aquiesce, ainda distante.

— A menos que você tenha desistido...

Meu peito arde de forma inexplicável com esse pensamento. Talvez ela tenha mudado de ideia, quem sabe tenha contado a Julia sobre nós e ela a tenha aconselhado a desistir? Ou pode ter sido demais encontrar Ashton e mentir pra ele.

Minhas palavras finalmente atraem sua atenção, e ela se vira pra mim.

Seus olhos estão ainda nublados por questões que ela não compartilha, mas Ane abre um sorriso e toma minha mão livre entre as suas.

— Acha que sou do tipo que desiste quando finalmente consegue o que quer? Não vai se livrar de mim tão fácil.

— Então o que foi? — Pergunto curioso.

— Ash chegou e você foi pro quarto e ficou por lá desde ontem à noite. Mandeí mensagem cedo, falando que estava saindo com ele, e nem me respondeu. E a esquisita sou eu?

Apesar das palavras de reprimenda, ela está sorrindo, e eu abro um sorriso em resposta ao seu.

— Desculpa, Ane. Ontem fiquei mesmo um pouco nervoso, mas hoje estava preocupado com outras questões. Não foi minha intenção te afastar.

Puxo nossas mãos unidas e depositei um beijo na dela.

— O Tray me disse que trouxe maquiagem. Vai arrumar as meninas do *Peace*?

Ela sorri ao ouvir me referir às moradoras do asilo dessa forma.

— Isso mesmo! Todas as garotas precisam de algum brilho e a Rose elogiou muito meu batom na primeira vez que vim com você. Mas Josh, mudando de assunto. Disse que falou com o Tray, ele comentou alguma coisa sobre nós?

Eu a encaro, rindo abertamente.

— E seria o Tray se não comentasse? Acha mesmo que ele seria discreto e fingiria que não viu nada?

— O que ele disse?

Ane não entra na brincadeira e percebo que está preocupada com o que os outros vão achar, apesar de tentar sempre demonstrar que não liga.

— Começou me chamando de pérola, óbvio. Me disse que tô muito ferrado, como se eu não soubesse disso, e depois fez o que todos nós sempre vamos fazer: defendeu você.

— Como assim? — pergunta, parecendo mais relaxada.

— Quis saber se eu tinha intenção de assumir um relacionamento com você, de falar pro Ash, ou se era apenas diversão pra mim.

Ane faz uma cara muito bonitinha quando tenta disfarçar a curiosidade. Tão linda.

— E... o que disse pra ele? Assim, só quero saber pra ficar preparada caso comente algo comigo.

Abro um sorriso ainda maior, quando percebo que na verdade ela quer saber se mudei de ideia, se o que disse sobre nós foi apenas no calor do momento.

— Eu disse que odeio compromissos. Já me viu namorando alguma vez, Ane?

Os olhos dela se abrem, assustados e quase, *quase* desisto da brincadeira.

— Na verdade, nunca vi... — responde e percebo que está chateada

comigo.

— Então, foi o que disse a ele.

Ane tenta soltar a minha mão na mesma hora, e seu olhar deixou de ser de surpresa, para ser de fúria. Eu a seguro com mais força, enquanto ela se empenha mais ainda.

— Me solta! Sua mão está suada...

— Sério? Não dava pra me arrumar uma justificativa melhor? Tá nevando, Ane! Minha mão não tá suada. E eu não disse nada disso pro Tray, sua bobinha. Só estava te provocando.

Seu olhar ainda é estreito na minha direção, mas sinto que ela se acalma um pouco.

— Eu disse a ele que não tinha por que se preocupar e que, por pior que fosse, iria encontrar um modo de lidar com seu irmão e a banda. Disse que não abriria mão de você.

Dessa vez Ane sorri e é ela quem puxa nossas mãos de encontro ao rosto e me beija, retribuindo o gesto.

— Tudo bem, então, nossa situação é: estamos com problemas pessoais sobre os quais ainda não nos sentimos à vontade para conversar, mas decididos a ficar juntos. Certo? — ela questiona e me deixa ainda mais agitado, querendo saber o que está acontecendo.

Mas assinto, afinal, não posso exigir respostas de modo hipócrita, sendo que também não compartilhei com ela o que eu escondo.

Chegamos no *Peace* e seguro a mão dela outra vez assim que descemos do carro, mas Anelyse solta, sorrindo.

— Nunca se sabe onde um paparazzi se esconde. Enquanto não falar com o Ashton, é melhor agir com discrição ou ele vai se sentir traído.

— E você acha mesmo que eu iria permitir fotógrafos aqui dentro? Como acha que mantive o lugar em segredo tanto tempo?

Ane ainda olha ao redor, mas ao perceber que não tem nada estranho ou diferente, acaba cedendo e me dá a mão. Exatamente como fez na primeira vez.

— Não entendo você, Ane. Outro dia desceu da Docinho e me deu a mão na maior naturalidade, agora parece apreensiva pra *caralho*.

— Não é isso, acho que me sinto fazendo algo errado porque realmente estamos escondendo isso deles, agora que estão aqui. Mas, de acordo com você, isso vai se resolver.

Puxo seu cabelo, que está solto sobre as costas.

— Ai! — ela exclama surpresa. — O que foi isso?

Puxo-a na direção da entrada do prédio, rindo da sua cara de revoltada.

— Está me pressionando! Mal começamos um relacionamento e está me pressionando.

O sorriso dela é tão maravilhoso. Não sei como pude ficar sem ela, ao menos dessa forma, por tanto tempo.

— Eu não estou, não. Apenas, dando alguns toques de que talvez devesse falar com meu irmão logo.

— Eu sei, vou conversar com ele em poucos dias. Vamos apenas esperar passar o Natal porque essa época... Eu não preciso brigar com o Ashton agora. Me dê mais uns dias, Ane.

Ela parece intrigada com o que eu disse, porque, *merda*, eu falo demais mesmo. Mas assim como eu fiz, não questiona, me dando o tempo necessário para dizer tudo.

— Tudo bem, eu acho que é melhor mesmo. Porque no pior cenário, vocês brigam, a banda acaba, você me odeia e não vai querer me ver nunca mais e o Natal de todo mundo foi destruído. Ao menos assim, teremos festas memoráveis e deixamos o caos pra depois.

Me aproximo dela, mesmo notando que alguns olhares já nos fitam da porta; tomo seu rosto nas mãos fazendo com que me encare.

— Nós brigamos, a banda acaba e nós dois ficamos juntos. Eu já disse que não vou desistir de você. A partir do momento que me decidi, a única pessoa capaz de me afastar é você mesma, Ane.

Então eu a beijo. Cara, como eu quero essa menina. E se ela também me quer, que o mundo se exploda, eu só preciso disso.

Seus lábios se ajustam aos meus com facilidade e um suspiro doce escapa por entre eles quando minhas mãos envolvem sua cintura. Nosso beijo é rápido, mas tão intenso que parece dizer tudo o que não dissemos.

Aperto seu corpo contra o meu uma última vez antes de soltá-la, e juntos caminhamos para dentro do prédio, onde um aglomerado de idosos, muito mais bem-dispostos que eu, nos aguardam.

Quando entramos, Rose se aproxima de nós com um sorriso radiante.

— Menina, você veio! Trouxe meu batom?

Vejo que Ane parece muito feliz em estar aqui comigo. Não acho que tenha vindo apenas pra me agradar.

— Claro! Pensou que eu fosse esquecer?

Rose encara Anelyse com os olhinhos brilhando e é nítido o quanto Ane, com apenas algumas palavras e um pouco de atenção, se tornou especial pra essa senhora que tem tão pouco.

Ela não faz bem apenas para mim, mas é uma adição fantástica para minha vida em todos os sentidos e pra todos que ficam a sua volta. Como um anjo.

Seguimos direto para sala de estar e quando chegamos, noto que alguns dos meus *colegas* já começaram os jogos.

Tom está lendo em um canto, sentado confortável em uma das poltronas, e os outros já estão espalhados pelas mesas de bilhar, pebolim e

xadrez.

Cumprimentamos a todos e Anelyse solta minha mão; sinto um frio no lugar em que seus dedos antes me tocavam. No entanto, percebo que ela está feliz, caminha alegremente na direção das senhoras que a aguardam, com sua maleta. Pronta pra fazer a diversão delas.

Vejo a primeira delas se sentar em uma cadeira improvisada para a maquiagem e as outras se juntam ao redor de Anelyse, observando os itens que ela trouxe.

— Ei, Josh! Vamos jogar?

Viro-me e encontro John. Ele é um senhor na faixa dos setenta e poucos anos, que já é um veterano na casa.

A cabeça dele brilha sob a luz das lâmpadas, careca e redonda.

— Opa... Quero ver se dessa vez consegue me vencer.

Me afasto com John e o sigo para a mesa, mas é claro que ele consegue vencer.

Ao invés de estar concentrado no jogo, meus pensamentos se desviam a todo instante para a menina que sorri e faz biquinho para a câmera de seu celular, enquanto uma gangue de idosas a imitam posicionadas atrás dela. Essa selfie vai entrar para história.

Eu deveria estar concentrado no taco em minhas mãos e no jogo com meus amigos, mas minha atenção é toda dela. Assim como em todos os dias. O seu sorriso e o som da sua risada, os seus gestos, tudo me encanta de uma forma que tira minha atenção para todo o resto.

— O que foi, rapaz? Não consegue tirar o olho da namorada? — John fala na frente dos outros, que começam a rir de mim.

Deve parecer estranho que eu os tenha como amigos, mas é isso que são. Claro que não como Ash e Tray, que cresceram comigo, mas esses caras têm os melhores conselhos.

— Ela não é minha namorada, não ainda, mas é minha garota. Vou resolver isso, logo.

John sorri pra mim e se aproxima pra que apenas os outros dois, George e Paul, ouçam o que diz.

— Sabe, vez ou outra noto os olhares do Tom direcionados para Rose. Sempre senti o clima entre os dois e descobri recentemente que já tiveram um namorico quando eram jovens. Isso é triste, rapaz. Não deixe o momento de vocês passar, porque o momento certo é tudo.

Olho de Tom pra Rose, os vendo com outros olhos pela primeira vez. Nunca imaginei isso, e em nossas conversas sobre livros Tom nunca mencionou algo que me fizesse suspeitar, mas agora que sei, preciso concordar com John. É mesmo uma merda.

Olho Anelyse outra vez, e agora percebo que algumas das mulheres já estão maquiadas e preparadas para uma nova foto.

Ane para em frente a elas e faz uma boquinha de peixe enquanto as ensina a passar um pó rosa no rosto e todas a seguem, como se fosse uma consultora.

Pensando bem... É algo assim. Ane cursa moda e se eu não der um jeito de fazê-la ficar aqui, comigo, logo ela vai embora pra França outra vez.

Ainda não levantamos esse assunto e eu não estou ansioso por ouvi-la dizer que vai me deixar aqui. E ficar perto do professorzinho.

Afasto os pensamentos ruins e me preparo pra encaçapar outra bola. Erro.

Ane está acenando pra mim e deixo os rapazes — irritados por eu parar o jogo antes do fim — e vou até ela.

— Tira umas fotos nossas?

Olho dela para as outras, ansiosas, e abro um sorriso.

— Como estão lindas, minhas meninas.

Elas estão realmente contentes. Acho que a noite de jogos nunca foi tão interessante para as mulheres.

Ane me entrega o celular e todas fazem poses sorrindo e acenando. Tenho certeza de que muitas fotos ficarão tremidas, mas o modo como estão felizes vai ficar nítido em cada uma delas.

Se posicionam de lado com uma mão na cintura e eu capturo o momento, ouvindo assobios dos rapazes no fundo. Desvio meu olhar pra Tom, disfarçadamente, e noto que realmente não tira os olhos de Rose.

Vou dar uns conselhos pra esse velho turrão.

Chega de deixar a vida passar e perder tempo.

CAPÍTULO 15

CONFISSÕES DE UM INOCENTE

Josh

Desde que Ane voltou, os dias se passaram em uma velocidade que excede minha lógica racional. Estamos cada dia mais próximos compartilhando nossos sonhos e desejos, anseios e temores.

Mesmo assim sei que ela vem escondendo algo de mim.

Cheguei a cogitar que suas conversas com Ashton, fossem na verdade sobre mim, que de alguma forma ele houvesse descoberto sobre mim, sobre nós. Mas ele não agiria tão naturalmente se fosse o caso.

— Cara, é hoje? — Ash pergunta. Tanto em razão da data, como por causa da expressão de desagrado em meu rosto. — Véspera de Natal, então imagino que vá fazer hoje sua visita de merda anual.

Passo a mão pelos cabelos, em um gesto típico meu, de frustração.

— Vai ser jogo rápido. Volto logo, vou falar com ele apenas pra cumprir com a vontade da minha mãe, e venho em tempo pra ficar com vocês um pouco. Só... não fala pra Ane.

Eu nem deveria ter mencionado isso. Cada vez que cito o nome dela dessa forma parece que estou me entregando, mas esse é o modo com que agi com ela a vida inteira. Se fosse de outro jeito agora, aí sim seria suspeito.

— Josh, ela não soube de nada na época porque era uma criança, mas

não precisa manter segredo agora. Ane vai entender isso, assim como nós entendemos. Ela jamais veria você diferente por causa dessa desgraça.

— Eu sei disso, Ash. Mas ainda não quero falar, uma hora eu conto.

— Você quem sabe, mas sabe que isso não faria a mínima diferença, né?

Apenas assinto, concordando com ele, mas a verdade é que Ashton não tem noção do que significa pra mim contar isso a Anelyse. Do quanto me incomoda trazer toda essa sujeira que faz parte da minha vida à tona, diante dos olhos dela, que sempre viu apenas coisas boas na vida.

Não quero que ela sequer saiba disso, mas reconheço que não poderei omitir pra sempre. Não quando pretendo ficar com ela, torná-la minha efetiva e publicamente.

— Falando nisso, acho que ela está diferente, sabe? Ane cresceu e eu mal me toquei disso. Agora, vou precisar lidar com um namoro, sendo que ela está longe e não sei nem mesmo se o cara é decente. Mas cara, não sei o que fazer, de verdade. Eu vejo no rosto dela que tá apaixonada.

Apesar de saber que Ashton está se referindo ao curto namoro com o francês — que pelo jeito ela esqueceu de mencionar que terminou — não posso me controlar e um sorriso transparece em meu rosto. Se Ashton, que nega de todas as formas possíveis que sua irmã é uma mulher, acredita que ela está apaixonada, é porque deve mesmo estar. E não pelo professorzinho.

— Por que tá rindo, imbecil? Acha que é fácil lidar com essa merda? Nós praticamente podemos dizer que não tivemos um pai, principalmente ela, e a responsabilidade de cuidar da Ane sempre foi minha. Agora preciso dar esse passo aí, meio esquisito, mas necessário. Eu vou ter que deixar ela viver, cara.

Aquiesço, concordando. Enfim estamos chegando a um ponto em que concordamos.

Ashton vai ter que aceitar que Ane faça suas próprias escolhas, e é bom ir se conformando logo com isso porque não vou mesmo desistir do meu anjo. Espero mesmo que isso não seja como uma avalanche na nossa amizade, na *Dominium*, arrasando com tudo.

— Tá na hora, Ash. Você vai se casar, encontrou uma mulher incrível, e sua irmã merece o mesmo.

Ele coça a cabeça e abre um sorriso que mais se parece com uma careta.

— Eu sei que sim, Josh. Mas quem vai merecer nossa menina, porra?

Fico quieto. Merecer eu não acho que eu mereça, mas ela me escolheu e eu não vou ser idiota de fugir disso.

— Eu vou indo, então. O inferno me chama, mas volto pro jantar.

Ash concorda, jogando um pedaço de pão na boca e eu dou as costas a ele seguindo para a garagem, rumo a penitenciária por mais um ano. Mais um Natal.

Ane,

"Preciso fazer umas coisas, anjo. Volto pro jantar e com o seu presente. Vou levar no seu quarto depois que todos forem dormir."

Já passa das três da tarde quando Josh me envia essa mensagem; não é um horário em que ele costume sair porque desde que os meninos voltaram, eles passam as tardes ensaiando as músicas novas enquanto ajudo Julia com os preparativos finais para o seu grande dia, que finalmente se aproxima.

Levanto-me da cama, ansiosa, planejando me esgueirar até o quarto de Josh, caso Ash esteja no estúdio com Tray. Roubar um ou dois beijos — nossos encontros clandestinos têm sido surreais — e de quebra descobrir onde ele vai. Quem sabe eu possa dar um jeito de encontrá-lo pra passarmos algum tempo juntos?

Quando me aproximo da cozinha, ouço as vozes dele e do meu irmão.

Droga, adeus beijos em uma tarde fria.

— Só... não fala pra Ane.

Não falar o quê, pra mim? O que será que ele está escondendo?

Ouço quando Ash diz que eu não me importaria com aquilo. Com uma desgraça. Não sei o que é, mas no momento estou me importando bastante.

Uma coisa que Josh esconde de mim desde criança? Podem ter certeza de que atiçaram minha curiosidade, que já está elevada ao nível máximo nesse momento.

No entanto, quando penso que vão falar mais sobre o assunto, de alguma forma que eu consiga entender a que se referem — e sim, eu sei que é horrível ouvir as conversas dos outros às escondidas, mas vem me repreender quando estiver no meu lugar, ok? — , eles mudam de assunto, para um ainda mais irritante. Eu e minha vida amorosa.

Sei muito bem tudo que Ashton pensa a respeito disso, sobre as responsabilidades que tomou pra si quando nosso pai desertou. Mas ao ouvi-lo, compreendo suas atitudes muito melhor e percebo o quanto Julia tem transformado seus pensamentos e seu modo de ver a vida.

Mas temo que suas palavras façam Josh voltar atrás. Mesmo que nos últimos dias ele tenha se mostrado determinado a ficar ao meu lado, ainda não tomou a atitude de conversar com Ashton, e eu mesma tenho pensado em fazê-lo. Apenas não o fiz por receio de tornar as coisas mais complicadas entre eles depois disso.

— Eu vejo no rosto dela que tá apaixonada.

Ashton! Para de me envergonhar, pelo amor de Deus! Esse irmão é a cruz que eu carrego. E quando o ouço repreender Josh por estar sorrindo, penso que não tem a mínima chance de que ele não tenha interpretado as coisas como realmente são.

Ouço Josh dizer que eu mereço o mesmo que Ashton e Julia tem, e isso me deixa nas nuvens porque sei que ele o está preparando para o choque de ouvir que estamos juntos. Em breve, logo Josh vai criar coragem e assumir que estamos juntos.

Mas então, fico apreensiva outra vez.

"O inferno me chama."

Do que ele pode estar falando? Josh não se referiria ao Peace assim. Não posso imaginar sobre o que estão falando e claro, só tem duas maneiras de descobrir.

A primeira, sensata e totalmente indicada, é que eu entre agora mesmo na cozinha e os questione. Mas isso me colocaria em uma situação complicada, não apenas por estar ouvindo-os em silêncio, mas também porque não contei a Josh sobre a herança do meu pai e as condições bizarras que viriam com ela. E nem vou contar, vai que o bendito se sente pressionado a alguma coisa e sai correndo?

Já a segunda opção, é pegar minha Docinho — que já estou planejando pintar de preta, se continuar nessa vida de espiã secreta — e perseguir meu baterista pelas ruas de Seattle outra vez.

Claro que é exatamente o que decido fazer.

Espero Josh sair para a garagem, pego minha bolsa no quarto e passo por Ashton como se não estivesse acontecendo nada; ao chegar no hall de entrada, me deparo com minha cunhada com a princesinha nos braços.

— Oi, tia Ane! Fala "oi" pra tia Ane, princesa.

Abro um sorriso sem graça para as duas e penso logo em uma desculpa apropriada. Mas Julia percebe meu modo estranho de agir.

— Onde você vai? O Josh acabou... Ah! — vejo a compreensão nos seus olhos. Mas então... — Vão se encontrar escondidos? Vai no meu carro, menos chamativo.

Penso em recusar, mas na verdade é uma excelente ideia. Menos chances de que Josh me veja, apenas um carro popular e simples não vai chamar tanta atenção.

No Sonic que Julia tem, e que sabe-se lá Deus, porque não permitiu que Ashton trocasse ainda, sigo Josh à distância por algum tempo.

A caminhonete preta segue na minha frente, rumo à quinta avenida que, por sinal, parece não ter fim; passamos por escolas, bancos e até uma Starbucks, na qual não me importaria de fazer uma pausa. Mas Josh continua reto e eu continuo o observando.

Anelyse Ray, qual o seu problema?

Quem fica seguindo as pessoas assim, por aí? Você gostaria que ele a seguisse e descobrisse sobre a herança, por exemplo, antes que estivesse preparada pra contar? Claro que não. Mas, bom, agora já estamos aqui e tudo mais...

De repente, Josh diminui a velocidade e percebo que vai parar. Olho ao redor, buscando o local onde nós vamos, mas não vejo nada que pareça um lugar que ele frequentaria.

Para meu total espanto, Josh desce do carro e caminha de cabeça baixa, com um gorro horrendo sobre os cabelos, óculos escuros enormes e... aquilo é um bigode? Minha sugestão. Ele se distancia muitos metros de onde estacionou, mesmo que tenha várias vagas mais perto, e entra no presídio.

Que coisa esquisita.

Desço do carro, também, e olho para o lado algumas vezes, antes de segui-lo. O que quer que seja que ele veio fazer aqui, não é algo que quer que saibam.

Ai meu Deus! Será que ele cometeu um crime na adolescência e faz serviço comunitário até hoje? Ou talvez, precise vir aqui de tempos em tempos, como aqueles regimes semiabertos.

Isso justificaria a conversa que ouvi entre ele e Ashton, sobre quanto tempo faz que Josh me esconde algo.

Assisto da porta quando Josh se aproxima da recepcionista e conversa com ela. Pouco depois, o observo assinando uns papéis sem muita enrolação, o que quer dizer que é bem provável que ela saiba quem ele é e esteja facilitando para que não seja visto.

Josh é conduzido por um guarda, para dentro, e então o perco de vista.

Munida de coragem, mas principalmente de curiosidade, me aproximo da mesma recepcionista com quem ele falava pouco antes.

— Boa tarde. Eu gostaria de falar com Josh, ele acabou de entrar mas é bem urgente.

A moça me olha e arregala os olhos. Em seguida, olha ao redor como se procurando por alguma coisa.

— Não sei do que está falando, moça. Nenhum Josh trabalha aqui.

Reviro os olhos diante de sua negação automática.

— Josh Nicols, o baterista da *Dominium*. E claro, ele não trabalha aqui.

A mulher fica branca.

— Isso é um absurdo! O que Josh Nicols estaria fazendo em uma penitenciária? A senhorita enxergou mal e peço por gentileza que se retire imediatamente.

Olhem o abuso desse ser.

— Querida, eu sou Anelyse Ray, sou amiga do Josh, não uma fã desesperada ou uma jornalista atrás de uma história. Sou irmã do Ashton.

A moça analisa minhas feições e parece finalmente perceber que realmente sou quem digo ser. Claro que não sou famosa, nem nada assim, então não costumo ser reconhecida de imediato, mas sempre tem um jornalista ou outro perturbando minha vida apenas por causa dos meninos da

banda, então é natural que ela já tenha me visto por aí.

Ela solta o ar, aliviada, e leva a mão ao peito, em um gesto para se acalmar.

— Ai, graças a Deus. Toda vez que ele vem, fico desesperada de medo de que isso vaze durante meu turno. Mas se quiser esperar um pouco, não deve demorar. Essas visitas dele nunca demoram.

Aquiesço, sorrindo.

Visitas. Quem o Josh pode ter pra visitar aqui?

— Tem certeza de que não vai demorar? — pergunto, já imaginando a cena dele saindo pela porta e me encontrando ali.

— O senhor Nicols e o senhor Valjean não se dão muito bem, como pode imaginar. Não deve ser fácil ser filho de um monstro como ele... Por isso, suas visitas são sempre breves. Eu trabalho aqui há cinco anos e nunca o vi ficar mais que dez minutos.

O pai dele. Ai, meu Deus, o que está acontecendo aqui? O pai do Josh está preso e eu nunca soube disso? Tenho certeza de que meu rosto demonstra ao menos parte do que estou sentindo agora, porque logo a recepcionista me questiona.

— Senhorita Ray? Está tudo bem?

Balanço a cabeça em um gesto afirmativo, enquanto tento coordenar minha mente e minhas pernas, para sair daqui rápido. Antes que Josh volte e me encontre.

É algo horrível e particular, e eu me intrometi ao invés de esperar que Josh estivesse pronto para compartilhar comigo.

— Obrigada, acho que vou esperar lá fora — falo para a mulher que me encara, preocupada com minha lividez.

Mas o carma é o carma, e não seria justo que depois de descobrir o segredo do Josh sem que ele quisesse, ele mesmo não me descobrisse

invadindo sua privacidade.

A porta se abre e antes que eu possa me esconder de alguma forma, o vejo sair com uma expressão ainda pior que quando entrou.

Josh estaca ao me ver e fico ali, parada, totalmente sem reação e sem saber o que dizer para amenizar a raiva que ele deve estar sentindo de mim.

— Vamos... — Ouço sua voz dizendo e é quase um sussurro.

Josh caminha na frente, sem esperar por mim, e eu o sigo. Quando saímos na rua, ele para por um momento apenas para que eu o alcance e então continuamos em silêncio até onde ele estacionou a caminhonete.

— Me seguindo de novo? — Ele fala enquanto, com um puxão, arranca o bigode falso.

Troco o peso do corpo de um pé para o outro, mas não sei o que responder.

— Veio de carro?

Assinto, em um gesto automático.

— Então, me segue. Vamos conversar.

Josh entra na caminhonete e fica parado, aguardando que eu volte até onde estacionei; dá partida apenas quando percebe que estou logo atrás dele e então, outra vez, o sigo pela cidade.

Passamos por inúmeros lugares, mas agora mal presto atenção no que está à minha volta, apenas imaginando como Josh vai reagir à minha última façanha e pedindo a Deus para que a raiva dele não seja tanta ao ponto de me odiar.

Entramos em uma rua estreita e bem deserta. Ao final dela, estacionamos em frente a um pequeno café, escondido e quase vazio. Josh desce e eu o sigo — mais uma vez.

O lugar é simples e não tem o requinte com o qual estou acostumada, mas entendo o apelo. Além de ser bem aconchegante, com certeza não há

muita gente que possa reconhecê-lo ou interromper nossa conversa, aqui.

Ele se senta em uma mesa em um canto mais afastado e eu me sento diante dele; antes que possamos começar a conversar, a garçonete se aproxima e toma nossos pedidos. Apenas café.

Quando ela se afasta, ergo os olhos para o encarar. Josh retira o boné e passa a mão pelos cabelos, parecendo cansado.

— Ane, tem que parar com isso de me seguir por aí. Isso parece desconfiança.

Aceno com a cabeça; sei que está certo e ao menos ele não parece irritado comigo, apenas se mantém sério.

— O que a moça da recepção te disse?

— Não muito — respondo, evasiva. — A coitada estava desesperada por alguém tê-lo visto entrando.

— Por que me seguiu? — questiona, e seus olhos azuis me fitam curiosos.

— Ouvi sua conversa com Ash e não entendi nada, mas escutei quando disseram que não precisava continuar escondendo isso de mim. — Dou de ombros, afinal, tem uma explicação? — Fiquei curiosa e desconfiada de que algo estivesse errado e decidi ver o que era.

Josh assente. Parece mais incomodado com minha descoberta, que irritado com o fato de que outra vez não respeitei sua privacidade.

— Tudo bem. É uma conversa que venho evitando ter com você, mas não é mesmo justo que não saiba com o que está lidando.

Ele parece tão arrasado com tudo aquilo, que estendo minha mão por sobre a mesa e pego a sua.

— O que ele fez, Josh?

E então, ele se abre.

— Eu tinha quinze anos quando ele foi preso. Assassinato. Não foi

realmente uma coisa tão surpreendente assim, porque ele sempre batia muito em mim e na minha mãe sem que fizéssemos nada, então era de se imaginar que se provocado, as coisas não acabassem bem. Era Natal, véspera como hoje, e depois da minha mãe o questionar sobre suas tatuagens, ele a pegou pelo pescoço, estava enforcando-a enquanto eu pedia que parasse...

Eu não sei em que momento comecei a chorar, mas sinto que meu rosto está molhado. Não são apenas as suas palavras, mas a dor presente em cada uma delas que me machuca; perceber o quanto ele sofreu e ainda sofre com isso.

— Foi quando ouvimos alguém chamar e fui atender, enquanto os dois se recompunham. Era a polícia; meu pai foi acusado de assassinato, um crime horrível, violento e brutal, e condenado a quarenta e cinco anos de prisão.

— E... ele é culpado? — pergunto já sabendo sua resposta.

— É claro que é, nunca duvidei nem por um momento que não fosse culpado. Mas ainda assim, minha mãe o amava. No começo ela o visitava vez ou outra, mesmo que todos soubéssemos que a mulher que ele matou era sua amante, mas depois de algum tempo ela conheceu o Pedro, se apaixonou por ele, e então pediu o divórcio.

A garçonete se aproxima e deposita o bule e duas xícaras na mesa, então se afasta outra vez.

— Depois disso, pediu que eu o visitasse ao menos uma vez no ano, porque ele não tem mais ninguém e por mais que ela não seja mais sua esposa, eu sempre serei seu filho. Ela está certa, Ane. Ele é culpado, mas está pagando pelo que fez e não recebe visitas o ano todo. Então, sempre na véspera de Natal, quando completa mais um ano de prisão, eu o visito.

Não sei o que pensar disso tudo. Não entendo se ele o faz por obrigação, por amor ou apenas para atender ao pedido da mãe.

Mas se Josh carrega consigo esse fardo, eu estarei aqui para o apoiar.

— E por que não me contou?

Josh desvia os olhos dos meus, pega o bule e nos serve.

— Eu não queria que soubesse. É uma coisa suja, imunda, mas que faz parte da minha vida, de quem eu sou, mesmo que ninguém mais saiba. E você é o que tem de mais puro e doce. São dois pontos opostos na minha vida, e eu preferia que continuasse assim.

Capturo sua mão outra vez e toco seu rosto para forçá-lo a me encarar.

— Josh, não existem dois pontos. Somos eu e você por inteiro nessa. Estou me doando completamente e quero você com toda sua bagagem; quero sua bondade, seus sonhos, seus medos, seu toque, seu piercing — falo e ele sorri. Mesmo que seja um sorriso triste, é melhor que nada. — E por pior que ele seja, também quero seu pai. Vou visitá-lo com você, vamos dividir esse momento difícil assim como compartilhamos os bons.

Josh me olha surpreso e horrorizado.

— Pelo amor de Deus, Ane. Não vou levar você em uma cadeia!

— Por que não? Eu quero apoiar você nisso.

Josh fica em silêncio me encarando e depois do que parece uma eternidade, ele balança a cabeça, desacreditado.

— Eu morrendo de medo de que não quisesse mais ficar comigo, por causa disso, e você me surpreende querendo ir visitar esse cara.

Abro um sorriso com suas palavras.

— Ficou com medo de me perder, foi? Agora sabe o que eu sinto. O tempo todo.

— Você não vai me perder, anjo. Nunca.

Suas palavras mexem em algo dentro de mim e me trazem uma sensação de euforia que nada além dele me proporciona. Nem mesmo uma

Prada novinha.

— Então me deixa entrar, Josh. Completamente. E isso quer dizer que vou fazer parte disso também.

Ele começa a negar, mas então para o gesto e fica calado. Pouco a pouco, noto que Josh começa a relaxar, até que ele finalmente fala:

— Tudo bem, anjo. Se quer conhecer meu pai, então vai conhecê-lo. Mas não diga que não avisei.



CAPÍTULO 16

UM MONSTRO E UM GENTLEMAN

Josh

Às vezes, algumas situações nos fazem acreditar que o universo todo conspira contra nós, agindo de maneira oposta àquela que achamos ser a melhor.

Mas, em muitas delas, estamos errados. Como eu, agora, com Anelyse e toda a história sobre meu pai.

Percebi em seus olhos curiosidade, cuidado, afeto e até mesmo uma dose de piedade, mas olhando-a, sei que em nenhum momento ela me viu diferente.

Talvez seja melhor mesmo que ela já saiba a pessoa que ele é, e desista de qualquer contato e interação o quanto antes. É bem provável que, quando nosso relacionamento vier a público, alguém decida fuçar em meu passado e acabe esbarrando nele, então sabe-se lá o que ele pode dizer.

Antes preparados que desprevenidos.

Uma das vantagens do presídio em que Jean está, se é que existe alguma vantagem em um lugar assim, é o fato de que as visitas não precisam ser necessariamente em pessoa. Podemos falar com ele em tempo real, por vídeo, e isso será o mais próximo que Ane chegará dele.

Eu jamais a levaria a um lugar como aquele, exposta.

— Sabia que você tinha aceitado muito fácil! Vou ter que falar com ele por vídeo, então? — Ane questiona tentando soar irritada, mas suspeito de que nem mesmo ela quisesse entrar na penitenciária.

— Por mim você nem o veria, mas se insiste, então que seja assim.

Estou ligando o notebook. Isso depois que voltamos *pra* mansão e ela deu um jeito de despistar a todos e me encontrar no meu quarto, sozinha.

Sentada diante da pequena mesa que mantenho em um canto, Ane tenta demonstrar calma, tranquilidade, mas sua perna sobe e desce em um gesto de ansiedade.

— Pronta?

Ane assente e eu faço a ligação, me colocando diante da câmera de modo que ela não fique visível, em um primeiro momento.

A tela se ilumina e instantes depois vejo o rosto dele surgir. O metal que substitui um dos dentes brilha em seu sorriso e as olheiras profundas lhe dão uma expressão cadavérica. Por mais que o tenha visto ainda hoje, jamais vou me acostumar com suas feições ou com sua personalidade.

As mãos estão visíveis e as algemas também. Sempre presentes. Atrás dele, vejo a sombra de um guarda, que vigia toda a conversa e todos os seus movimentos.

— Então quis me ver outra vez, seu *merdinha*? E nem esperou um ano dessa vez.

Ane ainda não o viu, mas sua testa se franze diante do tom de voz que ouve e eu apenas balanço a cabeça *pra* que relaxe. Acho que não a preparei para a personalidade dócil dele.

— É. Eu fiquei pensando depois que saí, se você quer alguma coisa *pro* Natal, se precisa de algo.

Prefiro não entregar de imediato que liguei apenas *pra* que Ane o visse. Isso mostraria a ele como ela é importante *pra* mim, e Jean não é

confiável para que eu lhe dê tamanho poder.

Além disso, apenas em ouvi-lo, ela pode desistir disso, sem precisar sequer olhar no rosto magro do outro lado da tela.

Ouçó o sarcasmo em seu riso antes mesmo de suas palavras me atingirem.

— Quem sabe o Papai Noel possa me tirar daqui? Dinheiro não falta *pro* artista, né? Mas meu querido filho, caridoso, que vem me ver todos os anos no Natal, não pode pagar um advogado *pro* pai.

— Já falamos sobre isso. Conversamos ainda hoje, e sabe que não vou ajudar a te libertar.

Merda. Está saindo pior que... bom, na verdade está saindo como imaginei mesmo. Jean é sempre assim, e trata o que fez como se fosse apenas um delito leve. Como se todos, incluindo o juiz, o promotor, eu, minha mãe e a família da vítima fossemos pessoas dramáticas que exageram o ocorrido.

— Claro. Fere seus princípios de *viadinho* tirar um homem como eu daqui. A verdade é que enquanto você se preocupa com a família daquela vagabunda, com os filhos dela, eu apodreço aqui dentro. Enquanto você vai *pra* alguma praia tomar um vinho caro, eu vou tomar um copo d'água, na hora que decidirem me dar.

Suspiro, cansado desse assunto. Já falamos sobre isso mais cedo, assim como em todos os Natais nos últimos anos.

Jean sempre tenta me convencer a pagar um advogado bom para o soltar, e eu sempre o lembro das crianças que ficaram órfãs com seu crime e de que realmente é culpado, e por isso não sinto a menor obrigação de ajudá-lo.

Posso ser fraco por aceitar visitá-lo mesmo contrariado, mas não o sou quando o assunto envolve sua liberdade.

— Olha só. — Olho pra Ane, que parece ter perdido toda a vontade

de falar com ele, mas que não se pronunciou. — Eu não pedi *pra* vê-lo por isso, na verdade queria que... uma pessoa queria falar com você.

A gargalhada de escárnio dele enche o quarto. *Porra*. Não posso deixar que fale com ela, está decidido.

— Quem é? Decidiu assumir seu romance com o Ray? Acha que não sei que come o rabo dele desde criança? É a única justificativa *pra* que ele tenha arrastado dois fracassados como você e o Sanders na onda do sucesso dele.

Tenho certeza de que meu rosto está vermelho. Não apenas de raiva, mas também por vergonha pelas coisas que ele diz e que Ane está ouvindo. Não queria que ela soubesse de nada disso.

E ele continua.

— Fica se negando a me ajudar, quando não fez nada *pra* conseguir a vida mansa que tem. O único talento nessa merda de banda é o Ray. — Um acesso de tosse o acomete e ele precisa de algum tempo *pra* se recompor. Mas logo continua com seu veneno. — Você e o outro devem saber foder muito bem, e isso deve valer de alguma coisa.

Não pressinto o movimento dela e quando me dou conta, Anelyse já virou a tela do computador para si e o encara com uma expressão furiosa.

— Escuta aqui, seu lixo. — O dedo dela toca a tela, enquanto meu pai a fita com os olhos arregalados pelo susto. — Nunca mais vai falar com ele assim e, no que depender de mim, não vai nem mesmo ver o Josh.

Ela apenas toma fôlego.

— Vai apodrecer aí, sozinho, pelo resto da sua vida miserável. Josh não pode ter um único traço do seu DNA no corpo, é a única explicação que encontro *pra* que alguém tão incrível como ele possa existir. Se você não sabe, seu desgraçado, a *Dominium* é a banda mais famosa atualmente, porque as músicas que *ele* compõe são um sucesso, e não existe, no mundo, um

baterista que se iguale a Josh *Nicols*.

Ouçõ claramente a ênfase que ela dá ao meu sobrenome, que é o mesmo da minha mãe, de solteira. Porque quando assinamos nosso primeiro contrato, optei por nunca usar o sobrenome dele.

Vejo que Jean se recuperou do choque, e a encara com um sorrisinho no rosto, enquanto seu corpo se curva pra frente, em mais uma onda de tosses.

— Ane... Vamos desligar essa merda. — Chamo sua atenção, mas ela não tira os olhos dele.

— Então arrumou uma namoradinha, Josh? E ela me parece mais homem que você.

Toco o rosto do meu anjo, tentando a atrair *pra* mim. Ane me olha e vejo seus olhos cheios de água.

— Esse cara, Josh, é um pedaço de carne apenas. Ele não tem alma, não é nada, não é nem mesmo humano. Você não pode amá-lo! Por que o visita?

Ignorando o fato de que Jean ainda está vendo e ouvindo tudo, eu respondo a ela.

— Porque é meu pai. E minha mãe acredita no perdão.

Não comento que ele está doente, mas acho que isso está claro apenas em olhar pro que sobrou do assassino frio que era. Os cabelos loiros dela se movem, conforme balança a cabeça de um lado pro outro.

— Pois eu não acho que todos mereçam ser perdoados, Josh. O amor não é incondicional, nós amamos enquanto a outra pessoa é digna de ser amada; mesmo que ela não te ame de volta, precisa ser alguém digno de amor. O fato de ele biologicamente ser seu pai não faz com que tenha obrigação nenhuma de nutrir qualquer sentimento, que não asco, por esse verme.

Ela olha outra vez pra tela, e não sei nem o que dizer. Nunca a vi agindo desse modo, falando dessa maneira, e suas palavras encontram aceitação dentro de mim. Eu precisava disso, ouvir alguém me dizer claramente que eu não preciso amar esse homem, que não é minha responsabilidade.

— Morra sozinho — ela diz pra ele, que ainda nos encara com uma expressão de choque. — Ah! O personagem Jean Valjean roubou para sobreviver, na literatura, e passou a vida se redimindo por seus crimes. Nem mesmo do nome que carrega você é merecedor.

Ouçó o barulho quando a tela do notebook se fecha, encerrando a conexão e o soluço que Ane deixa escapar, enquanto me puxa *pra* um abraço.

— Entendeu, agora, por que não queria que falasse com ele, anjo? Preferia que não se sentisse assim.

Ane ergue o rosto pra mim e há algo ali, além de carinho.

— Eu? Estou assim por você, por tudo que enfrentou até hoje e tudo que ouviu desse demônio. Mas acabou, Josh. Não vai mais visitar esse homem, não vou deixar que ele te faça mais mal do que fez a vida toda. Chega! E se sua mãe insistir, vou dizer pra ela ir em seu lugar.

Dou risada do seu jeitinho protetor, nunca a vi assim, mas também não é como se todos os dias lidássemos com assassinos sádicos e cruéis.

— Por que continuou indo? — Ela pergunta, e tento ser o mais honesto possível em minha resposta, mas a verdade é que nem eu sei bem.

— Acho que me sentia obrigado. Culpado por não ter tentado ajudá-lo, mesmo sabendo que agi certo. Além disso, tem esse pedido da minha mãe e, bom, ele é meu pai e está com câncer. Não acho que tenha muito tempo.

— Você não é culpado de nada disso, mas seria por colocar alguém como ele nas ruas outra vez, principalmente porque, se ele está morrendo, não tem nada a perder. Sua mãe que vá colocar suas crenças em prática, indo

ela mesma vê-lo, se acha tão importante assim perdoar. — A mão dela acaricia meu rosto e seu toque parece ter o poder de afastar a escuridão. — E ele não é seu pai. Esquece isso, é apenas um homem que esteve na vida da sua mãe por muito tempo e a engravidou. Você não tem obrigação nenhuma com ele e isso acaba aqui.

— Nunca imaginei que pudesse ser tão superprotetora — verbalizo meus pensamentos.

— Aprendi com o melhor. Não vou aceitar calada que alguém fale de você daquela forma, te humilhando, aquele imbecil! Se ele quiser ter notícias suas, vai ter que se contentar com os jornais, revistas e com a televisão, como qualquer fã. E faço questão de que suas manchetes esfreguem na carinha de *Dexter* dele, suas realizações.

Essa mulher não existe. A aperto nos meus braços e sinto seu cheiro me alcançar. Envolvero todo seu corpo delicado e mergulho o rosto na curva do seu pescoço, me perdendo no seu abraço.

— Obrigado por me defender... eu nem sei como te explicar o que eu senti, vendo você falar com ele daquela forma.

— Disponha — responde sorrindo.

— Acho que estão todos esperando a gente pra comer. Vamos indo, antes que alguém venha ver o que estamos fazendo.

Ane sai do meu abraço e sinto sua falta imediatamente. Preciso resolver minha vida com Ashton o mais rápido possível, preciso poder gritar pro mundo que essa mulher é minha.

Anne

Quando chegamos na mesa de jantar, todos já estão sentados e

envolvidos em uma conversa animada. Ninguém parece se dar conta de que chegamos juntos e isso é bom.

Ao menos, tenho um tempo para me recompor, depois do confronto com aquele monstro. Josh ainda me encara admirado, como se eu fosse permitir que aquele babaca ficasse falando essas coisas pra ele, na minha frente!

Sinto meu sangue ferver nas veias, apenas por imaginar ao que meu Josh foi sujeitado a vida toda, as coisas que deve ter ouvido...

Ele já seria um homem de sucesso, mesmo que a *Dominium* não tivesse estourado, apenas por ter se reerguido em todas as vezes que o pai o colocou pra baixo, e não ter desistido de seus sonhos mesmo sem o apoio que deveria ter tido.

— Ane? Está tudo bem? — Ouço a voz da minha cunhada, sentada do outro lado da mesa e isso atrai minha atenção.

— Sim, só umas coisas pessoais aqui...

Ashton para a pizza no meio do caminho, antes de mordê-la, e seu olhar preocupado se volta em minha direção.

— O que foi? Vai me dizer que o francês aprontou alguma? Espera só ele chegar aqui, que eu me resolvo com esse babaca. Tá nessa, Josh?

Josh olha pro meu irmão e pra mim.

— Se fosse necessário. Mas a Ane já terminou o namoro, não foi, anjo? Largou o francês, tem dias.

Ops. Eu deveria ter falado pra eles que tinha terminado antes, mas eu sei que Josh tem noção da importância que tem pra mim, e que Thierry não representa perigo real. O problema é que ele vai se sentir enganado se eu disser que não terminei. Mas não posso dizer que sim, porque eu disse pro Ashton que não era pra se intrometer, defendi a relação.

— É mesmo? Mas eu pensei que ele viesse pro réveillon e pro

casamento, Ane. — Ash olha pra Julia, parecendo preocupado, e a vejo dar de ombros. — Não me disse que as coisas estavam indo mal. Até defendeu o relacionamento, outro dia...

Droga. Sabia que ele ia lembrar disso. Eu preciso me explicar logo e sem entrar em detalhes diante de todo mundo.

— Bom, eu não quis falar nada antes de conversar com Thierry, mas o Josh tem razão. Vou terminar o namoro com ele, nós somos muito diferentes.

Ashton se levanta, furioso, e todos o encaramos sem entender o que está acontecendo. Mas meu olhar está em Josh, que já largou a faca sobre a mesa e parece tão irritado quanto meu irmão.

— Anelyse, mas que merda! Como pôde não me contar uma coisa dessas? Eu pensei... Tinha certeza de que estava apaixonada, e aí pensei que, talvez, pudesse resolver aquele lance dos advogados com esse namoro aí — Ashton fala e me viro em sua direção.

— O quê? — Me levanto, também irritada. — Por que pensou que eu fosse fazer isso? Eu disse que não me importava com o dinheiro.

Ele não pode ter pensado que eu me casaria com Thierry, apenas pra receber essa herança maldita.

Ash passa a mão pelos cabelos e percebo que está não apenas nervoso, mas frustrado, e então desvio o olhar pra Julia, que está pálida e sorvendo um gole de água como se pra se acalmar.

— O que foi, Ju? Por que estão agindo desse jeito?

Ela balança a cabeça de um lado pro outro, sem saber ao certo o que dizer.

— Pensamos em fazer uma surpresa... — Ela olha pra Josh e depois pra mim, tentando me dizer alguma coisa. — Ashton sugeriu e eu pensei mesmo que fosse ajudar. Não sabia que não ia querer ele aqui, Ane.

— Mas de que é que vocês estão falando?

Ouçó vozes na sala e percebo que é Rosa atendendo a porta.

Não. Não, não, não... Eles não podem ter feito isso.

— Eu convidei o cara pra vir antes — Ashton sussurra. — E agora você vai largar o coitado no dia de Natal! Não pode fazer isso, Ane. Eu tentei ser legal com você e respeitar suas vontades... pelo menos espera o Natal passar, porra.

— Thierry? Ele está aqui?

— *Bonsoir, mon chéri!*

Ai, cacete. Me viro na direção da voz dele e não posso deixar de abrir um sorriso, é meu amigo e eu o amo. Não como todos pensam, mas, né?

— Surpresa? — Questiona e se aproxima de mim, e como se fosse a coisa mais natural do mundo, beija minha boca de repente, igual cena de filme. Com direito a inclinar meu corpo e tudo.

Ai, meu pai amado! Eu ainda tento me esquivar e quando consigo, percebo uma caretinha no rosto dele, que obviamente não gostou do beijo, mas está entrando no papel.

Antes que eu possa dizer alguma coisa, ouço Tray começar a rir em meio a uma tosse que indica que se engasgou, e o barulho da cadeira de Josh se arrastando em um gesto abrupto. O copo dele cai no chão, com a força dos movimentos, e se espatifa.

Eu o encaro sem saber o que dizer. Ali, na frente de todo mundo não sei como explicar. Quero gritar que Thierry é meu amigo, que é gay, e que eu menti. Mas ele me olha tão magoado...

A tristeza que vejo em seus olhos é muito pior do que se ele estivesse com raiva. Eu o decepcionei, e meu Josh já passou por tanta decepção nessa vida.

— Não sei por que, mas estou com vontade de vomitar — ele diz e só sendo cego pra não perceber como ele se sente com relação a chegada de

Thierry.

— Josh, espera. Vamos conversar... — falo, alternando meus olhares entre ele e Ashton, que o encara com a testa franzida e os olhos desconfiados.

— Eu não quero falar com ninguém, me deixem em paz.

Thierry solta um assobio e eu me viro em sua direção.

— É, acho que alguém não me queria aqui — diz sorrindo pra mim com cumplicidade, porque pensa que está dando um empurrãozinho na situação, já que não tenho falado com ele nos últimos dias e que não sabe, de verdade, como as coisas estão.

— Mas que merda tá acontecendo com o Josh? — A voz de Ashton soa preocupada e percebo que passa em sua cabeça todo tipo de cenário. Menos a realidade, pelo visto.

— Não sei, cara. Mas acho que... ele *tá* usando droga de novo.

De novo? Oi?

— O Josh já se drogou?

Tray dá de ombros, e aponta Ashton com a cabeça, me dizendo com o gesto que está tentando disfarçar. Mas quem pensa em drogas nessas horas? Tray e sua mente fértil, pelo jeito.

— Será? — Ashton parece considerar.

Não acredito que perguntou isso. Como foi que ele caiu nessa conversa, eu não saberia explicar nem em mil anos. Mas ok, dizem que o pior cego é aquele que não quer ver e bom, é uma preocupação a menos, no momento.

— Sente-se aí, Thierry. Vou falar com o Josh, ver se está tudo bem.

Mas antes que eu o faça, ouvimos o barulho da porta da frente batendo.

Ele saiu.



CAPÍTULO 17

UM CASAMENTO POR CONTRATO

Josh

Meu celular toca de novo e deixo chamar até a ligação cair. Vejo uma foto dela, junto com as meninas do *Peace*, se acender na tela, e uma pontada de dor me atinge.

Como eu fui idiota. Duas vezes.

Primeiro, por achar que estávamos em sintonia, mesmo que desde o início ela tenha se mostrado decidida a apenas ficar comigo e me dito, mais de uma vez, que queria apenas sexo.

Com o passar dos dias, as coisas entre nós foram ficando diferentes, e pensei que Ane quisesse o mesmo que eu. Talvez ela até queira, mas não com a mesma convicção, já que o que tivemos não foi o bastante pra ela terminar com o professor.

E eu entendo, porra. Queria não entender, mas eu sei como essas coisas são. Ele é estável e centrado, um bom moço, que tem os mesmos objetivos que ela.

Eu sou o filho de um assassino, membro de uma banda de rock, e já desfilei na frente dela com várias mulheres, o que deve ter dado a impressão de que sou volúvel.

Mas, caralho, eu não sou instável.

Eu a quero de um jeito que dói, e minha raiva, a fúria cega que ameaça me dominar, é porque não sei o que fazer pra mostrar pra ela que eu sou o certo. Que nós somos certos um pro outro e ponto.

Ao mesmo tempo que penso que Anelyse estava confusa e por isso não terminou com o francês, me lembro do rosto dela ao falar com meu pai, do modo como ela partiu pro ataque, me defendendo.

Merda. Aí entra meu segundo erro. Eu não deveria ter saído, passado a noite no meu apartamento, deixando-a sozinha com aquele desgraçado.

Eu deveria ter me imposto quando ele a beijou, esclarecido as coisas com Ashton e me resolvido com ela depois. Ela me provocou, tirou meu chão e se entregou pra mim pela primeira vez, não pro francês idiota, e agora vai ser minha. Se Ane não se decide, eu vou decidir por ela.

Quando meu celular toca outra vez, desvio a ligação e o coloco no bolso. Pego minhas chaves e deixo a cobertura, voltando pra mansão.

Anne

— Não fica assim, *chéri*. Eu sinto muito por ter estragado tudo pra você...

Estamos no meu quarto. Thierry se aproveita do fato de que minha cabeça repousa sobre suas pernas e alisa meus cabelos com as pontas dos dedos.

— Eu já disse que não é culpa sua. Não tinha como saber, meu irmão te pediu pra vir antes. Eu entendi tudo...

— Ashton me ligou. Aliás, como ele conseguiu meu número? Enfim, ele disse que precisava de mim e você não me deu mais notícias depois da dica do colar. Quando ele falou aquilo, pensei que alguma coisa tivesse

acontecido e vim um pouco antes, de surpresa.

Meneio a cabeça e sorrio pro meu amigo, tentando o acalmar. Penso em algo pra dizer, porque mesmo que esteja sentindo meu coração esmagado nesse momento, a culpa é só minha por não ter dito a verdade antes.

Mas, antes que eu encontre algo que possa o fazer se sentir menos culpado, ouvimos uma batida na porta e nos viramos pra ver Julia parada ali.

— Oi. — Ela entra e fecha a porta atrás de si. — Você está bem, Ane? Não sei como posso ajudar...

Julia me contou tudo. Depois que Josh saiu, ela foi pro meu quarto e conversamos por muito tempo. Nós duas e Thierry.

Me explicou que, mesmo sabendo que menti sobre o namoro, não podia dizer nada disso a Ashton, quando ele apareceu com a sugestão de convidar Thierry. E como as coisas entre Josh e eu não iam tão bem — ao menos era o que ela imaginava, já que enquanto estava perdida em meu mundo cor-de-rosa não atualizei ninguém, pelo visto — achou que pudesse ajudar.

Mas agora ela sabe sobre meu envolvimento com Josh, e como as coisas iam bem até aquela bomba estourar sobre nós.

— Vamos ter que esperar, Ju. Acho que Josh vai se acalmar e vir pra casa em algum momento. Então, eu vou falar com ele e contar toda a verdade.

Ela assente e fita Thierry com uma expressão de desalento. Ele está sentado na cama, usando uma camisa social preta, os dois primeiros botões abertos e um chapéu estiloso cobre seus cabelos pretos.

Realmente, ele é um gato.

— Não sei não, gente — Julia diz desanimada. — Como vai convencer Josh que ele é gay?

Sinto o tremor vindo de Thierry, com a risada franca, e abro um

sorriso também.

— Se Thierry fosse tão transparente, não teria servido como namorado de mentirinha. Mas vou dar um jeito...

Ela assente, mas não parece convencida.

— É, mas teve aquele beijão de cinema. O Josh deve ter ficado louco da vida, e o pior é que o seu irmão agora tem certeza de que ele está usando drogas. E eu nem posso defender o coitado sem te entregar.

Suspiro, cansada dessa bola de neve, as mentiras ridículas que inventei e que agora estão me assombrando.

— Calma, Ju. Ele está com raiva, mas se ouvir as explicações de mim, vai entender. E desculpe por deixar você no meio dessa confusão e te fazer mentir pro Ash. Vou acabar logo com isso.

Minha cunhada aquiesce, resignada.

— Vou pegar Ashley com a Rosa, coitada. Mas, qualquer coisa, me chamem.

— Se quiserem, posso deitar nu como vim ao mundo, na cama do guitarrista. Tenho certeza de que, depois dessa, o Nicols vai acreditar que não fiquei com você.

Julia balança a cabeça, descrente, e deixa o quarto. Quando abre a porta, no entanto, ele está do outro lado.

Por sua expressão, não parece ter ouvido nossa conversa, mas eu ali, na cama com Thierry, não passo uma impressão das melhores.

Me sento rapidamente, e o vejo me dar as costas.

— Josh! Volta aqui, vamos conversar.

Ele se vira pra me olhar, e a intensidade em seus olhos envia eletricidade por todo meu corpo. Minha vontade é pular nos braços dele, beijá-lo e dizer o quanto eu o amo.

Os cabelos claros dele caem um pouco sobre os olhos azuis, dando a

expressão feroz também um ar de mistério. Os braços fortes estão cobertos por uma jaqueta de couro preta e ele usa uma calça jeans escura.

A visão dele me tira o fôlego.

— Primeiro vou conversar com Ashton e depois com você — a voz dele é rouca e grave, e noto que tenta conter a raiva.

Seu dedo aponta diretamente pra Thierry, que o encara sem dizer nada.

— E você, seu desgraçado, tem dois segundos pra tirar as mãos dela e sair dessa cama antes que eu arranque todos os seus dentes. E se a beijar de novo... Já sabe, sem dentes.

Ele nos dá as costas e se afasta, e eu não sei o que estou sentindo. Não sei o que exatamente ele vai falar com Ash, e por isso não sei se comemoro ou não.

Thierry parece assustado e ao mesmo tempo acha graça na situação, e Julia está parada no lugar com os olhos arregalados.

— Aí meu Deus! — Ela diz. — Os dois vão se matar.

Josh

Encontro Ashton no estúdio com Tray, os dois estão tocando sem rumo, apenas passando o tempo.

— Ei, cara — fala, amigável, quando me vê entrar. — Que bom que voltou, estamos precisando ter uma conversa.

Estamos mesmo.

— Pode começar me dizendo que porra te deu na cabeça de deixar aquele desgraçado entrar no quarto dela.

Tray para de tocar e me encara com os olhos bem abertos, e Ash o

olha de modo significativo, mas que eu não entendo.

— Calma, cara. Do que você tá falando?

— Do francês, Ash. De que merda pensa que eu tô falando?

Ele franze a testa como se não entendesse onde quero chegar.

— O Thierry? O que tem ele?

— Eu peguei os dois na cama, agora! — grito exasperado.

A expressão dele muda de calma pra sombria na mesma hora, e o vejo deixar o microfone de lado pra ir ver o que está acontecendo.

Isso, porra.

— Ei, ei, ei... — Tray espalma a mão no peito dele. — Calma aí, vamos entender a merda antes de piorar tudo? O que eles estavam fazendo na cama, Josh? Porque eu não acho que estavam transando.

Ash me olha e espera minha resposta. Droga.

— Nada. Estão sentados lá, conversando com a Julia.

— Que porra, Josh. Quase me fez ir lá brigar com o cara, que você goste ou não, parece ser decente. Tudo por causa dessas merdas que tá usando.

Mas do que ele está falando? Nem o questiono, minha intenção aqui é outra.

— Tem que o mandar embora. Pra começar, não entendi o que deu na sua cabeça pra chamar esse cara pra cá. Hoje é Natal. Vamos ter nosso almoço e trocar presentes, e agora tem um estranho na casa porque você convidou!

— Josh, ele não é um estranho. O Thierry é namorado da Ane. Eu sei que ela disse que vai terminar com ele, mas eu pedi pra esperar passar o Natal. Cara, eu fiz o rapaz vir da França pra chegar aqui e ela largar ele bem no dia de Natal? Pensa que merda seria, se fosse com você.

Foda-se. É comigo. Não estou comovido com o triste Natal que ele

vai ter, a única coisa que me importa é tirar esse cara de perto da minha garota, ou o meu dia é que vai ser uma desgraça pior do que já está sendo.

Tento me acalmar. Tudo isso é muito estranho. Ashton aceitando tão bem o relacionamento dela, alguma coisa está errada.

Me sento no chão e o encaro, fazendo um gesto pra que faça o mesmo.

Ele se senta também e vejo Tray nos acompanhar.

— O que tá acontecendo? Esse convite seu foi bem estranho, e a Ane também está escondendo alguma coisa.

Tray me ouve e também estreita os olhos na direção de Ashton, que solta o ar se dando por vencido.

— Lembram que fomos ver os advogados do meu pai?

Eu me lembro.

— Então, ele foi um babaca até depois de morto. Deixou a herança pra nós, mas com certas condições. Só podemos receber se estivermos casados.

— Que porra de século XV é essa em que esse escroto vive? Ou vivia...

Tray fala, extravasando aquilo que eu mesmo estou sentindo.

— É ridículo, ele abandonou a família e resolveu dar uma lição de moral depois de morto. Queria que usufruíssemos da grana com nossos filhos e cônjuges. Uma ladainha dessas... — Ash olha de Tray pra mim e continua. — Nós dissemos que íamos pensar. Mesmo que eu possa pegar minha parte logo que me casar, pensei em rejeitar pela Ane.

— Por quê? — Tray questiona. Eu mesmo já perdi a fala com essa novidade estranha.

Então era isso que ela estava escondendo.

— Ele disse que desaprovava o estilo de vida dela, como se tivesse

algum direito de opinar. E prometeu a herança se ela se casasse. Então, como Ane não receberia a parte dela, eu também rejeitaria a minha.

— Mas? — Dessa vez não me controlo e questiono.

— Não precisamos do dinheiro, eu sempre paguei pelas contas dela. Mas, quando conversamos, Ane começou a dizer o que poderia fazer com a herança, disse que queria montar sua própria grife e ficar por aqui, que iria te ajudar com o Peace, abrindo outras casas como aquela... E quando perguntei se ela estava apaixonada, Ane não negou.

— Ela disse que estava apaixonada pelo Thierry? — Temo que minha voz soe amargurada demais.

— Por quem mais seria? — Ash pergunta. — Pensei que, se eu tenho algo tão importante com a Ju, tão foda... Foi você quem me disse isso, Josh. Ela também merece ter algo assim.

— Cacete... — Ouço a exclamação de Tray e o encaro, refletindo seus pensamentos.

Eu dei o tiro que saiu pela culatra.

— Chamei ele aqui, pensei em discretamente contar sobre a herança e a condição, e que talvez se eles realmente se gostassem, pudessem ficar juntos e ela receberia o dinheiro. Mas pelo visto, Ane não gosta do cara.

De repente...

Uma ideia surge arrasando com todos os meus pensamentos coordenados.

É a solução perfeita. Acabo com o namoro, fico com a garota e Ashton vai ter que aceitar quando ela for minha até mesmo no papel.

— Que merda hein, cara? — Falo tentando soar compreensivo, e vejo Tray arregalar os olhos enquanto faz que não com a cabeça, já prevendo o que vou fazer. — O desgraçado ferrando vocês até depois de morto... isso é muito errado. É direito dela essa herança.

Ash assente, também contrariado.

— Temos que pensar em alguma coisa, não podemos deixar ele vencer por causa de uma cláusula idiota. Não dá pra fazer nada? — Pergunto, parecendo curioso.

— Não. Eu liguei pra eles e pedi uma cópia do testamento. A Ju já olhou tudo, ela tem mesmo que estar casada.

— Sabe, eu ando sentimental com essas coisas, esses dias. Merda. Fui ver Jean ontem e tive outra briga feia com ele como sempre, e tomei uma decisão.

Os dois me encaram, aguardando.

— As visitas acabaram; não vou vê-lo nunca mais. Até quando esses escrotos vão ferrar nossas vidas? A Ane também não pode ser mais prejudicada por ele...

Então, faço uma expressão como se tivesse acabado de me ocorrer uma ideia brilhante. Me sinto mal de fingir assim, quase um ator, mas se a garota for minha no fim do dia... Sinto muito, Ash.

— Caralho! Tive uma ideia foda! Sabe o que vamos fazer? O Tray vai se casar com a Ane. Assim, ela recebe a herança, e depois eles se separam! É insano, eu sei, mas vamos vencer o babaca do seu pai em seu próprio jogo.

Tray me encara, balançando a cabeça de um lado pro outro, e me olhando com aquela cara de quem sabe exatamente o que eu estou armando.

Então, ele abre um sorriso de deboche.

— Sabe, eu topo — ele diz, só pra me irritar, claro. — Faço tudo pelos Ray.

Ashton nos encara, horrorizado com a ideia. Parece achar que somos dois loucos.

— Apesar que... — Continuo. — Quem acreditaria que você se regenerou, Tray? Acho que é melhor que eu o faça. O que acha, Ashton?

Ele ri, olhando de um pro outro.

— Que vocês são absolutamente doidos. Casar Anelyse de mentira?

Aceno, afirmando.

— Você fingiu um namoro com a Julia — uso isso a meu favor.

— E olha no que deu... — Responde, ainda assustado com minha ideia maluca.

A questão é: Se eu me caso com ela, nunca vou assinar um divórcio. Mas ele não precisa saber disso agora.

— Cara, chama ela lá. A ideia é boa, acho que todos saem ganhando.

— Até que enfim, o desgraçado do Tray decidiu me ajudar. — E bom, se sua preocupação é com a Ane... sempre pode por umas regras no contrato.

— Contrato? Que contrato? — Sabia que estava bom demais pra ser verdade. Tray sempre tem que me foder de algum jeito, esse palhaço.

Ele se ergue e anda na direção da minha bateria. Do lado dela, pega papel e caneta, que estão sempre ali esperando a inspiração pras músicas.

Se senta no chão outra vez, enquanto Ashton parece absorver tudo o que estamos dizendo.

— Por exemplo, o que seria a regra básica pra você, Ash? O que o Josh não poderia fazer de jeito nenhum, durante o tempo em que estiver casado com a Ane?

Ashton fica em silêncio e aguardamos o que vai dizer. Suas próximas palavras vão definir se isso vai ou não acontecer.

— Não tocar nela, óbvio. — E se virando pra mim, completa: — Não que eu pense que você faria isso, cara.

Me sinto o pior dos canalhas, quando concordo com um gesto.

Tray ri baixinho, e começa a escrever.

— Cláusula número um... — fala enquanto a caneta marca o papel. — Não tocar indevidamente na contratante.

Ashton ri das palavras, está levando tudo na esportiva.

— Acredito que essa cláusula fique mais fácil de ser cumprida, se a contratante não desfilar pela casa em espartilhos, nem nada assim — Tray comenta, casualmente.

Imbecil.

— Bem pensado — Ashton fala rindo. — A contratante deve estar devidamente vestida, até que o contrato seja rescindido. Apesar que Ane não usa essas coisas.

Iludido, o meu amigo. Mas eu entendo, eu já fui esse cara, em um passado recente.

— Boooa... — Tray anota rápido, e estou começando a me animar. Se ela disser sim, isso vai acontecer.

—Mais alguma coisa? Acho que essas duas cláusulas aí já inibem a questão sexual da coisa toda.

— Ah cara, as vezes nem tô pensando nisso, mas só de dormir na mesma cama que a Julia as coisas já esquentam... Coloca aí, Tray, a contratante e o contratado deverão dormir em leitos separados.

Ashton ferrando minhas expectativas..., mas, não tão rápido.

— Essa é a melhor, Ash. Mesmo porque vamos ter que dormir no meu apartamento. Seria estranho que acabássemos de casar e ficássemos aqui, em quartos separados. Lá, pelo menos, ninguém vai descobrir que é de fachada.

Tray assente.

— Como você é foda hein, Josh? Pensou em tudo — comenta, e eu e Ash temos uma interpretação diferente da sua fala.

— Vou chamar a Ane, e ver o que ela acha disso — Ash se levanta e deixa o cômodo rápido, me deixando sozinho com Tray.

— Eita que ferro, Josh. Você fodeu tudo agora, porque a hora que ele

descobrir que ainda manipulou tudo desse jeito... E eu ainda ajudei, cacete!

Fala, sério, e logo começa a rir.

— Ninguém precisa saber de nada. Depois eu digo que mudei de ideia sobre separar, que nos gostamos e pronto. De jeito nenhum, vou aceitar a sugestão de que ela fique com esse merdinha.

Tray balança a cabeça de um lado pro outro, ainda rindo.

— Vocês são completamente loucos. Em pensar que falam isso de mim, mas eu não gritei pro mundo que era pai de um bebê sem nem ter comido a mãe, nem quase perdi meu pau porque o enfeitei com um colar, e muito menos inventei um casamento de mentira pra ficar com a garota de verdade.

Pensando por esse lado...

Antes que possa responder o que ele disse, a porta se abre e Ane entra, seguida por Ashton.

— O que é que está acontecendo aqui, Josh? — ela pergunta pra mim, porque com certeza deve imaginar que eu contei tudo pro Ashton.

Me levanto do chão e me aproximo dela. Ashton me incentiva com a cabeça, e ele e Tray dão risadinhas, sem imaginar o quanto isso é sério pra mim, e pra ela também, eu espero.

Me ajoelho diante dela, e ouço a gargalhada dos dois às minhas costas.

— Anelyse Ray... Temos muito em comum, incluindo os piores pais do mundo. Sendo o meu, o vencedor.

— Há controvérsias. — Ouço Ashton afirmar.

Ane me fita com os olhos esbugalhados, mas pelas atitudes dos outros dois, ela não leva o que está acontecendo tão a sério.

— Eu te entregarei a sua herança, doce anjo. Vou me casar com você, se aceitar, e juntos vamos rir da cláusula do testamento do seu pai.

A sobancelha dela se ergue enquanto nos olha, sem acreditar no que ouve.

— Isso é sério? Vocês me chamaram aqui pra brincar com essa bobagem?

Nego com um gesto.

— É tão sério quanto quiser que seja — respondo o mais claro que posso, sem me entregar.

— E depois vai pedir o divórcio? — Dessa vez, sua pergunta é direcionada apenas a mim, e sinto aquela conexão de novo entre nós.

— Vou permitir que você o faça, quando não me quiser mais.

Ela assente, parecendo perdida em pensamentos.

— Tudo bem. Eu acho que pode ser uma boa ideia.

Me levanto, comemorando tanto, que quase perco a desculpa de estar fazendo isso para ajudá-la.

Ashton se aproxima dela com o papel nas mãos.

— Estipulamos essas cláusulas, pra caso aceitasse. Quer acrescentar algo? Josh está de acordo com as três.

Ane pega o papel e passa os olhos sobre ele, depois me fita, finalmente abrindo um sorriso.

— É claro que ele está. Eu também estou, óbvio. Mas tem uma coisa... Não vai poder ficar com ninguém, Josh. Se descobrirem que ficou com outra mulher, isso vai ser muito humilhante pra mim.

— Ferrou. Nem a esposa, nem as amantes — Tray faz piada. Mas a verdade é que não pretendo seguir essa porra de contrato.

— De acordo. Celibato total, Ane. O mesmo serve pra você, vai mandar o francês embora.

Ane hesita por um momento. Merda. Ela não quer que ele vá.

— Ele pode ficar aqui. Ao menos, até o dia do voo de volta — Ashton

fala. — Isso se ele quiser, depois que tiver a notícia sobre o casamento. Você vai ficar com Josh no apartamento dele, porque isso vai passar mais credibilidade, e Thierry pode ficar aqui, se for preciso.

Ashton está me ajudando tanto, que é quase como se apoiasse tudo.

— Combinado — Ane diz, aceitando, e eu festejo internamente. — Quando nos casamos?

— Amanhã mesmo — respondo, animado, enquanto todos me encaram boquiabertos.



CAPÍTULO 18

ELVIS NÃO MORREU

Josh

— O que foi? — questiono, ao ver que todos me olham sem acreditar no que eu disse.

— Como assim, o que foi? Julia e eu estamos planejando um casamento há um ano, e você vem e diz que vai casar amanhã? — Ashton explica o motivo da incredulidade deles.

— Mas, Ash, o meu casamento com a Ane tem um objetivo diferente do de vocês, e quanto antes nos casarmos, antes ela vai receber a herança... Nem vai precisar voltar pra França depois das festas.

Ele olha de mim pra ela, aguardando uma reação.

— Você sabe que eu fui pra França porque quis, e não por não ter uma herança milionária, certo? — Ela pergunta, me provocando.

Dou de ombros, como se isso não fosse importante quando, na verdade, o que mais me seduziu nessa herança e na proposta de casamento foi isso. A oportunidade de fazê-la ficar.

— Mas agora, vai concretizar seus planos aqui mesmo. Perto de nós.

Ash assente feliz, passa um braço ao redor do ombro de Tray e juntos se aproximam também de mim, e ele repete o gesto comigo.

Ele encara a irmã e a emoção em sua voz me faz mal. Eu sou um

babaca por arriscar a amizade que temos, enganando Ash desse jeito.

— Ane, nós somos sua família. Josh é como um irmão e Tray a ama do mesmo jeito, qualquer um de nós faria tudo por você. Essa solução é perfeita, hoje em dia uma mulher divorciada não é mais nenhum tabu, e sua grife já vai surgir famosa porque você será a esposa de um astro do rock.

Ela abre um sorriso.

— Não precisam me convencer, eu já aceitei. — Ane me fita com seus olhos divertidos. — Obrigada pelo apoio, irmãozinho.

— Como vai ser essa doideira? — Tray pergunta e todas as cabeças se voltam pra mim.

— Primeiro vamos comemorar o Natal, trocar os presentes e Ane vai dar um jeito no ex-namorado. E à noite, vamos voar pra Vegas.

O grito de Tray é estridente e alegre.

— Uooow! Las Vegas, mulheres, cassinos, bebida e um Elvis! Cara, precisa ter um Elvis pra celebrar o casamento e muitas fotos pra espalhar por aí.

— Eu acho desnecessário que vocês todos viagem com a gente. É jogo rápido — comento, já pensando na minha lua de mel frustrada.

Ane franze a testa pela primeira vez, parecendo pensativa.

— Você está se sentindo bem com isso, Ane? — pergunto, imaginando que talvez esteja estragando algo que poderia ser um momento especial pra ela, um dia.

— Não, eu quero receber a herança. Eu mereço isso, é um direito meu e vou fazer muitas coisas boas com esse dinheiro. Se pra isso precisamos de Vegas e de um Elvis, por mim tudo bem.

Um incômodo chato se instaura em meu peito. Não quero que ela faça isso apenas pela herança, mas empurro isso para o fundo da minha mente e me concentro no que é bom nisso tudo.

Anne

Estamos sentados ao redor da mesa, incluindo Rosa, que caprichou no cardápio. As delícias estão espalhadas por todo lado.

Thierry está ao lado de Julia e teoricamente ainda não sabe sobre nosso término, que só irá acontecer após a troca de presentes.

Josh, por outro lado, abandonou o mau-humor e parece estar contente. Por enquanto.

Eu... Não sei o que sentir. Por mais que seja um casamento por contrato e de mentirinha, não acredito que possa ser muito mais real que isso. Os sentimentos são verdadeiros e realmente estamos envolvidos.

Por mais que a herança seja útil em muitos aspectos, não representa nada demais pra mim.

A verdade é que já havia desistido dela, e que não aceitaria esse arranjo se fosse com outro.

Mas com Josh é diferente, mesmo que eu perca a grande festa que poderia ter, caso isso não fosse um moderno casamento arranjado.

Mesmo sabendo que posso sair dessa destruída e que deveria proteger meu coração de algo tão fatal quando uma união pública com ele pode vir a ser, não pude olhar no oceano profundo que eram os olhos dele mais cedo, e dizer não.

Apesar das brincadeiras e das justificativas, havia ansiedade por minha resposta em seus gestos e sinceridade em suas expressões. Posso estar me enganando, mas não acredito que seja apenas para me ajudar a conseguir a herança.

Afinal, nenhum de nós realmente precisa do dinheiro.

Vamos morar juntos e ter espaço, longe de todos os outros, e não me importo se vou me casar na igreja com quinhentos convidados ou em uma capela vinte e quatro horas com algumas testemunhas.

Depois que tiver Josh em um apartamento longe de todos os outros, a definição do que somos e o que temos será mais fácil e leve.

— O que você faz, Thierry? Ane comentou que frequenta a mesma universidade que ela. É isso? — Ash pergunta, me tirando de meus devaneios, e já prevejo o caos.

— Sim, isso mesmo — Thierry responde, evasivo. Graças a Deus, é esperto.

Apesar de menear a cabeça, Josh parece satisfeito e não comenta nada sobre ele ser meu professor.

Julia oferece um olhar de advertência a Ash, que entendo que seja algo do tipo "pra que o interrogatório?".

E Tray olha pra todos os lados menos pra Thierry, que insiste em ficar lançando olhares pra ele.

Agora que nosso romance está prestes a terminar, ele parece se sentir bem à vontade em demonstrar suas preferências.

— E a Jas, Tray? Não conseguiu convencê-la a vir? — Ash pergunta e com isso todos os olhares se voltam pra Tray.

Ele fica sério no mesmo instante.

— Eu não sei que merda tá acontecendo com ela. Primeiro, me enrolou dizendo que talvez viesse e depois sumiu, dizendo que ia trabalhar.

— No Natal? — pergunto, curiosa, afinal não é muito comum.

— Uma droga, né? Eu vou procurar o cara que faz uns serviços pra nós, e pedir pra que descubra pra quem ela trabalha. Isso é escravidão, cara.

Tenho que concordar. Fazer a menina trabalhar no dia de Natal só pode ser coisa de um figurão muito narcisista.

Ninguém estende o assunto, para não deixar Tray ainda mais nervoso com isso, e continuamos falando de amenidades.

Ashley derruba comida pra todo lado e por todo o chão, enquanto uma Rosa desesperada tenta se levantar da mesa para limpar a todo instante, sendo sempre impedida por um de nós.

Acabamos de comer em paz absoluta e então vamos todos pra sala. É tradição nossa que a troca de presentes seja feita após o almoço no dia vinte e cinco, e a árvore está abarrotada deles, de todos os tamanhos e cores, afinal a família cresceu desde o último ano.

Ashton liga pra nossa mãe e aguardamos um pouco até que ela chegue.

Um pouco depois a porta se abre e Carter entra, a segurando em seguida para que minha mãe possa entrar.

— Olá, queridos! Desculpem o atraso, meu voo atrasou e não pude chegar para o almoço.

Ashton se levanta para abraçá-la, seguido por minha cunhada e eu fico quieta em meu lugar. Quando ela souber a loucura que está acontecendo por aqui, vai querer me matar.

Vejo Carter cumprimentar os meninos e sentar-se em uma das poltronas no canto, enquanto dona Eleanor passeia no meio de todos.

— Oh! E você, querido? Não me lembro de ter conhecido um rapaz tão bonito.

Todos ficam em silêncio de repente, e nem eu, nem Ashton, Julia ou Josh, nenhum de nós sabe como apresentar Thierry.

Como um namorado? Pra poucas horas depois, dizer que não é mais e que vou me casar com Josh?

Ou como meu amigo gay, surpreendendo a todos?

— Sou Thierry. Anelyse me convidou para visitar vocês no Natal. É

um prazer.

Minha mãe o abraça em um cumprimento, enquanto me fita com expressão de incompreensão.

Apenas dou de ombros e não explico o inexplicável.

— Jooosh, meu amor! Como está sendo sua data favorita, querido?

Caso eu não tenha mencionado, minha mãe ama Josh desde sempre. Muito mesmo.

— Oi, tia Eleanor — ele se levanta e retribui o abraço a erguendo do chão, enquanto minha mãe dá um ou outro tapa no braço dele.

— E então? — ela insiste, logo que Josh a coloca no chão.

— Esse ano está sendo, no mínimo, surpreendente.

— Quero saber de tudo depois. — Então ela se concentra em Ashley, que chega da cozinha nos braços de Tray. — Ahhhhh, minha princesa!

Tomando a neta nos braços, começa a rodear com ela pela sala, enquanto continuo na minha.

Mas pouco depois, chega meu momento.

— Querida, você não vai falar com a mamãe?

— Estava esperando terminar de abraçar a todos, mãe.

— Como você está? Estava morta de saudades.

Isso porque ela foi a única a ir me ver em Paris.

— Eu estou bem, cheia de novidades.

Melhor ir preparando o coração.

— Quero saber tudo. Mas depois, primeiro vamos aos presentes!

Começamos a abrir os presentes e o clima fica descontraído. De vez em quando, noto uma troca de olhares entre Carter e minha mãe bastante suspeita, mas ninguém os questiona sobre terem chegado juntos e os dois também não explicam.

Imagino que, assim como Josh, Carter esteja temendo a reação do

Ashton.

A tarde corre alegre, em meio a risos e votos de felicidade. Em um determinado momento, chamamos Rosa e ouço quando Ash oferece a ela o que quiser. Ela pede reforços.

Coitadinha. Precisa de mais empregadas fixas, e Ashton se sente até mesmo envergonhado por ela ter tido que pedir, mas assente concordando com isso e oferece que ela escolha algo mais.

Nos servirmos dos biscoitos de Natal e conversamos. Tray fala pra Ash e Josh que tudo que deseja de Natal é um baixista pra *Dominium*, mas os meninos rejeitam a ideia categoricamente; preferem manter o baixo eletrônico, a colocar um estranho na nossa família.

O clima está leve para a maioria das pessoas, exceto pelos olhares fulminantes que Josh ainda lança pra Thierry.

Enquanto todos estão distraídos abrindo os presentes, chamo minha mãe, disfarçadamente, para me seguir e a levo até a sala de reuniões da banda.

— O que foi, querida? — pergunta, já desconfiada de que tenho uma confissão a fazer.

No entanto, tenho certeza de que não espera pelo que vou dizer.

— Mãe, eu vou me casar. Hoje.

Ouço o baque do seu corpo sobre a cadeira, quando ela se senta de uma vez.

— Como assim, Anelyse? Está louca! Ouça só, se pretende se casar com aquele rapaz, devo alertá-la de uma coisa, minha filha.

Minha mãe é uma guerreira. Sempre foi e se recupera do choque inicial rapidamente, logo se colocando de pé.

Sua mão toca meu ombro, enquanto uma expressão de piedade toma conta de seu rosto.

— Querida, já vi muitas coisas e sei bem ler as pessoas. Aquele moço adorável gosta da mesma fruta que nós. Espero não precisar ser mais clara que isso.

Primeiro, tenho certeza de que meus olhos se arregalam de espanto, depois uma gargalhada reverbera pela sala, quando me descontrolo.

Gosta da mesma fruta. Quem fala assim?

— Ai, mãe... A senhora é incrível.

Finalmente, ela estreita os olhos em minha direção, percebendo o equívoco.

— Vai se casar com quem, então?

— Bom, pra começar, acho que preciso explicar o porquê do casamento... Meu pai deixou a herança dele pra mim e pro Ash, meio a meio. Mas, condicionada a estarmos casados, do contrário não receberemos nada.

Vejo o rosto dela ficar vermelho, e a raiva característica de quando falamos em meu pai surge.

— Ele é, ou era, um imbecil, Anelyse. Até aí, nenhuma novidade. Minha surpresa é que você seja tola a esse ponto, se casar para receber uma herança da qual não precisa. Graças a Deus, nenhum de nós nunca precisou dele e nos saímos muito bem, sem o dinheiro daquele miserável. Ou é pra cumprir o último desejo dele? Porque devo dizer que você não tem obrigação alguma com...

— Mãe! Me escuta, tá bom? — interrompo a lição, que sei que pode levar eras pra terminar. — É o Josh... Ele se ofereceu pra casar comigo, um contrato temporário pra que eu receba o dinheiro e, de acordo com ele, burle as regras estúpidas do meu pai.

Finalmente, ela se cala. Outra vez, a vejo se sentar na cadeira, mas dessa vez sua expressão é contemplativa. Está assimilando o que eu disse.

— Josh... Entendo.

Como ela não diz mais nada, eu questiono:

— E então? A senhora vai lidar bem com isso?

Minha mãe ergue os olhos pra mim e um sorriso fraco se abre em seu rosto.

— Não é pelo dinheiro, nem pelo seu pai. Você quer esse casamento, sempre quis ficar com ele e eu juro que entendo, querida. Josh é uma das melhores pessoas com as quais a vida me presenteou.

Abaixo a cabeça diante das palavras dela. Minha mãe nunca foi tão clara, mas é obvio que todos sabem do que eu sinto por ele.

— Eu confesso que tenho medo de que ele te magoe. Mas, também tenho esperança de que tudo dê certo. Então, vou apoiar essa loucura de vocês, assim como fingi não saber da mentira do seu irmão, que no fim era verdade, e torcer pra que seu final seja tão lindo quanto o dele, minha menina.

Josh

O voo para Las Vegas durou quase três horas, e foi feito imediatamente depois de Anelyse ter duas conversas complicadas.

Uma foi com tia Eleanor, mas ela parece estar aceitando tudo muito bem. A outra, foi com o então namorado, agora ex, que acredito estar em um estado terrível de negação, porque mesmo com o rompimento, não voou direto pra França e insistiu em assistir ao casamento.

Talvez, ele não levasse a relação tão a sério quanto eu pensava. Porque em seu lugar, eu jamais iria assistir Ane se casando com outro.

Mas por mim, foda-se. Que assista, então, e entenda de uma vez que não vai mais ficar com ela.

Primeiro, nos hospedamos no hotel no qual passaremos a noite e depois eu, Tray e Ash fomos atrás de roupas, música e essas coisas.

Ane ficou se arrumando e de lá, finalmente, seguiu na limusine enviada pela própria capela, para a cerimônia.

No momento, eu aguardo ansioso por sua entrada, tendo à minha frente o público mais desconexo e bizarro que já vi. E olha que eu já tive muitos públicos, nesses últimos anos.

Meus amigos estão ao meu lado, como testemunhas, e Julia e o ex da minha futura esposa serão as testemunhas dela. Quer mais bizarrice?

Minha quase sogra e Carter estão sentados diante de nós, e ela tem o celular na mão em uma chamada de vídeo para minha mãe. Dona Regina me encara, furiosa por não ter sido convidada, e esbraveja sobre como sou ingrato por me casar enquanto ela viaja.

Ashley se reveza entre subir no colo de Carter, correr até a mãe ou o pai e, vez ou outra, sentar-se no chão mesmo.

Mas os estranhos são a pior parte. Parece que minha quase sogra considerou um absurdo a filha se casar em uma igreja tão pequena — tentei explicar a lógica de ser uma capela — com tão poucas pessoas. Com isso, tem uma galera muito eclética e esquisita, ocupando todo o lado direito do lugar.

Duas delas vestem espartilhos e perucas, além de umas penas estranhas saindo de dentro das roupas. Se não são prostitutas, são dançarinas de algum lugar bem exótico.

Tem um trio de senhores que se parecem muito com os mendigos que estavam do lado de fora, quando chegamos.

Um anão malabarista está sentado na primeira fileira e suas mãos parecem trabalhar no automático, porque em nenhum momento ele deixou de atirar as bolinhas em um círculo perfeito.

Entre essas pessoas excêntricas, temos ainda um homem de terno que não faço ideia de onde saiu, uma adolescente que não deve ter mais de quinze anos e... tenho quase certeza que aquele cara é daquele programa de televisão em que compram antiguidades, no History.

Que merda ele tá fazendo aqui?

Enfim, deu pra entenderem o circo que esse casamento virou. Claro que alguns paparazzi já estão presentes, mas até então, era esse mesmo o objetivo. Tornar isso tudo o mais crível possível.

De repente, a voz do nosso Elvis improvisado, mas que é mesmo muito bom, ecoa pela nave cantando *Can't Help Falling In Love* e as pessoas se levantam.

Minha menina chegou. E ela finalmente vai ser minha definitivamente.

Anelyse surge na entrada da capela, de braço dado com o Elvis, e um sorriso toma conta da minha expressão, até então ansiosa.

Ela usa um vestido branco, porém curto e rodado, e um véu enorme e discrepante com as roupas. Os cabelos estão presos em um coque, e as pernas expostas e delgadas caminham confiantes na minha direção.

Elvis canta e dança, jogando o topete, e o casamento não poderia ser mais divertido e doido. Mas, nada disso realmente importa, quando finalmente a mão dela toca a minha.

O casamento é celebrado pelo próprio Elvis e rapidamente é concluído.

Os estranhos tiram fotos ao nosso lado, celebrando a união, e prevejo o álbum de fotos mais aleatório do mundo todo. Mesmo assim, sinto que meu peito vai explodir de felicidade. Afinal de contas, pode ser apenas mentirinha, mas pra mim isso é muito sério.

Nos despedimos de todos e apesar de me chamar em um canto para

relembrar o contrato e as cláusulas, Ashton aceita bem o fato de que eu e Ane vamos dormir no mesmo quarto. Mesmo porque os paparazzi estão na cidade, e não poderíamos arriscar.

A limusine se dirige para o hotel, levando a mim e a Anelyse. Dentro dela, champagne, morangos e *Can't Help Falling In Love*, que continua tocando, embalando nossa noite.

— Como está se sentindo com tudo isso? — pergunto, quando ficamos a sós pela primeira vez.

— Me sinto muito bem, e você?

— Estou feliz, anjo. É tudo real demais pra uma mentira, não acha?

Ane abre um sorriso que brilha mais que essa cidade. E olha que competir com isso aqui não é fácil.

— Que mentira? Não vejo nenhuma.

— Sabe que ainda vamos conversar sobre você não ter rompido com o francês antes, certo?

Ela assente.

— E sobre aquele beijo vindo direto do inferno pra me atormentar.

— Quanto a esse beijo... Vamos esquecer — diz, em uma tentativa falha de tirar aquela merda da minha cabeça.

— A única forma de esquecer, Ane, é me enterrando tão fundo em você, que a maldita memória desapareça.

— Quer tentar, esposo?

Ah, diaba.

Eu a puxo para o colo e Ane passa as pernas ao redor da minha cintura.

Acima de nós, o teto do carro está aberto e as estrelas brilham, o som da cidade nos alcança e tudo não poderia ser mais perfeito que isso.

Tomo sua boca com impaciência e vontade, e sinto as unhas dela me

arranhando sobre a camisa branca.

Sei que não temos muito tempo, e poderei sentir seu gosto e tocar seu corpo com calma, mais tarde.

— Você foi uma menina muito malvada, anjo. Tem se comportado como se, na verdade, fosse um demônio.

A safada morde o lábio e me encara com desejo, mas não diz nada.

— Sabe o que acontece com meninas levadas?

Ane faz que não, com um gesto.

— São castigadas com a vara — falo brincando, mas Ane não parece achar graça e se remexe sobre mim, tocando minha ereção com seu sexo.

— Me castiga então, Josh. Quero ser punida com força e bem fundo.

Essa carinha de anjo dizendo sacanagem assim, não dá pra resistir. Mesmo.

Minha mão entra sob seu vestido e logo encontro a calcinha fina que está usando. Puxo o tecido para o lado enquanto, em desespero, suas mãos abrem minha calça e liberam meu pau rígido.

Ela sobe as mãos para meu pescoço, retirando minha gravata e abrindo os primeiros botões da camisa.

— Fica quietinha, você não está merecendo tomar decisões aqui.

Os olhos dela brilham com minhas palavras. Pra alguém que adora fazer o que dá na cabeça, ela gosta muito de me obedecer nessas horas.

Tomo a gravata de suas mãos e as amarro com ela nas suas costas.

Alcanço um preservativo no bolso da calça e o coloco em uma velocidade que só o tesão que sinto por essa menina poderia explicar.

Em seguida, ergo um pouco seu quadril para me posicionar em sua entrada, descendo seu corpo sobre mim logo depois.

Um gemido delicioso sai de sua boca, quando a penetro com força.

Seguro seu quadril com firmeza, para movimentá-la de acordo com

minha vontade, e invisto o meu corpo contra o seu seguidamente.

Com força, me enterro fundo nela, arrancando seus gemidos e gritos, que abafo com meus beijos. Com uma das mãos, abaixo o corpete de seu vestido sem perder o ritmo das estocadas e ergo um dos seios delicados para o tomar na boca.

Sugo com vontade e passeio com a língua em torno do mamilo que se ergue pra mim.

— Ahh, Josh...

— Isso, gostosa. Grita meu nome, assim.

Ane se cala. Solto seu seio e meto mais forte, para tentar arrancar a súplica dela.

Faço seu corpo rebolar em movimentos circulares sobre mim, tocando seu clitóris com meu piercing.

Ela ainda morde o lábio tentando se conter, mas quando intensifico o ritmo, ela grita meu nome, finalmente.

— Assim.

Seguro firme em seus cabelos, enquanto ela me encara. A pele brilha com o suor dos nossos corpos e a boca está inchada.

— Você é minha, anjo. Só eu vou entrar em você e é só o meu nome que você vai gritar. Combinado?

— Desde que o inverso também seja verdade — responde, me desafiando, mesmo louca de desejo.

— Anjo, você prendeu meu pau, literalmente, e eu não preciso de outra mulher, quando tenho a mais enlouquecedora, linda, gostosa, maravilhosa em todos os sentidos e apertada só pra mim.

Digo a última característica sentindo como ela me comprime, e desejando que o carro não estivesse chegando ao hotel.

— Agora, se derrete em cima de mim, esposinha.

Toco seu sexo enquanto me afundo nela pausadamente, mas é forte, duro, fundo.

Meus lábios passeiam por seu pescoço até sua orelha e a mordisco ali.

— Goza pro seu marido, anjo — sussurro baixinho, enquanto a sinto se romper em espasmos e tremores.

Então, agarro seu corpo com força, enterrando meu rosto nos seus seios e metendo nela freneticamente, até me libertar no seu calor gostoso.

E ainda querem que eu assine um divórcio.



CAPÍTULO 19

MÚSICAS E MENTIRAS

Anne

A lua de mel foi perfeita. Muito melhor que a cerimônia, que não deixou de ser ótima a seu próprio modo excêntrico e autêntico.

Difícil mesmo, foi tentar não demonstrar minha alegria diante de Ashton no dia seguinte; ele acredita, mesmo, que suas regras e o contrato serão respeitados, e não posso deixar que saiba a verdade até que ela seja definitiva.

Quando voltamos a Seattle, minha mente já está rodando com os planos para o futuro e quase me sinto zonzinha diante da velocidade dos acontecimentos.

O Natal chegou e passou, e um novo ano se aproxima. Um ano repleto de mudanças permanentes, espero eu, e de felicidade. Afinal, eu mereço, depois de tanto tempo desejando isso.

Chegamos ao prédio em que fica o apartamento de Josh e somos recepcionados por fãs e fotógrafos, todos gritando e tentando descobrir mais sobre o casamento repentino.

Passamos por eles de cabeça baixa, Carter na frente como sempre, abrindo caminho, e nos dirigimos às portas de vidro, onde seguranças estão posicionados para impedir as pessoas de entrar.

Antes de atravessá-las, Josh me para e segura minha mão. Virando-se de frente para as pessoas, ele sorri e dá a elas o que vieram buscar:

— Eu sei que estão doidos pra saber por que esse casamento tão de repente, sendo que não tiveram conhecimento nem mesmo de um namoro entre nós.

Os flashes nos cegam, vindos de toda parte, e os microfones tentam alcançá-lo para captarem suas palavras.

— A verdade é que sempre fomos apaixonados um pelo outro, e agora decidimos ficar juntos, sem nos importar com as consequências.

Meu coração só falta explodir dentro do peito e me sinto assim mesmo quando, após acenar em despedida, Josh me puxa para dentro do prédio pela mão. Continuo me sentindo assim, durante os segundos que leva pra se despedir de Carter e me arrastar para o elevador.

Sei bem que ele disse aquilo tudo para tornar nosso casamento mais crível, mas ainda assim...

Parecia tão sincero.

As portas se abrem na cobertura e saímos para dentro do apartamento. Tudo aqui é lindo, as janelas de vidro mostram toda a cidade e estou encantada com a vista.

Josh não estava brincando quando disse que a decoradora também viria até aqui, porque para onde olho, vejo um Papai Noel, e a árvore de Natal é maior que eu.

— Suas coisas já estão aqui. Ao menos, parte delas.

Ergo a sobrancelha, descrente. Quando isso aconteceu?

— Como?

— Pedi que trouxessem ontem mesmo. Estão no seu quarto...

Meu quarto.

— Eu sei o que está pensando, anjo. Seu quarto é o meu quarto.

Nosso...

Abro um sorriso pra ele e envolvo seu pescoço em um abraço, enquanto nossos lábios se tocam levemente.

Ainda não conversamos de modo definitivo, mas sinto que Josh quer essa relação tanto quanto eu.

— Vou tomar um banho, tudo bem? Pode ficar à vontade, porque a casa agora é sua. Tem comida na geladeira e se não quiser esperar, pode se juntar a mim no banho... — Josh fala perto do meu ouvido e seu tom envia faíscas, que acendem o desejo em cada centímetro de mim.

— Pode ir, vou pegar minhas coisas — respondo ansiosa.

Ele segue na direção do quarto e de lá some dentro do banheiro. Eu o sigo e encontro minhas coisas ao lado da cama.

Abro uma das malas, enquanto procuro por uma roupa confortável e sensual. Difícil.

Sinto meu celular vibrar no bolso da jaqueta que estou usando, e quando o pego, vejo a tela se acender com o nome de Thierry.

Olho pra trás, para ver se Josh realmente entrou no banho e ouço o barulho da água caindo.

— Bonjour, chérie... — atendo, animada.

— *Bonjour, senhora Nicols! Como vai a vida de casada?*

Dou risada dele, logo de cara.

— Tudo indo bem, obrigada.

— *Então, já que as coisas vão bem assim, eu gostaria muito de poder ficar até o casamento do seu irmão. Julia me convidou sabe? Mas pra isso, preciso que conte logo pro senhor seu marido que somos apenas amigos, ou ele vai acabar me matando. Já falou com ele?*

Saco. Ele tem razão, quanto antes eu explicar tudo, melhor.

— Ainda não falei com ele. Mas Josh vai entender...

— *Será? Do jeito que ele me olha, acho que nunca mais vamos nos encontrar, mon petit. Ele é meio ciumento, sabe disso.*

Dou risada de seu receio exagerado.

— Deixe de bobagem, Thierry. Nós nunca vamos deixar de nos ver, não é o fato de ter me casado que vai mudar isso. Nós dois somos pra sempre...

— *Oui. Espero que se lembre disso, quando estiver sentindo toda a pressão do piercing magnífico, senhora Nicols.*

Errado não está. Preciso conversar com Josh. Sexo não resolve tudo, infelizmente.

— Vou lembrar. Não se preocupe com isso, apesar das razões desse casamento, eu sinto que ele gosta de mim, sabe? Vai acabar aceitando nossa relação.

— *Tá bom, fala com ele e vem me ver amanhã. Beijo.*

— Até amanhã...

Desligo o celular e pego uma camisola qualquer, mas quando me viro, perco todo o fôlego que há dentro de mim.

Josh

Ligo o chuveiro e tiro a camiseta e os sapatos. Antes de despir as calças, percebo que não tem toalha aqui.

Por que teria? Ninguém nunca fica no apartamento.

Volto na direção do quarto e vejo que Ane está no telefone. Por isso está demorando...

— Ainda não falei com ele. Mas Josh vai entender...

Estava prestes a chamá-la, mas algo me paralisa. Chame de instinto

ou do que preferir.

Merda. Eu não devia ouvir a conversa, mas o que será que eu vou entender?

— Deixe de bobagem, Thierry. Nós nunca vamos deixar de nos ver, não é o fato de ter me casado que vai mudar isso. Nós dois somos pra sempre...

Mas que porra é essa? É instantânea a mudança da temperatura aqui. De repente, meu corpo todo se aquece de raiva e minhas mãos congelam.

Eu congelo.

Quem é essa mulher na minha frente? Como pude ser tão cego sobre alguém, por tanto tempo?

Anelyse quer manter um caso, mesmo casada comigo. E o tom dela... é como se eu não fosse nenhum empecilho.

Ela sempre soube como me sentia sobre ela. Só isso justifica a presunção de achar que eu aceitaria dividi-la assim.

— Vou lembrar. Não se preocupe com isso, apesar das razões desse casamento, eu sinto que ele gosta de mim sabe? Vai acabar aceitando nossa relação.

Razões. Então é isso. Não faz sentido algum, mas talvez ela não achasse que o dinheiro do Ashton bastasse. Mas por que não se casar com o francês, então? Ela não pode pensar, de verdade, que eu aceitaria essa merda toda.

Considerando, agora, como mentiu pra mim sobre a virgindade, como fez com que eu pensasse que tinha experiência, quando não tinha...

Minha cabeça gira no mesmo lugar e não consigo entender nada do que está acontecendo aqui.

Ane era virgem e agora quer que eu fique ao lado dela, enquanto mantêm um amante. É bizarro demais pra que eu possa assimilar.

— Até amanhã.

Pensar que, com dois dias casada comigo, ela planeja estar com ele, me dá náuseas.

Não acredito que idealizei Anelyse por tanto tempo.

Um anjo.

Ela se vira em minha direção e pelos seus olhos assustados, sei que está ciente de que escutei tudo, que descobri seus planos.

— Josh, não é isso... Sei que parece uma coisa que não é. Vem cá, vamos conversar — sua voz me alcança e tudo que ouço são suas mentiras.

O modo como mentiu seguidamente, desde que voltou.

— Eu não quero falar com você, Anelyse.

Dou as costas e volto pro banheiro. Fecho o chuveiro e visto minha camiseta outra vez. Pelo espelho, vejo seu reflexo atrás de mim.

— Eu sei que pelo que ouviu, parece ruim. Mas não é, Josh.

Calço os sapatos e me levanto outra vez, para encará-la.

— Não é? Você quer o quê, porra? Uma espécie de triângulo amoroso bizarro? Tô fora. Não sei como pensou que eu aceitaria algo assim.

— Calma, Josh. Não é isso, me escuta.

— Eu te escutei, Anelyse. Escutei suas mentiras, sua manipulação comigo desde que voltou. Me seduzindo aos poucos, mentindo que tinha experiência e fodendo com o meu psicológico. Você sempre soube que um sinal seu bastaria pra ferrar minha resistência, não é? Sabia como eu me sentia.

Os olhos dela estão arregalados e percebo neles um pouco de culpa, mas o que eu sinto nesse momento é muito pior.

Eu sou o otário que deixou que os sentimentos adormecidos viessem à tona, que arriscou as pessoas mais importantes da sua vida por ela, que era ainda mais importante.

O que eu sinto dentro de mim agora...

A decepção, a mágoa, a raiva por ser tão burro. Tudo ameaça me destruir, de dentro pra fora.

Vejo uma gota tocar o chão e, apenas aí, percebo que meu rosto está molhado.

Ela ergue a mão para tocar meu rosto e a afasto com brusquidão.

— É isso aí, Anelyse. Você é só mais uma pessoa a quem eu dei o poder de me destruir. Mas chorar... Não lembro a última vez que chorei. Parabéns por isso.

Passo por ela, que ainda tenta vir atrás de mim. Agora, chorando e gritando meu nome, e a deixo sozinha no apartamento.

Apenas quando chego lá embaixo, me dou conta de que os paparazzi ainda estão ali, e que vou ter que escapar de outra forma. Não posso lidar com essa merda agora. Droga.

Anne

A porta do elevador se fecha antes que eu o alcance, e me sento no chão, deixando as lágrimas caírem.

Meu Deus. Como pude ser tão estúpida assim?

Sinto a culpa me corroer, por tantos motivos. Por mentir pra ele sobre tantas coisas e por deixar as coisas chegarem a esse ponto.

Por magoá-lo tanto, mesmo que por um mal-entendido. Mas, me sinto pior por não ter percebido que o que ele sentia era tão forte quanto o que sinto.

Tento seu celular algumas vezes, mas ele não atende, e então me levanto e arrasto meu corpo sem vida até a cama dele.

Inalo o cheiro dos travesseiros, buscando algo que o lembre, mas não tem nada. São apenas travesseiros. Josh não dormiu nessa cama e não sei quando vai dormir outra vez.

Me levanto, decidida a sentir a presença dele por perto e com isso, abro seu guarda-roupas. Suas camisetas e camisas estão penduradas, alguém deve ter trazido antes e arrumado tudo.

Vejo a camiseta velha da banda, que usei depois da nossa primeira noite. Ela está na prateleira de cima e fico na ponta dos pés para a alcançar.

Quando a puxo, as pastas de músicas que estavam sob ela caem junto, e as letras se espalham pelo chão.

Droga. Não é meu dia.

Me abaixo para recolher e então algo me chama atenção.

É a letra de *Hand*. A mesma canção que Josh escreveu, anos atrás, e que tocou no asilo na nossa primeira visita juntos.

Inevitable feel

Impossible live

But your hand will always be on mine

and my heart on yours

(Inevitável sentir

Impossível viver

Mas sua mão sempre estará na minha
e meu coração nas suas)

Hold my hand

And don't let go, girl

I will always lead her

And then it will be free.

(Segure minha mão
E não solte, garota
Eu a conduzirei sempre
E então será livre)

*But not me
Always stuck with you
Feeling your hand in mine
Until and after you fly*

(Mas não eu
Sempre preso a você
Sentindo sua mão na minha
Até e depois que voar)

É a letra que já ouvi tantas vezes. Cantada por ele, Ashton e pelo mundo todo. A diferença, a única sutil diferença, é que na segunda estrofe, onde deveria estar escrito *girl*, está escrito Ane com um risco em cima e *girl* bem na frente.

A canção foi escrita oito anos atrás.

Aquilo me intriga, e pego as outras letras espalhadas. Encontro meu nome e suas variações em todas elas. Ane, Anelyse, anjo...

As datas constam em cima de cada uma delas, há oito, sete, seis anos atrás. E também nas mais recentes, em todas elas, em todas as que foram escritas por Josh.

Pego uma delas nas mãos e leio, em meio aos soluços que rasgam

meu peito.

*With a sensual dance
you wrapped me in your web.
Like a helpless prey
i got caught without realizing it.*

(Com uma dança sensual
me enredou em sua teia.
Como uma presa indefesa,
fui fisgado sem notar.)

Essa música foi escrita pouco tempo atrás. Me lembro de Ash cantando pra Julia, antes de finalmente ficarem juntos.

*Freedom I don't crave
But I should
When I focus on your eyes I can only accept
That with me angel will never fly*

(Liberdade não anseio
Mas deveria desejar
Quando foco em seus olhos só me resta aceitar
Que comigo, anjo, nunca irá voar.)

A última frase toda está riscada. Josh nunca mostrou pros outros, mas eu estou aqui, lendo, vendo tudo isso, e sei que ele escreveu cada uma dessas canções pra mim, pelos últimos oito anos.

Me vem à memória seu ciúme durante todo esse tempo, seu jeito possessivo. Me recordo do que Julia me disse sobre quando fui embora, a maneira como ele agiu.

Meu Josh. Ele sempre me amou e nunca fez nada quanto a isso.

Finalmente, suas palavras no banheiro fazem sentido. Ele pensa que o seduzi, porque sabia dos seus sentimentos, que foi tudo algum plano maldoso e bizarro, para fazer com que revelasse o que sentia por mim.

O que assola meu coração, nesse momento, é saber que se um de nós tivesse sido mais corajoso e assumido o que sentia, não estaríamos na situação em que estamos agora.

Se ele tivesse me dito, eu teria me jogado sobre ele no mesmo instante e se eu tivesse falado, ao invés de usar de subterfúgios e mentiras, ele estaria aqui agora.

Alcanço meu celular sobre a cama e me deito no chão juntos aos papéis espalhados, enquanto coloco um dos álbuns da *Dominium* para tocar.

Dessa vez, presto atenção a cada letra e elas vão adquirindo um novo sentido. Falam sobre amores impossíveis, proibidos e sobre uma mulher intocável.

Falam sobre um amor que aceita apenas observar de longe e torcer pela felicidade da outra pessoa, se privando da sua própria, em função dos outros.

Quase não posso acreditar que alguém com sentimentos tão profundos e sinceros possa os ter evitado por tanto tempo, colocando tantas outras pessoas à frente das suas vontades. Mas é Josh.

A pessoa mais altruísta, sensata e maravilhosa que existe e agora, eu destruí tudo.

Eu devia ter notado que a maneira como ele agia não era, nunca foi, fraternal. Josh nunca me tratou como Tray.

Mas eu nunca pensei que ele, logo o dono de todo meu coração e de todos os meus sentimentos, fosse me amar da mesma forma.

Quantos anos eu tinha? Oito anos atrás, eu tinha quinze. Claro que ele não faria nada sobre seus sentimentos.

Mas, me recordo dos meus encontros desmarcados e de como ele já era ciumento, possessivo e também carinhoso. Sempre me colocando em um pedestal.

E agora...

A noite se aproxima e eu estou aqui, sozinha, na primeira noite naquela que seria nossa casa. Não sei mais por quanto tempo.

Me deixo ser inundada pela dor. Dessa vez, não choro por um amor não correspondido. Choro por ter perdido o que me era mais precioso por ser idiota, mimada e infantil.

Choro por ele, uma parte da minha alma que respira em outro corpo.



CAPÍTULO 20

ANELYSE E UM NAUFRÁGIO

Anne

A noite cai e ele não volta. Ligo uma, duas, dez vezes e Josh não atende. Enquanto espero por um retorno dele, por uma decisão que vai me destruir de vez ou por um momento em que eu possa me explicar, mergulho nesse desespero sem fim.

Ainda estou aqui, planejando reunir meus caquinhos e subir pra cama, quando sinto a vibração do meu celular outra vez. Ansiosa, o pego do chão, ao meu lado, apenas para dar de cara com o rosto sorridente da minha cunhada na tela.

— Oi — respondo, sem esforço algum em disfarçar a voz de choro.

— Ane? O que está acontecendo? Eu liguei pra saber como estão as coisas. Aproveitei que o Ashton desceu pro estúdio, mas pela sua voz...

— Eu estraguei tudo, Ju... Ele me ouviu no telefone com o Thierry.

— Ai, meu Deus! Descobriu que era mentira o namoro? Que ele é gay?

— Antes fosse isso. Ouviu minha conversa com ele e ficou louco, achando que eu pretendia manter Thierry como amante. Tentei explicar, mas ele saiu daqui com muita raiva.

Ouçó os sussurros dela conversando com alguém e então sua voz

volta à altura normal.

— Thierry está indo aí, vou passar o endereço e ele vai te buscar. Vamos cuidar de você, ok? Não tem que ficar aí, sozinha.

— Não precisa, eu não quero sair daqui e está cheio de paparazzi lá fora.

Não quero especulações sobre Josh e eu saindo separados, logo hoje.

— Ele vai dar um jeito de entrar sem chamar atenção.

Mesmo com meus inúmeros protestos, eles não desistem e algum tempo depois, Thierry chega; me ligam da portaria para autorizar a subida dele e peço que digam para que me espere. Do jeito que sou azarada, Josh voltaria bem na hora em que ele entrasse no apartamento e aí mesmo que nunca teria uma chance de explicar a verdade.

Sem nenhuma vontade, pego meu celular, as chaves e desço para o saguão.

Thierry me vê e logo me envolve em um abraço, me confortando. Os flashes vêm em seguida.

— Merda! — Ouço sua voz, que costuma ser sempre contida, exclamar.

Saímos pela porta da frente, já que não conheço outra saída desse prédio, e noto que um carro está a nossa espera. Reconheço um dos motoristas da mansão que provavelmente seguiu as ordens de Julia e trouxe meu amigo até aqui.

Seguimos para lá, onde minha cunhada nos espera, e meu coração se acelera apenas com o pensamento de que possa encontrá-lo. De que possamos nos ver e que tudo venha abaixo de vez.

— Não se preocupe, *chérie*. Ele não veio pra cá — Thierry fala, quando ultrapassamos os portões da casa.

Entramos sem demora e logo Julia vem ao nosso encontro com

Ashley nos braços. A princesinha está toda suja de tinta e vejo alguns respingos nos cabelos pretos da mãe, também.

— O quê? Aquarela. — Julia dá de ombros com naturalidade, quando nota que estou fitando a tinta. — Vamos pro seu quarto.

Logo que entramos no meu mundinho rosa, me atiro sobre minha cama, desanimada.

Sem dizer muito, Thierry corre para meu guarda-roupas e começa a separar algumas peças, enquanto Julia e eu observamos sem dizer nada.

— Pronto. Vai tomar um banho, Ane. Quando sair, vista isso e venha, que vou arrumar seu cabelo e ajudar a se maquiar.

Abro um sorriso triste.

— Por quê? Acha que é melhor passar pela tristeza de *Gucci*? — falo me referindo ao tubinho vermelho que ele escolheu.

— Acho sim, mas não é isso. Nós vamos sair, você não vai passar mais uma noite chorando por esse cara.

— Não fala assim dele, Thierry. Foi um mal-entendido e além disso, eu menti mesmo, sobre muitas coisas.

— A questão agora não é sobre quem está certo ou errado, e sinceramente, eu até entendo o cara. Já te disse que deveria ter falado a verdade antes. O problema é insistir em sofrer por uma relação que, claramente, não está dando certo.

Olho dele pra Julia, mas ela apenas dá de ombros. Ao que parece, todos os que me apoiavam já desistiram de Josh e eu.

— Vocês não conseguem se acertar de vez, Ane — ela fala. — E já sofreu por ele muito tempo. Então, sai com seu amigo, tente se divertir um pouco e repensar se realmente quer insistir nisso tudo.

A questão é que eles não sabem de tudo. Não sabem sobre o que descobri a respeito dos sentimentos de Josh, as músicas e nem nada disso.

Mas não posso contar, não posso expor algo que ele escondeu por tanto tempo, sem nem ao menos ter falado com Josh a esse respeito.

Não tenho esse direito e, por isso, acabo cedendo ao que estão me pedindo. Para não ter que gritar que Josh merece, sim, meu sofrimento e tudo que sinto, porque é recíproco.

— Vamos achar outros caras. Esse guitarrista, infelizmente, gosta mesmo de mulher. Me conformei.

Dou risada dele e sua decepção com Tray, e entro no banheiro seguindo seu comando, mesmo contrariada.

Tomo meu banho agilmente e visto a roupa que meu amigo escolheu. Me olhando no espelho, não acho que seja uma boa ideia usar isso. É o tipo de roupa que comprei apenas com Josh na cabeça, com o intuito de o enlouquecer.

Claro que coloco meias por baixo, e um casaco para aplacar o frio. Mesmo assim, não estou no clima para isso de jeito nenhum, mas estou em modo passivo, apenas seguindo as ordens.

Me sento na cadeira e deixo que Thierry me arrume. Quando termina, dou uma olhada no espelho e me assusto um pouco.

Eu estou um horror! Claro que gosto de maquiagem, mas isso é como se ele tivesse me transformado em outra pessoa, mal consigo ver meus traços... Talvez seja até bom não ver.

Meu cabelo está bonito, amarrado em um rabo bem alto, com um topete perfeito.

Solto um suspiro pesado e sigo o tornado que é Thierry, indo em direção à sabe Deus onde.

...

Uma boate!

Claro, o que mais eu podia esperar? Olho ao redor, para a massa de

peessoas suadas, que dançam enlouquecidamente e sei que é o último lugar em que quero estar, hoje.

— Thierry, sinto muito, mas não estou no clima.

— Eu sei, *mon petit*, mas não pode ficar chorando em casa, pra ele voltar e te ver deitada em posição fetal.

Abaixo a cabeça, constrangida com sua precisão.

— O quê? Estava mesmo em posição fetal? Ah não, Ane! Vamos pro bar, então, você precisa de uma bebida, urgente!

Nisso vou ter que concordar. Preciso de mais que uma bebida, preciso de várias.

Jogo meu corpo quase sem vida — o drama que habita em mim saúda o drama que habita em você — sobre o banco, diante do balcão, e espero que Thierry peça as bebidas.

— Bom, minha amiga. Afogue suas mágoas em duas doses de tequila — ele diz, me estendendo um dos copos.

— Duas doses não são bem o que eu chamaria de afogar — respondo amargurada.

— Não, mesmo. Vamos apenas molhar os pés nessa água, então, não quero ter que te carregar.

Dou de ombros, desiludida. Lá se vai minha esperança de beber e esquecer o dia de hoje.

— Vamos dançar? — Percebo que o olhar dele vagueia pela pista e, provavelmente, já encontrou um alvo. Thierry é discreto, mas não perde muito tempo.

— Vai lá. Vou ficar aqui com a minha dose...

— Então, vamos ficar aqui — fala já sentando-se ao meu lado.

Toco sua mão e quase suplico com os olhos.

— Vai dançar. Eu juro que vai ser bom ficar um pouco sozinha em

meio a essa multidão.

— Não vai, não. Eu te trouxe pra não deixar você sofrendo, deprimida.

— Eu faço companhia pra ela. — Nós dois erguemos os olhos e encaramos o barman, que está parado diante de nós.

É um rapaz bonito e, provavelmente, pensa que vai conseguir alguma coisa sendo legal. Coitado. Mesmo assim, aceno pra Thierry, concordando pra que ele vá.

— Eu vou. Qualquer coisa, me chama, tá?

Aquiesço e vejo ele se dirigir para a pista, enquanto dança do modo mais hétero que pode. As mulheres dançam na direção dele e uma, mais ousada, joga os cabelos.

Coitada.

— E então? O que a gracinha vai querer?

Gracinha?

— Traz mais uma dose dessas — falo enquanto já tomo a minha de uma vez, tapando a respiração como uma garotinha.

O rapaz olha o copo intocado de Thierry, me dizendo com o gesto que eu posso beber aquele, também.

Seguindo seu conselho, viro a bebida em um gole. Ela desce queimando minha garganta e o gosto é horrível.

— Argh! Isso é amaldiçoado, só pode ser, pra ter um gosto desses. — Ele abre um sorriso, achando graça. — Traz mais duas doses.

Vejo a expressão dele de incredulidade. Odeio essa expressão de julgamento.

— O quê? Uma pra mim e uma pro meu amigo.

Enchendo os dois pequenos copos, ele os empurra em minha direção. Sob seu olhar atento, viro o meu e quando ele me dá as costas, tomo o que

disse que era pra Thierry, também.

Uow. Acho que o bar está girando. Será que bebi muito rápido?

Exceto pelo dia em que me embebedei com vinho, não é um costume meu beber. Ao menos, não bebidas fortes como essa.

Que estranho. Não me disseram que era uma boate flutuante, nem nada assim...

— Quer comer alguma coisa, moça? Temos algumas porções. A propósito, meu nome é Jack. — Estende a mão para mim, e eu o acho incrivelmente gentil.

Faço que não com um gesto, e peço uma cerveja, melhor não beber mais tequila.

O rapaz me olha estranho, mas atende meu pedido e a coloca diante de mim.

Bebo minha cerveja mais pausadamente, e sinto que não estou melhorando, parece que as coisas estão girando ainda mais. Será que a mistura foi uma má ideia?

Jack coloca um pequeno recipiente com snack's na minha frente.

Que moço bonzinho, fica me dando bebidas, oferece comida... Hoje em dia, tem tanta gente passando fome, e esse cavalheiro amável me oferece a sua própria comida!

Cavalheiro. Alguém usa essa palavra, ainda? É uma palavra engraçada de se usar em uma boate.

Ouçó uma gargalhada alta e olho para o lado, procurando essa pessoa alegre, acho que preciso da companhia de alguém feliz assim, hoje. Demoro a perceber que sou eu mesma que estou rindo. Bem, melhor que chorando como antes, quando Josh me deixou.

Josh. Ele também dá comida pra quem precisa, moradia para os velhinhos fofos. E agora ele me odeia.

— Moça... Está tudo bem?

Jack pergunta. Mas eu não sou Rose, preciso falar pra ele.

— Jack, está tuuudo bem. Mas olha, eu não sou sua Rose, sabe? Não posso ser, porque sou a Rose do Josh, e ele é meu Jack, e nós dois somos o *Titanic*, estamos afundaaaando...

— É, acho que bebeu muito rápido e ainda misturou tudo. Melhor chamar seu amigo.

— Mas você é meu amigo, Jack! É gentil, um cavalheiro amável — minha risada é muito alta, mas não tanto quanto a música.

— Devia abaixar o som, Jack. Está muito alto. Eu reconheço som alto demais, sabe disso, né? Porque eu sou UMA DOMINADA!

Jack abre um sorriso, mas esse não parece mais tão legal. Acho que está me achando esquisita.

— Ah, uma fã da *Dominium*. Desculpa, moça, mas preciso trabalhar. Já atendi dez de vocês chorando desde ontem.

Jack quer me deixar aqui, assim como Josh deixou.

— Não vai, Jack. Precisa ouvir o que me aconteceu... Josh Nicols me pediu em casamento!

Pela primeira vez, vejo que Jack balança a cabeça, negando. Nem ele acredita que Josh quisesse mesmo ficar comigo. Como eu iria acreditar?

— É sério! Ele compôs músicas pra mim, sabia? *Hand* e todas as outras... — Então, me vem à mente uma ideia brilhante. — Será que se eu cantar pra ele, Josh volta?

Jack não me responde, me deixa falando sozinha e sai do balcão, indo até onde Thierry está dançando, no meio da pista.

Huum. Thierry podia ser a Rose de Jack.

Os dois voltam juntos e Thierry me encara, parecendo preocupado.

— Quantas dessas você bebeu, *chérie*? — Ele aponta para o copinho

vazio de tequila.

— Uma.

— Ane... — fala, em tom de repreensão.

— Quatro, eu acho. Mas isso não importa, eu já descobri o que fazer.

Vou cantar pro Josh e ele vai voltar. O que acha?

— Péssima ideia. Vamos pra casa, e você pode cantar lá. Que tal?

— Não. Vou cantar aqui, pra parecer um show, acho que ele vai amar a referência.

Suspirando, vejo Thierry pegar o celular e se afastar para fazer uma ligação. Enquanto isso, repasso mentalmente as músicas que Josh compôs, tentando escolher a melhor.

Josh

Andar sem rumo. Está aí algo que não tenho o costume de fazer.

Talvez seja pela quantidade de gente que acaba me cercando, mas nunca desenvolvi esse hábito.

Hoje é diferente.

Sinto que falta um pedaço meu, e a cada instante é mais insuportável lidar com tudo que aconteceu.

Deixei o prédio pelos fundos, escapando dos paparazzi, indo direto pra lugar nenhum.

Não posso voltar pro apartamento e encarar o que ouvi, as coisas que eu disse e o que estou sentindo. Também não posso ir pra mansão e encarar Ashton, Tray e, principalmente, o maldito francês.

Nem acredito que guardei o que sentia por Anelyse por tanto tempo, que idealizei alguém que não existe. Ela sempre foi tudo pra mim, e cuidei

dela do meu modo, sem pretensão de poder tê-la.

Até ela arrasar com tudo e me fazer perceber que o que eu sinto é maior que meu senso de autopreservação, do que minha lealdade e do que o medo. Apenas para destruir tudo em seguida.

Merda, eu não queria me sentir assim.

Ouçõ o toque discreto do meu celular. Deve ser ela, outra vez.

O pego, determinado a desviar a ligação, quando percebo que é um número desconhecido.

— Oi... — atendo no terceiro toque.

— Josh?

Maldito. Reconheço esse sotaque de merda de muito longe. Como esse desgraçado tem coragem de me ligar?

— Que porra pensa que tá fazendo, me ligando?

— É a Ane... Ela ficou mal com a briga de vocês e eu a fiz sair comigo. Mas agora, ela não para de beber e eu não sei o que fazer. Liguei pra Julia, que me disse pra te ligar.

Além de me apunhalarem, agora querem torcer a lâmina no meu peito. E eu preciso ajudá-la, quando ela deixou nosso apartamento pra sair com ele?

— E eu tenho que resolver essa merda? Não, eu não tenho. Vocês fizeram a desgraça toda, agora se virem os dois.

O imbecil se cala por um momento e decido desligar. Mas ele abre a boca, outra vez.

— Escuta só, eu não consigo explicar agora. Por causa do som... Mas, vem logo, porque se isso sair na televisão, vai ser um horror. Ela quer subir no balcão e cantar pra você.

Mulher doida da porra.

— Fala onde vocês estão, merda.

O desgraçado desliga o celular e logo chega uma mensagem com o endereço de uma boate. Claro, meu demônio está sofrendo, mesmo.

Bastante irritado e me sentindo o cara mais idiota do mundo por atender o chamado desses dois, entro na caminhonete e sigo para o local.

Dessa vez, não vou pra defender a garota que eu amo, estou indo unicamente pela irmã do Ashton e também porque agora ela está ligada a mim.

Estaciono e desço do carro, sem me preocupar com disfarces. Ela que arque com as consequências, porque eu estou pouco me fodendo pra isso, agora.

Entro no lugar e o jogo de luzes me oculta um pouco dos olhares curiosos. Caminho na direção do bar, imaginando que vou encontrar Anelyse ali.

Quando me aproximo mais, percebo um aglomerado de pessoas em volta do balcão e sei que cheguei tarde.

Apesar da música alta não permitir que a voz dela seja ouvida, muitos se aproximaram para assistir ao show. Eu diria que tem a ver com a merda de vestido que ela está usando, enquanto canta em cima do balcão e diz frases aleatórias.

O maldito francês está sentado no banco em frente a ela, sem reação.

Abro caminho entre a multidão, que tira fotos e filma a performance dela. A merda já está feita, não tem como esconder isso de ninguém, então decido tomar a única atitude possível.

Quando ela me vê, abre um sorriso, mas vejo as lágrimas pintando seu rosto de preto. A maquiagem escorrendo.

— Josh! Está vendo, Jack? — Fala com um cara, que tenta inutilmente convencê-la a descer. — Ele é meu Jack e veio me buscar, para impedir meu nau... naufrágio. Naufrágio.

Que droga. Ela está muito bêbada.

Os flashes se intensificam, ao mesmo tempo em que as pessoas me reconhecem, e aproveito o instante de surpresa de todos para pegar Anelyse e atirá-la sobre o ombro.

Empurrando as pessoas, saio a carregando, em meio aos seus protestos, e sinto quando suas mãos deslizam para as minhas costas e descem para dentro da minha calça, tocando meu traseiro. Em público.

Continuo andando e quando o ar da noite nos envolve, sigo com ela para o carro.

— Me coloca no chão... Thierryyyy! Vai deixar ele aí?

Mas é claro que vou.

Abro a porta do carro e a coloco ali dentro. Sem olhar pra ela, ligo a caminhonete e dirijo para a mansão. Vou levá-la pra eles, logo, porque de jeito nenhum, Anelyse vai dormir na minha casa.

Os portões se abrem quando chegamos e logo a faço descer do carro. Conduzo-a pelo braço, dessa vez para dentro de casa.

Está tarde e espero que estejam todos dormindo. Mas nossa manhã vai ser infernal, quando tudo vier à tona.

Deixo-a em seu quarto reclamando, xingando e dizendo coisas sem sentido nenhum.

— O Elvis nos abençoou. Então, você tem que me perdoar por ser burra.

Mais essa...

Não vou conseguir dormir. Então, desço pro estúdio, sentindo toda a raiva me dominar.

Desgraça. Não gosto de perder o controle, mas estou por um fio.

Ouvir tudo que escutei e ainda precisar ir até ela, sabendo que estava com o professorzinho, arrasou com meu controle.

Sento-me atrás da bateria e começo a tocar. Sinto a raiva se acumular ainda mais, quando percebo que até isso ela estragou.

As músicas que escrevi pensando nela. O banco me faz lembrar de Anelyse, e o cheiro dela está impregnado na minha roupa e pele.

Atiro o par de baquetas longe.

Pego o celular pra ver que horas são, decidido. Vou esperar o professor chegar, se é que vai encontrar o caminho, e então vou socar a cara bonitinha dele.

Mas quando pego o aparelho, vejo que tenho uma mensagem de Tray.

"Que merda é essa?"

É a legenda dele pra uma foto minha, carregando Anelyse. A mão dela na minha bunda.

Droga.

Clico no link e vejo fotos dela sobre o balcão, e algumas de mais cedo, ela e o francês envolvidos em um abraço, no saguão do prédio em que moro.

"Divórcios de celebridades acontecem cada vez mais rápido: Josh Nicols perdoará uma traição da caçula Ray?"

Caralho. Uma nota dessas, não poderia ser pior.

Em um impulso, viro a bateria, enquanto chuto os pratos e tudo que aparece em minha frente, atirando as partes dela longe. Destruindo tudo em um surto, no desejo de extravasar a raiva que estou sentindo.

Destruo aquela maldita coisa, que agora me lembra ela, e nem mesmo noto quando a porta se abre; apenas percebo que não estou sozinho, quando ouço a voz de Ashton.

— Cacete, Josh! Que porra foi que aconteceu aqui?



CAPÍTULO 21

DROGAS, SEXO E ROCK AND ROLL

Josh

Não posso lidar com ele agora, do jeito que estou. Do modo como me sinto, vou acabar falando besteira.

— Ash, não quero falar sobre isso agora. Vou dormir e conversamos amanhã. Respeite isso, e eu juro que de manhã explico essa merda toda.

Ashton me encara de boca aberta, eu nunca escondo as coisas dele. Logo Tray e Julia chegam, e eu passo por eles todos, os deixando ali tentando adivinhar o que aconteceu. Exceto por Tray, que já deve imaginar.

Me jogo em minha cama, instantes depois, e preparo-me para uma noite de insônia. Ouço a voz do francês quando finalmente chega da rua, mas opto por não ir assassinar o idiota agora.

Ele não vale meu esforço. Nenhum dos dois, vale.

Anne

Acordo pela manhã com algumas batidas na porta. Batidas que parecem abrir um buraco no meu crânio e tocar diretamente em meu cérebro. Então, me levanto para fazer com que parem rapidamente.

Preciso que parem de me atormentar logo, antes que minha cabeça exploda.

Quando a abro, vejo Ash parado ali, com o semblante sério, e me recordo do fiasco da noite anterior.

— Posso entrar? — pergunta, parecendo preocupado. Droga, ferrei tudo e ele vai me matar. — Precisamos conversar.

Alguém mais odeia essa frase?

Dou espaço para que entre e aguardo, em silêncio, que me diga tudo o que quiser. Dessa vez, sei que mereço.

— Olha, Ane, sei que gosta muito do Josh, assim como eu, e preciso da sua ajuda. Ele tem tido comportamentos estranhos. Depois de conversar com o Tray sobre isso, e do que acabou acontecendo ontem à noite, quando ele chegou, muito transtornado, não tive outra opção.

Mas do que é que ele está falando?

— Preciso do seu apoio, chamei nossa mãe e contei tudo pra ela. Vamos nos encontrar na sala de reuniões, em vinte minutos, para conversarmos com ele. Quero apenas que diga a ele o quanto é especial pra você, e porque estamos tentando ajudar.

Simplesmente encaro meu irmão, estática. Talvez, em parte, seja a ressaca me impedindo de pensar, mas não entendi nada do que ele acabou de dizer e tenho quase certeza, pelo modo como está se comportando, de que Ashton ainda não soube do que houve ontem.

— Ash, do que, exatamente, você está falando?

Ele balança a cabeça e parece mesmo chateado. Talvez, ele saiba de tudo e eu que não consegui compreender.

— Só se vista, Ane. Encontra a gente lá.

Meu irmão deixa o quarto e parece arrasado. Apesar de ter aparentado calma, imagino mil e uma coisas que justifiquem a reunião.

Mesmo com as náuseas e uma dor de cabeça horrível, me visto rapidamente e tento conferir ao meu rosto uma aparência mais saudável.

Agora, preciso encarar minha família e Josh, e o que quer que seja que isso tudo me reserva.

Josh

Ouçó a voz da tia Eleanor me chamando, na porta do meu quarto, e me preparo para encará-la, para olhar nos olhos da mulher que tanto me apoiou e ver decepção.

Mas, quando finalmente estamos frente a frente, não vejo nada além da compreensão que sempre estive ali. Ela abre os braços e me puxa para um abraço forte, exatamente o que estou precisando hoje.

— Querido, precisamos conversar. Pode vir comigo?

Faço que sim com um gesto e a sigo. Como eu poderia dizer não a ela? Ainda mais, quando sei que tenho mesmo muito a explicar.

Entramos na sala de reuniões da banda, e me surpreendo com o quanto está cheia. Sentados em um círculo esquisito de cadeiras, estão todos: Ash, Tray, Anelyse e Thierry, Julia, Rosa, Carter e até o Dênis da portaria. Além de dois outros homens, que não conheço.

Tia Eleanor me arrasta com ela para um lugar na roda, onde duas cadeiras estão vagas.

Olho de um para outro, procurando algum indício do que está acontecendo, mas todos parecem tão perdidos quanto eu. É bem provável que não seja o que estou pensando, porque não faz sentido envolver todas as pessoas aqui.

Ashton se levanta no centro do círculo e eu o encaro, curioso.

— Josh... Estamos aqui por você. Quero que saiba que, apesar de tudo que aconteceu, de todas as coisas que têm feito, eu amo você como um irmão e só quero seu bem.

Por essa, eu não esperava.

— Tentei me convencer de que não era nada grave, de que você podia lidar com isso, tendo apenas a nossa presença como apoio, mas não penso mais assim, depois do que houve noite passada. Chamei todos aqui, a maioria não sabe o que está acontecendo, mas alguns, como Tray e minha mãe, estão cientes, e também farão tudo para te ajudar a deixar isso pra trás e recomeçar.

De que porra ele está falando?

Olhando ao redor, percebo a mesma confusão no rosto da maioria das pessoas aqui. Incluindo Anelyse.

— Julia, pode começar, meu amor?

Vejo que ela franze o sobrolho. Ninguém está entendendo merda nenhuma.

— Bom, Ashton me pediu para comentar o que eu gosto em você, e porque te apoio; honestamente, eu não sei o porquê disso, mas quero que saiba que sou grata por ter me acolhido nessa casa, que também é sua. Por ter dado conselhos mais decentes ao Ashton, que o Tray. Admiro sua sensatez, apesar dela complicar sua vida mais que ajudar, às vezes. Acho que é isso.

Os dois homens desconhecidos puxam uma salva de palmas. Que doideira é essa?

— Hum, obrigado, eu acho — falo. Não sei mais o que dizer.

Tia Eleanor se levanta ao meu lado.

— Bom, eu tenho o Josh como um filho, desde a adolescência. Sempre foi um menino bom e centrado, e por isso mesmo, fiquei apavorada quando Ashton me contou o que estava acontecendo. Não queria acreditar..., mas Josh, estou aqui por você. Eu o amo muito, querido, e vou segurar sua

mão enquanto luta contra as drogas.

Drogas? De onde foi que isso saiu?

Me levanto e ergo as duas mãos, para que todos se calem.

— Um momento. Que zona é essa, que tá acontecendo aqui?

Ouçõ a gargalhada de Tray ecoando, quando ele se dá conta da loucura que é isso.

— Caralho, Ash. Isso é uma intervenção? — pergunta, ainda rindo.

— O que queria que eu fizesse, Tray? Viu como ele estava se destruindo.

Olho de um pra outro, e depois para os outros, que nos encaram sem entender bem a situação.

— Isso é ridículo, Ash. Não sei de onde arrancou que preciso de reabilitação, mas eu vou sair daqui.

Não dou nem dois passos, quando sinto me deterem por trás. Os dois homens malditos, que nunca vi antes, seguram meus braços e me paralisam no lugar. Tento me soltar, enquanto eles forçam meu corpo na direção do chão, tentando me deitar.

— Queria que não fosse necessário, Josh. Que você fosse para a reabilitação por entender que é o melhor, mas não posso ver você se afundando assim. Já falei com sua mãe, e você vai ser internado pro seu próprio bem.

— Tá ficando louco? — grito, completamente fora de mim. — Eu nunca na minha vida usei drogas!

— Não mente, Josh. Eu me lembro quando tínhamos quinze anos — retruca, meneando a cabeça.

— Maconha, seu doente mental! E foi só uma vez, quando estava em um dia de merda. De onde tirou essa ideia absurda de que estou me drogando?

— Tray me disse. — Ashton dá de ombros, mas percebo que consegui, finalmente, plantar a dúvida na mente dele.

Encaro o filho da puta do Tray, que só falta rolar pelo chão de tanto rir, e ele se levanta.

— Cara, desculpa — justifica pra mim. — Eu estava tentando não te entregar, e inventei isso. Como eu ia adivinhar que o Ashton ia decidir te internar?

Vejo pelo canto do olho quando tia Eleanor se levanta.

— Entregar o que? O que está acontecendo aqui? Parece que essa casa virou um hospício!

— Eu preciso mesmo continuar aqui? — Ouço Dênis perguntando pra Julia, que abaixa a cabeça, parecendo bastante desconfortável com a situação.

— Não tentem disfarçar, vocês dois — Ash estreita os olhos na nossa direção. — Josh está irritado, quebrando as coisas pela casa. Ontem, levou Anelyse pra uma boate e saiu de lá carregando a menina feito um doido! Já está em todos os jornais. Chegou aqui e, de repente, virou a bateria e saiu chutando tudo, o seu próprio instrumento. Podem levar ele, tenho certeza de que está sob influência de alguma dessas merdas.

É a gota d'água para que eu exploda.

— Só se for a influência dessa mentirosa, manipuladora e falsa da Anelyse!

Ashton suspira e passa as mãos pelos cabelos, ao invés de partir para o ataque, como sempre faz quando alguém se mete com sua irmã.

Ela, por outro lado, me encara com evidente irritação no olhar e se ergue da cadeira. Vejo Thierry a segurar pela mão, enquanto ela se abaixa para o ouvir.

Ódio nem chega perto de descrever o que sinto, ao ver as mãos dele sobre ela.

— Estão vendo? — Diz Ashton para todos, enquanto Anelyse volta a se levantar. Os olhos dela faíscam na minha direção.

— Você é um babaca, Josh! — Anelyse interrompe qualquer coisa que Ashton fosse dizer. — Entende tudo errado e não me escuta! Eu estou cansada de deixar que o meu mundo gire ao seu redor, enquanto você fica aí, inventando mil e uma desculpas, para não assumir o que quer.

— Mas que porra tá acontecendo aqui? — Ashton para no nosso meio. — Que viagem é essa, Ane?

— Fala logo, porra. — É Tray quem intervém. Ele coloca a mão no meu ombro. — Eu pego o gelo pro seu olho, cara, mas acaba com essa merda de uma vez, que isso tá virando um circo.

Ash olha dele pra mim, e volta os olhos pra Anelyse, que agora encara os próprios pés. Aos poucos, vejo a compreensão chegar até ele.

O rosto dele se endurece, mas ainda não age. Apenas exige que eu conte tudo.

— Fala, Josh! QUE MERDA FOI QUE VOCÊ FEZ? — Grita, abrindo as comportas da raiva que também sinto.

— Eu transei com ela, cacete! — A surpresa no rosto dele... — E não me olha com essa cara de decepção, porque nem um santo resistiria a essa garota, quando ela enfia uma merda na cabeça!

— Você fez o quê?? — Se vira pra irmã, esperando confirmação. — Anelyse, você tem um namorado!

Preciso me manifestar sobre isso.

— Eu pensei o mesmo, porra. Não sabia que ela era virgem — falo, completando minha sentença.

Ashton se vira outra vez na minha direção, e seus olhos estão vidrados.

— Você está dizendo que pegou minha irmã, e tirou a virgindade

dela? Seu desgraçado!

Mal sinto a dor, quando o punho dele encontra meu queixo. Estou meio que amortecido pelas sensações que tenho, em meio a essa catástrofe. Mas, sinto quando o segundo soco atinge meu olho, me jogando para trás.

Tray me empurra de volta pra frente, e tento me erguer com o resto de dignidade que me resta. Não vou revidar, ele está certo, o desgraçado aqui sou eu. Eu e o francês.

Me lembro, então, dele, que de repente olha pra todo lado, menos pra nós, e avanço. Pulo sobre ele, o derrubando da cadeira, e sinto quando Ashton salta sobre minhas costas.

Anelyse tenta nos tirar de cima do maldito rapaz, e tenho certeza de que no inferno não haveria tanta bagunça como nessa sala.

— Parem com isso! Eu vou explicar, seus idiotas! — grita, desesperada.

Ashton consegue me erguer do chão e Thierry se aproveita para se levantar.

— Caramba, Anelyse. Faz alguma coisa! — Thierry pede, em agonia.

— Eu estou tentando! Vocês podem por favor, me ouvir?

Ninguém dá a mínima. Ashton ergue o punho para me socar outra vez, mas me abaixo, e o soco atinge Rosa em cheio, que cai no chão, com o impacto do golpe.

Julia se levanta assustada, assim como Dênis, que não para com uma reza esquisita.

— Caralho... — Tray corre para socorrer a coitada da nossa empregada, e tia Eleanor, de repente, cai no chão do outro lado, com um baque surdo. A pobrezinha desmaiou.

O silêncio finalmente reina sobre o lugar.

Que apocalipse foi esse?

— Rosa... Rosinha do meu coração, você está bem? — Ashton chama, preocupado.

— Eu não aguento vocês... Preciso de férias! Logo, pode chamar meus reforços amanhã! Vou treinar elas e depois ficar um mês sem ver as caras de vocês. Só tem louco, nessa casa! E se eu precisar de um dente novo, Ashton, você vai pagar cinco!

Rosa se levanta do chão, furiosa, enquanto Tray a apoia. Dênis aproxima-se, e assumindo o lugar de Tray, a leva para fora da sala.

Vejo Carter se aproximar de tia Eleanor, e ela abrir um olho e piscar pra ele. Safada! Está fingindo.

— Bom, agora vão me ouvir — Anelyse fala alto. — Primeiro você, Ashton. Pode ficar com raiva o quanto quiser, mas Josh não fez nada sozinho e fui eu que o procurei. Melhor aceitar que sou adulta e faço minhas escolhas.

— Anelyse, por que fez isso? Não transou com o namorado e me apronta uma dessas? Me crava um punhal desse jeito...

— Esfaquear é a especialidade dela — digo, apoiando meu ex-amigo.

— Cala a boca, Josh! — grita, revoltada. — Me escuta você, agora. Primeiro, eu menti sim, menti muito, mas não sobre o que você pensa. Thierry e eu nunca fomos namorados, eu inventei isso tudo pra fazer ciúmes em você!

— Mais mentiras, Ane? Eu ouvi vocês dois combinando de continuarem a ter um caso, mesmo que tenha se casado comigo.

— Deixa de ser bobo, Josh; não é possível que não percebeu que Thierry não gosta de mulher — fala, exasperada.

— Como assim? — Olho dela pro rapaz, que segura um lenço branco contra o nariz. Ele sorri e balança a cabeça.

— Eu gosto de homem, eu sou gay, não me sinto atraído por mulheres. Prefiro um homem forte, tatuado, guitarrista, que infelizmente, é

hétero. Mas, posso me contentar com outros, desde que tenham um pênis. Preciso ser mais claro?

Meus olhos se arregalam, com a revelação.

— Mas... E a conversa de vocês?

— Eu queria que Anelyse te contasse logo que éramos apenas amigos, porque não queria ser assassinado durante o sono. Ela disse que ia contar, e que você ia acabar entendendo e aceitando nossa amizade, e que nunca íamos para de nos ver. — Ele dá de ombros. Olhando bem, como foi que não percebi que era gay? — Eu entendo que, no contexto que você tinha, tenha parecido outra coisa.

— Você mentiu pra mim, Anelyse. Mesmo que não estivesse planejando um caso com ele, ainda assim, mentiu muito.

— Eu menti. — Ela assente. — Menti sobre Thierry, fiz com que acreditasse que eu não era virgem e sei que fiz mal. Me desculpe por isso tudo, mas eu jamais iria querer outro homem, Josh. Por que eu faria isso, tendo você?

Eu a fito e por um momento, todo o resto desaparece. Somos eu e meu anjo, outra vez.

— Mas que merda! Eu ainda estou aqui — Ashton fala e se vira para Julia, que assiste a tudo em silêncio. — Era sobre isso que estava falando, quando me fez prometer que não ia te odiar? Sabia disso?

Julia assente e responde:

— Eu sabia que haviam se beijado. Sobre o sexo, descobri tem dois ou três dias. Sinto muito, amor, mas não podia contar...

Os olhos dele se desviam para Tray, que também não o encara.

— E você, mentiu pra mim pra acobertar isso?

Tray apenas fica quieto. Não tem muito o que dizer.

— Josh, só... sai da minha frente.

Aquiesço, sem saber o que fazer. Mas, ainda tenho uma coisa a dizer.

— Eu não brinquei com ela, Ash. Eu me casei com sua irmã, não a usei como se fosse qualquer uma.

Eu posso ver a mágoa no rosto dele.

— Se casou... Me enganou até pra isso. Sabe o que me destrói, Josh? Eu teria aprovado, se tivesse me dito que gostava dela. Só desaparece daqui!

Deixo a sala de cabeça baixa, tentando assimilar o que acabou de acontecer aqui, as revelações e as relações cortadas.

Deixo, também, a mansão. Sei que, apesar dos muitos anos vivendo ali, a casa é de Ashton e eu não sou mais bem-vindo.

Assim como temi, perdi tudo. A garota, meus amigos, a banda e a família com a qual sempre contei.

Anne

Minha mãe se levanta do chão depois que Josh sai, e vejo Carter expulsar os enfermeiros curiosos da clínica, que ouviram e viram tudo, e com certeza vão precisar de um suborno absurdo, para ficarem quietos.

Julia volta a se sentar, estática, e me sinto muito mal, por causar um atrito entre ela e meu irmão. Thierry se levanta e deixa a sala, e ficamos sozinhos.

Ashton, Julia, minha mãe e eu.

— Vou pegar minhas coisas. Sinto muito por ter escondido isso tudo de você, Ash. E por favor, se não puder me perdoar, ao menos não culpe a Julia. Eu pedi que esperasse que Josh e eu resolvêssemos tudo com você.

Os olhos dele estão nublados. Sei o que Josh significa pra ele, e o quanto deve estar sentido pela briga e por aquilo que considera uma traição.

— Onde você vai? — pergunta baixo, distante.

— Vou pro apartamento dele... — Respondo, ciente do que isso representará para Ash.

— Então, vai escolher Josh ao invés de mim? Seu irmão?

— Ashton! — Ouço minha mãe chamar, mas ela não diz mais nada.

— Não é uma disputa. Sabe como se sentiu quando Julia caiu da escada? É o que eu senti ontem, quando ele me deixou, depois de me ouvir falando com Thierry.

— Não é a mesma coisa! — Retruca, teimoso.

— Não vê, não é? Como você pôde não perceber? Eu amo Josh desde que tinha oito anos de idade e nem sabia o que era isso! Ele é um pedaço de mim que sempre faltou, mesmo estando aqui, e eu não vou perdê-lo sem lutar, Ash, sinto muito se isso te magoa. Eu o amei em silêncio por tanto tempo, me mudei de país tentando o esquecer, mas agora que sei... Não vou desistir assim.

Deixo essa casa para trás e vou perseguir meu Josh, mais uma vez. Uma última vez. Estou indo atrás do meu sonho e espero que ele me aceite, me perdoe, me ame.



CAPÍTULO 22

A MELODIA DO AMOR

Anne

Chego ao prédio e sou recebida por uma multidão de fotógrafos, curiosos e fãs enlouquecidas. Entro com Docinho direto para o estacionamento privado, de modo que consigo escapar deles todos.

No elevador, penso no que devo dizer a ele. Em como organizar minhas explicações e meus pedidos de desculpas, além de meus gritos por ele não me ouvir antes, de forma coerente, para que tudo possa terminar bem.

Todos os planos se perdem, quando as portas se abrem e eu o vejo de pé, me fitando.

Em poucos passos, estou diante dele e finalmente noto o que Josh tem nas mãos. As letras das músicas que deixei espalhadas pelo chão...

— Você as encontrou — diz apenas isso e seus olhos continuam presos nos meus.

— Por que nunca me disse? — pergunto. Apesar de ser passado, realmente me importo com sua resposta.

Josh me dá as costas e ri, sem humor algum. Caminha até as janelas e observa a cidade por um momento, antes de, enfim, me responder.

— E dizer o quê? Que eu me apaixonei por uma menina de quinze anos, que não podia ter, e alimentei esse sentimento durante oito anos?

Sorrio pra ele, que não me vê. É a melhor sensação do mundo, ouvir o que está dizendo.

— Algo assim, mas não precisava esperar oito anos — respondo.

Josh ainda não se vira na minha direção.

— Eu pensei nisso e muito. Quando você tinha quinze, dezesseis anos, eu sabia que também sentia alguma coisa por mim, mas era muito nova. Depois, você foi crescendo, completou dezoito e pensei em, finalmente, tomar uma atitude, mas muita coisa me impedia e eu já não tinha mais certeza de que você fosse retribuir. Então, me esforcei pra mudar o modo como a via. Passei a te tratar como se fosse família, lutando pra que um dia eu só a visse assim.

É agora que eu dou risada?

— Como não tinha certeza? O mundo inteiro sabia como eu me sentia. Menos você e meu irmão, pelo jeito.

— Talvez, eu preferisse não ter certeza. Eu sempre a vi como uma menina, meu anjo puro, e pensar em te envolver na sujeira da minha família... Imaginar a sua expressão, quando descobrisse sobre meu pai. A banda começou a fazer sucesso e Ashton sempre foi o melhor amigo que eu tive. Um dos poucos que não virou a cara pro "filho do assassino".

— Você não tinha intenção de me descartar, Ashton acabaria aceitando.

O silêncio dele é quase palpável. Quando ouço sua voz, sei que está chateado pela briga deles.

— Hoje, ele tem uma família, mais de trinta anos, você é adulta, e mesmo assim Ash não aceitou bem. Alguns anos atrás, ele teria desfeito a banda e nunca mais falaria comigo e nem com você, se é que não vai fazer exatamente isso agora. Além disso, como eu falei antes, pesava muito pra mim o fato de Jean ser meu pai.

— Josh, você não é como ele e eu não sou de vidro. Não tem que me manter sobre um pedestal, como a "virgem pura e sem defeitos", como se fosse indigno de mim. Você é lindo em tantos sentidos, é bom e uma pessoa infinitamente melhor que eu, mesmo que não saiba.

Como ele continua em silêncio, decido prosseguir.

— Eu o amo desde que me levou um pacote de biscoitos pela primeira vez. Eu tinha oito anos.

Dessa vez, ele se vira de frente pra mim e me encara, curioso com o que vou dizer.

— Eu o amei mais, a cada recheio de chocolate dos biscoitos; o amei em cada detalhe do seu cuidado comigo, e o amei quando entendi o que significava estar apaixonada. Eu o amei aos quinze, quando você finalmente deixou de ver em mim uma criancinha; aos dezesseis, dezessete e aos dezoito, quando pensou que eu não te amasse mais.

Ele dá alguns passos para perto de mim.

— Te amei quando ficaram famosos, e chorei em todas as vezes que uma mulher saía do seu quarto. O amei enquanto você tocava, se doava a tanta gente, incluindo a mim..., mas não o bastante. Eu o amei quando fui pra França, em uma tentativa de te esquecer.

O olhar dele me consome, de dentro para fora.

— E depois? — pergunta. O seu tom é desesperado, tão faminto quanto o meu.

— O amei enquanto estive lá, e ainda mais quando voltei, determinada a fazer com que me notasse.

Josh abre um sorriso contido.

— Como se algum dia tivesse deixado de notar cada passo seu.

— Eu o amei mesmo em meio às mentiras, Josh. Fui uma boba, mas queria que sentisse ciúmes, para que tomasse uma atitude. Eu conheço sua

índole. Jamais tiraria minha virgindade por decisão sua, então o fiz pensar que tivesse experiência. Eu o amei quando me tocou, quando fez amor comigo e quando foi bruto, quando se casou comigo pela herança e quando me odiou.

— Nunca foi pela herança, anjo.

Nunca foi...

— Eu o amei em todos os dias, pelos últimos quinze anos, e eu o amo ainda mais hoje, se é que isso é possível.

Josh se aproxima mais, vencendo a distância que ainda havia entre nós, e toma meu rosto nas mãos.

— Eu a amo tanto, que me dói. Amo suas insanidades, as perseguições indiscretas e sua determinação. Amo, inclusive, suas mentiras... Amo, porque foram elas que me fizeram finalmente me abrir, e aceitar que você é minha e eu sou seu.

— Mesmo que isso signifique perder a *Dominium*?

— Eu sou louco pela *Dominium*, e a amizade com Ashton e Tray significa muito pra mim. Mas, nada disso se compara ao que sinto por você, Ane. Eu te amo como se fosse um pedaço meu...

— E eu sou, Josh. Você também é uma parte de mim, tão importante que eu apenas existo, sem você. Não consigo *viver*.

— Eu te quero comigo, Ane. Mas não como minha namorada. Nós perdemos tempo demais e não há mais nada que você faça, que vá me surpreender. Eu estou preparado pra aventura que vai ser viver ao teu lado. Vai continuar como minha esposa? Dessa vez, pelas razões certas...

— Nunca houve razões erradas. Eu não me importo com essa herança, Josh.

— E com certeza, eu não me sinto obrigado a rir das cláusulas do seu pai. Eu a queria pra mim, e vi a oportunidade perfeita de te ter. Quero que

seja minha, pra sempre.

— Não precisa pedir. Nós nos pertencemos.

Os lábios dele tocam os meus com doçura e Josh me puxa para seus braços, me apertando forte, enquanto diz o quanto me ama. Eu vivi para ouvi-lo se declarando.

Suas palavras sussurradas aquecem meu corpo todo, e escolho não pensar no tempo que perdemos. Prefiro focar na vida inteira que teremos para viver esse amor.

Josh

Meu anjo. Ela é minha, indefinidamente, e nada, nem ninguém, vai se colocar entre nós outra vez. Vou provar pra ela, pelo resto de nossas vidas, que é prioridade.

Que o seu sorriso está no topo das minhas coisas preferidas.

Beijo o alto da sua cabeça. Depois da conversa que tivemos, arrastei Anelyse comigo para a cama com segundas intenções, mas foi tanto tempo perdido, que passamos a contar histórias, e relembrar o passado e as situações que vivemos, durante o tempo em que nos amamos em oculto.

Nosso assunto chega aos dias atuais, falamos sobre Ashton, tia Eleanor, e Ane conta que ela torcia por nós. O que tira parte do peso que ainda carrego no peito. Falamos sobre Thierry, e apesar de ainda não gostar muito do cara, aceito que não vou me livrar do merdinha francês.

É amigo dela, eles se gostam e nessa relação, basta que eu perca meu amigo. Ane não precisa perder o dela, também

— Tudo bem, anjo. Ele pode ficar pro casamento, que nem sei se serei convidado, e pode vir aqui em casa... Por enquanto, prefiro que venha

quando eu estiver.

Ane me olha, achando graça do meu desconforto.

— O que? Ele gosta de homem. Já entendi isso.

— Por que não quer que a gente fique sozinho, então? — A diabinha angelical ri de mim.

— Você foi quem fez isso comigo. Me fez imaginar vocês dois, e agora as cenas da traição ainda estão muito frescas, vou precisar de tempo... Além disso, ele tem um pau! E você, com certeza, é uma mulher que faria ele desenvolver preferências contrárias às que tem.

A gargalhada dela ecoa pelo quarto e não contendo um sorriso, também. É isso. Se estivermos nós dois aqui, em cinquenta anos, rindo e conversando, nos amando, não terei arrependimentos.

— Eu vou com calma com vocês dois, pode deixar. Agora, quero conversar sobre o futuro...

— Nós somos o futuro, linda.

Ane encosta a cabeça no meu peito, e sei que ela pode sentir meu coração acelerado. Uma das reações sempre que ela está por perto.

— Estou falando de outras questões... Por exemplo, a herança que já está em meu poder. Olhei hoje, antes de vir. Além disso, precisamos fazer uma declaração pra imprensa, e lidar com o momento em que terei que partir pra França.

Do mesmo modo, tenho certeza de que ela sabe que meu coração parou. Tá, eu sei que não, porque eu não estaria vivo se fosse assim, mas é como levar um soco... Outro. E olha que meu olho está inchado e tenho outros hematomas no rosto.

— Não vai dizer nada? — pergunta, ansiosa.

— Você quer me deixar aqui? Porque isso não vai rolar, anjo. Ou vamos ter que dar um jeito para que eu vá junto, ou você fica aqui.

— Huum... Pensei que fosse aceitar isso. Já ia te largar, porque gosto do meu Josh mandão. — Ela está brincando comigo, essa menina é um caos. — Vou terminar a faculdade aqui mesmo, e depois disso criar minha própria grife: "Ray & Nicols". Vou usar os nomes de vocês, pra ficar conhecida...

— Estou aliviado. Estava esperando que me diria que íamos viver separados até se formar. Já estava pensando onde a chave do armário foi parar, pra que eu te trancasse lá — brinco, fazendo-a rir outra vez.

— Eu jamais vou deixar você, Josh. Por mais importantes que as coisas sejam, nossa relação é prioridade. Sempre.

Ela estende o dedo mindinho pra mim e eu levo o meu até o dela, jurando como duas crianças.

— E quanto ao *Peace*? Estive pensando em fundarmos mais casas como aquela. Eu ajudo você a administrar. Podemos abrir mais duas ou três, dessa forma ainda conseguiremos dispensar uma atenção especial a todas. O que acha?

Que ela não poderia ser mais perfeita.

— Acho que você é como a luz da manhã... Ilumina tudo e dissipa as trevas.

Me levanto da cama, de repente.

— Ei! Onde você vai? — Sua pergunta me alcança.

— Pegar papel e caneta, e escrever isso! Preciso compor outra música...

Ane fica de joelhos sobre a cama e, rindo, caminha sobre eles até a beirada, me alcançando.

— Então continuo te dando inspiração para compor canções, Josh Nicols?

Eu envolvo sua cintura e me abaixo para beijar sua boca.

— Não, meu amor. Você não me inspira canções, você é a música que

vive em mim.

Anelyse me enlaça pelo pescoço e me puxa outra vez para a cama; caio sobre seu corpo e minhas mãos instantaneamente encontram a bainha de sua blusa, a erguendo e encontrando caminho para sua pele macia.

— Humm... Péssima hora, Josh, mas acho que seu celular está tocando — fala, com desanimo exagerado na voz.

Erguendo-me sobre ela outra vez, deposito um beijo na ponta do seu nariz.

— Eu já volto, anjo. Deixe o demônio, que esconde com essa auréola aí, preparado para as coisas infernais que pretendo fazer...

Ela ri, enquanto me desloco, caminhando até o móvel do outro lado do quarto, onde o aparelho barulhento repousa.

Atendo já fechando a cara, minha alegria momentaneamente sobreposta pela raiva em receber uma chamada do presídio. O que será que ele quer?

— Alô...

— Josh Nicols? Aqui é da penitenciária. Precisamos que venha até aqui, aconteceu algo que precisamos falar pessoalmente.

— Que merda! Ele fugiu?

Ouçó o farfalhar dos lençóis, quando Ane se senta na cama com o susto.

— Não, senhor. É outra coisa...

— Olha, eu me comprometi a nunca mais voltar aí. Não vou vê-lo mais. Então, a menos que ele tenha fugido ou matado algum dos guardas...

— Na verdade, ele morreu, senhor Nicols. — A voz do guarda é baixa, quase um sussurro.

—Ele o quê?

— Morreu. Eu não deveria passar essa informação pelo telefone, mas

acredito que, sabendo do quadro dele, o senhor já esperasse por algo assim.

— Bom... — Nem sei o que responder ao homem. — Eu sabia que estava doente e que o câncer terminaria por matá-lo, mas não pensei que fosse acontecer tão cedo.

— Eu sinto muito. Sei que não eram próximos, mas o senhor se preocupava em vir e é a única família dele. Precisa vir e resolver como as coisas serão feitas.

Suspiro com pesar. Eu não o amava, mas não me sinto bem em saber que morreu, vivendo naquelas condições, de modo tão horrível assim.

— Tudo bem, vou assumir as providências. Logo chego aí.

Desligo e por alguns instantes, tento assimilar o que aconteceu e como me sinto com relação a isso.

— Seu pai morreu? — A voz doce dela questiona, preocupada.

Me viro e a encaro, sentada sobre a cama.

— Ele estava doente. Câncer no pulmão. Eu sabia que não iria durar muitos anos, mas não imaginava que fosse acontecer tão cedo. Foi rápido e brutal, sabe?

Ane assente.

— Eu percebi que ele não estava saudável naquele dia, na chamada de vídeo. Mas pensei que fosse algo menos... definitivo.

— Não sei como me sinto sobre isso — assumo.

— Eu imagino que sinta mais que eu senti. Porque você é preocupado, amoroso e cuida das pessoas ao seu redor; mas nem por um momento, deve se sentir culpado, sabe disso, não é? Você deu a ele mais do que seu pai merecia, mas se quer preparar o velório, o enterro... Vou te ajudar com isso.

Olho seu rosto angelical. A expressão determinada, o carinho em suas feições.

— Eu quero cuidar disso. Vai ser uma maneira de sentir que essa parte da minha vida realmente se encerrou, que deixei isso tudo para trás, e de recomeçar, focado apenas em coisas boas; vou me despedir do meu pai e de tudo que o acompanhou e a mim, por tanto tempo.

CAPÍTULO 23

ENTERRANDO O PASSADO

Anne

Apesar das tentativas de se mostrar forte, como se o ocorrido não o estivesse abalando, percebo que Josh sente pela morte do pai. Sei que não havia amor entre os dois e que a relação deles era ainda pior que a minha com meu pai, mas Josh é uma pessoa excepcional e com certeza ainda se sente culpado por não ter ido vê-lo mais vezes e por ter desistido de vez, pouco antes.

Preparar esse enterro é realmente o melhor modo de se despedir. Não apenas de Jean, mas de um passado doloroso, de sentimentos de raiva, amargura e pesar.

Um velório está fora de cogitação. Quem iria comparecer? Por isso, nossos preparativos todos giraram em torno do enterro. Josh pediu que preparassem o corpo e pagou por tudo, para que as coisas corressem de modo mais tranquilo e discreto.

Eu fiquei responsável pelos pedidos de flores e tomei para mim a tarefa difícil de notificar a mãe de Josh do ocorrido. Ao contrário do que supus, porém, Regina encarou tudo muito bem e disse que voltaria da viagem para participar do enterro ao lado do filho; não demonstrou sofrimento algum com a morte e isso me deixou mais leve, ao menos não seria doloroso demais

pra ela.

Minha ligação seguinte, sem que Josh soubesse, foi para Julia e depois para Tray. Ela prometeu conversar com Ashton e acredito que, diante da situação, ele possa ceder e ir demonstrar apoio ao amigo, uma vez mais.

Tray se dispôs a ajudar no que fosse preciso, mas a verdade é que não havia muito o que fazer. A cerimônia ocorrerá do modo mais discreto e simples possível e apenas depois, iremos, Josh e eu, contar para a imprensa um pouco da nossa história, antes que eles a descubram e transformem em algo sujo e obscuro.

Preparamos tudo para que o enterro ocorresse no dia seguinte, de modo a encerrar esse capítulo doloroso e triste.



Dizem que todos os homens merecem a chance de absolvição. Mesmo que Jean não tenha se arrependido ou pedido para ser perdoado quando em vida, achamos que ter um pastor coordenando o funeral era essencial. Independente de crermos na salvação para a alma do homem.

O sol se pôs pouco antes. O enterro foi marcado para ocorrer após o horário em que o cemitério encerra as atividades diárias, atraindo menos atenção dessa forma e evitando olhares de curiosos.

Agora, estamos aqui.

O cortejo fúnebre segue pelo gramado verde do *Lake View Cemetery*; o local é mais distante do centro da cidade, particular, e nos sentimos mais à vontade para caminhar sem causar comoção e questionamentos.

Dona Regina segue com Pedro de um lado, Josh e eu do outro; um pouco atrás vejo Tray e Jas, que deve ter sido convidada por ele. Rosa, Carter e minha mãe também estão presentes e sei que isso alegra meu Josh.

Quando o caixão finalmente chega ao destino final, o pastor começa a dizer algumas palavras sobre a misericórdia divina e de consolo para os familiares. É um momento fugaz e logo algumas flores são atiradas sobre o caixão, que desce às profundezas.

O pastor encerra a cerimônia e vejo Tray se aproximar de nós, com Jasmim ao seu lado.

— E aí, cara? Tá tudo bem? — Tray pergunta, porque ninguém sabe bem como lidar com essa situação.

— Acho que sim. Não estou devastado nem nada assim... Também não é um momento alegre, sabe como é. — Ouço sua voz responder e acho que ninguém compreende essa sensação melhor que eu.

— Meus sentimentos, Josh — Jasmim diz e o abraça em seguida. — Tray me pediu para vir junto, espero que não se importe.

— Que isso, Jas, você é da família — ele responde.

— E você, Ane? Senhora Nicols, então?

Dou risada, discretamente, do comentário de Jasmim.

— Eu consegui, Jas. Não acha que já passou da hora de fisgar o Tray?

Tray me acompanha na brincadeira, enquanto ela olha pra todo lado, menos pra nós. Coitada, acho que a deixei constrangida.

— Eu já tentei ser fisgado, pirralha. Mas a Jas é o peixe dessa relação, mais escorregadia que piso ensaboadado.

— Para com isso, Tray — ela o repreende, envergonhada.

Tray sorri, mas então, seus olhos se deslocam para um ponto atrás de nós.

— Bom, vou levar a Jas até lá fora. Encontro vocês depois, ele tem o endereço.

Com isso, eles nos deixam, enquanto Jasmim acena se despedindo.

— Endereço do quê? — pergunto e Josh dá de ombros, também sem

saber.

Instantes depois, Ashton e Julia chegam diante de nós. Eu não os havia visto antes e fico feliz por terem vindo, mesmo que a situação seja complicada.

Ashton nos encara por um momento e então puxa Josh para um abraço; Julia pisca para mim e eu sorrio em resposta.

— Cara, não vou dizer que sinto muito por seu pai. Porque eu não sei se sinto, mas espero que esteja bem com isso.

Josh acena, concordando.

— Podemos conversar? O Tray sugeriu um pub mais afastado e disse que não seremos incomodados por lá. Pode ser?

Josh assente e Ashton se vira na minha direção.

— Vem cá...

Sou envolvida pelos braços fortes do meu irmão.

— Me desculpa por ser babaca. E cego... Você é a caçula Ray, eu não quero que se afaste de mim.

Assinto e finalmente algumas lágrimas me escapam. Ao menos, Jean fez algo bom, na morte. Trouxe reconciliação.

Ashton e Julia se despedem e recebemos os cumprimentos de todos os outros, Thierry vem um pouco depois, sozinho.

— Ei... — fala, ainda receoso de que Josh acabe o atacando.

— E aí, cara? — Josh responde, comportado.

— Sinto muito pelo seu pai e pela confusão toda.

— Tudo bem, a Ane me explicou tudo, e eu entendo a amizade de vocês.

Thierry abre um sorriso, satisfeito, e faço o mesmo.

— Mas nada de ficar em cima da cama, eu tenho limites — Josh completa.

Começamos a rir, mas dona Regina, minha sogra, nos olha com cara de reprovação e nos calamos rapidinho.

Após nos despedirmos das pessoas, Josh me deixa em casa e vai se encontrar com os meninos. Vai ser uma conversa chata, mas necessária, que irá acabar de vez com qualquer problema mal resolvido.

Ashton

Saber que meu melhor amigo estava... desfrutando das partes íntimas da minha irmã, foi muito duro. *Duro*. Todas as palavras que ouço, desde ontem, me fazem pensar nos dois juntos e isso só falta me fazer vomitar. Por isso, tento usar termos menos diretos pra falar sobre o assunto.

Está sendo foda pra caralho. Foi ontem, então não é como se eu fosse acordar e perceber que superei.

Me senti traído pelos dois e um babaca completo, por não enxergar o que estava embaixo do meu nariz.

Mas, que porra! Josh estava pegando minha irmã, enquanto eu viajava com a minha família, e isso faria qualquer um surtar.

Josh sempre foi o melhor de nós, nunca escondi isso de ninguém. Se eu tivesse passado por toda merda que ele passou, com certeza não seria um cara tão foda quanto ele é, então meu problema não é com o fato de ele e Ane estarem juntos.

Tá bom, porra. Não vou ser hipócrita, provavelmente eu daria uma surtada básica, ficaria estressado porque, como sabem bem, costumo agir primeiro e pensar depois. Mas, logo acabaria por ver todas as vantagens de uma relação entre os dois, e me daria conta do óbvio: Ane nunca arrumaria um cara melhor que Josh. Porque ele é bom pra cacete.

Ou seja, o problema, de verdade, é o fato de terem mentido pra mim. Não uma ou duas vezes, mas por muito tempo. Primeiro, Ane me escondeu que gostava dele, desde os oito anos, ela confessou. Quem é que gosta de alguém aos oito anos?

Depois, inventou um namorado pra fazer ciúme no pascalho do Josh e me enrolou junto. E por fim, começam a se pegar debaixo do meu teto — que quase caiu diante da heresia — e me escondem isso. Eu estava lá, preocupado com o cara se drogando, e na verdade, o alucinógeno dele era minha irmã caçula.

Mas enfim, apesar da ira inicial, porque como eu disse, sou impulsivo, pensei muito nisso a noite toda de ontem, remói e lambi as feridas enquanto Julia, a sensatez que Deus me deu, me atormentava, dizendo que eu deveria ser menos egoísta e deixar os dois serem felizes.

E nisso, eu nunca discordei. Eu estava disposto a ver Anelyse feliz com o francês, por que proibiria o relacionamento com o Josh? Mesmo assim, o peso da traição dos dois não me deixou dormir.

O dia amanheceu e veio a notícia da morte do infame Jean Valjean e com isso, fui obrigado a esquecer o orgulho e a briga, que eu mesmo não queria manter pra sempre.

Só preciso ouvir da boca dele, olhar nos olhos desse cara e ver ali o mesmo que vejo no meu reflexo todas as manhãs.

O pub indicado por Tray realmente foi uma ótima escolha; não como barzinho, porque pra isso não aconselho, já que parece uma espelunca abandonada. Mas discrição é a regra por aqui, só tem o dono do bar, atrás do balcão, e uma mulher com idade pra ser minha tataravó, servindo as mesas.

Tray já está sentado quando chego e me sento ao seu lado; antes que ele tenha oportunidade de me questionar sobre qualquer coisa ou falar alguma de suas idiotices, vemos Josh entrar e caminhar para onde estamos, com uma

pasta nas mãos.

— Três cervejas — pede para a vovó, com um sorriso gentil.

Josh adora as vovós. Nem sei como foi se meter com uma pirralha como a minha irmã.

Ele se senta na minha frente e ficamos os três em silêncio, enquanto esperamos as bebidas.

A velhinha logo as coloca na nossa frente e se afasta bem rapidinho.

— Cara, podia levar essa aí pro Peace. Isso aqui é trabalho escravo! — Tray fala rindo alto e não consigo não abrir um sorriso beeem sutil. Por que, né? Princípios. Não posso ficar rindo à toa perto do Josh, ainda.

Ele nem se explicou direito.

— Então, cara — digo de uma vez. — Eu sei que já até se casou e tudo, e pelo jeito, não pretende cumprir o contrato. Aliás, vai pagar a multa, porque certo é certo.

Talvez, ele perder uma grana faça com que eu me sinta melhor. Deixando isso de lado, continuo:

— O que eu quero mesmo saber é o que tá rolando, de verdade. Você gosta dela? Ou ficou com a Ane por desejo, e agora vai permanecer junto dela porque sente que é o certo? Porque você faria isso.

Josh abre a cerveja e toma um gole, antes de responder.

— Vai ficar puto de novo? Meu olho ainda tá roxo. Se for ficar brincando de saco de pancada com a minha cara, eu vou embora.

Dou risada do hematoma dele, antes que consiga me controlar. Mas acho que rir do fato de ter batido nele, quando mereceu, tá liberado.

— Tá mesmo. Eu sou ótimo com socos, mas eu não vou partir pra agressão hoje, em respeito a Jean Valjean, o homem mais pacífico que já conhecemos.

Tray se atrapalha com a cerveja e acaba derrubando um pouco na

mesa.

— Cara, o morto ainda não esfriou, tá? Piadas tem que levar ao menos um mês.

— É uma regra? — pergunto, sem me importar muito.

— Claro que é. Mas continua, tava legal a ironia...

Esse cara é muito imbecil.

— Então tá, aguenta que vou falar — Josh solta de uma vez.

Caralho. Será que ele não gosta dela?

Josh pega a pasta que está nas suas mãos; parece a que ele usa pra guardar as letras de músicas da *Dominium*, mas a cor é outra.

Ele a coloca sobre a mesa e a empurra pra mim. Quando a abro, vejo quase todas as letras da *Dominium*, escritas praticamente desde quando começamos, e demoro um pouco para entender o que Josh quer me dizer com isso.

Mas então, começo a notar. São pequenas mudanças sutis, que fazem uma enorme diferença. Observo as datas em que foram escritas, e caralho! Tem música com o nome da Anelyse que data de mais de oito anos atrás.

— O que isso quer dizer? Escreveu essas coisas pensando nela? — O maldito apenas dá de ombros. — Cacete, Josh! Quando tempo faz que isso tá rolando?

— Fisicamente? Eu nunca tinha tocado nela, Ash. Juro que, até duas semanas atrás, nunca sequer a tinha beijado.

— Mas quer dizer que gosta da Anelyse tem mais de oito anos?

Ele fica em silêncio.

— Responde, caralho.

— Eu não gosto da Anelyse, Ashton. Eu sou louco por ela, você não percebe?

— Louco por ela, quer dizer que a ama? — Pergunto. Não vou deixar

as coisas tão fáceis assim, quero ouvir com todas as letras.

— Olha só — Tray interrompe. — Agora que preciso pedir pra trazerem as rosas e o vinho? As duas bonecas vão começar a falar de amor?

— Cala a boca, Tray — falamos juntos.

Josh abre um sorriso pra mim. Se tem uma coisa que solidifica nossa amizade, é o quanto Tray consegue irritar a nós dois.

É o que faz ele único.

— Eu amo Anelyse, desde que ela tinha quinze anos. — Josh volta a falar. — Nunca disse pra ela e nunca fiz nada a respeito. Não até ela decidir que ia fazer alguma coisa...

— Porra, Josh! Você é um idiota. Como pode se sentir assim por tanto tempo e não fazer nada?

Nem eu acredito que estou dizendo isso.

— Cara, olha a merda de vida que eu tinha. Depois disso, você, sua mãe e a Ane se transformaram na família que eu e minha mãe não tínhamos. Além de toda a questão da banda e de como você sempre foi louco. Eu não podia ser babaca e pegar sua irmã, ferrar com tudo... Talvez eu tenha sido idiota, mas fui, por não querer ser um idiota. Dá pra entender?

— Não... — Tray é quem responde, e começamos a rir.

Tomo um gole da minha cerveja, mais relaxado.

— Beleza. Então ela te ama desde os oito, você a ama desde que ela fez quinze — e dou graças a Deus por isso, porque se me dissesse que gostava dela com oito também ia ser doido. E eu... eu vou ter que lidar com essa merda, que é uma merda boa na verdade, se é que isso existe. Vou aceitar isso aí. Já casou mesmo, me enganou pra levar ela embora.

— Desculpa por mentir, não pensei que ia levar na boa.

Josh fala e eu acabo pensando sobre isso, sobre como seria a minha reação um tempo atrás.

— Há um ano? Eu não ia encarar bem mesmo. Mas a Julia me fez ver que esses lances são meio incontroláveis. Só uma coisa, cara, só beijinho decente na minha frente. Sem língua ou mãos e tal, ainda estou me acostumando com a ideia.

— Cara, se você visse o que eu vi... — Tray fala, e eu consigo ouvir o barulho do sapato de Josh atingindo a canela dele, sob a mesa.

Não quero nem saber o que foi que ele viu.



CAPÍTULO 24

A BAQUETA DE JOSH NICOLS

Anne

A mansão foi literalmente dominada; cadeiras brancas tomaram conta dos gramados verdes na frente da casa e uma multidão já está presente.

Artistas, cantores, magnatas, amigos, familiares... Do altar que foi preparado para a cerimônia, vejo que tem gente há se perder de vista e isso porque os convites são restritos e exclusivos.

A entrada da imprensa não foi liberada, mas um telão foi colocado do lado de fora da mansão e as Dominadas enlouquecidas assistem ao casamento do ano.

Ashton Ray finalmente vai dizer o tão aguardado sim.

Algumas celebram com ele e outras choram sem cessar. Mas do lado de dentro dos portões de ferro, todos torcem pela felicidade do casal de pombinhos.

É o começo de um novo ano, a decoração de Natal se foi, dando lugar a uma outra. Flores coloridas enfeitam o lugar e tecidos brancos formam uma tenda comprida a fim de proteger os noivos do sol do final de tarde.

Julia não tem muitas amigas além de mim, então suas madrinhas somos Rosa e eu, enquanto os padrinhos de Ashton não poderiam ser mais óbvios.

Tray parece incomodado dentro do smoking e Josh tão ansioso quanto o próprio noivo.

Pouco depois de assumirmos nossos lugares ao lado de Ashton, ouvimos os acordes de Little Princess ecoarem pelo ambiente aberto. Dessa vez a canção composta por Ashton para a filha está sendo tocada em uma melodia mais suave no piano. Mesmo assim todos a reconhecem imediatamente.

Ashley entra placidamente. Apesar de ser muito pequena, minha sobrinha está acostumada com multidões e a ser o centro das atenções, então as pessoas a olhando e tirando fotos não a impedem. Mas a distraem.

Antes de chegar na metade do longo corredor, ela acaba carregando as flores para uma das fileiras de convidados, mas logo alguém a coloca no caminho certo outra vez.

Mais alguns passinhos imprecisos e nossa princesinha alcança as fileiras da frente, onde minha mãe está sentada.

— Vovó...

Mais uma distração. Minha mãe a conduz o mais discretamente possível para o corredor sob os olhares atentos dos mais de quinhentos convidados e do pai mais babão que já conheci.

Quando finalmente termina sua função, a música termina e no lugar dela Judgment passa a tocar. Essa música foi composta para Julia e é ao som das palavras que Ashton escreveu pra ela, que minha cunhada caminha para o altar.

Quando ela surge do outro lado, todos os olhares se voltam para sua figura etérea. Julia está perfeita.

Seus cabelos foram cacheados e caem sobre os ombros e algumas flores brancas enfeitam as mechas.

O vestido é longo, mas de um tecido leve, diáfano e que flutua ao seu

redor enquanto ela caminha.

Meu vestido e o de Rosa tem o mesmo modelo do de Julia, mas nas cores coloridas das flores. Azul, lilás e amarelo.

Inclusive Rosa não ficou nada satisfeita com a minha escolha.

Olho pra meu irmão e o vejo tentar segurar a emoção, mas uma lágrima consegue escapar e ele a seca disfarçadamente.

Desvio então meus olhos pra Josh e o olhar dele está fixo em mim. Abro um sorriso para meu esposo e volto minha atenção outra vez para Julia que agora está diante do altar.

A cerimônia tem início e ouvimos atentamente as palavras do celebrante e depois, os lindos votos dos noivos.

Definitivamente é um dia muito feliz.



A música envolve os convidados e muitos deles já se arriscam pela pista de dança depois de uma ou duas taças de *Champagne*.

Ao meu lado, Josh e Ash conversam animados sobre o retorno das atividades da banda e os próximos shows.

Julia rodopia com Ashley pela pista, já que a pequena pareceu bastante enciumada por não poder participar da primeira valsa do casal. Posso estar agindo feito uma louca romântica, mas para todos os lados que olho vejo casais se formando.

Carter conduz minha mãe pela pista e pelos olhares apaixonados que trocam, as coisas parecem sérias entre os dois. Deus os ajude com Ashton.

Thierry está envolvido em uma conversa bem íntima com Dênis, que me parece muito elegante de terno e bem inclinado a aceitar o flerte do meu amigo. Quem diria...

Tray não parece muito feliz. Jasmim prometeu que viria e não apareceu e pelo que vejo dele a distância acho que está brigando com uma pobre garçonete.

Não é certo isso, descontar sua frustração em outra pessoa.

— Josh — chamo a atenção dele e Ashton também olha pra mim. — O Tray está brigando com aquela moça, deem um jeito nele, por favor.

Os dois olham na direção que aponto e nesse instante vemos algo que arranca interjeições de todos nós. Sem hesitação alguma, a garçonete vira a garrafa de *Champagne* na cabeça dele.

— Caralho — Ashton começa a rir e já se levanta. — Gostei da atitude da moça, ele deve ter sido babaca e com certeza merecido, mas vou lá ver se tenho que mandar tirarem a mulher daqui.

Estamos todos rindo, vendo as roupas de Tray pingando, quando a moça passa por nós batendo os pés no chão de raiva.

— Opa, acho que a Jas resolveu aparecer — Josh fala acenando pra ela.

Jasmim abre um sorriso fraco pra nós ao perceber que presenciamos a interação entre ela e Tray e se afasta na direção da cozinha.

Que coisa estranha.

Tray se aproxima pouco depois e se joga sobre uma das cadeiras ao meu lado.

— E então? O que foi isso? — Ashton pergunta sem rodeios.

— Como assim o que foi isso? — É uma das primeiras vezes que vejo Tray com raiva de verdade. — Ela mentiu pra mim, porra.

— Pensei que estivesse bravo pelo banho de *champagne* — comento erguendo a sobrancelha.

— Não, ela gosta de jogar coisas, já me acostumei. Eu tô puto porque ela é uma garçonete, não viram? E nem é um emprego! É um bico, cacete.

Josh me olha e em seguida para Ashton. Agora a raiva dele faz sentido.

— Mas e o milionário de quem ela era assistente? — Josh é quem faz a pergunta óbvia.

— Pois é, porra. Tudo mentira! Essa praga, orgulhosa. Pode passar fome que não me diz e ainda fica irritada comigo porque eu disse umas verdades.

Pode parecer ruim ouvir Tray a chamar assim, mas eles são os melhores amigos do mundo, desde que me lembro e quando brigam as coisas ficam meio insanas.

— O que você disse, babaca? — Ashton parece preocupado.

— Chamei ela de mentirosa e de orgulhosa também. Falei que prefere morrer de fome que aceitar ajuda e ela ficou possuída. Disse que tem duas pernas e dois braços e que não precisa do meu dinheiro sujo! Depois vocês viram, jogou a bebida na minha cara e saiu desfilando. Garota infernal.

— E o que você vai fazer? — Também estou curiosa para ver como ele vai resolver isso.

— Eu, nada.

Olhamos pra ele aguardando. Sem entender.

— O Ashton vai dar um emprego pra essa doida. A Rosa queria reforços, ela quer morrer de trabalhar, não quer? Então vai ser aqui.

— Não vou fazer isso, vocês que resolvam isso sem me colocar no meio.

Tray olha pra Ashton e dá de ombros.

— Que seja...

Algo me diz que isso não vai ficar assim.

— Sorte sua que a imprensa foi vetada, ou sua foto, encharcado estaria em todos os jornais amanhã.

Josh tem razão. Eles se aproveitariam disso como abutres em volta de carne morta. Eca.

— E como foi a exclusiva que vocês deram sobre o casamento de vocês e a loucura da Ane no bar?

Meu marido me olha e já começa a rir. Com razão, foi a entrevista mais louca do mundo.

— Contamos tudo a eles. Exceto sobre o contrato porque isso fica entre nós. Mas falamos sobre nossa relação às escondidas e sobre como tentei forçar Josh a tomar uma atitude inventando um namoro falso — falo, deixando Ashton e Tray surpresos.

— Vocês são loucos. Por que contaram tudo?

— Iam descobrir e seria pior. Falamos da nossa briga porque Josh entendeu tudo errado e da minha bebedeira por amor e acabou sendo divertido. Eles adoraram esse Josh doido e ciumento. Acho que vai até perder seu posto de rockstar doido pra ele, Tray.

Tray me encara sorrindo e me provoca.

— Então contaram também sobre o colar e o piercing do Josh...

— Tray! — grito e meu olhar se desvia pra Ashton, que não parece irritado e sim com nojo.

— Não quero saber dessas merdas, Tray. Guarda o que viu pra você — diz parecendo prestes a vomitar.

Meu irmão é muito idiota.

— Também contei tudo sobre o Jean e como a entrevista foi ontem, se preparem porque quando for ao ar, vai ser um inferno. Dois casamentos, um pai assassino e uma noiva stripper, tudo na mesma semana.

— Ei! Eu só estava cantando. Não tirei a roupa.

— Pois é! Nem pra fazer o serviço completo — Tray fala e recebe logo um tapa na nuca do meu esposo ciumento.

— Mas tá certo — O suspiro de Ashton poderia ser ouvido do outro lado da rua. — Vai ser uma semana do cão... Eles vão sair até do ralo do banheiro durante nossos banhos, se preparem.

Apesar das palavras carregarem um tom de desespero, começamos a rir. Ainda estamos nesse clima descontraído quando Julia chega e tira Ashton para dançar.

Ashley passa dos braços da avó para os de Carter, Rosa e Regina.

— Bom, sinto muito Tray. Meu marido vai dançar comigo agora, quem mandou brigar com seu par.

— Nem me lembra isso. Meu par prefere luvas de borracha que saltos. É o fim do mundo mesmo...

Deixo ele remoendo a briga e arrasto Josh comigo para a pista.

Ele está maravilhoso em um terno preto sob medida. Os cabelos claros arrumados de maneira mais clássica que de costume e os olhos azuis me fitando, transbordando felicidade.

— Está contente, *anjo*? — Uso o apelido que me deu de propósito.

— Nunca pensei que esse dia chegaria. Eu precisava de você pra ser completo, não podia te ter então me conformei com a vida medíocre. Cara, eu ia perder isso tudo se você não se tornasse a virgem mais safada que o mundo já conheceu.

Piso no pé dele de propósito.

— É mentira? Virou minha cabeça do avesso e depois não deu conta do recado.

— Aaahhh mas agora eu dou. Que tal aquela brincadeirinha com as baquetas especiais que me prometeu?

Josh olha para os lados pensando. Posso ver que quer dizer sim, mas algo o impede.

— O Ashton e a Julia vão ficar bravos se formos pra casa cedo.

Abro meu melhor sorriso "virgem safada".

— Inventamos alguma coisa depois.

Josh assente e me puxa pela mão. É hoje que a baqueta vai dar um show.



Meus braços estão amarrados com a gravata dele, acima da minha cabeça. Meu corpo deitado sobre a cama. As pernas meio abertas na posição exata em que Josh me disse para ficar.

Observo com desejo, a imagem dele caminhando ao redor da cama até o criado mudo. Lá de dentro, retira uma pequena caixa preta, a coloca ao meu lado e a abre sem enrolação.

Vejo diversos pares de baquetas dentro da caixa de veludo e o encaro enquanto ele parece escolher uma delas.

— Não precisa se preocupar, linda. Nunca usei essas aqui, é minha coleção particular, intocada.

A escolhida tem a ponta grande e aparentemente de tecido.

— Essa aqui é especial, anjo. A ponta é macia, de feltro e costuma ser usada para iniciar músicas. Faz com que o volume cresça aos poucos...

Josh me dá uma aula técnica ao mesmo tempo em que me incita com o tom de voz rouco e com os planos que tem para mim.

Arranca a camisa, ainda segurando a baqueta nas mãos e tenho a visão privilegiada de seu torso nu. Aproxima-se de mim e encosta a ponta do objeto sobre minha calcinha.

— Você sim é meu instrumento mais delicioso e agora vamos ver se aos poucos, consigo aumentar o volume do seu som... — As palavras são acompanhadas de seus movimentos com a ponta macia.

Josh faz círculos sobre o tecido, bem no local onde meu clitóris pulsa forte por ele, vai me enlouquecendo aos poucos.

A baqueta roça meu sexo em uma tortura deliciosa. Os movimentos circulares me levam a loucura, ergo o quadril na direção do objeto, ansiando por mais, mas Josh não intensifica os toques me castigando com a leveza que impõe sobre o gesto.

— Gosta disso, meu anjo caído?

Ouçó minha própria risada que escapa em meio a um gemido estrangulado.

— Agora vamos conhecer outro dos meus instrumentos de trabalho, querida.

— Josh... — Já estou gemendo seu nome e se ele continuar com isso, logo meus gritos vão ser ouvidos pela vizinhança.

— Essa baqueta tem a cabeça parecida com uma flecha. Ela traz ainda mais brilho a música, um som mais agudo e claro. Que tal deixar essa bocetinha brilhando pra mim? Bem molhadinha, agora. Quero ouvir o som agudo que você sabe produzir...

Eu nunca o vi assim antes. Tive uma pequena amostra no dia em que perdi minha virgindade, mas depois disso Josh foi mais contido um pouco e manteve cuidado até que eu me sentisse pronta para algo mais intenso.

Agora estou pronta. Inclusive eu gostaria de sentir o instrumento final nesse instante.

Mas ele adora a tortura. Pega a baqueta que mencionou na caixa e noto que essa tem a ponta bem diferente mesmo, é mais fina e se parece com uma seta; além disso o material é duro.

— Vamos ver se gosta de toques mais precisos...

Ele encosta a setinha sobre mim e estou ardendo de desejo no ponto em que meu corpo se encontra com seu toque. Josh deixa a madeira passear

por toda a extensão da minha calcinha branca antes de voltar a falar:

— Ahh, eu adoro um material de trabalho que cumpre sua função. Sua calcinha está encharcada, gostosa.

A ponta da baqueta encontra minha entrada por sobre o tecido e brinca um pouco ali, para em seguida voltar para a frente.

— Huum, Josh. Já chega dessa... brincadeira. Vem aqui, vem — chamo quando estou completamente entregue e pronta para começar os gritos que ele tanto quer ouvir.

— De jeito nenhum, anjo. Ainda vou te apresentar ao menos mais um objeto.

Inclinando-se sobre mim, Josh beija meu umbigo e desce deixando um rastro de fogo com seus lábios. A ponta da sua língua me toca, causando uma sensação delirante em contato com a lingerie.

Suas mãos a seguram pelas laterais e ele a desliza por minhas pernas. Me deixando nua e exposta diante de seu toque bruto.

— Agora vamos te preparar pra receber meu pau.

Mais? Estou preparadíssima.

Josh troca o material outra vez e agora o contato é direto em minha carne. A ponta da baqueta é macia, mas firme e os movimentos torturantes que ele faz sobre o centro do meu prazer me arrancam gemidos cada vez mais altos e arquejos involuntários.

Lentamente, Josh me penetra com a ponteira e me remexo para recebê-la. A baqueta, conduzida por suas mãos ágeis, entra e sai lentamente de dentro de mim e meu quadril se movimenta seguindo seu ritmo sensual.

A intensidade vai aumentando aos poucos de acordo com as investidas de Josh, até que de repente, como se eu não estivesse perto de me atirar ao inferno e voltar a terra, sua mão para e o objeto é retirado de dentro de mim.

— Josh! O que pensa que está fazendo? — Reclamo irritada.

— Estou a impedindo de gozar nessa baqueta, bebê. Quero que se desmanche no *meu* instrumento.

Rapidamente ele retira a calça e em instantes o preservativo já cobre seu membro todo; dizem que a pressa é inimiga da perfeição, mas perfeito é a palavra ideal para descrever o encaixe de nossos corpos quando finalmente Josh entra em mim.

Seu tamanho e largura, completamente diferentes dos brinquedinhos que usou pouco antes, me dão a sensação de preenchimento e um grito solo me escapa.

— Isso anjo, agora se entrega pra mim, vai.

Josh pede enquanto se enterra fundo, firme, bruto e rápido. Mas ele nem precisa pedir, o martírio delicioso ao qual me submeteu deixou-me no limite e quando ele me preenche e começa a estocar freneticamente, enquanto segura com força meus pulsos para que eu não o toque, me desmancho gritando seu nome.

Josh vem após mim, logo em seguida e então eu sei que o tormento que infligiu a mim, foi perturbador pra ele da mesma forma, excitante no mesmo nível.

Depois de alguns instantes, o tempo que nossas respirações precisam para voltar ao normal, provoco Josh. Ele ainda tem o corpo sobre o meu; as mãos apoiadas sobre o colchão mantendo uma distância entre nós.

— Você também gostou disso, Josh? Que tal se eu brincar com as baquetas agora?

Os olhos dele se abrem, assustados.

—É um demônio mesmo. O único contato das baquetas com meu corpo, é nas mãos, Ane. Não tenha ideias estranhas...

Dou risada de sua expressão de pavor e o envolvo com os braços,

minhas mãos amarradas agora na sua nuca. Colo minha boca na sua em um beijo apaixonado, que é retribuído instantaneamente.

— Tudo bem, então. Vou pegar meu colar de pérolas. — É quase uma ameaça.

Josh sai dos meus braços e em seguida do quarto, correndo. Estou rindo quando percebo que o chuveiro foi ligado e ouço a água caindo. Mesmo assim, ainda escuto seus protestos a distância.



Três meses depois...

Josh

O tempo. Linear ou cíclico? Basicamente a distinção das duas crenças é a seguinte:

O tempo linear ocorre em uma linha finita, na qual os acontecimentos são progressivos e irreversíveis, mas também jamais se repetem. Regidos por algo maior e com um propósito final.

Foda demais.

Indo contra essa crença, os gregos acreditavam que o tempo era cíclico. Ou seja, os acontecimentos vão e vem, se repetindo em um ciclo sem fim exatamente como Mufasa ensinou a Simba.

Eu gosto de acreditar na linearidade dele, O Rei Leão e sua filosofia que me perdoem, mas é um pensamento mais bonito, profundo e que faz mais sentido a meu ver.

Sim. Sou leitor e sei bem refletir sobre sentimentos e tudo isso quando preciso. Nem só de palavrão viverá um rockstar.

De volta a questão inicial...

Pensando no tempo que perdi evitando minha própria felicidade e no quanto nossas vidas mudaram em poucos meses, posso afirmar que o tempo é

linear.

Hoje estamos aqui reunidos para celebrar a abertura de mais uma casa *Peace* e os preparativos para outra inauguração estão sendo feitos.

Anelyse investiu boa parte da fortuna que recebeu como herança nesse trabalho e faz questão de estar por perto sempre que suas obrigações com a faculdade permitem.

Eu olho pra essa galera reunida aqui e me sinto orgulhoso pelo que estamos fazendo. O brilho de felicidade nos olhos dos moradores do *Peace* 1 e dos futuros residentes do 2, faz com que tudo valha a pena.

Tom e Rose estão na primeira fileira. De mãos dadas.

Pouco depois do meu casamento com Anelyse, estive lá e conversei com ele justamente sobre o tempo e Tom acabou criando coragem e se declarando; não poderiam estar mais felizes ao lado de seus amigos, Jin e Pérola.

— Boa tarde, pessoal. — A voz dela ecoa pelo ambiente aberto e atrai a atenção de todos.

Anelyse está linda usando um vestido amarelo de sua autoria e com os cabelos curtos outra vez.

— Estarmos aqui hoje é motivo de festa! O *Peace* nasceu no coração do meu esposo. O sonho de dar a vocês um lugar de paz e de alegria, em que pudessem não apenas repousar, mas viver.

Ela me fita com um sorriso doce nos lábios e volta-se para o público outra vez.

— E como amor se compartilha, Josh dividiu comigo seus sonhos e planos e fez com que eu também me apaixonasse por vocês. Que seja um lugar de felicidade e que juntos possamos farrear muito — porque eu sei que gostam disso.

Me aproximo dela e Ane me entrega a enorme tesoura nas mãos.

Cerca de cem metros atrás de nós, está uma imensa casa estilo vitoriano. Jardins verdes e floridos, bancos brancos de madeira e dependências projetadas especialmente para nosso projeto.

A nossa frente, os moradores antigos: Jhon, Paul, George, Tom, Rose, Jin, Pérola...

Os moradores novos, seus familiares e nossos amigos. Ashton e Julia se revezam para cuidar de Ashley que corre pelo gramado.

Tray está parado ao lado da nova namorada. Quem diria... Mas isso é história para um outro livro.

E eu, bom, eu estou aqui. De pé diante dessas pessoas, ao lado da mulher que faz meu sangue ferver e observando como o tempo e o destino fizeram bem seus trabalhos.

Agora é minha vez.

Ergo a tesoura para que todos possam ver e então, corto o grande laço vermelho que nos separa do caminho que conduz a casa.

Ouçõ uma salva de palmas e todos se levantam.

Aos poucos as pessoas passam por nós, todos curiosos para conhecer o interior do lugar e os novos aposentos.

— Quer ir ver tudo junto com o pessoal, anjo? — Pergunto ao ver nossos amigos se aproximando.

— Podem ir indo. Thierry me ligou e vou retornar. Prometi colocar ele e Denis a par de como foi a inauguração.

Aceno concordando. Sei o quanto eles estavam empolgados com isso, por nós.

Os dois voaram pra Paris pouco depois do casamento de Ashton. Admito que Denis nos chocou um pouco com a decisão, mas parece que eles têm se dado muito bem na França.

— Tá bom. Eu vou acompanhar eles então...

Ane se afasta já arrumando os cabelos, preparada para uma chamada de vídeo e eu sigo na direção em que os outros foram.

Tray me vê e para pra me esperar.

— E aí, cara? Ficou muito foda o lugar hein? — Comenta admirado.

Olho ao redor para o caminho estreito e os jardins bonitos.

— Ficou mesmo. A Ane quase me fez renovar nossos votos aqui. Mas acho que foi bom termos feito isso na mansão. Pelo menos minha mãe parou de encher o saco por não ter ido pra Vegas.

— Sua mãe é uma figura, ela vai acabar engravidando a Ane pela força do pensamento positivo.

Nós concordamos nisso. Minha mãe ficou decepcionada quando tivemos a confirmação de que Ane não havia engravidado em nossos lances sem proteção. Decidimos ser mais cuidadosos e aproveitar um tempo só pra nós, antes de pensarmos em filhos.

— Por falar em mãe... Ontem a Eleanor almoçou lá na mansão, ela contou pra vocês? — Tray comenta, achando graça.

Nego com um gesto.

— É, parece que o Ashton acabou aceitando que ela e o Carter vão juntar os trapos.

Começo a rir do comentário.

— Você tá me zoando? Tia Eleanor tem que se casar, cara. O que o Carter tem na cabeça?

— É modo de falar, Josh. Claro que vão casar direito.

Ainda estamos falando sobre isso quando Anelyse nos alcança.

— Gente, Thierry perguntou se queremos fazer uma visita no dia do show em Monte Carlo.

— Não é uma má ideia — Tray é quem responde. — Esticar até Paris é uma boa, agora que seu amigo assumiu o Denis e desistiu do meu corpo

sarado.

Fazendo uma careta ridícula ele vai atrás da sua garota e minha esposa sai andando na frente para contar a Julia nossos novos planos.

Fico sozinho aqui, rodeado por toda essa gente e me sinto o cara mais sortudo do mundo.

Os bens terrenos que alcancei me trazem conforto e tranquilidade, mas o verdadeiro tesouro, que faz com que eu sorria ao abrir os olhos todas as manhãs, é meu anjo, minha garota.

A música viva dentro de mim.

FIM





Quando uma história nos toca, precisamos de mais. De conexão... Aqui trago algumas surpresas para que tenham um pouco mais de Josh e Anelyse.

Espero que gostem!

MÚSICA:

Hand – Dominium

Compositor: Josh Nicols

Inevitable feel

Impossible live

But your hand will always be on mine

and my heart on yours

(Inevitável sentir

Impossível viver

Mas sua mão sempre estará na minha

e meu coração nas suas)

Hold my hand

*And don't let go, girl
I will always lead her
And then it will be free.*

*(Segure minha mão
E não solte, garota
Eu a conduzirei sempre
E então será livre)*

*But not me
Always stuck with you
Feeling your hand in mine
Until and after you fly*

*(Mas não eu
Sempre preso a você
Sentindo sua mão na minha
Até e depois que voar)*

RECEITA:

Cookies de Natal

By: Josh Nicols

Na batedeira coloque:

1 xícara de açúcar

200g de manteiga

Bata até ficar esbranquiçado e bem misturado.

Acrescente:

1 ovo

1 colher de essência de baunilha

Bata mais um pouco.

Vá acrescentando aos poucos 3 xícaras de farinha de trigo, agora misturando com as mãos até formar uma massa semelhante a massinha de modelar.

Depois disso leve a geladeira por *30 minutos* para firmar um pouco mais.

Depois é só recortar e levar para assar.

Atenção! Assa bem rápido (coisa de dez minutos)

Agora é só utilizar saquinhos com bicos de confeitar.

Para a cobertura use glacê real:

Na batedeira coloque *50 colheres de glacê para 5 colheres de água* e bata bem até ele se formar, bem consistente.

Depois, divida o glacê em várias partes, de acordo com a quantidade de cores que pretende usar na decoração dos biscoitos.

Coloque nos sacos e pronto. É só deixar a artista que vive em você, trabalhar!

MASSAGEM:

Vamos lá, meninas! Vou ensinar como deixar seu homem louco com um colar de pérolas. Só tome muito cuidado caso ele tenha um piercing no local.

1- Escolha um material de qualidade para a prática. Um bom colar e um lubrificante para deslizar mais fácil pela baqueta do seu parceiro.

2- Aplique o lubrificante na região que será estimulada, nas mãos e também no colar; menos risco de vocês acabarem enrolados.

3- Enrole delicadamente, sem exagerar, o colar de pérolas para iniciar a massagem sensual.

4- Assim que enrolar, comece primeiro massageando para cima e para baixo, devagar e sem apertar.

5- Desenrole o colar e passe apenas uma vez ao redor dele. Segure as duas partes que sobrarem em suas mãos e faça movimentos de vai e vem (igual quando seca as costas com a toalha).

6- Depois de tudo isso, seu parceiro já deve estar enlouquecido ; basta então descer o colar todo para a base dele e sentar-se sensualmente sobre ele. Mais uma vez ,cuidado caso tenha um piercing.

Relaxem e aproveitem o momento!

E se quiserem saber mais, o vídeo que Thierry me mandou está no you tube e vários outros explicativos.

Boa sorte!

Anelyse Ray,

Um anjo!



AGRADECIMENTOS

Eu quero agradecer! E muito...

Escrevo essa página especial e única, em um dia em que me despeço de um ano muito especial, para dar as boas-vindas ao futuro, ao que os próximos trezentos e sessenta e cinco dias me reservam e estou certa de que serão dias incríveis.

Quero agradecer a Deus, porque se não fosse por Ele e a força, capacidade e perseverança com as quais me sustenta, não poderia estar aqui com mais um livro finalizado.

Agradecimento mais que especial a você, que é uma leitora minha, que valoriza os autores nacionais e que os apoia. Espero que essa história tenha atingido suas expectativas e quem sabe, as superado.

Aos amigos que sempre estão presentes, as autoras parceiras que seguram na minha mão quando preciso e que fazem parte dessa família maravilhosa da nossa literatura. Muito obrigada.

Dessa vez farei diferente, não vou citar nomes. Você que contribuiu de alguma forma para que esse livro fosse finalizado, você que eu chamo de amiga, quero que saiba que é especial e importante e que sou imensamente grata.

Minha decisão de não citar nomes não tem a ver com falta de gratidão, mas justamente o contrário. Sou grata a tantas pessoas e de uma

forma tão intensa, que acho que um agradecimento assim, sentimental e único, é a maneira mais universal de agradecer a tantas pessoas.

Eu fui por muito tempo, uma pessoa que escrevia alguns textos aleatórios; obrigada porque vocês fizeram de mim uma autora e isso é algo tão importante que não posso mensurar.

Com amor,
Sara Fidélis.
Até Breve!

Me encontrem nas redes sociais e leiam meus outros livros.

Instagram:

<https://instagram.com/sarafidelisautora?igshid=v36ps2jbf62f>

Facebook:

<https://www.facebook.com/SaraFidelisGoncalves>

Grupo no Facebook:

<https://www.facebook.com/groups/354301838631957/>

E no wattpad como @saraafidelis

MEUS LIVROS:

Ritmo Envolvente

<https://amzn.to/2Qa3jrM>

O Ogro e a Louca

<https://amzn.to/2NScAzQ>

O Highlander e a Devassa

<https://amzn.to/2RUWgAz>

O Duque e a Fugitiva

<https://amzn.to/2WD3Y4A>

